

A man with a beard, wearing a dark suit, white shirt, and dark tie, stands in front of a city skyline at sunset. He is holding the lapels of his jacket. The background shows tall buildings with balconies, some with plants, under a warm, orange-hued sky.

Peo PARTE DE MIM

autora bestseller de *De Repente, Você!*

ELISETE DUARTE





Oo

PARTE DE MIM

autora bestseller de *De Repente, Você!*

ELISETTE DUARTE

Ceo
PARTE DE MIM

ELISETTE DUARTE

Copyright © 2019 Elisete Duarte

Capa: Thais Lopes
Copidesque: Renata Margaria e Carla Santos
Revisão: Cleidi Natal
Diagramação: Carla Santos

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora e/ou editor.

Conheçam a loja dos livros FÍSICOS da autora www.eliseteduarte.com.br

Agradecimentos

Minhas leitoras e leitores,

O carinho de vocês me fortalece e agradeço do fundo do meu coração. *Ceo: Parte de Mim* é dedicado especialmente a vocês.

Confirmam a PLAYLIST ouvidas durante a criação, belas canções que vão aquecer os corações.

Continuem vindo interagir comigo em **minhas redes sociais**:

Facebook Página Oficial:

[Elisete Duarte](#)

Instagram:

[@autora.eliseteduarte](#)

Wattpad:

[Elisete Duarte](#)

Site e loja de livros físicos:

www.eliseteduarte.com.br

OBRIGADA POR EXISTIREM NA MINHA VIDA!

Boa leitura, meus amores!

Beijos enormes nos seus corações.

Elisete.

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Biografia](#)

[Obras](#)

[Playlist](#)

Prólogo

HENRY

Assim que virei a esquina e avistei a deslumbrante residência do meu maior inimigo, uma mistura de sentimentos tomou meu peito: ódio, raiva e culpa. Dois anos se passaram e a culpa propagou em meu coração, e necessitava dar um basta. O plano estava em desbaratar a organização criminosa do Ivan Rybakov, o chefe dos chefões do alto escalão da máfia. Ele comandava uma rede de crimes organizados, controlava negócios ilegais como também legais. Era um homem respeitado na política e atrás desta grande influência, o bandido escondia sua verdadeira natureza. Tudo ao seu controle, manipulava as provas e saía impune dos seus crimes.

Frio e calculista, já tirou tantas vidas, inclusive a do meu irmão. *Eu lamento tanto, Anselmo!* Comprimi meus dedos no volante, a ponto de doer os ossos, tamanha a minha ira.

Doía pensar na minha indiferença quando o Anselmo entrou em contato comigo na Europa e pediu conselhos sobre como desfazer uma parceria que denominava suspeita. Ocupado demais em meus grandes negócios, não tomei conhecimento. Uma falha que irei corrigir a qualquer custo.

“Vou acabar com a sua raça, Ivan! Seu assassino cruel...”, profetizei mentalmente entredentes fitando a mansão, ocupando quase dois quarteirões inteiros.

— Estacione o carro na rua lateral, aquela parte da casa está com as câmeras desligadas, Henry — indicou Lidiane sentada no banco ao meu lado. Rapidamente dei seta seguindo sua instrução. — Tem uma vaga perto da última árvore. — Apontou.

Aparentemente a rua estreita e deserta, com as grandes árvores ladeando de ambos os lados, parecia segura.

— Tem certeza de que não correremos o risco de sermos observados aqui? — certifiquei-me tirando o pé do acelerador, reduzindo a velocidade do carro; verificava uma câmera no ponto mais alto do muro verde. Um revestimento vegetal contornando a imensa e exuberante propriedade. A mais suntuosa do bairro nobre de Anápolis, em Goiás.

O ódio mortal queimou minhas entranhas em imaginar o inescrupuloso vivendo impune.

Sacudindo a cabeça de modo imperceptível, inspirava profundamente. O momento era de discernimento, manter o equilíbrio emocional seria o primeiro passo ao sucesso do meu plano.

— Pode confiar, meu rei! — afirmou, usando o apelido carinhoso, como costumava me chamar. — Estamos seguros — finalizando em sua voz sensual, a mão quente e delicada veio em minha perna e apertou provocante.

Estremeci todo arrepiado e lancei lhe um rápido olhar sedutor. O belo corpo dentro do vestido preto, curto e justo, intensificou minha excitação.

— Olha lá, hein, garota! Qualquer passo em falso e tudo vai por água abaixo.

— Relaxa, meu rei! Eu sei perambular invisível por toda a propriedade. — Enquanto os dedos corriam por minha coxa, despertando um desejo absurdo, seus olhos castanhos desenhando o rosto redondo, lindo, emoldurado pelos curtos cabelos, analisavam meu perfil. — Euzinha desliguei a câmera deste lado do muro.

Não muito confiante, estacionei sob os galhos da árvore vergando com as fortes lufadas de vento. A tarde de céu com nuvens carregadas, indicavam um forte temporal em breve.

A precaução existe por motivos bem óbvios. Foram dois anos esquematizando a aproximação com o Ivan. Depois de todo o empenho, não poderia vacilar. Lidiane era mais uma das minhas aliadas nesta façanha, a descobri espionando a vida do bandido. Magoadas por ter sido trocadas por outra, e não ser mais a titular na vida do gângster, encontrei facilidades em corrompê-la, a trazendo para meu lado.

— Precisa estabelecer limites — aconselhei desligando o motor do carro e me posicionei no banco, de modo a ficar de frente com ela, e levei o indicador no meio dos seios fartos. — Não se arrisque demais para não ser acusada de delatora, uma espiã infiltrada. Sabe muito bem que os métodos dos caras são exageradamente brutais. — Deslizei o dedo do colo ao pescoço; em seguida o queixo, com sua cabeça levemente arqueando.

— Não pense que é tão fácil me pegar em flagrante — respondeu gemendo enquanto mergulhou a mão sobre meu membro ereto, assinalando na calça. — Como já mencionei: sei muito bem transitar em meio a esse povo sem ser percebida! — rosnou fechando os dedos nele, pressionando de modo excitante.

— Porra! — gemi, reclinando o banco, dando todo o espaço à gata, atrevidamente gostosa, correndo os dedos apertados, da base à glândula, me fazendo tremer de tesão.

Muito excitado, abri o zíper rapidamente o tirando para fora.

Ela suspirou quando o avistou, duro e pulsando, pronto a entrar em ação.

— Por tudo isso vale a pena correr riscos. Um deste é muito raro.

— Eu costumo pagar muito bem aos meus aliados. — Agarrei nos cabelos atrás de sua cabeça e trouxe sua boca contra meu pau, implorando por ela.

— Seria injusto se reclamasse da remuneração! — rosnou, circulando a língua na cabeça, enquanto se ajoelhava no banco expondo aquela bunda gostosa com o vestido, que subiu.

— Que língua gostosa! — elogiei arqueando o quadril e penetrando naquela boca molhada, quente, e levei a mão na bunda firme, deslizando e apertando, arrancando gemidos dela, me chupando de forma talentosa. Muito excitado, afastei o elástico da calcinha, resvalando em sua lubrificação divina. — Muito molhada, gostosa! — rugi, introduzindo o dedo com ela empinando mais contra minha mão.

— Hum, delícia! — com toda aquela dureza pulsando em sua boca, ela gemeu se fartando, contraindo o corpo.

— Delícia vai ser experimentar ele todo enterrado dentro de você. —

Arqueei o quadril, chegando com ele até quase a sua garganta, sem a mulher engasgar. — E tem que ser agora.

Num impulso a puxei para meu colo e a beijei gostoso, segurando seus quadris roçando meu pau na calcinha encharcada.

— Não aguento mais de tanto tesão, coloca ele logo dentro de mim — gemeu, fechando os braços em meu pescoço. — Urgente, Henry! — exigiu arqueando o tronco, oferecendo os seios sem deter o rebolado provocante e se torcendo toda de desejo.

— Preparada para ser lançada ao espaço e ver as estrelas, linda? — sussurrei em seus lábios sentindo seu corpo trêmulo, e os abandonei enquanto estiquei minha mão até o porta-luvas na intenção de pegar o preservativo dentro da carteira.

Guardei-a ali, assim que peguei o carro na locadora do aeroporto de Goiânia. Neste minuto, meu celular tocou no bolso do paletó.

— Momento errado para tocar um celular! — reclamou Lidianne.

— Agora não posso atender, sinto muito. — Necessitado, o ignorei quando caiu o recado do meu pai na caixa postal.

“Merda!”, praguejei.

Sempre me esquecia de desativar o viva-voz e o atendimento automático.

— *Henry retorne à ligação imediatamente, assim que ouvir este recado. É caso de vida ou morte.*

Arqueei as sobrancelhas numa aflição enorme ao sentir a dele.

— Preciso atender.

— Ah, sério? — indagou mediante uma expressão chorosa de dar pena.

— É o meu pai — lembrei, tirando-a do meu colo. Família para mim era sagrado e vinha em primeiro lugar em tudo. Aliás, este era o motivo de eu estar aqui. Guardei o preservativo no bolso do paletó, em seguida peguei um dos

maços de dinheiro dentro da carteira e lhe ofereci pelos seus serviços. — Este é para você, depois mando depositar mais em sua conta.

Ela merecia uma pomposa remuneração, afinal conseguiu para mim um relatório sobre alguns negócios escusos do mafioso.

Ela moveu a cabeça se recusando a aceitar.

— Deixe o pagamento para depois de fazer o serviço completo, ok? — Seus olhos foram do maço de dinheiro em minha mão para os meus olhos, especulativos. — No final da reunião com o Ivan, vai se encontrar comigo neste endereço. — Abrindo sua bolsa, entregou o seu cartão com endereço e telefone. — E não se esqueça de que não está lidando com amadores, toma cuidado, por favor!

Assenti de cabeça ao conselho e beijei sua face antes dela descer e caminhar em direção à esquina movimentada.

Precisava de alguns minutos a fim de me preparar psicologicamente para o confronto, então desci do carro. Esticando as pernas analisava todo aquele muro verde; embora tudo estivesse planejado, eu ainda não conseguia relaxar em se tratando deste bandido. Tenso, meu maxilar ficou rígido, e as batidas ferozes do meu coração me fizeram fechar os punhos, muito irritado.

Enquanto minha família sofre por ter sido dilacerada, é no mínimo injusto este crápula usufruir deste luxo todo. Revoltante!

Ajeitei os cabelos com o vento forte, porém o clima ameno da tarde nublada estava agradável.

“Seja o mais imparcial possível, Henry!”, aconselhei-me mentalmente.

Qualquer vacilo, eu corria o risco de ser pego.

Dane-se! Eu não conseguia pensar em outra coisa senão buscar justiça. Discordava do meu pai quando ele dizia que este sentimento de ódio só estava me envenenando e podia ser letal, a qualquer momento poderia morrer.

Não tinha medo da morte, tampouco do mafioso, só o meu irmão importava.

Anselmo era o meu meio-irmão; filhos de mães diferentes e do mesmo pai. Apesar de morar aqui no Brasil com a sua mãe, e eu na Europa com meu pai, sempre estávamos juntos e nos dávamos muito bem.

Não me conformo da sua morte repentina, ele era um cara extraordinário, já havia sofrido pacas devido a um rompimento amoroso. E quando superou, não teve a chance de realizar o sonho de ser pai. Com uma esposa estéril, ele partiu à procura de orfanatos para a adoção de uma criança, a preferência era uma menina com idade de cinco anos. A esposa não acatava sua ideia e, por fim, ela acabou pedindo o divórcio.

“Você faz muita falta, cara!”, declarei em pensamento, correndo as pontas dos dedos sobre a pulseira, ao lado do meu relógio, no pulso com nossas iniciais, um presente dele. As lágrimas inundaram meus olhos. Bem, lembrar do Anselmo sempre despertava a saudade e a culpa, conseqüentemente a emoção explodia mesmo.

Resumindo a história: mudei-me para o Brasil, nos mudamos. Meu pai veio junto. Com a única e exclusiva missão: vingança. Prometi diante do túmulo do meu irmão dismantlar a organização criminosa. Infiltrei-me na organização sem levantar suspeitas, pelo fato de eu e o Anselmo termos sobrenomes distintos; ele levava apenas o sobrenome da sua mãe: Gonzaga.

Já há algum tempo e com paciência, eu vinha observando o bandido. A morte do meu irmão não ficara por isso mesmo, ele iria pagar, como eu irei alcançar o meu maior objetivo: saborear o prato da vingança.

Vou dismantlar esta quadrilha ou não me chamo Henry Mantovani! Na verdade, Henry Mantovani Stone, mas acho legal me apresentar apenas com o sobrenome da minha mãe.

Com envolvimento em vários setores, Anselmo era considerado um forte empresário, a aproximação da organização aconteceu justamente por esta questão. A oferta de uma sociedade lucrativa atraiu o meu irmão para esta emboscada. Ou seja, usaram a empresa para distribuírem seus produtos ilegais. Por esta razão, meu irmão me procurou; honesto, ele estava preocupado. Enfim, forjaram um assalto na estrada somente para eliminá-lo antes de qualquer delação.

— Vamos lá, Henry! — Caminhando apressado pela calçada, meu pai veio

à minha cabeça. Contornei a esquina em direção à frente da casa, parei pegando o celular no bolso do paletó e retornei à ligação.

— *Filho* — o tom de voz arrastado e entrecortado me deixou atormentado —, *eu preciso de um favor pra ontem. E não aceito recusa* — objetivou.

Grunhi sacudindo a cabeça ao fim da sua frase, desconfiado da finalidade daquele pedido.

— Sr. Adam Stone? — adverti cismado.

Ele logo se retratou.

— *Estou falando sério, Henry!* — o tom era mesmo atinado. — *Até agora não consegui sair da cama por causa dos meus ombros e costas, a dor está absurda. E você sabe muito bem que o evento em Belo Horizonte é muito importante; além do mais, o vocalista Raphael Turner, da banda Collins, interessado na aquisição do hotel, confirmou presença hoje, único dia livre dele, a fim de conhecer as instalações e tudo deverá ser mediante descrição absoluta. Já providenciei restrição de fotos e coibi a entrada de qualquer pessoa relacionada a imprensa, mas sabe como funciona, qualquer alarde vai causar alvoroço. Investi pesado naquele hotel.*

Collins era a banda de rock mais popular e famosa da atualidade. Não só pelos sucessos como também pelo Raphael. Ele foi considerado por uma revista famosa da música, o homem de olhar mais irresistível e charmoso. E meu pai era um investidor nato, ou seja, os investimentos rondavam sempre em terrenos e imóveis industriais. A aquisição deste hotel em leilão desencadeou discussões sérias entre nós. Visando os lucros, desaprovei a compra considerando o alto custo com a restauração. Ele usou como argumento a boa parceria com uma construtora muito estruturada de São Paulo. Realmente, fizeram um excelente trabalho, porém, a custos exorbitantes, o que não incomodou meu pai.

Olhei no relógio em meu pulso e fechei meus olhos contrariado.

— Pai, faltam menos de quatro horas para a sua apresentação — lembrei-o levando em conta a reunião com o crápula desta mansão. Com o novo negócio que propus a ele, estenderia noite afora até discutirmos todas as cláusulas do contrato.

Corri meus olhos pelo muro alto, mal dava para ver o telhado.

— *Por isso mesmo tem de ser rápido e correr para o aeroporto, não posso dar mancada. Os convidados contam com a minha presença. Por favor, Henry, nunca te pedi nada, quebra este galho para o seu paizão, vai?* — insistiu mediante uma voz melancólica, de cortar o coração.

— Não está mentindo para mim, está? — O silêncio perpetuou, e segui suspeitando. — A intenção não é me desviar desta reunião?

— *Não estou mentindo, filho!* — respondeu baixo. Sentia a franqueza nele. — *No entanto, devo admitir que este desconforto veio em excelente hora. Preciso dar um jeito de proteger você de suas próprias maluquices e ousadia.*

— Alguém precisa fazer alguma coisa, pai!

— *Seus métodos não são apropriados. Esses tipos de pessoas são vigilantes inescrupulosos, não se consegue enganar ou se esconder por muito tempo. Infelizmente* — finalizou me fazendo respirar irado.

— Não vou descansar enquanto eles não pagarem pelo que fizeram ao Anselmo.

— *Seja lá onde estiver, dê meia-volta e corra! Se perder a apresentação no hotel, eu perco a minha credibilidade também* — desconversou.

— Vou atender ao seu pedido, e esteja certo: o pagamento será alto por este favor.

Ele riu carinhoso.

— *Eu pago o quanto for necessário para manter você seguro.*

Urrei hesitante.

— É melhor não dizer mais nada, senão vou acabar convencido de que sua intenção é apenas me desviar do meu objetivo e...

— *Seja rápido, filho!* — interrompeu e logo desligou.

— Seu velho sacana, manipulador! — pensei alto, olhando o aparelho em minhas mãos. — *Caspita!* — praguejei dando meia-volta.

Caminhando apressado de volta ao carro, eu matutava uma desculpa convincente a fim de explicar ao Ivan o motivo do cancelamento da reunião. E avisaria Lidiane para não me esperar. Não hoje!

Ao virar a esquina da rua onde larguei o carro, um corpo macio e delicado, dentro de uma calça jeans clara de cintura baixa e camiseta verde, na mesma pressa minha, colidiu ao meu.

Levei minhas mãos às suas costas eretas para segurá-la junto a mim. Sentir as batidas aceleradas do seu coração, o aroma agradável do seu perfume exalando do seu corpo quente e macio, fez meu coração acelerar e meu pau começar a ficar duro, provocando um desejo incontrollável.

— Perdão, senhorita! — me desculpei, num tom rouco de prazer, sem conseguir largá-la; ao contrário, a trouxe para mais perto, hipnotizado com o rosto bonito, a pele macia.

Algo também aconteceu com a moça espalmado meu peito, sua cabeça estava levemente arqueada, uma posição que os cabelos escuros e longos formavam uma sensacional cortina em movimento com o vento, e pude notar sua respiração acelerada, seu peito subindo e descendo muito rápido.

— É-é... — Embora dissesse apenas duas letras, sua pronúncia soou agradável, doce, acalmando meus ânimos alterados. A realidade era uma só: fui tomado por um bombardeio, com seus olhos claros fitando os meus, o cheiro leve da moça era um afrodisíaco, o corpo bem esculpido, tentador ao extremo. Mediante a todos estes requisitos deliciosos, a apertei mais em meus braços, espremendo os seios fartos ao meu tórax.

A ação involuntária desatou ainda mais o meu coração, o contato maior fez meu sangue ferver nas veias e correu todo para o meu pau, endurecendo rapidamente.

Sem nenhum constrangimento, os olhos azuis penetrantes se fecharam, expelindo um suspiro prolongado em seus lábios carnudos entreabertos.

Que mulher atraente!



A voz rouca e profunda se desculpando era um ingrediente magnífico. Entorpecida, foi impossível respondê-lo.

“Sacha do céu! O que você está fazendo, mulher?”, reprimi a mim mesma, ali nos braços daquele homem charmoso, cheiroso, me permitindo sentir sua ereção vibrando quente em meu ventre.

Não compreendia o meu entorpecimento, deveria dar na cara do ousado filho de uma mãe. Entretanto, meu corpo parecia necessitar daquele instante agradável. Estava trêmulo e completamente arrepiado.

Minha vida estava tão desorganizada, mergulhada na mais completa escuridão, que um momento como este de prazer entrava como paz.

Embora Ivan negasse com todas as letras, eu me sentia em cárcere privado. Ele sempre dava um jeito de proibir minhas saídas. E prevendo um NÃO bem grande, eu perdi a cabeça e resolvi sair escondida. Não perderia uma festa bacana em Belo Horizonte a convite de uma amiga. Após me certificar de que as câmeras na lateral da casa estavam desligadas, eu tomei a decisão de pular o muro.

Já do lado de fora do enorme quintal, quase uma chácara com muito verde e flores, corri pela calçada olhando para trás, assegurando-me de que não estava sendo seguida, não percebi a barreira enorme à minha frente.

Nossa! Estremecida sentindo sua dureza, arquejei apalpando os dedos no peitoral duro, bem na parte onde os botões da camisa azul-claro estavam abertos e aspirava o perfume amadeirado delicioso. Os braços fortes dele, dentro de um terno azul-marinho, ao meu redor, tinham gosto de proteção. E proteção era uma necessidade enorme na minha vida.

Seu telefone escapou de sua mão em minhas costas e foi ao concreto da

calçada. Ele nem tomou ciência. Tampouco eu. Permaneci ali, com a cabeça levemente inclinada para trás, defrontando aquele par de olhos cinzentos me observando e confesso: era devastadoramente sedutor e tornava impossível de reagir, embora fosse prudente; eu não conseguia resistir de ficar olhando o rosto másculo.

O contorno da mandíbula definida e queixo quadrado, com a barba rente, davam a ele uma aparência de força marcante. Eu tremia com nossos corpos alinhados, unidos, desencadeando ininterruptas ondas de arrepios prazerosos.

Jesus!

Há muito tempo não sentia algo semelhante. Toda aquela manifestação se concentrou no meio das minhas pernas, tudo por ali esquentou de um jeito que precisei contrair meu corpo.

Que lábios são estes? Grossos, levemente erguidos num sorriso atraente.

Estremeci e enlouqueci de forma imprudente.

Tudo bem que o cara era perfumado, sensual, deslumbrante ao extremo, uma beleza fora do comum que não passava despercebida por nenhum mortal. Pausei a análise crítica necessitando respirar.

E esses cabelos castanhos nos ombros, com o vento os desajeitando, seguindo a linha da rebeldia? Meu Deus!

A autêntica beleza mediterrânea!

Chegava a ser incompreensível, o jeito do meu corpo reagir ao deste estranho grande, forte, gostoso... Como assim? Sentia um turbilhão de sensações.

Ou a resposta estava ali, na proximidade, permitindo-me escutar a sua respiração acelerada e sentir as batidas descompassadas do seu coração nas palmas de minhas mãos?

Muito excitante!

“Para de suspirar e acorda logo desta merda de transe, Sacha!”, gritou a voz da minha consciência. *O safado é gostoso, eu sei, mas está se aproveitando do*

acidente e você aí, parada, se torna uma presa fácil para o Ivan. Se não correr, ele vai te descobrir fugindo!

Com o coração a mil, finalmente acordei.

— Está sendo inconveniente, senhor! Me larga, por favor. — Abruptamente e assustada, pressionei seu peito o empurrando e recuei, ajeitando minha pequena mochila nas costas.

— Você vem desembestada pela calçada, se joga nos meus braços e eu quem sou o inconveniente? — zombou no momento em que uma rajada de vento levou seus cabelos sobre os olhos, os cobrindo.

Suspirei com ele embrenhando os dedos longos e tentadores pelos cabelos descobrindo os olhos. Sacudi a cabeça para despertar.

— Até parece! — Indignada à sua petulância, levei as mãos no quadril o fitando séria. — Ninguém aqui se jogou em seus braços, seu metido! — rebati. Confesso: estava complicadíssimo sustentar aquele olhar estreito dele, as sobrancelhas grossas se juntando, o corpo atlético, perfeito. *Uau!* Abaixei recolhendo o seu celular, de última geração, numa atitude de aliviar a pressão. — Foi um acidente.

Ele riu num tom duvidoso.

— Está fugindo do que ou de quem? — provocou declinando a minha paciência.

Apertando o seu aparelho em minha mão, endireitei o corpo pronta a mandá-lo ir à merda. O problema eram aqueles olhos verdes cintilando com o sorriso especulativo e cínico, plantado nos lábios sedutores.

Paralisei fascinada.

Droga! Mas o que estou fazendo? Sou uma presa do caçador do outro lado deste muro e preciso sair daqui o quanto antes.

— Fugindo de tudo o que tem me desagradado ultimamente, e você está incluído no pacote. — Estendi a mão com o seu pertence.

Ele o pegou relando seu dedo nos meus, e foi como levar um choque intenso. O arrepio reverberou pelo meu corpo, levantando todos os pelos.

— Deve estar bem encrencada! — ironizou em tom debochado, varrendo os enervantes olhos em análise pelo meu rosto.

— Não! — soltei um tom ríspido. — Apenas estou atrasada para o meu voo e o senhor está me atrapalhando.

— Se for para o aeroporto de Goiânia, posso te dar uma carona. — Erguendo as sobrancelhas em tom zombador, ofereceu na maior ousadia.

Idiota!

— Não costumo aceitar caronas de estranhos... — Pausei com os rumores vindo do outro lado do muro, meu coração saltou. Ferrou! — Me dá licença — disse tão rápido quanto andei em direção à esquina.

Contornando-a, corri para me afastar o máximo possível para não ser pega em flagrante, evadindo. Corri dois quarteirões. Quando passou um táxi, cheguei a sinalizar com a mão, mas desisti.

— Estou cometendo um grande erro — refleti em voz alta colando minhas costas no muro e fiquei ali por alguns instantes. — Com esta minha atitude, estarei apenas cutucando a onça com vara curta.

Pensei em toda a minha trajetória, e cheguei à conclusão de que tomei mesmo a decisão equivocada ao sair escondida. Estava lidando com uma quadrilha organizada, esta minha ação poderia irritar o mafioso e colocar a vida de todos em perigo.

Enfie os dedos pelos cabelos e os levei ao topo da cabeça, fazendo um coque, os prendendo com os próprios fios.

— Ele prometeu meu direito de ir e vir; diante desta promessa, eu teria de lutar limpamente por ele, se quisesse todos vivos e bem.

Vou retornar à casa e sair de lá dignamente pela porta da frente.

Cedendo, retornei pelo mesmo caminho que cheguei até aqui e, com aquele

frio gostoso na barriga na expectativa em topar com o bonitão novamente.

Ele não estava mais por ali.

Corri até o ponto do muro com câmeras desligadas e o local onde deixei uma escada, de dez degraus, escondida entre os arbustos. Pulando dentro do quintal, rapidamente posicionei a escada onde ela costumava ficar, no pé carregado de manga, e segui em direção à casa pelo lado direito, o oposto de onde se encontrava os capangas do Ivan vigiando tudo e a todos na casa.

— Senhor Ivan! Vistoriamos tudo e não encontramos a senhorita Lidiane em nenhuma das dependências da residência. — Avistei um dos capangas passando a informação por telefone.

— *Posso apostar que não verificaram o quarto da Sacha.* — Ouvi o eco da voz monstruosa do Ivan no viva-voz do aparelho do funcionário.

— Não me senti no direito de invadir sem permissão, senhor — informou o funcionário.

Ivan rosnou contrariado antes de responder à questão.

— *Permissão concedida* — decretou autoritário.

Arregalando os olhos, inspirei em choque.

— *Ela não sairia desta casa sem ser notada, não é mesmo?* — desafiou Ivan.

O homem tremeu, nitidamente preocupado.

— Não, senhor! Toda casa é muito bem monitorada.

— Se acham perfeitos, não? — Balancei a cabeça. — Uma hora esta fortaleza vai ruir, seus imbecis! — anunciei percorrendo rápido entre as árvores, algumas frutíferas e outras não; o tamanho delas facilitava me esconder. Corri até o corredor, onde localizava-se meu quarto, a escada ainda estava no mesmo local.

Ufa! Subi velozmente os degraus para o segundo pavimento, e pensava que

depois sumiria com esta escada, evitando levantar suspeitas, abri o armário escondendo minha mochila dentro. E veio a ideia: voltando a janela, debrucei ali até alcançar a escada, segurando firme e usando toda a minha força a lancei pelo corredor. Com as várias janelas dos outros quartos, eles teriam muito trabalho até descobrirem quem a deixou ali.

E rumei diretamente para o banheiro, um banho era a única forma de disfarçar minha traquinagem. Abri o registro, arranquei a roupa colocando dentro do cesto de roupas sujas e entrei debaixo do chuveiro.

Em segundos ouvi a porta do quarto sendo aberta com a chave mestra. Eles detinham o controle de tudo, ou quase tudo. Nunca imaginei os caras cometendo um vacilo amador, deixando uma câmera desligada.

— Senhorita Sacha? — A voz masculina veio junto com as batidas na porta do banheiro.

— Será que nem um banho eu posso tomar sossegada? — reclamei, rebatendo num tom alto e revirando os olhos, com muito ódio de tudo.

— Por acaso, a senhorita Lidianne esteve aqui em seu quarto? — perguntou ele.

— Nem sei quem é esta! — respondi áspera.

Na verdade, não sabia mesmo o número excessivo de mulheres vadias perambulando pela casa, tornava difícil saber quem era quem.

— Me desculpe o incômodo — retratou ele.

Logo ouvi os passos pelo quarto, em seguida a chave na porta.

— BANDO DE ABUTRES!

Meu coração parecia bater na minha cabeça, de tanto que latejava. Afogada na angústia, abracei meu corpo embaixo do chuveiro e chorei tudo, esvaziando meu coração atribulado.

Capítulo Um

SACHA

Durante o banho, as lágrimas não aliviaram a dor em minha alma, apenas atuaram como refresco ao calor causado pelo fogaréu com as engrenagens do meu cérebro regressando ao episódio com o homão bonitão na calçada. Só mesmo a água fria teve a capacidade de acalmar o assanhado do meu corpo.

Que homem lindo era aquele? Todo meu corpo arrepiou em resposta. Os olhos frios e curiosos, as mãos firmes e quentes em minhas costas não saíam da minha mente. Há tanto tempo sendo alimentada pela angústia, experimentar uma sensação boa desta foi bem interessante. *Algo bom a recordar.*

O pensamento punitivo se apossou, fazendo-me retornar à vida real, à minha infeliz realidade.

Eu não conseguia parar de pensar o quanto fui burra em barganhar a vida da minha mãe de maneira tão impensada.

O impulso resultou na troca de uma vida estabilizada por esta miserável? “Energúmena, energúmena!”, repetia mentalmente na tentativa de reduzir a dor em meu peito.

Assumi o atestado de burrice que me cabia, porque não havia como medir o tamanho do meu deslize. Vacilei e grosseiramente: faltou uma tática inteligente, existia sim, mil maneiras de me esquivar a fim de poupá-la. Agora era tarde, devia sentar e chorar.

Nua e ainda com o corpo úmido, bufei longamente, expelindo toda aquela angústia dentro de mim e me joguei sentada nos pés da minha provisória cama.

Noiva do Ivan, o maior inimigo da minha família, o espaço nesta cama serviria para descansar meu corpo por, no máximo, mais três meses, data

prevista para o nosso casamento, na verdade, o meu presídio. A partir de então, seria obrigada a dividir a cama com ele.

Isto que eu chamo de desgosto!

Cada dia que passa eu me pergunto se deveria mesmo ter nascido.

Sorrindo desanimada, perambulei os olhos pelo aposento. Tudo aqui foi projetado para um conforto que jamais terei, reproduzindo a ideia de um quarto de realeza, com a predominância do dourado em toda a decoração. Um revestimento lembrando couro cobria a parede, logo abaixo do teto era rodeado por barrados de uma cortina na tonalidade creme e detalhes em dourado, como os móveis. Até a cama era com dossel (cobertura com o objetivo de proteger contra o frio e os insetos), considerando que a mansão estava localizada em um terreno grande e rodeada por uma densa vegetação.

O luxo que é um lixo! A visão que eu tinha de tudo aqui.

A distância dos pensamentos me levou a saltar da cama com o estridente som do meu celular sobre a penteadeira.

Que susto! Corri pegando o aparelho e logo vi o rosto da Jussara, hoje uma amiga querida. No passado, ela era mais amiga da Mônica, a minha irmã mais velha, que lamentavelmente faleceu há dois anos. Desde então, nos tornamos amigas quase inseparáveis.

— *E aí, Sacha? Já está no aeroporto?* — indagou desconfiada.

— Fiz exatamente como havíamos planejado, pulei o muro e tudo — expliquei com o rosto másculo povoando minha mente e suspirei encantada. — Só que no meio do caminho decidi retornar. Não sou uma criminosa para fugir, e agora estou em dúvida se realmente devo ir a esta festa em Belo Horizonte e...

— *Com muito esforço consegui com um amigo meu uma carteira de identidade nova para você, amiga, Tânia Souza, e ele deixou na portaria do hotel* — Jussara desatou a falar interrompendo minha explicação.

Grunhi negativamente, sacudindo a cabeça.

— Mas, Ju... — a chamei pelo apelido carinhoso.

— *Não tem mas Ju* — ela avançou cortando-me, evitando a minha chance de protestar. — *E não venha com pretexto, vai sim à esta festa comigo e ponto final. Sabe o quanto é importante para mim* — determinou de forma encantadora.

Até mesmo por telefone, a sua receptividade era incrível. Suspirei agradecida por sua amizade. Um prêmio, eu diria.

A festa seria no hotel que pertenceu à sua família no passado. Sua cumplicidade, amizade com a Mônica, além da fidelidade em guardar segredos a sete chaves a fez se envolver na máfia. Ela teve um caso amoroso com Fabiano, o sobrinho do Ivan, hoje ele cumpria pena em um presídio de segurança máxima. Embarcou numa tremenda furada e custou o hotel da sua família. A perda resultou na desestruturação do seu pai.

Há pouco mais de seis anos, o pai da Jussara residia no hotel, e no final de uma tarde chegou um caminhão baú com uma encomenda em nome dele. Inocente, acreditando ser as compras, ele autorizou descarregar no depósito. Acompanhou o descarregamento das caixas de papelão, mesmo sem a identificação. E antes de assinar o recebimento, abriu a caixa para conferir e constatou serem barras de ouro e, nesse instante, houve uma batida policial federal. Os responsáveis pelo caminhão fugiram. O ouro sem procedência foi apreendido e seu pai, autuado em flagrante.

Conclusão: o coitado do pai da Jussara foi julgado e condenado a prisão, mas foi solto por bom comportamento; e envergonhado, hoje mora num asilo em São Paulo enquanto o Fabiano, que usava o hotel para guardar os produtos ilícitos do tio, saiu ileso.

— Eu sinto muito — exprimi toda a minha sinceridade.

— *Eu também sinto, Sacha! Foi complicado ver o patrimônio da minha família sendo leilado. Por isso faço questão de estar presente nesta reinauguração, preciso confirmar a veracidade das informações: o investidor que o arrematou no leilão investiu alto, dando vida nova ao hotel e está um luxo.*

— E a Yasmim? — perguntei, referindo-me à sua filha linda, de quase sete anos.

As circunstâncias levaram minha amiga e sua filha a fixarem moradia em

São Paulo. *Ah, São Paulo! Estado acolhedor, amo.* Enfim, ela afirmou estarem rodeadas de pessoas maravilhosas que as acolheram como se fossem da família. Isso me deixou muito feliz, Jussara era uma boa pessoa e merecia ser tratada com respeito e amor.

— *Ela foi para o litoral com a Carol e Marcelo* — respondeu saudosa, como aquelas mães que nunca ficavam longe da filha. — *Minha atenção é toda sua, amiga. Embora não seja possível resolver os seus problemas, eu posso contribuir para que eles sejam menos dolorosos.*

Emocionada, meus olhos abarrotaram de lágrimas.

— Você é incrível, Jussara!

Ouvi um leve fungado antes dela dizer:

— *Depois de todo o ocorrido, sinto-me na obrigação de dar-lhe todo apoio deste mundo.* — Eu negava de cabeça, porém, não obtive a chance de resposta. — *Não acho justo você viver a vida de outras pessoas e pagar sempre pelos erros delas.*

Isso me desconcertou, comecei a caminhar de um lado ao outro pelo quarto, só assim evitaria um infarto, devido ao meu coração disparado, a ponto de perder totalmente o ar.

Eu, a Mônica e a Jussara nos conhecemos na época do Ensino Médio, quando ela se mudou para a minha linda Belo Horizonte. Naquela época, Jussara era uma pessoa retraída, bem tímida, usava óculos fundo de garrafa. Com a Mônica, ela aprendeu a se maquiar, mudou a cor do cabelo, de loiro ressecado para um castanho-escuro elegante. Conclusão: tirando o corpo que, sempre foi perfeito, ela passou por uma mudança radical.

Enquanto eu segui a trilha da área da saúde, fisioterapia, ela e a Mônica tinham o mesmo sonho de serem atrizes; no entanto, depois de formada em artes cênicas e cinema, somente a Mônica obteve sorte na carreira. Jussara, com sua mente empreendedora, além de muito parceira, se tornou a sua agente, conseguindo ótimos contratos.

Mas, infelizmente, a linha do destino da minha irmã era curta.

— Talvez pagar o preço pelos erros das pessoas seja o meu destino, Ju. E esquece, não vou usar uma carteira de identidade falsa, é crime — lembrei-a.

Ela estalou a língua e suspirou ruidosamente do outro lado da linha.

— *Crime é o que estão fazendo contigo, né, amiga?*

Sentindo a dor me rasgar por dentro, fechei meus olhos ao seu tão real entendimento.

Realidade de merda!

— Entrar neste assunto é perda de tempo! — Suspirei. — Já estudei todas as portas de possíveis saídas, e todas eu caio na tocaia. — Diante de tudo, já estava conformada com o meu destino.

Um silêncio chocado se estendeu ao mesmo tempo de um fungado surgir novamente. Estava ciente do quanto ela sofria junto comigo.

— *Bem...* — começou pausadamente — *não posso motivar sua fuga, porque não quero ser a responsável por um futuro doloroso.*

Futuro doloroso! Desviei os olhos para o teto, fechando-os apertado. Com o estoque quase zerado, uma única, derradeira e amarga lágrima escapuliu pelo vão, rolando pelo meu rosto.

— Esta é a minha sina, dificilmente fugirei dela! — inspirei mortificada e voltei com os olhos para a porta de madeira de toques dourados. — Eu vivo apenas para esse futuro, nem posso ter o luxo de viver o presente.

Um riso compreensivo ecoou, então ela veio com a missão de alegrar a sua amiga aqui.

— *Está aí uma forte razão para aceitar ir comigo a esta festa, Sacha!* — rebateu enérgica. — *É a sua chance de viver pelo menos “um” presente.*

Repensei na sugestão tentadora.

— Se eu for descoberta estou ferrada, ou seja, a minha mãe pagará o preço.

Ela rosnou enfurecida do outro lado da linha.

— *Nada mais justo, não acha?* — Declinei os olhos aos meus dedos dos pés agitados, como estava meu coração, prestes a colapsar. — *Só lembrando você, amiga!* — prosseguiu ao meu silêncio tenebroso. — *A dívida é da sua mamãe, e não sua... Até agora, não sei onde você estava com a cabeça quando sugeriu se casar com Ivan, um monstro dos infernos.*

Fechei meus olhos, sentia uma profunda necessidade de chorar, o choro trazia alívio e era o que mais precisava neste instante, mas não havia fluido suficiente, então tremia de ódio de mim, da minha irmã. Não queria agregar minha mana dentro deste sentimento, no entanto, foi impossível deixá-la de fora.

Por que você foi tão inconsequente, Mônica? Por que, minha irmã?

O Ivan, mafioso e poderoso, foi uma herança deixada pela minha ambiciosa e sonhadora irmã, uma mulher que deu um passo maior do que a perna. Desmanchou o noivado de algumas semanas, nem havia conhecido ainda a família do noivo, que morava em outro Estado, e optou pelo luxo. Falso luxo, na realidade. Guiada pela intuição, ou destino, eu não sabia ao certo, também me vi obrigada a sair de casa naquela época. O fato é que fui guiada até o convento em São Paulo, onde morei por anos. O endereço, mantinha em segredo até hoje.

No início do relacionamento da Mônica com o mafioso, toda feliz, se intitulando uma rainha, ela mantinha contato com a minha mãe. Devido a certos desentendimentos entre nós, irmãs, as informações sobre sua nova vida conjugal chegavam através da minha mãe quando eu ligava em casa.

Pouco tempo depois essa relação começou a degradingolar. Mônica não aceitava o fato de o Ivan ser rodeado pelas mulheres e acabou o roubando e fugindo. Após cinco anos desaparecida, veio a notícia de que ela havia sofrido um grave acidente, um atropelamento. Bem, ninguém soube como aconteceu de fato, ela voltou para casa, mas foi de ambulância e tetraplégica, perdeu os movimentos e a sensibilidade do pescoço para baixo. Na ocasião, estava em visita em casa e por ela precisei fazer o esforço de ficar. Com especialização em Fisioterapia nas lesões ortopédicas e reabilitação das disfunções da coluna vertebral, comecei um tratamento intensivo de reabilitação, também montei uma loja de produtos ortopédicos e médicos. E quando o Ivan veio cobrar o dinheiro roubado e não encontrou um tostão furado, ameaçou-a.

Nesta fase, minha mãe entrou no imbróglio. Com formação em Economia, ela trabalhou como analista de diversos bancos e fundos de investimentos; muito inteligente, esperta para negócios e articulações, ofereceu seu trabalho gratuitamente, a fim de sanar a dívida da minha irmã. Assim, ela se tornou um membro da máfia.

Em menos de dois meses deste acordo, o quadro de saúde da Mônica agravou e ela veio a falecer. E, por fim, ambiciosa como a Mônica, minha mãe usou sua inteligência para roubar o homem, ferrando de vez com tudo. Estava sendo seriamente ameaçada pelo Ivan. Contar com a polícia era perda de tempo, por conta da sua influência no meio. A corda sempre arrebentava do lado mais fraco. Meu pai, sendo um homem muito correto, não suportou e pediu o divórcio. Pretendia sumir no mundo e me convidou para ir com ele.

Pensei na oferta, repensei, balancei... entretanto, não encontrei coragem de abandonar minha mãe nessa situação. E estava em casa com ela quando os capangas do Ivan apareceram armados e propensos a nos colocar no porta-malas do carro.

Contudo, a nossa família foi dilacerada.

— No desespero em salvar a minha mãe, acabei agindo por impulso — murmurei soluçando.

— *O que agradou e muito o nefasto! Uma mulher excepcional, jovem e linda como você não se encontra em qualquer esquina.*

Ri com ternura ao seu elogio fofo.

Muito grudada com a Mônica, sobrou até para a Jussara, tadinha! Grávida da Yasmim, ela acabou fugindo do Fabiano para São Paulo, sua cidade natal. Enfim, as pessoas que a acolheram contribuíram para colocar Fabiano atrás das grades, finalmente ele teve o merecido. Um alívio para a minha amiga, pelo menos agora ela respirava sossegada.

— Como eu te amo, amiga! — confessei.

Ela riu com carinho.

— *Então prove! Vista a roupa mais linda do seu guarda-roupa, aplique*

aquela maquiagem que só você sabe fazer e dê seu jeito de sair daí — desafiou.

— Jussara! — contrapus suspirando. — É um evento importante, com absoluta certeza a mídia estará em peso, vão me descobrir lá.

— *Já estou a par de tudo. É um evento seletivo, fechado, qualquer tipo de foto será proibido, todos os convidados estarão sendo monitorados nesta questão. E com um nome falso, pronto! Está segura, lhe garanto.*

— Sendo assim fico mais animada.

— *Yes!* — comemorou toda eufórica. — *Então se apresse para não perder o horário do voo. Já expliquei e vou repetir, vai que já esqueceu!* — Ri da brincadeira. — *Chegando ao aeroporto, vá direto à companhia aérea e apresente seu documento, sua passagem de ida e volta de Goiânia a Belo Horizonte já está paga. Com a desculpa de visitar a mamãe, Ivan nem vai perceber.*

— Espero que a minha mãe concorde em acobertar minha mentira! — exauri o máximo de ar possível e expeli de uma só vez.

— *Se ela não aceitar, vai direto para o inferno quando morrer.*

Não retive um riso. Seria injusta em adverti-la, porque ela estava coberta de razão.

Após me despedir, desliguei o telefone propensa a bater de frente com o Ivan. Sairia pela porta da frente, e não foragida.

Seguindo a sugestão da Jussara, escolhi um conjunto que considerava top: saia preta justa com uma discreta fenda na lateral da barra e de cintura alta, e uma blusa bege frente única com um detalhe bem sofisticado no pescoço. Finalizei com um batom vermelho, dando maior destaque ao tom claro dos meus olhos, coloquei os acessórios combinando com a sandália e a bolsa enorme, tamanho necessário para abrigar a roupa que pretendia vestir para o evento refinado. E por fim, joguei as pontas cacheadas dos cabelos castanho-escuros sobre os ombros.

Pronto! Agora é enfrentar a fera!

— COMO ASSIM, ESTÁ RETORNANDO PARA O AEROPORTO?

ESTOU AQUI ESPERANDO POR VOCÊ PARA A NOSSA REUNIÃO! — Ivan exasperou-se com extrema desconfiança.

Ali do mezanino tinha total visão do meu futuro e escroto marido, andando impaciente na sala requintada com o aparelho de telefone ao ouvido. Assim como o meu quarto, toda a decoração seguia o mesmo padrão: tons beges e dourados.

— INDEPENDENTEMENTE DE SER VOCÊ PESSOALMENTE ESTAR REMARCANDO A REUNIÃO, NÃO O EXCLUÍ DA LISTA NEGRA! — berrou agora. Cruzei meus braços, as palavras dele eram de arrepiar. — Também espero que você seja um homem de palavra.

Normalmente o mezanino era construído pensando em otimizar cada metro quadrado, o que não era o caso nesta mansão. Proporcionando um visual completo do piso inferior da construção de dois andares, Ivan tinha total controle da residência e de todos.

— Minha experiência me diz que você está planejando dar para trás no nosso acordo! E não é aconselhável na altura do campeonato, rapaz! — Acessando as escadarias de piso de mármore com as janelas pitorescas ao lado, observei o tom seguindo a linha de um aviso. — Veja lá, hein! Já fechei vários contratos considerando a participação da sua empresa. — Com os olhos dando uma geral em minha pessoa descendo os degraus, ele pausou a conversa ao telefone.

O calafrio na espinha se espalhando pelo meu corpo ao olhar crítico, quase me fez desistir de descer os últimos três degraus faltantes e voltar para o meu quarto.

“Coragem, mulher!”, encorajava-me.

Sem demonstrar temor no olhar, atingi o piso em postura de coragem.

— Depois conversamos...

Desligando, seus olhos negros e redondos zanzaram pelo meu corpo. Olhos demoníacos, horripilantes.

Todos os pelos do meu corpo ficaram em pé.

— Está deslumbrante, admito. — Avançou alguns passos. — Mas creio que a produção não foi para o jantar, portanto pode tirar seu cavalinho da chuva se pretende sair desta casa.

Respirei fundo e ergui a cabeça o peitando. Este foi o acordo, ele não me obrigaria a conversar quando não fosse o meu desejo, e não era agora. Como também garantiu que eu não estava em cárcere privado.

Dando-lhe as costas caminhei em direção à porta.

— Tem certeza de que vai me ignorar? — Sua voz assumiu o tom ameaçador e, claro, recuperei o juízo diante do perigo representado e detive inalando fortemente.

Tratando-se dele, eu não poderia brincar.

— Talvez se você seguir a linha da educação e o respeito, eu possa lhe dar maior crédito. — Girei o corpo o encarando.

Ele arfou fulo. Temia, porém, sustentei seu olhar. Enquanto seus olhos indagadores permaneceram em meu rosto, os meus faziam um tour no mafioso dele. Apesar da idade avançada, 60 anos, o homem possuía atributos interessantes. Um descendente de russo no estilo lenhador. O corpo malhado por horas de academia dentro da roupa preta: calça e camisa com as mangas arregaçadas, os cabelos e a barba cerrada grisalhos, destacando a pele morena e os olhos redondos pretos, transformava-o em um sedutor perigoso.

— Vou preveni-la mais uma vez — entredentes, a voz saiu baixa, e segurou meu braço exercendo uma pressão dolorida. Arqueei a cabeça em precaução, caso ele curvasse a dele, na intenção de roubar um beijo. Uma de suas artimanhas, ou mais uma, que sempre me fazia desistir dos meus planos por medo. — A senhora não vai sair de casa — elucidou autoritário e puxou-me. Agora estávamos olho a olho. — E não adianta vir com esta conversinha fiada de visitar a mamãe com esta roupa sensual.

“Se ferrou, dona Sacha!”, advertiu a voz dentro da minha cabeça.

Concordei, afinal não custaria nada me fazer de submissa pelo menos neste instante. Mas acreditei ser incapaz de tal postura.

— Estou exausta de tudo, preciso sair, espairecer a minha cabeça.

Decidida e sem desviar de seus olhos, dei um tranco e liberei meu braço de sua mão nojenta.

Ele riu alto ao meu tom enraivecido.

— Você tem muito a perder! — arquejei com a frase de cunho ameaçador.

Mesmo afundada naquele medonho receio, estirei meu corpo.

— Não vai me intimidar, Ivan! Cansei de suas ameaças. — Enfrentei-o.

Em seguida caminhei a passos rápidos em direção à porta da sala.

— NÃO SEJA ABUSADA, SACHA! — intimou aos berros.

Ajuizada e numa falsa postura corajosa, girei o corpo e o fitei.

— Agora eu te pergunto: onde está o homem de palavra que vive cuspiendo para todos? — arrisquei na esperança dele ceder mais facilmente.

Ele ofegou surpreso erguendo uma das sobrancelhas grisalhas.

Imagina, homem de palavra! Está mais para desprovido de escrúpulos e de integridade moral, isso sim.

— Garantiu o meu direito de ir e vir, esqueceu? — emendei séria.

Ele grunhiu tombando a cabeça levemente de lado.

— Foi apenas para ganhar a sua simpatia — riu, debochando, e veio apressado agarrando meu braço.

— Eu vou sim, visitar a minha mãe. — Bati de frente conhecendo as consequências. Não tinha aptidão nenhuma para ser submissa a um homem. — E não adianta tentar me impedir. — Quando ele começou a rir, resaltei: — Estou disposta a quebrar nosso acordo se persistir em me manter prisioneira.

Ele riu zombando, irritantemente.

— Admiro a sua valentia, mas a senhora está sim, impedida de arredar o pé desta casa até o nosso casamento.

Puxei meu braço e corri em direção à porta.

— Eu juro, se vier atrás de mim tomarei a decisão de jogar tudo para o espaço, não vou mais me sacrificar por ninguém — menti e abri a porta ouvindo seus passos se aproximando.

Rapidamente a fechei na cara dele ao sair.

— Vai se arrepender por tudo isso — o ouvi dizer.

Em seguida, a porta em que saí se abriu.

— É melhor obedecer, senão... — rosnou como um leão prestes a atacar.

Seus capangas, atentos à inflamada voz do patrão me cercaram na enorme varanda, completamente rústica; tanto os móveis como o piso e teto. Ela era toda montada de troncos de árvores. Seria um local confortável e acolhedor para apreciar a linda e restauradora vista verde se a negatividade não rondasse tudo por ali.

— Se deseja um casamento consensual, diga aos seus homens para se afastarem — exigi olhando na cara de um por um.

Eram três vestindo ternos pretos e camisas brancas; um pardo, outro loiro e o William, com quase seus dois metros de altura. Todos com semblantes sinistros.

— Está blefando! — duvidou Ivan, ressabiado e por motivos bem óbvios.

No intuito de se exhibir, ele espalhou para todo seu povo mafioso que ia se casar com uma “cocotinha” (gíria de garota delicada, muito usada nos anos 70), apaixonada por ele. Bem, levando-se em conta os seus atributos, não seria difícil me apaixonar se ele não fosse tão escroto.

Dei de ombros em status de desafio.

— Se quer pagar para ver, então me impeça de sair. — Arqueando as

sobrancelhas, acenei de cabeça.

Ele entrou no círculo formado pelos comparsas, posicionando-se à minha frente, rodeando os braços fortes ao redor do meu corpo e me puxou colando nossos corpos. Minha perna ameaçava fraquejar, no entanto, as mantive firmes o fitando.

— Você quem estipulou o preço para salvar a mamãe — começou ele, intimidador. — Casar contigo nunca estive nos meus planos, mas agora é uma ideia fixa aqui dentro. — Ele batia na testa com o dedo indicador. — Gostei da sua sugestão de casamento à moda antiga, transar somente na lua de mel.

Lua de fel você quis dizer, certo?

— E-eu... — Arqueei a cabeça fugindo do contato quando ele, contrariado, curvou a cabeça encostando as pontas dos nossos narizes.

— Escuta bem! — *Merda ter de aguentar isso!* — Por enquanto, vou manter a minha palavra, vou lhe dar o direito de ir e vir e sabe por quê? — Balancei a cabeça em negativa. — Não era recomendável, porém eu me apaixonei perdidamente por você, Sacha. E em respeito a este sentimento nobre, seus passos não serão seguidos — queria pular de alegria e contive-me, permanecendo séria —, todavia, esteja certa de que, se aprontar, vou cobrar com juro e correção da safada da sua mãe, e ainda dou cabo de ti. ENTENDEU?

Afastando o rosto do meu, aspirou meu perfume e então bruscamente fui solta, com ele exercendo um leve empurrão. Desequilibrada, recuei dois passos, evitando minha queda de bunda no chão.

“Ordinário!”, praguejei mentalmente, evitando mais confusão.

Com aquele puta caroço enorme na garganta, comprimindo meus lábios e segurando o choro, logo dei-lhe as costas e corri até a garagem e, confesso, sentindo o coração esmagar de tão apertado que estava dentro do meu peito.

A mesma intensa brisa, responsável por espalhar as lágrimas em meu rosto, espalhava também o cheiro agradável da natureza ao redor. O céu começava a assumir uma coloração avermelhada de fim de tarde e início de noite, quando abri a porta do meu carro cor de vinho de visual requintado. O veículo, e um bom dinheiro guardado, o suficiente para as minhas necessidades, foi o que

restou da minha loja próspera. Até nisso o filho da puta do Ivan manipulou, de uma forma que não consegui vencer a concorrência. Resultado: faliu.

Infelizmente, eu teria de sucumbir às chantagens mesmo contra a minha vontade.

— Você terá apenas minha mão em casamento, mas nunca a minha falsa virgindade, SEU OTÁRIO! — terminei a frase num grito estridente ao mesmo tempo que esmurrei o volante com a mão direita; com a esquerda, eu baixei o vidro respirando o ar puro oferecido pelo caminho de um quilômetro até a estrada, cercado por árvores.

Mentir sobre ser virgem foi a única maneira de evitar ser levada para a cama antes do casamento com o lixo deste homem. E ele, claro, cresceu os olhos com a informação. Eu só não sabia agora como ajeitaria essa lorota.

De qualquer forma, hoje é o meu dia de ir à forra!

Senti um aperto no peito com a minha decisão! Poxa, vivendo tanto tempo em um convento, acabei me resguardando até hoje, na espera de um príncipe encantado para uma segunda transa. E olha só pra mim? Disposta a me entregar a qualquer um, apenas para não dar o gostinho ao Ivan.

A decisão não acalmou meu coração agitado no peito, a aflição em pensar no fim desta história persistia.

De Anápolis até aeroporto de Goiânia, lotado, levei aproximadamente uma hora e meia para chegar.

— Acabei de entrar no aeroporto, Jussara! — avisei ao telefone, cruzando a porta de vidro, sentindo um friozinho na boca do estômago, correndo os olhos entre o aglomerado de pessoas, procurando o bonito.

Rindo da minha babaquice, declinei os olhos e continuei conversando com a Jussara quando, inesperadamente, parei com aquele par de sapatos pretos estagnado à minha frente. Meu coração errou a batida reconhecendo aquele perfume e disparou ao subir meus olhos e deparar com ele.

“Você pensou e seu cérebro está sugestionando! Abriu a porteira e o destino se encarregou de colocar o homem ideal para satisfazer seus desejos mais

secretos, Sacha!”, anunciou a voz dentro da minha cabeça.

Comprimi meus lábios com o arquejo querendo escapar ao meu pensamento ridículo.

— Estava esperando por você! — Ouvir a voz rouca no tom humorado era como renascer, e desencadeou um choque térmico, extremamente intenso. Ao mesmo tempo que o frio na barriga me atingiu, o meu coração ferveu.

Miseravelmente, o medo sobrepôs o fascínio quando avistei por entre seus ombros o homem colossal nos observando.

Não creio que o carcamano do Ivan enviou seu capanga William para me seguir! O rosto carrancudo o tornava extremamente assustador. Preciso arranjar um jeito de despistá-lo.

Voltando rápido ao rosto do bonitão, suspirei com pesar. *Ah, como eu queria ter uma vida comum e parar um pouquinho para uma conversa!*

Capítulo Dois

HENRY

Meu corpo, já excitado, lembrando o tempo todo do corpo macio em meus braços, reagiu com arrepios à bela visão. Ela trocou a roupa, a saia ajustada no quadril, com uma fenda na lateral desenhando as curvas perfeitas era tentador. E como estava elegante, linda, sensual...

Esta mulher é gostosa pra caralho!

— Você de novo, cara? — concentrada em minha boca, a pergunta saiu hostil.

Seu modo arisco de ser não me intimidou em nada, aliás, era humanamente impossível conter o impulso com a grande atração que sentia por ela. A excitação tomou conta.

— É sempre assim, mal-educada? — perguntei sem que seus olhos, se mostrando surpresos, desviassem dos meus lábios.

— Poderia dar licença, por favor! — um senhor calvo, baixo e acima do peso, parou com o seu carrinho carregado de malas ao meu lado. Acenei de cabeça avançando um passo, a pequena distância dela ressaltou o perfume floral. *Muito bom!* Ela não respondeu, apenas suspirou a aproximação.

— Talvez queira retratar a sua grosseria e dizer seu nome.

Os olhos subiram, travando pensativos nos meus. Um olhar confuso. Arqueei rapidamente as sobrancelhas em cobrança e me arrependi com sua expressão se fechando.

— Por que eu te diria o meu nome? — esnobou revirando os olhos.

Grunhi, desacreditado da sua insolência, declinava a minha paciência, no entanto, preservei a calma.

— Dois encontros consecutivos não nos torna íntimos, mas presumo que nos apresentar seria educado. Não concorda comigo?

— Discordo integralmente! Não me interessa em saber o seu nome, tampouco manter um diálogo contigo! — a mulher retrucou perambulando os olhos por minha face, como se eu fosse um conquistador barato.

Quem ela pensa que é para me tratar com tamanha indiferença?

Perplexo, ergui as sobrancelhas. Isto nunca aconteceu comigo antes.

— É impressionantemente azeda, sabia?

Um sorriso ultrajante plantou em seus lábios promissores, antecedendo sua defesa:

— Sua opinião não vai mudar a minha vida, senhor — o tom saiu baixo, e o olhar intrigante transpareceu uma profunda tristeza.

— Com licença! — agora foi a vez de uma família inteira, com carrinhos a perder de vista, solicitar passagem, e com razão.

O local era inadequado, levando-se em conta a lotação do aeroporto. A falta de espaço me fez avançar dois passos mais, relando meu peito na mão dela, segurando o telefone.

O choque foi imediato, ambos balançamos, a sua reação deu mais na cara quando o aparelho escorregou de seus dedos, espalhando peças ao tocar o piso.

Olho a olho, ela engoliu forte.

— *Ei, amiga você ainda está aí?* — A voz distante vinha do telefone em nossos pés, nos tirando do momento silencioso.

Respirando forte e rápido, o movimento em seu tórax era visível.

— Deveria considerar a minha opinião. — O olhar penetrante brilhava no

meu, enquanto ria especulativo. — De repente, posso ajudá-la na sua fuga — não estava acostumado a ser ignorado pelas mulheres, e acabei provocando-a.

Sua boca foi se abrindo junto aos olhos vermelhos, soltando faíscas, conectados aos meus.

— Nem vou responder a esta sua indelicadeza — ameaçou se curvar atrás do seu telefone.

— Nem tão indelicado, minha cara — antecipei já me abaixando à sua frente. — Agora é minha vez de retribuir a gentileza.

Que gata! Excitei-me mais contemplando as pernas longas torneadas.

Subi com seu aparelho na mão até meio desnortado e lhe entreguei. Com os olhos focados além do meu ombro, ela sacudia levemente a cabeça no sentido de indignação. Até seu rosto estava pálido.

Curioso, virei meu rosto para trás seguindo seu olhar, desisti ao deparar o movimento intenso de pessoas e voltei a ela.

— Obrigada — agradecendo, ela deu-me as costas e saiu quase correndo em meio à multidão.

Suspirei olhando a bunda saliente se movendo com sensualidade.

Muito excitante.

Ao baixar os olhos, eles encontraram a capa do seu aparelho.

— MOÇA, CAIU SUA CAPA DO CELULAR! — chamei em tom alto, sem sucesso.

Foi no exato instante em que ela sumiu entre um aglomerado de pessoas vindo.

— Mulher esquisita! — Dei de ombros pegando a peça no chão com a mão livre. Quando me endireitava, fui empurrado violentamente pelo ombro direito. — Puta merda! — Ainda curvado, me desequilibrei dando alguns passos cambaleantes para frente, por fim, consegui o equilíbrio necessário para não

pagar o maior mico.

Meu celular não teve a mesma chance, foi ao chão e desta vez espalhando as peças por todos os lados, embrenhando entre aqueles pés todos.

Ah, não! Meu pai vai enfartar sem conseguir falar comigo...

— Desculpa aí, cara! — Senti um peso enorme nos meus ombros pelas costas, e ao girar, topei com um gigante usando um rabo de cavalo, no sentido literal da palavra, com a mão repousada em meu ombro.

— Precisa olhar por onde anda, rapaz! — adverti, esticando o corpo à sua frente.

Sua expressão paralisada soou sinistra. Não havia movimentos, nada!

Sentia-me um anão com meus 1,85m de altura, a discrepância chegava a um nível absurdo, tanto na altura como na largura, os músculos eram notáveis dentro do terno preto e camisa branca.

— Foi a pressa, senhor! — respondeu rudemente indo em direção às peças, eu o ajudei. — Espero que funcione — ousou abrir um sorriso irônico, entregando a última peça, então saiu a passos largos na mesma direção da bela moça.

— Hoje o dia começou pela esquerda. Saco! — praguejei tentando encaixar as peças e a coisa complicou meu lado, liguei o aparelho, que não deu sinal de vida. — Putz! Preciso dar um jeito de retornar à ligação do meu pai, senão o velho morre de preocupação.

Com muito sacrifício finalmente ligou, e disquei rapidamente.

— *Por que desligou o telefone na minha cara, Henry?* — indagou meu pai numa austeridade de causar-me impaciência.

Surpreso ao ver a gata, desliguei por impulso, exatamente como meu corpo reagiu a sua presença.

— Tive um imprevisto aqui no aeroporto, apenas isso — caminhando em direção ao embarque, com o último chamado, respondi inalando ar e buscando.

— *Ah, assim está melhor! Queria ter certeza de que atendeu ao meu pedido*
— confessou ele num tom de alívio. — *Não sabe a tranquilidade que sinto em*
você indo me representar.

— Acatei sim, ao seu pedido, porém, sei exatamente a sua finalidade.

Ele riu baixinho.

— *Meu filho!* — começou ele, pausadamente. Ciente sobre seu argumento, balancei a cabeça embravecido. — *Atendendo ao meu pedido você não salvou apenas a mim, mas salvou a si também.*

Grunhi entrando na aeronave.

— Não pense que eu desisti dos meus propósitos, só cancelei a reunião devido a sua emergência.

Um silêncio transcorreu por alguns instantes antes dele se pronunciar:

— *E eu nunca desistirei de você, Henry! Hoje é meu filho único, pode ter certeza de que se precisar dar a minha vida pela sua, eu darei.*

Aquele jeito carinhoso do meu velho me pegou. Ri derretido.

— Não se preocupe, sei o que estou fazendo! — Ele grunhiu, discordando.
— As estratégias são meticulosamente calculadas e garante a minha segurança
— garanti.

Ele estalava a língua, negativamente, do outro lado da linha.

— *Seguro estará somente quando esquecer o passado e seguir com a sua vida normal. Desista desta vingança, Henry!* — a amargura inundou sua voz.

Jogando a cabeça levemente para trás, ri desacreditado.

— Está enganado, Sr. Adam Stone? — Perturbado, ele respirou forte. — O Anselmo seguia a trilha da conformidade e nem assim ele se safou.

— *Já falei e vou repetir: bater de frente com estas pessoas é perigoso!* — ele exasperou, aflito. — *Comece uma nova vida, filho!*

— *O plano não é bater de frente, é apenas conhecer os caminhos, as atividades ilegais dos tiranos e então, os envenenar com venenos fabricados por eles. Não se preocupe, estou bem amparado.*

— *Você não é um investigador de polícia, no momento em que se infiltrar, terá de fazer parte da gangue, seguir o caminho do crime. — Lembrou-me o que eu já sabia. — Portanto, se persistir nessa ideia maluca, vou ser obrigado a intervir, Henry! — ameaçou seriamente.*

— No máximo, em duas horas contando com o trânsito, estarei chegando — desconversei.

Ele riu conformado.

— *Obrigado por me quebrar este galho!*

— De nada! — a linha começava a falhar e não o ouvia. — Pai... Pai?

— *Está ruim a ligação.*

— É o meu aparelho remendado, vou desligar que preciso encontrar a minha poltrona. Saco! — resmunguei, avistando o corredor da classe econômica.

A multidão ainda estava no corredor brigando com os compartimentos de malas. Havia mais delas do que espaço.

Logo após o esbarrão com aquela linda apressada, cogitei a ideia de tentar um helicóptero. No entanto, declinei optando pelo avião com a possibilidade de encontrar com ela aqui no aeroporto. E não restou outra alternativa senão comprar a passagem deste voo lotado, o único que garantiria chegar no horário.

— Com licença! — solicitava espaço a fim de chegar à minha poltrona. Detalhe: fundão e ao lado do banheiro.

Única poltrona disponível.

Ai, que saudade da primeira classe! Tudo o que precisava para relaxar durante o voo era tomar uma dose de uísque ou uma taça de vinho.

O único ponto positivo eram as três únicas poltronas vazias, e pelo jeito,

prestes a finalizar o embarque, ficariam somente para mim. Joguei-me esparramado ali.

— EU JÁ PRESUMIA QUE NÃO PODERIA CONFIAR! — A voz macia feminina, alterada soou familiar.

Arrastei a bunda para a poltrona do corredor desperto ao tom, algo anormal dentro de uma aeronave. Esticando o pescoço, sou atacado por um perturbante frio na barriga quando meus olhos topam a silhueta encantadora da garota arisca.

Gostosa!

Meus lábios assanhados se ergueram num sorriso malicioso, atijando meu pau começando a erguer, querendo cobiçar ela, também.

Meus olhos interessados mapearam cuidadosamente cada canto da roupa elegante, enquanto ela permanecia com a cabeça virada falando num tom mais baixo, porém, muito inflamado com o marmanjo exagerado de rabo de cavalo.

Torci a boca recordando da ansiedade com que ela olhava por entre meus ombros. O gigante que trombou comigo foi na direção dela.

“Nossa, será que são casados?”, pensei analisando o quanto ela era delicada perto dele.

Ela deu uma leve paralisada ao avistar minha cabeça pendida para o corredor. Seus olhos azuis, expressivos, vidraram no meu rosto, os músculos da face meiga e linda se contraíram nitidamente. Dei uma leve arqueada na sobrancelha, fazendo-a desviar os olhos.

E veio a passos largos na direção onde eu estava.

— Poderia dar licença, por favor! — solicitou pausadamente.

— Claro que sim. — Educadamente, me levantei indo para o corredor a fim de dar-lhe caminho para se sentar.

Mas acontece que ela ocupou o assento onde eu estava.

— Obrigada — agradeceu no momento em que o grandalhão espremeu

entre suas pernas indo para a poltrona da janela.

“Ele não vai caber neste banco!”, pensei movendo a cabeça, incrédulo assistindo o grandalhão ocupando o banco da janela, e a metade do banco do meio. Seus joelhos colados na poltrona da frente.

Ele está completamente espremido ali.

— Talvez a senhorita queira se sentar ao lado do seu companheiro — sugeri cordialmente, confiante de uma possível troca de lugar.

Ela ateou o cinto e com a parte de trás da cabeça colada no encosto, ergueu buscando meus olhos.

— Desculpa, moço — começou ela imparcialmente —, tenho problemas com avião, sempre compro a poltrona do corredor, se é que me entende.

Eu sacudia a cabeça, negativamente.

— Não, eu não compreendo! — rebati diante da paciência indo ribanceira abaixo. — E a senhorita bem que poderia ser mais gentil em ceder seu lugar. Como vê, não tem como eu me sentar na poltrona do meio. — Acenei de cabeça.

Ela virou o rosto e riu, maldosamente, para o homem carrancudo que respirou, ruidosamente, furioso.

— Eu sinto muito — disse sem mais delongas e parecia sentir mesmo.

Notei seus olhos lacrimejando antes de descerem ao colo, onde os dedos de suas mãos delicadas, e sem aliança, se entrelaçavam.

— Senhor, precisa se sentar — a aeromoça pediu.

Meu aborrecimento deu lugar à compaixão. Sabe lá o que o brutamontes fazia com ela para toda esta tristeza e medo em seu semblante.

Inspirei o mais profundamente que consegui, evitando botar a boca no trombone e reclamar, mesmo porque estaria sendo deselegante.

É o que tem para hoje, fazer o quê? Faça-me o favor, viu, pai?

Indignado com a minha situação, cedi. Tirei o paletó e lembrei da capa do seu aparelho de telefone no bolso, tirei e a entreguei.

— Ficou perdido no chão.

Sem olhar na minha cara, ela acenou de cabeça.

“Mal-educada!”, bufei me sentando. Me sentia uma sardinha enlatada.

Já acomodado a olhei, seus olhos estavam posicionados na janela do brutamonte e era o local onde estavam os olhos do homem. Curioso, segui-os e acabei rindo da grande borboleta de cores vivas pousada na janela.

A decolagem foi tranquila, o que não acontecia comigo, esmagado. Cruzei as mãos atrás da cabeça respirando forte pelo nariz, chamando a atenção da bela mulher.

— Poderia se mostrar mais humana — critiquei com os olhos fixos na poltrona da frente.

Ela riu baixinho.

Virei o rosto encontrando seus olhos incrivelmente iluminados naquele sorriso lindo e ri com ela.

— Realmente a sua situação não é digna! — provocou caindo na gargalhada.

— Comprasse a passagem da primeira classe se deseja mais espaço. — A voz áspera e grotesca ecoou como um trovão entre nós.

Ela desatou o cinto e levantou.

— Vamos trocar de lugar, vai?

Arqueei as sobrancelhas, surpreso.

— Tem certeza?

Admiravelmente, ela assentiu de cabeça.

Antes dela desistir e tumultuar o corredor com o serviço de bordo iniciando, rapidamente ela pegou sua bolsa posicionada em seus pés e trocamos de poltrona.

— Sua escolha foi boa — o gigante de terno preto pronunciou se ajeitando melhor em seu banco.

Ela não teve alternativa, a não ser colar seu ombro no meu.

— A sua foi péssima! — rebateu entredentes, claramente irritada. — Para mim não deixa de ser quebra de protocolo, falsidade. — Suas palavras não surgiam efeitos. Como uma pedra de gelo, ele virou para a janela a ignorando. Ela seguiu brava. — Decepcionante para quem diz ser honrado, não acha?

Ele persistiu desprezando.

— Gostaria de beber o que, senhor? — Minha atenção foi puxada pela aeromoça.

— Água, por favor! — Enquanto a aeromoça me servia, a moça baixou a sua mesinha.

Ela pediu água e o companheiro dela também.

— Veja se consegue levar seus pés mais para a direita, está apertado aqui — pediu ela abrindo a bolsa, que acabou ficando em seu colo.

Enquanto sua mão vasculhava à procura de algo no interior dela, o cotovelo batia no braço do homem rosnando incomodado.

— O que tanto você procura nesta bolsa, hein? — indagou bruto.

Ela apenas revirou os olhos ignorando-o e eu, necessitado, segui para o banheiro.

Alguns minutos depois, quando retornei, o grandão estava piscando, em uma sonolência intensa. A cabeça caiu para trás no banco e então adormeceu, repentinamente.

— Ele está bem? — perguntei, estranhando a cena.

Numa coloração pálida no rosto, ela assentiu de cabeça pegando seu copo com água sobre a mesinha.

— Sim, sim! É apenas fadiga... — explicou ela.

E nervosa, levou seu copo até a boca o virando de uma só vez.

— Faz sentido para ele dormir com todo este aperto — respondi ainda em pé no corredor.

Minhas pernas ainda sentiam as consequências do aperto.

Peguei um chiclete no bolso da camisa. Uma medida que sempre uso no pouso, devido a dores fortes no ouvido.

— Aceita um? — ofereci.

Ela negou, meneando a cabeça sem me olhar. Era de poucas palavras, mas de muitas expressões. Seus olhos ardiam na tristeza curiosa.

Inesperadamente, uma forte turbulência aconteceu, agarrei o banco me segurando e tossindo com o chiclete que desceu parando na garganta.

Não conseguia respirar e curvei pegando o copo do acompanhante dela com água pela metade e trouxe à boca.

— N-NÃO! — Ela se levantou segurando na minha mão, porém tarde demais, virei-o na boca tomando todo o líquido. — Não era para beber, moço! — completou num fio de voz e então, visivelmente abatida se sentou.

— Qual o seu problema, GAROTA! — vociferei sem compreender aquele seu comportamento tempestivo.

Sem resposta, ela baixou a cabeça, as lágrimas pingavam em suas mãos cruzadas sobre seu colo.

Juro que não me sensibilizou em nada.

— Só tomei a bosta da água porque estava morrendo sufocado. Uma emergência, não viu?

Seus olhos submergiram com a névoa que as lágrimas criavam, e ficou alguns segundos passeando com eles por minha face, num semblante fechado. Não conseguia decifrar sua reação, extremamente desnecessária.

— Vou solicitar a comissária de bordo outro copo com água para você.

Balançando a cabeça em negativa, ela ria querendo chorar.

— Não há necessidade, está tudo bem! — Pendendo a cabeça, embrenhou os dedos pelos cabelos escuros e muito sedosos.

O brilho intenso chegava a ofuscar os olhos. *Tão bela e chata!*

— Senhores, voltem a seus lugares e apertem os cintos, teremos alguns instantes de fortes turbulências — informou a aeromoça.

Queria pedir explicação do que aconteceu, mas algo estranho acontecia comigo. Os sacolejos na aeronave pioravam a minha situação. Minha respiração começou a ficar difícil, sentia como se uma rocha tivesse caído sobre meu corpo, impossibilitando qualquer movimento.

— Ai, meu Deus! — Ouvi distante a sua voz chorosa, e senti sua mão pequena na minha antes do meu cérebro parar, literalmente, de funcionar.

Todo e qualquer ruído sumiu e meus olhos foram escurecendo, gradativamente.

Capítulo Três

SACHA

— Moço, moço, moçooooo! — Em completo desespero, sacudia disfarçadamente sua mão amolecida. Seu pescoço tombava para frente, quando escorreguei mais para a beirada da poltrona e levemente inclinada, segurei seu queixo empurrando a cabeça de volta ao encosto. — Que merda que eu fiz, estou enroscada! — Mas também, quem manda ser “entrão”.

Folgado!

O certo seria estar estudando uma saída daquela situação tenebrosa e não babando contemplando o rosto tão sereno dormindo. Não havia a menor possibilidade de pensar em estratégias com meus olhos admirando o rosto bem masculino, atraente e de traços fortes. Nem conter meus dedos atrevidos correndo, delicadamente, sobre a barba cerrada, originando um baita e delicioso calafrio pelo corpo.

Nossa, como ele é lindo! Os cabelos mais revoltos davam aquele ar de sedução envolvente, com absoluta certeza, uma extraordinária visão.

— Tripulação, preparar para o pouso!

Endireitei no banco ao aviso do piloto, e acomodei a cabeça do moço em meus ombros.

Respirando fundo, eu fechei meus olhos sentindo o perfume amadeirado, meu coração parou durante um segundo de bater. Experimentava uma paz repentina, naquele instante, o olhando pela visão periférica, esquecia tudo o que era necessário no intuito de resolver o problema, somente sua respiração profunda pairava, todo e qualquer outro ruído evaporou.

— Me desculpa por tudo, viu? — cochichei no seu ouvido ao pouso da

aeronave.

Ajeitei sua cabeça no banco. Além da desorganização da minha vida, o Ivan descontrolou o meu sono. Após uma consulta médica, fazia uso de remédio controlado para indução do sono, só assim dormia profundamente. E colocar na bebida do William, a fim de ganhar tempo para despistar dele, parecia um excelente plano. Mas agora, afetando o coitado deste homem. Olhei para ele com uma dó tremenda. *Ai, ai!* O plano foi uma merda deflagrada.

Pelo menos, ele não vai morrer.

Mas, enfim! Desatei o cinto e me levantando, voei pelo corredor, a intenção seria ser a primeira da fila e não deu tão certo com alguns apressadinhos saltando das suas poltronas. O bom foi garantir o quarto lugar na fila.

— Jussara, sou eu! — me identifiquei assim que ela atendeu o celular. — Acabei de chegar em Belo Horizonte — expliquei num tom contido de tão ofegante, andando apressada pelo corredor após o desembarque.

— *Sua saída da casa foi tranquila, amiga?* — quis saber ela.

Grunhi indignada.

— Meio tumultuada, entretanto, devo considerar tranquila. O problema que o vigarista do Ivan enviou um dos seus capangas para rastrear meus passos.

— *Sério?* — Ouvi seu longo suspiro de preocupação.

— Não se martirize, amiga! Dei meu jeito de despistar o bandido — a acalmei, mas atormentei meu coração recordando do coitado que não tinha nada a ver com o rolo e pagou o pato.

— *Tem certeza de que não está sendo seguida, Sacha?*

— A única certeza desta vida, amiga, é a morte!

— *Não brinca, Sacha!* — vociferou ela — *Estou falando sério.*

Ela tem razão, estava vivendo algo muito sério e aflitivo.

— Preciso temperar minha vida com um pouco de humor. — Minha risada preencheu o corredor enquanto eu desejava mesmo, era chorar. — Assim eu sofro um pouco menos.

Ela suspirou compadecida.

— *Ainda tenho esperança de surgir um guerreiro, tipo aqueles vikings fortões, que vai chegando e conquistando território.*

— Geralmente eles assassinam o Rei! — Não resisti na brincadeira.

Um silêncio absoluto se arrastou, me preocupando.

— Não pode desejar a morte das pessoas, Jussara!

— *Não se trata de desejar a morte, na guerra o perigo é constante.*

Pendi a cabeça na lateral analisando, em seguida dei uma olhada rápida para trás, me certificando se o William não estava no meu encalço.

Grande como era, o efeito do medicamento seria mais rápido.

— Então esquecemos do guerreiro, o que me diz de um príncipe?

Soltei outra risada, e agora alta, chamando atenção das pessoas caminhando ao meu lado.

— Eu nem ousa mais sonhar, amiga! No meu caso, guerreiro, príncipe encantado, felizes para sempre é uma utopia e está distante da minha realidade complexa! — declarei enquanto saía pela porta de vidro automática se abrindo.

A conclusão veio acompanhada de um aperto enorme no peito, daqueles de querer chorar.

A noite não era a única responsável pelo céu escuro, as nuvens carregadas tinham uma imensa parcela de culpa. Os raios cortando o céu eram os únicos brilhos, e a ventania trazia junto um cheiro de chuva.

Acenei para o táxi encostando, era de vital urgência sumir dali o quanto antes.

— *Como você mesma mencionou agora há pouco. A morte é a única certeza desta vida.*

— Chega desta conversa obscura! — cortei secamente. — Acabei de entrar no táxi e mudando os planos. Não vou para a casa da minha mãe, decidi ir a um hotel mais próximo do endereço da festa.

— *Você não está raciocinando, Sacha!* — advertiu ela num tom austero. — *O capanga do Ivan vai bater na porta da casa da sua mãe.*

— Já pensei em tudo, minha amiga querida! — Sorria resoluta. — Acabei de ligar para a minha mãe e combinei com ela que passaria lá e deixaria a roupa do corpo, um plano infalível e vai despistar os caras. Deu certo em outra ocasião.

— *Vai confiando, vai! A possibilidade de uma invasão à casa da sua mãe é elevada. Vão entrar para certificar se realmente você está lá.*

— Este tipo de ordem o Ivan não daria, depois da ameaça de cair fora do trato do casamento — disse coberta de razão.

Ele está me usando como um troféu, e exibindo para toda a cúpula da bandidagem. *A gatinha intocada apaixonada por ele!* Que nojo! Enfim... um casamento forçado pegaria mal à sua reputação de conquistador.

— *Teria mesmo coragem de enfrentar o homem?*

Rindo, balancei a cabeça indecisa.

— Não sei, amiga! Preciso pagar para ver.

— *Não se iluda com este seu coração nobre! Sacrificaria a sua vida que eu sei.*

Fechei meus olhos por um instante, abonando sua consideração.

— O que há de se fazer? — cedia a minha fraqueza — Chegando à casa da minha mãe arquiteto tudo direitinho com ela.

— *Tenho de admitir que apesar de hilário, a forma de vocês duas deliberarem até pode resultar em sucesso* — pronunciou em gargalhadas.

Rindo daquele jeito, arrancou fortes gargalhadas minhas, um momento de distração que ajudou a aliviar.

— Segredo só nosso e da minha mãe, amiga! — disse rindo. — Dará certo, como deu das outras vezes.

— *Evitando deixar rastros para seu futuro e bandido marido, registre-se no hotel como Tânia!* — instruiu ela acertadamente, ou quase.

— Esqueceu que o seu amigo deixou a identidade no hotel — lembrei-a.

Ela pensou um pouco e então corrigiu:

— *Vou mandar um endereço de hotel de uns amigos meus, inclusive, darei um jeito de deixar um carro a sua disposição. Nem vai precisar registrar nada.*

Comemorei com um largo sorriso no rosto.

— Esta é a Jussara, sempre ajustando as coisas da melhor maneira. Parabéns!

— *Com os escorregões e tropeços da vida, a gente aprende manusear os problemas* — declarou ela. Senti um aperto no peito por nós duas. — *Tudo bem...* — prosseguiu ela com meu silêncio — *Eu também já estou no táxi, a caminho do hotel.*

— Em uma hora a gente se encontra, ok?

— *Aproveita o máximo da noite, Sacha!* — aconselhou ela sabiamente — *Se solte, deixa toda sua angústia fluir pelos seus poros, entendeu?*

— Esta é a ideia, Jussara! Extravasar...

— *Agora eu senti firmeza! Beijos.*

Desligou.

— Eu vou para este endereço! — Mostrei um cartão da minha mãe ao motorista. Neste instante entrou a mensagem da Jussara com o endereço e estendi o aparelho a sua frente. — Depois nós vamos para este.

— Sim, senhora!



Uma garoa fina só completava as grandes poças de água, que a chuva torrencial deixou pelas ruas da cidade. Demorei a sair do hotel, onde me hospedei, devido à tempestade, e o carro popular disponibilizado pelo amigo da Jussara não estava lá grande coisa, o motor era um pouco barulhento. O atraso trouxe a consequência de estar quase no final da interminável fila de veículos para chegar ao manobrista, em frente ao hotel, onde estava acontecendo a grande festa, endereço de uma região nobre da cidade.

Observei uma fila enorme de convidados elegantíssimos, identificando-se a um segurança na porta com uma prancheta em mãos, e entregando o celular.

A restrição fazia parte da regra anunciada no convite, em contrapartida, cada mesa teria um telefone à disposição dos convidados.

Respirei fundo buscando paciência, daqui no ponto alto vagueando meus olhos pelo espetacular horizonte, eu tinha a bela vista panorâmica da minha linda e amada Belo Horizonte.

Que vista maravilhosa!

Olhar a vista daqui de cima me deixou mais serena, aproveitei o momento para matar a saudade, fazia tempo que não vinha aqui nesta parte da cidade. Bairro das Mangabeiras, próximo à base da Serra. Estou bem próxima a Praça Israel Pinheiro, conhecida como Praça do Papa, devido ao lugar ter sido o escolhido para a celebração da primeira visita de um Papa à cidade.

Na adolescência e uma parte do início da minha juventude, vinha com frequência em companhia do meu pai apreciar o majestoso pôr do sol, além da cruz enorme transmitir muita paz!

— Ei, moça, a fila está andando! — Saltei para fora dos meus devaneios com o grito de uma voz masculina, seguida de uma buzina chata atrás do meu carro.

Pelo retrovisor avistei a cabeça do idiota para fora do vidro, com a mão afundada na buzina.

— Vai se danar, cara! — na privacidade e segurança do interior do veículo, xinguei girando a chave.

Apenas dois metros consegui atingir sem tocar no carro da frente.

— Droga! — Esmurrei o volante com a impaciência.

Maior escândalo por esta miséria de distância!

Suguei muito ar para meus pulmões, relaxando os músculos tensos. Aproveitei o momento e espiei meu rosto no espelho retrovisor, aguardando a minha vez. Sorri satisfeita com o resultado quando finalmente a fila andou.

Liguei novamente o motor e acelerei muito alegre.

— Minha vez, aleluia — cochichei ao ver o manobrista acenando rápido com a mão.

A um metro de estacionar em frente, eis que uma Ferrari vermelha, vindo com tudo pela avenida entrou na minha frente, me obrigando a frear bruscamente.

— Não creio! — Minha irritação ampliou e meti a mão na buzina.

O irritadinho do carro atrás de mim, que deveria estar com sangue nos olhos, gritava e buzinaava motivando a fila enorme a fazer o mesmo.

A poluição sonora parou toda a avenida.

— Tira esta merda de luxo daí, cara! — outro motorista gritou lá detrás.

E daí em diante foi um alvoroço só. Coitado do manobrista, acenando com as duas mãos pedindo calma ao povo, enquanto abria a porta do veículo luxuoso.

— O caralho que vai cortar a fila! — Outra voz ecoou e absurdamente decidida.

Pelo retrovisor vi o povo descendo dos seus carros e vindo na direção da

Ferrari.

Juro, me arrependi por ter começado a confusão, encolhi-me no banco e permaneci ali, pianinho. Presumi que o condutor da Ferrari também se arrependeu ou ficou com medo, sua porta fechou com rapidez e desistindo, deu partida e saiu dali derrapando os pneus. Mas a tragédia que ele ocasionou foi terrível: ao passar pela poça de água em alta velocidade, levantou uma cortina de água em direção aos convidados na fila da calçada, dando um banho daqueles nos elegantes.

— Ai, coitado!

Eu levei as mãos à boca me sentindo muito mal, enquanto os que levaram banho, especialmente as mulheres, choravam e praguejavam, e outros aplaudiam por expulsar o invasor.

— Olha só o estrago que a senhorita causou! — foram as primeiras palavras do manobrista, vestido num terno preto como a gravata e camisa branca. Enquanto eu descia do carro, ele apontava na direção dos convidados, desesperados ali na fila. Abri um sorriso sem jeito. — Puxa! Era só ter um pouco mais de calma. — O tom de advertência me deixou envergonhadíssima, se não fosse a brisa úmida e fresca em contato com o meu rosto, com certeza ele pegaria fogo, de tão quente.

— Foi sem pensar, agi no impulso, admito.

Ele rosnou ainda aborrecido.

— O doutor veio representar o investidor, que não pôde vir por motivos de saúde, só cortou a frente por conta do seu horário de apresentação estar em cima.

— Caracas! — exclamei, levando a mão no peito. — Juro por Deus, não pretendia causar tamanho transtorno àquele senhor. Hoje, infelizmente é um dos meus piores dias. — Ele sacudia a cabeça, insatisfeito com a minha retratação.

— Agora já foi! — disse ele me entregando o ticket.

Peguei o papel sorrindo com honestidade.

— Espero ter a chance de me desculpar com ele.

Ele apenas fez uma reverência ao término da minha frase, entrou no carro seguindo ao estacionamento e eu, em direção à entrada.

E que entrada!

Era iluminada, imponente, suntuosa.

Antes de adentrar a porta de vidro, ainda senti um grotesco aperto no peito, as pessoas encharcadas saíam da fila à medida que os táxis encostavam. Agora não sabia dizer se foram embora ou apenas trocar por uma roupa seca.

— Documento, por favor, senhorita? — Um senhor elegantemente uniformizado me barrou logo na entrada.

— Acabei esquecendo na casa de uma amiga, mas ela garantiu que deixou aqui no hotel, poderia confirmar, por favor! Tânia Souza.

Ele assentiu de cabeça.

— Só um minuto, vou verificar — avisou e entrou numa porta lateral, retornou com a identidade falsa e me entregou. — Seu nome consta na lista, só preciso do celular.

— Sim, claro! O peguei na bolsa e o entreguei, recebendo um papel com um número para retirá-lo na saída.



Suspirei encantada com a beleza arquitetônica do luxuoso hotel. O pé-direito alto garantia o requinte com os lustres gigantescos. O mármore bege, com detalhes em marrom, era ressaltado pelos detalhes dourados e os tapetes vermelhos. Salão perfeito. Panorâmico climatizado, iluminação decorativa, além de ser integrado com jardim interno e estava lotado de gente elegante e bonita.

Acessei um largo e longo corredor, indicando onde seria o salão, após a porta automática, de vidro fumê, se abrir revelou um tipo um saguão, piso e parede em mármore para em seguida entrar pela porta do salão. Alguns

convidados sentados nas elegantes mesas ao redor do espaço, outros dançando na pista ao meio ao som de um DJ.

Varri meus olhos ao redor procurando a Jussara e não a encontrando, escolhi uma mesa na parede da porta, assim a sua chegada seria visível e rápida. Porém, optei por uma mesa bem no canto e ao fundo. A reclusão era imprescindível, ou seja, quanto mais escondido melhor caso algum *flash* de câmera dispare.

Sentia-me estranha com todo o ocorrido, o absurdo com o cara da Ferrari e o bonitão no avião.

Hoje eu acordei para foder com a vida das pessoas!

— Deus me livre! — Me benzi.

Dá até a impressão que, porque minha vida é uma merda, estou descontando nos outros.

Mas nem assim o remorso tomando meu coração amenizou.

Por que ele foi beber a água do William? Colocando os cotovelos sobre a mesa, pendei a cabeça e segurei. Fiquei ali me martirizando, punindo...

— A senhorita gostaria de um drink? — sobressaltei à pergunta.

Ao meu lado, o garçom segurava uma bandeja com variados copos com bebidas.

— Chegou em excelente hora — revelei me acomodando melhor na cadeira e percorri os olhos pelas variedades e cores. — Está difícil escolher, todos parecem muito bons.

Atenciosamente, ele descrevia os ingredientes de cada um. Acabei aceitando o que ele indicou como forte.

— Tenha uma ótima festa — desejou o homem antes de se afastar.

— Obrigada — agradei e beberiquei devagar.

Meia hora se passaram e nada da Jussara.

Neste instante, um homem, de aproximadamente sessenta anos, subiu ao palco.

— Boa noite a todos! — começou ao microfone. — Houve um imprevisto e infelizmente o investidor deste empreendimento não pôde comparecer. Pediu milhões de desculpas.

Ah, ferrou! A sensação de opressão no meu peito parecia um alerta de explosão iminente, de tão apertado que ficou.

— A notícia boa é que a festa continua, aproveitem — finalizou ganhando aplausos.

Eu não conseguia aclamar, estava extremamente tensa.

O pronunciamento agravou meu estado de espírito, na realidade, ele declinou de vez. Desejava e precisava com sinceridade formalizar um pedido de desculpas ao velhote!

— Preciso de mais um drink. Garçom! — gritei acenando quando o vi.

Ele servia algumas pessoas que acabaram de cruzarem a porta, criando um aglomerado ali em volta.

— Estou necessitado de um urgente. — Só deu para ouvir a voz rouca e firme, e ver a mão perfeita se fechando ao redor do copo sobre a bandeja.

A preocupação com a Jussara sobrepôs o ímpeto de olhar para o dono da mão, incrivelmente masculina. Peguei o telefone ali sobre a mesa à disposição dos convidados e liguei no seu número.

— Onde você se meteu, Ju?

— *Que número estranho é esse?* — ela respondeu com outra pergunta.

— Para evitar registros do evento, os aparelhos estão sendo confiscados na entrada. Mas onde você está, mulher?

— *Estou aqui na delegacia aguardando finalizar o boletim de ocorrência!*
— Gelei com a informação e antes das especulações, ouvi seus choramingos. — Não sei como aconteceu, mas o fato é que houve um acidente em massa. Meu táxi estava no engavetamento aí perto do hotel, quando algum motorista despreparado, barbeiro mesmo, em alta velocidade entrou na rua batendo na traseira de um carro, e em consequência, veio um batendo na traseira do outro.

— Meu Deus do céu! Você se machucou, está bem? — Meu dia partia para o lado cômico já.

— *Fisicamente estou ótima, mas psicologicamente, péssima!* — ressaltou.
— *O idiota causador de todo o transtorno e prejuízo entrou na sala do delegado e, após uma longa conversa, foi liberado, enquanto nós estamos aqui, plantados, esperando toda a burocracia. É dose para leão!* — bufou histérica.

— Dê o endereço, vou me encontrar agora mesmo com você.

— *NÃO!* — ela quase gritou com a minha sugestão. — *Você merece este momento de distração depois de tudo o que passou. Ou melhor, vem passando!*

Aquelas palavras de carinho me deixaram emotiva demais, concordei movendo a cabeça, as lágrimas inundando meus olhos.

— Obrigada por ser esta amiga tão compreensiva!

— *Não é necessário agradecer, eu estou em falta contigo, sabe disso.* — Sua voz saiu embargada, contida.

Sacudia a cabeça, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Não gosto quando coloca esse assunto em pauta, e você também está ciente dessa minha condição.

Ela riu comovida.

— *Tá!* — se convenceu. — *Pelo menos, prometa que vai relaxar e curtir a festa. A noite é toda sua, amiga!*

— Eu vou tentar...

— *Uma forma boa de aproveitar o máximo da noite é esquecer que, além desta porta do hotel existe vida. Se tranque aí dentro, Sacha. Se permita ser feliz pelo menos um dia nesta sua vida.*

— Tem razão, é isso mesmo que vou fazer! — rindo convencida, concordei olhando em torno, reparando nos homens sozinhos para ver se algum me inspirava, me atraía para uma segunda noite digna.

Vou colocar meu plano em prática. Qualquer um poderá ser o segundo, menos o Ivan.

— *Assim que eu gosto! De animação... Olha, assim que for lavrado o boletim de ocorrência eu corro para a festa para me encontrar com você.*

— Ok! Estou te esperando — respondi e desliguei o telefone.

Fazia um tour com os olhos pelo salão e parei com eles no ponto onde a mão interessante pegou a bebida sobre a bandeja, e de repente as pessoas ao seu redor dispersaram revelando ninguém menos do que o bonitão do avião, levando o copo com bebida aos lábios lindos. Meu coração sobressaltado subiu à garganta.

— Não creio! — murmurei.

Sufocada, engoli duro para desobstruir a garganta. Meu corpo todo congelou...

Agora eu estou encrencada! Tomada pelo pânico, tateava sobre a mesa em busca do meu copo, molhar a garganta se tornou uma medida urgente.

Pois não era possível desviar os olhos dele. Sentia uma mistura de medo pelos atos cometidos por mim, e ao mesmo tempo, curiosidade. Seu olhar frio perambulando pelo salão, aliado ao rosto, tão cínico, e os cabelos úmidos nos ombros, fazia dele fascinante. Muito, mas muito instigante mesmo. O terno azul-marinho parecia ser o mesmo que usava no avião, a camisa ele trocou por uma camiseta de gola redonda, marcando o peitoral malhado.

Que isso! Este homem é bonito que é uma palhaçada, viu.

Balancei a cabeça para sair da sessão entorpecimento quando seu rosto

virou para meu lado.

Numa inalada forte, saltei da cadeira trazendo o copo comigo, e de costas caminhei em direção à pista de dança. Comprimia o copo vazio entre os dedos, tentando respirar devido ao coração acelerado, um frio terrível na barriga e outras milhões de sensações, temendo ser reconhecida.

Ai, Deus me acuda!

Sair deste hotel é questão de vida ou morte.

Só não via como, com ele parado ao lado da porta de saída.

Capítulo Quatro

HENRY

A tensão pelo meu corpo estava aterrorizante, chegando ao ponto de todos os músculos estarem doloridos.

É inadmissível a forma como fui tão negligente!

Sempre me considerei um espertalhão, imune a vigaristas, achava que jamais cairia numa armadilha, ou seja, eu jurava de pés juntos que desta água eu nunca beberia. É duro de aceitar que eu quase me afoguei com ela, literalmente. *Mas, o que aquela safada colocou naquela água, CARALHO?*

Nervoso e com a mandíbula travada, repassava meus olhos incansáveis, cuidadosamente em cada rosto à procura do filho de uma puta que me fodeu lá fora, eu e o coitado do meu pai por tabela.

Sinto o sangue ferver nas veias, somente em recordar o momento que precisei fugir como um criminoso para não ser linchado pela multidão.

Ah, esteja preparado para quando eu te achar, otário! Vou te colocar para fora desta festa a pontapé! A vadia do avião responsável por me colocar para dormir é outra que vai pagar e caro, arruinou meus planos.

Eu hei de encontrá-la um dia!

A soma de pessoas ao qual preciso acertar contas só aumentava. Sentia um aperto no peito cada vez que via a imagem daquela cortina de água da chuva dando um banho nos convidados na fila para entrarem no hotel.

Um fiasco! Agradeço por ter sido apenas a minoria. É muita gente para inspecionar. Preciso da ajuda do manobrista, ele vai ter de apontar o idiota. Rugi embrenhando os dedos da mão esquerda pelos cabelos, teimando em cair

no olho, e a direita pressionava o copo, exageradamente.

Com o evidente perigo de quebrar o copo, relaxei os dedos, evitando um possível acidente, outro, né?

Retalhar minha mão só pioraria minha fúria.

Ainda no avião, fui despertado a muito custo pela aeromoça, dopado com absoluta certeza, porque demorei a lembrar onde estava, sequer pensava. E mesmo assim, saí da aeronave vazia, cambaleando como um bêbado.

Poxa! Nem meu uísque eu tomei...

Com aquela cara de anjo, é o diabo em pessoa, cogitei dela ser uma ladra, dopou a mim e o grandalhão, que pensei ser alguém de sua intimidade, apenas para roubar nossos pertences. Mas não foi o caso, a minha carteira continuava intacta, e o homem também não estava na aeronave para perguntar. Fiquei confuso com tudo isso.

Resumindo: saindo dali, segui direto para o banheiro e o agravante; dormi sentado na privada por mais de duas horas, nem sei como não caí de cara no chão. O bom foi que acordei outro, com uma sede insaciável de vingança. E depois, todo esse vexame aqui em frente e para completar, ainda totalmente desorientado, causei um acidente de grandes proporções. Agradeço por não ter vítimas graves, apenas muito prejuízo material, além de que precisei dar esclarecimentos na delegacia, assinei um termo de responsabilidade e corri ao um shopping para comprar esta camiseta que estou usando, enfim... me atrasei para representar meu pai.

Meu mar não está para peixe. Não mesmo!

Algumas pessoas demonstravam constrangimento comigo encarando na maior cara de pau. Precisava olhar na cara do cabra!

— Sua procura chegou ao fim. — Arqueei as sobrancelhas àquela linda mulher de voz sensual. — Eu! Afinal, estou me sentindo tão sozinha nesta festa!

Os olhos castanhos, safados, fitando os meus de maneira felina, com a mão direita repousada em meu ombro, o acariciando excitantemente, e escorregou pelo meu braço, parando no meu quadril.

Uma autêntica caçadora de dotes!

Talvez dar uma seria uma boa pedida para relaxar. É preciso testar!

— Obviamente, linda como é, encontrou seu príncipe da noite e não ficará mais sozinha! — Desci os olhos interessados pelo corpo esbelto dentro de um vestido verde longo.

Perfeito!

Uma transa boa é capaz de acalmar nestes momentos, ajuda a descer do pico do nervoso.

— Príncipe com castelo e tudo? — Moveu os lábios com sensualidade à medida que os olhos devassos declinavam, estacionando no meu pau.

Suspirou longamente.

Natural! Todas suspiram ao volume.

— Tem até charrete, linda! — Só para ela sentir a firmeza, simulei a minha melhor expressão sedutora e passei o braço pela cintura da oferecida, a puxando de frente contra o meu corpo.

Ela arquejou rolando os olhos e mordendo o lábio.

— Mas se preferir, ainda pode cavalgar sobre o cavalo — sussurrei sedutoramente ao seu ouvido, a apertando mais. — Puro sangue... — Ela com certeza o sentiu vibrar.

A mulher sacudiu em meus braços, arqueando o quadril, pedindo mais contato.

Esfomeada!

O manobrista cruzou em minha frente neste instante acendendo meu alerta. Quando cheguei o procurei, ele não estava lá na frente.

Ele deve saber quem é o calhorda que me arruinou.

Afastei da mulher.

— Só me dê um minuto, gata! — solicitei inclinando a cabeça e dei um beijo leve na pele morena, macia e perfumada.

— Vou te esperar bem aqui! — confirmou enquanto fui atrás do homem.

— Doutor? — pronunciou ele fazendo uma reverência de cabeça no momento em minha mão repousou sobre seu ombro. — Peço mil perdões pelo contratempo lá fora, deve ter ficado muito chateado.

Grunhi com o sangue subindo aos olhos.

— É impossível descrever o que senti naquela hora — expus entredentes, furioso.

Condoído, ele apertou os lábios um sobre o outro.

— Eu entendo! O mundo está mudado, as pessoas esqueceram das gentilezas, da paciência... Inclusive, eu cheguei a advertir a moça. — Incrédulo e extremamente zangado, arregalei os olhos e a boca àquela informação. — A motivadora de toda a bagunça... — ressaltou ele achando que eu não tinha assimilado.

— Está me dizendo que todo o alvoroço na frente do hotel foi iniciado por uma mulher? — Ainda estava incrédulo.

— Sim, senhor! — respondeu varrendo os olhos pelo salão com a decoração impecável. — Ela deve estar por aqui — completou ainda a procurando.

— Eu preciso que a aponte — exigi seguindo seus olhos.

— É uma moça de olhos belos e cabelos negros, está usando um vestido preto, muito elegante — descrevia ele correndo os olhos e abruptamente parou no corredor dos banheiros. — Ali está ela, doutor! — Erguendo a mão, apontou.

— NÃO! — Apertei meus olhos rosnando feroz. — Não pode ser uma coincidência, aí tem!

Grunhi alto à surpresa em rever a vigarista de corpo esbelto e olhos atraentes quase correndo como um ratinho amedrontado, procurando um lugar a

fim de se esconder, medo com absoluta certeza.

Ela deve ter me visto entrando.

— O senhor a conhece? — perguntou o funcionário, curioso.

Não respondi a princípio, minha cabeça era quase uma fábrica em total produção. Revivendo nosso primeiro esbarrão na calçada do mafioso me despertou suspeitas. *Será que ela é uma espiã?* Se for, vai cair do cavalo.

Antes de tomar uma atitude, carecia saber qual era a dela, em seguida arquitetar um bom plano para pegá-la de calças curtas.

— Ela demonstrou muito arrependimento e comentou sobre ter uma chance de se desculpar pelo ocorrido.

— Vai ter de se desculpar “mesmo” — observei.

— O vocalista Raphael Turner está para chegar e tenho ordens para recepcioná-lo, com licença que vou retornar ao meu posto.

Acenei de cabeça. Ele deu as costas e logo passava um garçom.

Virei o copo na boca, tomando o restante do uísque.

— Por favor! — o chamei repousando o copo sobre a bandeja. — Quero outro. — Peguei outro copo e já tomei um gole, generoso, e segui em direção ao corredor.

Na mesma parede da porta, à direita, havia uma mesa perto da janela com cortinas volumosas, lugar ideal para me esconder, e segui até ela, sentei e esperei.

— Uma hora ela terá de sair do banheiro.

Bebericando meu uísque, aguardava impaciente pela saída da mulher. Reparar nos convidados da alta sociedade dançando no centro do salão, na frente do palco já pronto para a apresentação do Raphael, servia de subterfúgio à ansiedade.

Vinte minutos foi o tempo para aparecer a cabecinha dela no corredor, me enfiei mais dentro das cortinas investigando-a. *Ela é realmente deslumbrante.* Os grandes olhos azuis brilharam transitando por todo o salão.

Linda, porém, uma ordinária!

Pulei da cadeira no instante em que seus pés acessaram o piso de mármore do salão, alcançando-a distraída, fechei meus dedos ao redor do braço delicado, imediatamente fui tomado por um arrepio potente correndo por minha espinha.

Sentir sua pele macia e quente trouxe a recordação dela em meus braços.

— O que é isso? — alarmada, ela vociferou girando o rosto.

Seus lábios grossos se abriram surpresos, desenhando a perfeição da face ganhando um vermelho intenso, destacando ainda mais os olhos.

Um puta charme natural!

— O que é isso pergunto eu, moça! — ainda sob efeito do choque ao contato, enfatizei no meu melhor tom irônico. Sentia seu tremor embaixo dos meus dedos e aquela reação corporal provocou um tesão incontável. — Você deve muitas explicações. — Ela engoliu forte, sem desviar os olhos.

A excitação foi ao ápice com o simples movimento dos lábios, uma vontade maluca de provar a textura deles.

Balancei a cabeça fechando mais minha expressão na tentativa de sair daquela insanidade. Eu deveria desejar qualquer mulher, mas não essa dona, que só me ferrou.

— Não te devo nada, cara! — Valente puxou o braço, vigorosamente.

E eu não a soltei, segurei com mais firmeza.

— Deve muito mais do que imagina! Se não quiser sair daqui escorraçada e humilhada, vai ter que dar uma explicação convincente da sua presença nesta festa, de qual foi a droga que usou para me dopar no avião e por quais razões fez aquilo.

E ainda havia o fato da desordem que ela causou lá fora. Aparentemente, ela dava indícios de não saber que era eu na Ferrari. Prefери o silêncio, por enquanto, até mesmo para ter certeza se não estava sendo seguido.

— Dopei você? — falou balançando a cabeça dando uma de desentendida. — Está variando, moço! — Numa leve inclinada de cabeça em direção ao meu ombro, semicerrei meus olhos em exigência. — Por que eu faria tal coisa, se nem te conheço? — mudou para um tom inocente e nada convincente.

— De repente, uma tentativa de furto. — Seus lábios se abriam levemente para um suspiro longo junto aos seus olhos se enchendo de lágrimas à minha definição.

— Eu não sou uma ladra! — A frase pronunciada por seus lábios se espalhou no ar com profunda amargura.

Ergui as sobrancelhas mexido, na realidade, desarmado ao seu tom embargado. Tenho sérios problemas com mulher chorando.

“Não caia nesta, Henry! A mulher pode ser uma excelente atriz”, a razão gritava alto dentro da minha mente em atenção.

— Então prove começando a explicar. — Comprimi os dedos em sua pele a trazendo para mais perto.

Mais um ataque ao meu corpo reagindo ao seu hálito perfumado, aumentou ainda mais o meu desejo.

Evidentemente perturbada com a aproximação ela inspirou muito forte, fechando os olhos no mesmo instante.

— Está me machucando! — reclamou entredentes, sem abrir os olhos.

Relaxe um pouco os dedos, encantado com os cílios longos. Um charme à parte.

— Para de enrolar e desembucha logo, senão vou ter a certeza de que é sim, uma surrupiadora de bens!

Empertigando, puxou o braço se soltando da minha mão, me afrontando.

— DANE-SE VOCÊ! — as veias do seu pescoço saltaram com o seu grito agudo de raiva, chamando atenção de alguns convidados que agora observavam nosso acerto de contas. — Eu não te devo satisfações! — Algumas lágrimas corriam silenciosamente pelo seu rosto. — E não terá o trabalho de me expulsar daqui.

Desviando do meu corpo, ela caminhou a passos largos em direção à porta de saída. Eu corri atrás dela, e já no meio do salão, tomei sua frente, catando seu rosto molhado e a puxei para junto do meu.

— Me deixa em paz, seu atrevido! — levando suas mãos sobre a minha prendendo sua face, exigiu forçando afastá-la, sem êxito.

Pressionava-a firmemente.

— Não pense que sairá impune depois de tudo — avisei ríspido, encarando seus olhos umedecidos. — E anda logo com as explicações, moça, senão eu vou chamar a polícia e denunciar você por envenenamento.

Rindo em tom de deboche, ela rolou os olhos, parando com eles no teto.

— Não tem nada que me incrimine, meu filho. — Desceu os olhos fitando-me com arrogância. — Eu vou negar até a última instância! E os exames vão apontar apenas um remedinho pra dormir. No máximo, alegar que possivelmente tem medo de voar e isso o faz ser um consumidor.

Meu coração errou uma batida de ódio.

— Então você confessa ter colocado remédio na minha água? — indaguei, contorcendo meu rosto puto da vida.

— Vai se ferrar! — a marrenta cuspiu as palavras.

Num tranco escapou das minhas mãos, esquivou do meu corpo e correu em direção à porta de saída do salão, acessando o saguão todo em mármore bege.

— Volta aqui! — gritava no encalço dela.

Embora a seguisse na mesma velocidade, eu não a alcancei. A mulher cruzou todo o recinto e conseguiu atravessar a porta de vidro, atingindo o longo

e largo corredor, os ruídos dos saltos do calçado ecoavam em contato com o piso a caminho do saguão do hotel.

A movimentação por ali era apenas dos seguranças e funcionários, pois o hotel ainda não havia sido aberto ao público.

E, ao abrir a porta, havia aquela calamidade lá fora!

A imprensa nacional, como também a internacional, estava em peso do lado de fora do hotel disparando fotos sobre Raphael. Ele acabara de descer do carro.

— DROGA! — desesperada, a moça gritou recuando com as mãos cobrindo o rosto, se escondendo dos flashes vindos de todos os lados, e seu corpo encontrou o meu atrás dela, como barreira.

— Estou notando que você não é adepta aos flashes — falei em seu ouvido, muito desconfiado e excitado sentindo a bunda empinada e firme. Ela sentiu o meu interesse vibrando nela.

Ofegou antes de saltar para frente e se virar de frente a mim. Imperceptivelmente, eu também arfei aos olhos fantásticos, apertados em contato direto com os meus.

— Desencosta! — estabeleceu. — Não pode ir chegando assim, abordando as pessoas desta forma.

Subitamente, rosnei furioso a sua advertência, dando sustentação ao seu olhar possesso.

— Se liga, garota! Você quem trombou comigo, lembra? — Revoltado, coloquei meu melhor sorriso cínico nos lábios.

Ela grunhiu e respirou fundo.

— E não venha se fazer de vítima, a senhorita é a pecadora aqui — acusei categórico, levando a mão em seu braço.

Balançava à temperatura agradável de sua pele macia. Inalando fortemente, pressionava meus dedos a fim da razão controlar meus desejos.

— É um bruto, sabia! — expressou no tom seco, o oposto do olhar abismado em meu rosto.

Ela estava com o coração acelerado, a respiração pesada mostrava o descontrole e a exuberância dos seios fartos, saltando do decote do vestido; em consequência, eu fantasiava com a boca na região explorando, saboreando tudo.

Posso imaginar o quanto são deliciosos!

Mais uma vez precisei recuperar o juízo.

— E qual tratamento você queria depois de ter me colocado para dormir, hein? — perguntei sem obter resposta com um repórter vindo até minhas costas e começou a fotografar o Raphael de frente, ele acabara de entrar.

— Mas que merda! — ela praguejou e imediatamente suas mãos subiram ao rosto e ela deu-me as costas. Mais fotos vieram com os fotógrafos entrando no saguão.

Os seguranças não davam conta de deter a imprensa.

Recuando novamente, nossos corpos se chocaram.

— Depois eu é que sou o atrevido! — pegando firme em seu braço, provoquei em tom sarcástico ao seu ouvido, com um puta arrepio e o sangue correndo veloz em minhas veias, e concentrou todo no meu pau endurecendo imediatamente.

— Tudo, menos foto! Por favor. — Com a voz nervosa, recorreu sem descobrir o rosto, aumentando a minha suspeita.

Porém, ela forçava tanto o corpo para trás que acabei recuando com ela até o meio do saguão. O problema era a imprensa, agora toda no recinto, causando um alvoroço.

Os fotógrafos não davam trégua, todos procurando um melhor ângulo.

— Só alguém que deve muito para querer se esconder deste jeito — comentei.

— Não estou preparada para toda esta exposição. Sem um bom iluminador, minha pele vai parecer muito oleosa nas fotos — mentia descaradamente. — Por favor, me solta, eu preciso sair daqui.

Me posicionando rápido em sua frente, coloquei minha mão nas suas cobrindo o rosto, na intenção de descobri-lo.

— Por favor, não. — Paralisei, sentindo as lágrimas quentes caindo e entrando pela manga do meu paletó.

Seu desespero mexeu comigo, não devia, porém, optei em ajudar a mulher.

— Espera! — Não sei por que senti vontade de protegê-la, mas o fiz.

Tirei o paletó e coloquei sobre sua cabeça.

— Obrigada! — murmurou, profundamente emotiva.

— Do que se esconde, o que fez de tão grave? — indaguei, desencadeando um choro convulsivo dela.

A mulher mexia com o meu psicológico, confundindo tudo. Meus miolos pareciam todos fora do lugar, deveria sentir uma exagerada raiva, no entanto, existia apenas uma pitada dela. Ela despertava todo e qualquer tipo de sentimento.

Abraçando-a pelo ombro, a conduzia de volta ao corredor que levava ao salão de festa. Afinal, era o único espaço sem nenhum movimento.

Embora o consenso seria expô-la, contrariando sua necessidade em se esconder, me sentia capaz de chegar à conclusão de qual atitude tomar. Aliás, todo este medo exagerado de aparecer gerava um grande indício de que a dona era responsável por delitos graves.

— Mais do que nunca, você me deve uma explicação e vou cobrar — avisei pressionando seu ombro contra o meu, sentindo-a tremer em meus braços.

Numa atitude inesperada após um forte soluço, ela deitou a cabeça no meu ombro. Engoli seco ao gesto intimista que me aproximou dela, e não podia.

“Que porra é essa, Henry!”, fui advertido com a voz dentro da minha cabeça. *Cai fora, a mulher está representando, ela é um perigo.*

Pelo sim ou pelo não, continuei o percurso sem dar credibilidade ao meu consciente. Sabia lidar com esse tipo de gente de maneira civilizada, e mesmo porque, eu precisava recuperar meu título de gato escaldado.

Se ela estiver de fato jogando, vai se ferrar porque estarei de olhos bem abertos. Boa noite Cinderela, nunca mais...

Capítulo Cinco

SACHA

Que confusão é esta que me meti? Foi um erro vir a esta festa, céus!

Equivoquei-me em dar ouvidos a Jussara!

Sendo guiada pelo braço forte, meu coração chegou a tal ponto de as batidas sobreporem a música ambiente quando entramos no salão.

— Por enquanto, a senhorita está segura. — A voz rouca e profunda tocou meu coração assim que seus braços quentes me abandonaram.

Em seguida, o paletó perfumado foi retirado de minha cabeça.

O movimento espalhou o perfume amadeirado e maravilhoso em torno, extraíndo o meu equilíbrio.

Mamma mia!

Zonza, contemplando aquele deus de cabelos rebeldes, acabei até esquecendo do perigo de ser descoberta. Distraído, ele ajeitava seu paletó na cadeira de uma mesa perto do corredor dos banheiros, onde o movimento de convidados estava reduzido.

Respirei fundo e segurei por um instante. A camiseta de manga longa marcava enervantemente o peitoral esculpido, contornando perfeitamente os ombros largos e a cintura fina, acompanhando a calça mais acertada.

A única maneira de deter a visão magnífica e retornar à realidade foi fechar meus olhos.

A presença desse cara desencadeava sensações agradáveis e me fazia

questionar a minha dura vida, que passava como um filme em minha mente. Inspirei espaçado, uma manobra de segurar o choro querendo se achegar.

Erguendo os olhos cinzentos, um sorriso especulativo brotou em seus lábios sedutores.

— Acabei de crer que não existe lugar seguro para mim, moço! — esbocei, submersa com a voz embargada, que o fez inclinar levemente a cabeça de lado.

Os olhos curiosos exploravam meu rosto.

— Bem, já que precisa esclarecer algumas coisas, poderia aproveitar e desabafar — sugeriu, tão rápido e decidido quando pegou na minha mão ao lado do meu quadril. Contornou a mesa comigo e soltando da minha mão, foi para trás da cadeira e a arrastou. Fiquei parada olhando para ele. — Vai tomar um drinque enquanto conta sobre sua vida. — Acenou de cabeça em direção à cadeira.

Até o jeito autoritário, que sempre odiei em demasia, soou interessante aos meus olhos.

Ele é uma tortura, e preciso fugir antes de ser enfeitiçada.

— Agradeço o convite, porém, eu já estava de saída!

Ao girar nos calcanhares, sua mão enorme segurou firme em meu braço e me puxou, colando meu ombro no peito duro.

— Não vai a lugar algum, moça — bem próximo ao meu ouvido, a voz grave soou pesada de tão fria, exatamente como seu olhar congelante. Fechei meus olhos com o choque e careci aguardar a corrente elétrica percorrer pelo meu corpo. — Não antes de conversarmos, dependendo dos fatos, eu determinarei se delato ou não você.

Soltei um riso histérico, debochado.

Reconheço minha condição de fragilidade, mas não é por isso que vou baixar minha cabeça.

— Faça o que bem entender! — rosnei irritada. — Não temos nada para

conversar, e me solta. — Dei um puxão com o corpo e suas mãos soltaram meu braço. Dei apenas um passo, e então fui pega.

Numa habilidade incrível, daquelas em desarmar qualquer mulher, o braço quente enrolou na minha cintura e a mão aberta pressionou meu abdome contra seu corpo.

— Será possível! — vociferei, mas foi suspirando ao choque do contato poderoso. — Está sendo inconveniente! — acusei levando minha mão sobre a dele em minha barriga, numa tentativa em vão de tirá-la da região, causando um tremor dos infernos pelo meu corpo.

Readquirir meu equilíbrio se tornou missão impossível, e isso não era nada bom. Se algum fotógrafo entrar e pegar meu rosto estou encrencada, eu e a minha mãe.

— Só buscando reparação ao delito da senhorita com a minha pessoa — disse ele, soprando seu hálito morno e gostoso nos meus cabelos, me fazendo sentir o volume enorme e rígido contra minha bunda.

Hum... muito afetada, sofrendo um verdadeiro tsunami nas calcinhas, gemi imperceptivelmente, com minhas pálpebras moles descendo até se fecharem.

Mas o tremor foi percebido pelo canalha, ele apertou um pouco mais, se aproveitando do meu entorpecimento.

Para de ser babaca, Sacha! Você é uma mulher madura e não precisa agir como uma adolescente.

Eu precisei abrir mão de tantas coisas, abrir mão da minha própria vida, que aos vinte e sete anos, tenho quase toda a experiência de alguém que passou do meio século.

O único relacionamento que tive foi aos dezoito anos, foi bom, gostoso, intenso e, infelizmente, curto. A falta de disponibilidade de minha parte, ocupada demais vivendo a vida dos outros, o tempo passou sem que eu me apaixonasse ou me interessasse por alguém.

Girei meu rosto o encarando confusa. Via muita malícia ali, como também expelia um ar revoltado e de desprezo.

— Eu preciso sair desta festa, moço — solicitei em voz baixa, muito confusa com este momento inusitado. — Me deixa ir embora, por favor — roguei.

Um sorriso torto se desenhcou em seus lábios, cheios e perfeitos, provocando uma vontade louca de beijar.

— O tempo de sair daqui vai depender de você. — Seu tom também era baixo, no entanto, claro.

— Não tenho tempo para conversas, você não entende? — Ele sacudiu a cabeça, negando. — Seja mais compreensivo, eu preciso me encontrar com a minha amiga, ela se envolveu num acidente a alguns quarteirões daqui e... — Pausei com seus lábios se abrindo junto a um esboço de sorriso, surpreso.

— Sua amiga? — ironizou rudemente, assumindo uma frieza profunda, seu rosto se transformou quase numa pedra.

Assustada, arqueei fitando-o perdida.

— É-é... — afirmei entrecortado.

Ele riu diabolicamente, me assustando.

— Que coincidência! — estranhei a exclamação, porém, não comentei nada. — Esta deve ter sido a razão do engavetamento que enfrentei para chegar aqui. Então a senhorita precisa mesmo de paciência, mesmo se vencer a imprensa, ainda corre o risco de ficar parada no trânsito. — Era enervante como seus olhos estudavam meu rosto enquanto segurando em meu braço, me colocando sentada. — Lá fora está tudo o maior caos.

— Eu decido o momento de partir. — Levantei de supetão, ele levantou imediatamente.

Ficamos um milímetro de nossos narizes se tocar.

— Já que é assim, então vou liberar a entrada da imprensa. — Seu hálito, morno e perturbador, chegou à minha face com sua ameaça de liderança.

Desci os olhos aos seus lábios, o leve sorriso cínico estava plantado ali, e

tremi na base.

Sofria um abalo emocional.

O magnetismo dele é poderoso!

— Fala como se tivesse alguma autoridade aqui — comentei erguendo os olhos, deparando-me com os ameaçadores dele.

— Todos os convidados aqui — rolou os olhos rapidamente entorno — foram escolhidos a dedo, portanto, temos credibilidade.

Sem opção, aprumei meu corpo e me deixei cair sentada na cadeira.

— Agora estamos falando a mesma língua! — Com um sorriso idiota faceiro, o imbecil foi se sentar na cadeira à minha frente.

Ainda perambulava os olhos em busca de uma saída de emergência quando a celebridade acabara de entrar no salão. Muitos seguranças juntos foram capazes de bloquear a entrada dos repórteres e fecharam a porta.

Os rumores dos profissionais da imprensa, vindo do corredor, se misturavam ao som da música no ambiente.

Meu corpo reagia involuntário a cada gesto dele enquanto se ajeitava na cadeira. Também, com esta beleza berrante, o perfil então! Ao mesmo tempo que sentia aversão às suas ameaças, sentia um desejo incontrolável.

Não vinha à cabeça, outra ocasião em que meu corpo tenha reagido dessa forma, o calor intenso ocasionava um suor tremendo observando sua masculinidade. Foi o que o meu consciente cogitou: meu corpo se manifestava a intenção ao qual saí da casa do Ivan.

O macho ideal para satisfazer meu corpo e me vingar do malfeitor do meu futuro marido!

Está louca, Sacha? Você aprontou com o homem, ele vai ferrar contigo, garota!

Mais uma vez, fechar os olhos se tornou uma autodefesa à beleza máscula

do homem, só assim para sair daquela sessão fantasia erótica.

— Vai beber o quê?

“Não fala mais, cara!”, implorei mentalmente, devastada por aquela voz grave dos infernos.

Muito excitada, abri os olhos no momento em que ele se debruçava sobre a mesa e cruzou os dedos enormes e muito interessantes.

— E-eu... — A concentração nas mãos sobre a mesa deflagrou pensamentos sensuais, meu corpo implorava por elas, impedindo das minhas palavras serem pronunciadas. Engoli duro para dar sequência. — Acho que um copo com água está bom. — Deu certo. Recobrei meu bom senso.

Uma gota a mais de álcool e eu me jogaria em seus braços.

— Algo mais forte vai ajudar você a relaxar.

Sem mover a cabeça, ergui um tantinho meus olhos, os bisbilhoteiros dele exploravam meu rosto e aterrissaram no decote do meu vestido, produzindo um arrepio tremendo. Até as borboletas davam voos rasantes na parede do meu estômago.

Receosa dele descobrir os segredos dos meus pensamentos, abaixei a cabeça imediatamente.

— Somente água, por favor! — perseverei.

— Um espumante cai melhor — estabeleceu como se fosse o dono da razão e chamou o garçom, passando naquele momento ao lado de nossa mesa.

Enfezada o fitava, e ele ignorava com o seu companheiro sorriso cínico nos lábios.

Me lasquei! Como vou fazer para escapar de um tipo desse? Talvez possa esquecer dos contratempos entre nós e deixar fluir, como aconselhou Jussara.

O pensamento criou enormes possibilidades ao meu cérebro, ele já começou a fantasiar o sujeito, lindo e gostoso para caramba, se levantando e

vindo tomar posse dos meus lábios.

É carência pura!

Seus olhos indagadores travaram em meu rosto após o garçom se afastar.

— Este seu olhar me faz pensar que está querendo dizer algo!

Gelei à constatação.

Será que ele lê pensamento?

— Não. — Sacudi a cabeça respirando com dificuldade. — Só estava aqui pensando no episódio ocorrido na minha chegada — menti.

Seu rosto moldou num sorriso maléfico.

Intrigada, eu franzi a testa.

— Algumas coisas na vida necessitam mesmo serem repensadas — definia a frase como um alerta, ou não?

Não houve tempo de analisar com a porta do salão se abrindo inesperadamente e o ambiente sendo invadido pela imprensa. Eram fotógrafos e cinegrafistas em abundância...

— Jesus! — Desesperada, coloquei meus cotovelos sobre a mesa e escondi meu rosto entre as mãos.

Ouvi o ruído da sua cadeira sendo arrastada, logo senti sua mão pegando na minha e me levantou. Num puxão ficamos muito perto e escondi o rosto em seu ombro. Podia sentir o sopro morno e perfumado da sua respiração.

— Vamos dançar! — Antes que terminasse minha sessão arrepio, fui arrastada para a parte mais reservada da pista, onde de fato tínhamos mais privacidade e estava agradabilíssimo.

— Tenho de alertá-lo que é um forte candidato a levar muitos pisões no pé. Há muito tempo eu não danço — justificava com ele se posicionando à minha frente e arqueou a cabeça.

Seus olhos, de ares revoltos brilhando, eram de intimidar.

— Vamos fazer um trato — barganhou quase em um murmúrio, repousando as mãos em meus ombros e deslizavam com elas lentamente pelos meus braços, deixando um rastro imenso de arrepios. Os dedos da mão direita entrelaçaram nos meus, o braço esquerdo envolveu a minha cintura me levando contra seu corpo. Aquilo fora tão bom que ofeguei. — Enquanto, eu protejo seu rosto de sair nas manchetes e guio você nesta dança — ele sussurrava agora no meu ouvido e corria com a mão quente e firme na parte nua de minhas costas, originando uma sensação exageradamente boa —, você vai contando sobre a sua vida, para entender de onde vem todo este medo — finalizou a proposta e desceu a mão, estacionando bem na curvatura onde iniciava a elevação das nádegas e me apertou contra ele.

Começamos a dançar.

— Não creio que esteja interessado na minha vida, nem queira se envolver nela — comecei com sinceridade.

Ele riu soltando minha mão e subiu com ela entrando por baixo dos cabelos e segurou forte minha nuca, como se quisesse total controle sobre mim.

— A preocupação é com a minha pessoa, nas razões que a levaram a me dopar no avião e quem é aquele cara que também foi sua vítima, ou um parceiro de falcatruas. Fingia estar dormindo? — Afastou a cabeça o suficiente para seus olhos encontrarem os meus. — Isto explicaria o fato de eu acordar sozinho e na mesma poltrona. Vocês são uma dupla, ele está escondido em algum lugar aqui no salão?

Apertando meus lábios, desci meus olhos escondendo a hesitação.

— Vai mesmo ignorar as minhas perguntas? — insistiu num tom temível.

Inspirei fundo erguendo os olhos, buscando uma desculpa esfarrapada qualquer, menos a verdade.

— Faz perguntas demais, sabia? — disse me fazendo de séria com as ameaças do Ivan martelando minha mente.

As lágrimas eu não pude esconder, elas rolaram livres pelo meu rosto,

mexendo com ele.

— Ei! — Apertando minha nuca, levou meu rosto para a lateral do dele. — Não deveria abrir esta exceção antes de saber com quem estou lidando, mas sem pressa... Vai no seu tempo, ok? — cochichou sedutoramente, esfregando os pelos da barba na minha face. — No entanto, isto não quer dizer que vai escapar de mim — precavia ele, me dando uma angústia terrível. — Só vai sair deste hotel após provar a sua inocência. Estamos entendidos?

Descrente, comecei a rir sozinha e orar para a Jussara chegar logo. Pensava nela como uma válvula de escape quando os flashes ofuscaram minha visão, encharcada pelas lágrimas, deitei novamente a testa em seu ombro.

— Eu preciso sair daqui — implorei, tremendo dos pés à cabeça, era desejo, medo, tudo!

— Se a intenção é se esconder, não creio que seja uma boa ideia caminhar pelo salão com a infinidade de repórteres — relatou ele.

Ali, de cabeça baixa, eu só notava os clarões entorno.

— Por favor, me ajude!

— Talvez o meu método não a agrade. — Franzi a testa, embravecida ao tom sorrateiro. Entretanto, eu estava sem alternativa.

Qualquer método era melhor do que ser pega aqui pelo Ivan.

— Qual seria ele?

Tirando proveito da minha situação de desespero, o homem não deu nem tempo da próxima respirada, agarrou meus cabelos na parte de trás da cabeça e moveu sua boca, ferozmente, sobre a minha num beijo sufocador.

Gente! Pausei o pensamento levando minhas mãos ao redor do pescoço dele com um enorme arrepio sendo pressionada mais contra seu corpo duro, atraente, instigante... os bicos intumescidos dos meus seios em contato com ele e o volume rígido, inchado pressionando meu ventre incendiou tudo, as contrações no meio das minhas pernas eram um deleite.

Que pegada é esta? Perdia completamente o meu fôlego.

— Gostosa! — totalmente atordoado, explodindo de tesão, ele sussurrou em meus lábios, chupando minha língua e me esmagando nele. Incentivada, eu me esfregava na montanha sólida.

— Ahhh... — deixei escapar um gemido, longo e profundo, sem ele pausar o beijo e acordei finalmente, mergulhei minhas mãos ao peito forte e o empurrei. — Esta sua ajuda é insulto, uma agressão à minha pessoa. — Esquecendo do meu rosto exposto as câmeras, ralhei ríspida, ganhando seu olhar apertado e frio, muito dissoluto.

— Eu quem fui insultado, senhorita — zombou ele no momento em que um profissional da mídia parou bem ao nosso lado e posicionou a câmera. Imediatamente ergui a mão direita, cobrindo a lateral do meu rosto. — Vem cá! — Esticando o braço, rolou-o a minha cintura e puxou. Inalei forte ao contato com seu pênis rígido, muito quente. — Estou erroneamente protegendo você — disse baixinho ao meu ouvido. — Mocinha ou bandida? — finalizou agarrado no meu cabelo e escorregou os lábios grossos e úmidos pela minha face e capturou meus lábios, os comprimindo com os dele em outro beijo surreal, me deixando completamente sem ação.

Jura! Perdi literalmente a noção de onde eu estava, apenas gemia de tesão com as contrações encharcando minha calcinha.

— Minha ajuda pode ir além — insinuou louco, me imprensando e mordeu meu lábio inferior, o puxando numa atmosfera excitante. — Não tem como sair do hotel, mas temos ótimos quartos a disposição, onde poderá se esconder até todo este alvoroço acabar. — Sem ar, abri meus lábios apenas para respirar.

Tirando vantagem comigo em completa rendição, ele prendeu mais firme o meu cabelo, voltando ferozmente aos meus lábios, explorando tudo.

A sugestão motivou um desequilíbrio prazeroso pelo meu corpo, internamente e externamente: o coração acelerou mais, o frio na barriga intensificou e milhões de outras sensações, que me levavam a repensar nesta possibilidade.

“Está louca, Sacha?”, repreendeu a voz da minha razão. “Na certa de que estamos diante de um crápula, é uma armadilha, não notou como o cara está

posseço?”.

— Só precisa dizer um sim, moça — insistiu determinado, escorregando os lábios quentes, exigentes e molhados pela minha face, e passava a ponta da língua por toda minha orelha enquanto as mãos, na curva da cintura e da bunda, imprensavam contra seu corpo pelando, me fazendo arder.

Eu desejava demais o pau duro e pulsando.

“Quero só ver resistir a este experiente sedutor sublime!”, a voz da minha emoção se manifestava toda amorosa com ele tentando nos fundir em um único corpo, e eu quase arrancando os fios dos seus cabelos da nuca em resposta. “Está gostando, né? Vai logo, aproveita, mulher. É sua chance de se vingar do mafioso e se deliciar nos braços deste macho alfa. Não era o que pretendia?”.

Meus ouvidos estavam todos para o conselho da emoção. Estava queimando de desejo.

“Aceita logo o convite e se salve de todas as maneiras, minha filha!”, a emoção incitava.

Ela estava coberta de razão. Não estava nem aí se era imprudente, imoral. Considerando que o meu futuro já estava escrito, então só me restava saborear o restante do meu presente. E outra: uma vingança lambuzada de desejo é tudo de bom.

— Sim — balbuciei em seus lábios, parando de hesitar, pensar.

Sim a este beijo, sim a esta pegada! Ele era um completo desconhecido gostoso, transar com um tipo assim é um sonho. E outra que ninguém saberia desta minha aventura.

Ele suspirou fortemente e apressado pegou na minha mão, sem uma palavra sequer me levou ao corredor largo dos banheiros.

Entramos pela última porta à esquerda, nos deparamos num pequeno hall de elevadores e o chamou.

Tão logo a porta deslizou, fui puxada para dentro; com suas mãos moldando meu rosto, ele me empurrou contra a parede, numa velocidade de tirar

o fôlego, e capturou meus lábios num beijo urgente, ardente, devorador. Me imprensando contra a superfície sólida, seu mastro, de carne pulsante, queria rasgar o meu vestido na busca da minha intimidade em chamas, o desejando.

Eu preciso do bombeiro urgente! Céus, que homem incendiador é este?

— Oh, que boca gostosa é esta? — ofegante, urrou em minha boca a ponto de as paredes do elevador vibrarem e desceu as mãos a minha cintura, se espremendo em mim.

Estava tão preocupada em me entregar para qualquer um e me dei bem. Era um momento surreal o que eu vivia ali, sendo atacada por este deus lindo, perfeito, único, sugando minha língua, engolindo os meus suspiros.

A explosão de tesão era tamanha eclodindo no elevador, que ambos esquecemos se ali as câmeras estavam ou não ligadas.

— Estou impressionada com a sua pegada! — Um sorriso, todo cheio de si, curvou nos seus lábios com eles escorregando, beijando meu pescoço, enquanto suas mãos desesperadas cercavam meu corpo, até que a direita desceu pelo quadril até o joelho, e seus dedos atrevidos puxavam meu vestido para cima. Eu tremia em expectativa à medida que minhas pernas descobertas recebiam o ar refrigerado ligado no elevador. — Aqui não! — Sufocada, segurei na sua mão o detendo, quase na altura da minha virilha.

Os dedos de suas mãos agarraram firme meus braços e seus olhos examinavam os meus, profundamente, por alguns instantes antes de se fecharam, e sua cabeça curvar até sua testa chocar suavemente com a minha.

Um respirando o ar do outro em busca de equilíbrio.

— Tem razão! — murmurou, movendo a cabeça levemente, aspirando toda minha face. — Você é uma fada, bruxa, princesa, ou o quê?

Balançando a cabeça eu ria, ainda sufocada com o seu ataque.

— Sou apenas uma vítima das circunstâncias... — pronunciei quando possível e foi num fio de voz.

Ele grunhiu com ironia.

— Terá um extenso caminho até me provar que não é uma vilã, moça — pronunciou rispidamente, segurando meu queixo e elevou minha cabeça. Seus olhos transbordavam seu desejo, como os meus deveriam estar neste momento. — Me acompanha! — Pegou minha mão quando a porta do elevador se abriu, e disparou comigo pelo luxuoso e longo corredor à meia-luz, os pisos de mármore bege, combinando com as portas de madeira clara. Parou em frente a última porta de duas folhas, e enfiando a mão no bolso do paletó, tirou um cartão chave e destravou a porta, revelando aquele projeto surpreendente.

Que maravilha! Meu queixo caiu, eu babava, literalmente no ambiente agitando o meu imaginário. O quarto bem espaçoso tinha tudo que era preciso para relaxar: hall, sala social, antessala, sala de jantar e a linda vista da cidade, que a enorme janela proporcionava ao fundo.

Não imaginava a suntuosidade de todo este empreendimento, no passado estive aqui com a Jussara e a Mônica, mas não passei do saguão.

— Entra comigo, linda! — ordenou, me puxando para dentro e fechando a porta com o pé. Segurando na minha cintura com força, seus lábios engoliam os meus enquanto me empurrava até que as minhas costas se chocaram com a porta. — Eu quero você — sussurrou desesperado, pressionando seu corpo contra o meu, me esmagando, despertando meus desejos mais insanos. — Gostosa demais! — disse entre os dentes trincados e mordeu meus lábios, indo com as mãos na minha bunda, me apertando com força contra seu pau duríssimo.

Eu gemia contra seus lábios exigentes e aos seus apertos tão gostosos.

Ele subiu meu vestido e pegou firme na minha bunda, invadindo os elásticos da calcinha, atrevidamente ele enterrava os dedos nela.

Delícia!

— Ahhhh — tremendo, gemi empinando a bunda e oferecendo tudo o que ele desejava.

Tudo ali estava completamente fora de contexto!

O correto seria me soltar dos seus braços e correr, tenho plena consciência! O cara não é adequado para a vingança a qual me propus nesta noite, não depois do infortúnio entre nós. Estava ciente dos meus atos, mas o que poderia fazer se

não conseguia controlar os meus impulsos sexuais com ele? Eu duvido muito que outro homem despertaria toda esta ânsia, a prova estava nos anos de seca sem sentir falta.

— Tão molhada... — rugiu suspirando ruidosamente, correndo os dedos na minha excitação. — Deliciosa...

Exercendo pressão do meu quadril contra ele, eu sentia todos os seus músculos se contraírem e o vibrar da sua montanha quente de carne rígida, muito desejado.

É disto que estou falando: ele seguindo a minha trilha se tornava ainda mais interessante, a atração era mútua com certeza.

— Confesso que está bem complicado resistir a você, moço... — saiu apenas um resmungo, sendo penetrada duramente pelo dedo hábil, com todo aquele aperto e carícias. *Muito bom!* — Nossa! — Sob o comando do momento, a outra mão agarrou meus cabelos e puxou inclinando minha cabeça e deu um chupão de resposta, para lá de gostoso, no pescoço.

— Não se resiste ao que se deseja, minha bela! — cochichou na pele.

O calor de sua respiração pesada resultou num verdadeiro maremoto na minha calcinha e tremedeira nas pernas, notado pelo homem experiente.

Desesperado e excitado, ele ergueu meu vestido até a cintura encaixando seu monstro delicioso em mim, então segurando em minhas mãos, as ergueu prendendo na parede acima da minha cabeça com seus olhos conectados aos meus, as pupilas dilatadas.

— Você é um tremendo de um metido, sabia? — balbuciei, tremendo toda sendo moída sobre a superfície sólida.

Ele abriu o sorriso petulante, sedutor pra caramba, descendo a mão direita pelo meu braço e apertando-o até minha coxa, a levantou prendendo-a em seu quadril, me abrindo mais para ele e grudou, maravilhosamente gostoso.

— Hummm... — escapuliu, acordando meus demônios sexuais. Catei seus cabelos no pé da nuca e fechei meus olhos, totalmente entregue.

Experimentava algo incomum nos braços do atrevido.

— Isto é só uma degustação do que vai saborear, gata! — ao escutá-lo falar daquele jeito manipulável, num tom rouco e profundo, um timbre de locutor de rádio, fiquei completamente tonta. — As mulheres se amarram na minha pegada selvagem durante o sexo! — Inclinando a cabeça, ele a enfiou na curva do meu pescoço, mordiscando e chupando a pele da região, enquanto me comprimia na parede, perdi o controle das minhas pernas, da minha razão. Bem, eu já não a tinha mesmo!

Oh, meu Deus! Eu quero muito este homem, desesperadamente.

Nos braços dele, eu cheguei à conclusão que não queria controlar a fome, nem a vontade de comer. *Quero os dois.* Não seria afetada por apenas uma transa sem compromisso, e depois nunca mais o verei novamente mesmo!

Sucumbia ao momento, na certeza de que não haveria consequências, uma trepada com um estranho, lindo e delicioso, é uma chance que não careceria de desperdiçar. Ela serviria como uma lembrança boa dentro dos meus dias que, certamente, serão assombrados de sentimentos obscuros.

— Vem cá! — Soltando minha perna, catou meu braço e girou de costas para ele. As mãos grandes amassando meus seios exercia pressão em meu corpo contra o dele, me fazendo sentir o pau duro, pulsando. — Lindos — sussurrava em meu ouvido e mordida meu ombro, descendo uma das mãos apalpou minha vagina sobre a calcinha encharcada e tremendo, sugou muito ar pelos dentes trincados. — Eu preciso desta maravilha — rosnou louco, subindo a mão até meu ventre e desceu, vencendo o elástico da calcinha, seus dedos tocaram todos os terminais nervosos da minha vagina, deslizando na lubrificação causada por ele, me fazendo soltar um gritinho intenso de têsão.

— Você é muito bom nisso! — elogiei, gemendo de prazer.

Com meu corpo completamente dominado, arqueei fechando os braços pelo seu pescoço, oferecendo-me por inteira ao desbravador fantástico, e ele não se fazia de rogado. Beijando meu pescoço, ombro, me fodia com o dedo, duramente gostoso, e eu rebolando na dureza.

— Você ainda não viu nada! — avisou andando comigo.

Atravessamos a sala e adentramos por uma porta.

Entorpecida, consegui apenas observar rapidamente o quarto luxuoso e confortável à meia-luz, com uma fresta da cortina aberta, a cama redonda e a banheira de hidromassagem.

— Senta aqui, boneca! — falou autoritário, fechando os dedos longos, firmemente no meu braço e me colocando sentada na beirada da cama.

Curvou à minha frente e chupou minha língua devagar, em seguida o beijo se tornou urgente, devorador enquanto ele abria o cinto e botão, descendo primeiro as calças. Então recuou um passo com ares de orgulho exibindo todo o volume.

Nossa, que delícia de pau!

Com muito tesão, pegando fogo, fiquei hipnotizada e sem condições de desviar os olhos. Analisava a grossura e comprimento daquela ferramenta embaixo do tecido da boxer preta, quase transparente, ela revelava uma excitante e bela visão dele vibrando.

— Gostou dele? — perguntou, apertando-o com sua mão tarada, que já bolinou todo meu corpo.

Elevando meus olhos, encontrei os dele escurecidos e sua respiração entrecortada.

— Muito! — incrédula, respondi engolindo a saliva para não escorrer pelo canto da boca. — É impressionante.

Alguns segundos passaram com nossos olhos conectados em um quase silêncio. Só não era absoluto devido as nossas respirações ruidosas.

— Sugiro que aproveite enquanto não estou cobrando satisfação de suas ações delinquentes.

Atormentada com a sua frase de cunho ameaçador, meu coração deu um salto dentro do peito à gravidade dos meus atos inconsequentes. Não iria denotar a merda ao qual estava atolada até o pescoço, poupando-me de ser humilhada.

Fechei meus olhos e, enquanto respirava fundo com meu cérebro rebobinando toda minha vida, imaginava ele me enxotando para fora do quarto, do hotel. Afinal, quem em bom senso vai se envolver com mafiosos?

Que ideia a minha de achar que transar com ele seria uma lembrança, estava mais para um pesadelo, isso sim.

Tomada pelo medo e a angústia, veio o momento de lucidez. Arrastei minha bunda para o lado, desvencilhando da barreira do seu corpo e inesperadamente, saltei da cama, correndo em direção à porta e saí do quarto.

Capítulo Seis

HENRY

Meu pau, latejando a ponto de doer, saltou dentro da cueca junto ao seu salto da cama.

“Mulherzinha arisca!”, pensei subindo a calça de qualquer jeito e corri atrás dela.

— Tem muito a esclarecer antes de sair deste quarto — estabeleci fechando meus dedos sobre sua mão a impedindo de girar a maçaneta.

— ME DEIXE SAIR DESTE QUARTO! — exalando o ar, ela gritou puxando a mão bruscamente debaixo da minha e girando o corpo, recuou colando suas costas na porta, travando um olhar colérico sobre mim.

Passei a chave e a tirando, curvei espalmado a porta ao seu redor, arrancando seus protestos.

— Se não liberar a minha saída vou começar a gritar, causar o maior escarcéu aqui dentro. — O tom entredentes soou convincente, mas a vulnerabilidade estava toda ali, estampada nos olhos expressivos e claros, lacrimejando.

— Vamos lá! — Dei de ombros encorajando-a enquanto guardava a chave no bolso do paletó e voltei com a mão à porta. — Grita mesmo e cause alarde, assim vai trazer toda a imprensa aqui — atentei, mergulhando os olhos no decote do vestido, a respiração acelerada o expunha maravilhosamente. — Já estou até vendo seu rosto sendo exibido em todos os noticiários. Notei que aparecer é como estar com uma arma apontada para a sua cabeça.

Os braços dela se cruzando cobriam o que desejava muito, erguendo os olhos encontrei os dela, ganhando um vermelho em chamadas.

— É um manipulador idiota, outro! — atacou num tom embargado, os olhos claros ficaram alagados pelas lágrimas.

Droga! Não entendia o desejo doido de tomá-la em meus braços. Eu deveria denunciá-la as autoridades pela agressão a minha pessoa no avião e não estar tarado, desejando possuí-la.

— Está me comparando a quem, o coitado do avião? Ou ele não é nenhum coitado. Volto a perguntar: é um comparsa aliado na caça aos imbecis?

— Pare de ficar me acusando! — As lágrimas saltaram voo, como seus punhos vindo em direção ao meu peito. Segurei firme seus pulsos com ela se debatendo. — Não existe grupo, já te falei que sou apenas uma vítima das circunstâncias. — Aquele pranto e olhos melancólicos amoleceu meu coração.

Juntei seus pulsos trazendo-os até meu peito, em consequência nossos olhos travaram um no outro. Ela estava completamente trêmula e sua respiração acelerada.

— E onde eu entro nesta história toda? — indaguei num murmúrio ofegante, sentindo o calor de sua respiração em meu rosto.

A aproximação com ela era algo extraordinariamente prazeroso, e isto se tornava arriscado, fazia de mim uma presa em potencial.

— Caiu de gaiato nesta história porque é um tremendo de um entrão! — assinalou empinando o nariz perfeito. A postura me atçou de um jeito que avancei mais um passo. O toque de nossos corpos foi como levar um choque. Fechando os olhos repentinamente, ela inspirou profundamente com os lábios entreabertos, minha língua e meu pau, já latejando doloridamente gostoso, sonhava ir para dentro dela. — A-a culpa é sua... — balbuciou ainda com olhos fechados.

— Eu não entendi! — Muito excitado para uma conversa neste momento, menti encostando meu nariz na ponta do dela.

Imperceptivelmente, ela sorriu.

Na verdade, entendi sim. Ela tentou mesmo evitar que eu tomasse a água do copo.

— Aquele homem, que intitula meu comparsa, é o meu maior pesadelo. — Ofegando comigo esfregando lentamente minha ereção em seu ventre, ela continuou falando. A clara rendição deu-me espaço para ousar mais. Soltando seu pulso direito, levei meu dedo por entre os seios fartos. Ela arfou muito afetada. — Ele é contratado pelo meu pai para me vigiar. Ah... — gemeu tremendo comigo espalmando seu abdome lisinho, e descí apalpando firme sua vagina.

Entrei em frenesi sentindo toda a umidade ali, e enfiei o rosto na curva do pescoço.

— Essa justificativa não faz o menor sentido no século que estamos vivendo — falei da boca para fora, louco, beijando toda a região do pescoço e subindo o vestido. O desespero de senti-la novamente era muito intenso, soltando o outro pulso, segurei o tecido no quadril arredondado e descí a mão por dentro do elástico tateando a pele até encontrar sua inundação.

— Céus! — ela resmungou fechando os olhos, levando as mãos abertas à parede ao seu lado e arqueando o quadril contra minha mão. — É-é a verdade...

Pausou e, tremendo toda, ela gemia se contorcendo em meu polegar esfregando seu clitóris. Ensandecido, penetrei os dedos, duramente, entrando e saindo acelerado. Totalmente entregue ela ofegava.

Ela está querendo!

“Vou dar o meu melhor a esta mulher e somente hoje! Gozou, acabou. Tchau!”, retrucava mentalmente o meu coração abestalhado e aquecido no peito!

A mulher não resistiu ao meu trato. Nenhuma resiste! Espontaneamente, ela trouxe sua mão sobre meu pau.

— Ohhh! — sensível pra caralho, eu gemi quando seus dedos esbarraram de leve e enlouqueci de tesão, com ela o masturbando por cima do tecido.

— Mulher! — rosnei, doido de tesão. — Espera! — ordenei, e segurando em seus braços a pressionei para baixo.

Ajoelhada à minha frente, descí a calça e a cueca juntas.

— Uau! — balbuciou sem fôlego, fascinada com seus olhos brilhando nele em puro êxtase, comigo deslizando minha mão da base a glande.

Com o tesão à flor da pele, eu admirava seus lábios sedentos, o sentia endurecer mais e pulsar entre meus dedos.

— Experimenta ele! — Peguei seus cabelos na parte de trás da sua cabeça e guiei seus lábios, já abertos para recebê-lo, antes contornei a glande robusta e brilhante em torno deles.

— Hum... — ela murmurou se deliciando, tocando a língua firme, circulando e correu sobre as veias saltadas, me levando à loucura.

Na ânsia, arqueei o quadril botando o que deu dentro da boca perfeita. Prazerosamente, ela o comprimiu, me fazendo tremer todo e ao passar a língua na ponta, fiquei alucinado.

— Porra! Que boca gostosa... — Mergulhei a mão livre entre o decote, massageando firme o seio duro, o bico entumecido, implorando para ser chupado. — Gata, me ferrando ou não, você caiu do céu hoje — declarei, controlando o movimento, fodendo gostoso sua boca.

Estava sendo sincero, a forma bizarra de como chegamos até aqui não deixa de ser interessante, além do mais, a cena com ela é com certeza uma das mais agradáveis que já vivi. Mas ainda assim, era imprescindível ficar esperto e de olhos bem abertos.

— Hum... — apenas resmungou, ocupada com uma boa parte da barra de ferro dentro da boca, se fartando, e a mão delicadamente firme o contorcendo levemente. Querendo dizer algo, ela o abandonou. — Ele é muito saboroso. — E o abocanhou novamente, o esmagando entre os lábios sensuais.

Arfei, experimentando uma sensação singular.

— Aproveita que ele é todo seu, linda! Mas tenha cuidado para não engasgar — rosnei com ela lambendo, mordendo, desfrutando com aquela boca voraz. Ele foi inchando, inchando... — Caralho! Vamos curtir e ter um diálogo bem franco depois. — O tesão chegava ao insuportável.

Ela assentiu engolindo o máximo, e sem machucar, retornou raspando os

dentes nele.

Que mulher!

— Vem aqui. — Com os espasmos pelo corpo, segurei no seu braço e a levantei para não gozar na sua boca.

Capturando seus lábios num beijo voraz e com urgência, descia as alças do vestido, caindo pelos ombros e liberando os seus seios lindos.

Soltando seus lábios os admirei.

— Espetacular! — Faminto, inclinei a cabeça caindo de boca, chupando cada um deles, moldando a lateral do seu corpo delineado com as mãos apertando, extraindo gemidos fortes dela.

E ao afastar, corri os olhos por aquele corpo muito formoso e cobiçado. A visão causava uma dor profunda no meu pau, de saciar-me. Com a respiração curta e entrecortada ela me olhava profundamente nos olhos.

Abraçando seu corpo, exercia pressão contra o meu, sentindo as batidas fortes do seu coração, ela tremendo em meus braços, e escorreguei minhas mãos por suas costas, adentrando com elas na calcinha e apertando sua bunda redonda, dura e deliciosa.

Se contorcendo, ela empinou toda aquela maravilha, penetrei meus dedos na vagina em pleno alagamento, movimentando-os.

Na ânsia, arranquei sua calcinha do corpo com brutalidade, jogando-a para longe e apertei sua bunda contra meu pau duro, ao mesmo tempo que mordia seu lábio inferior com força.

— Ah... — ela gemeu toda trêmula ao invés de reclamar de dor.

— Você é uma tentação, mulher! — Respirei fundo e apartei comendo-a com os olhos.

Parei em cada curva chegando à vagina linda, depilada e entrei numa espécie de agonia para enterrar tudo dentro dela.

— Nua você é ainda mais linda — rugi doido.

Ela abriu um sorriso tímido, único. Daqueles de fazer um coração acelerar.

Que isso, Henry!

O tesão absurdo está me fazendo delirar. Caralho! Normalmente sentia mesmo desejo por mulheres bonitas, inteligentes... E ela não era diferente das outras, sentia somente pressa para estar dentro da gostosa.

Apenas isso, desencana!

Segurei sua bunda e num único impulso a trouxe para o meu colo.

Fechando os braços em meu pescoço, suas pernas imediatamente entrelaçaram-se em minha cintura e então me beijou, com vontade. Furiosamente, enfiava a língua na minha boca, quase me sufocando e sem constrangimento algum.

Esta língua é um deleite.

Caminhei com ela até o aparador ao lado da porta e a colocando sentada ali, entrei em meio as suas pernas segurando em suas coxas, e focado em seus olhos cálidos, as abria.

Suspirei forte com ela toda aberta para mim.

— Isto é covardia... — arfando na expectativa, ela murmurou arqueando o corpo, apoiando os cotovelos sobre o móvel.

Caí de boca, com uma mão estendida massageando firme um dos seios, chupava, tomava prazerosamente sua excitação, me fartando.

— Que sabor é esse? — comentei com ela empurrando aquela delícia contra minha boca.

— Poxa! — Sem fôlego, ela inspirou densamente. — Você é muito bom... — Em seguida, endireitou o corpo grudando nos meus cabelos na lateral da cabeça e puxou meu rosto para frente do dela. — Eu quero você agora dentro de mim — exigiu, assumindo o comando. Correndo a ponta da língua ao redor dos

meus lábios ela tirava o meu paletó e então, segurou na barra da camiseta e subiu, tirando-a pela minha cabeça e inalou forte. — Está bem em forma, moço! — comentou num fio de voz embargado.

Deixando suas mãos se perderam em meu peito, as unhas contornavam cada músculo, me deixando arrepiado pra cacete, com o dedo desenhou o V da minha virilha e o pegou firme na mão, me masturbando de um jeito memorável.

— Ohhh! — gemi de tanto que não aguentei a sensação dos céus.

Arqueando a cabeça levemente para trás, curtia o movimento das mãos delicadas, porém, firmes.

— Tem um preservativo? Se não tiver, eu tenho na minha bols...

Inclinei tomando seus lábios, calando-a.

— Sou um homem prevenido, minha cara! — sussurrei em seus lábios, abaixando e pegando no bolso do paletó.

Olhando nos olhos, deslumbrantemente cintilantes, me desejando, rasguei a embalagem nos dentes com a maior pressa deste mundo. Estava alucinado para sentir seu calor interno. A ansiedade era tamanha que até para vesti-lo estava difícil com o tremor, e ela, muito prestativa e apressada, deu uma força.

— Vem logo, seu gostoso... — impaciente, segurou em meu braço me puxando.

Rapidamente encaixei, entrando somente a glândula, sua pressa foi surpreendente, agarrou minha bunda e puxou forte contra ela. Penetrei vigoroso, rasgando tudo naquele aperto divino e cravei no fundo, arrancando um grito agudo dela, fechando as pernas ao meu redor e apertando, exigindo ainda mais contato.

— Delícia de mulher safada! — com um gemido rouco, mordida seu pescoço e orelha, metendo forte e sem trégua. Depositando todo meu tesão em cada movimento, corria as mãos pelas costas eretas de pele macia.

Enquanto ela quase arrancava meus cabelos da nuca, de tanto que puxava, gritando por mais, num apetite voraz, eu dava tudo de mim para nos saciar. O

móvel rangia aos movimentos ritmados e ligeiros, me movendo para frente e para trás, meu pênis entrando e saindo... Um instante extraordinariamente bom.

— Eu vou gozar — ofegante, ela esbaforiu entre os gritos, cravando as unhas nas minhas costas.

Tremia, experimentando suas paredes internas o esmagado, dilatava mais e mais. Os espasmos tomavam conta de ambos, o suor correndo pelos nossos corpos quentes, trêmulos... Seu corpo macio, perfumado se contorcia com as minhas estocadas na agonia do clímax chegando.

Ela era de fato tudo de bom.

Segurei sua cabeça exigindo seu olhar.

— Olha para mim!

Ela obedeceu. Saíam faíscas deles, saboreando-me ali, fodendo-a fissurado. As sacudidas abalavam até nossas almas.

Meu corpo inteiro se deliciou maravilhado à sensação do seu orgasmo. Como eu poderia sentir quase na pele, sobre o material do preservativo, eu não sabia explicar. Mas despertou tudo em mim, já no meu limite, não consegui segurar.

— CARALHO! — rugi doido, socando tudo e fortemente, e infiltrei minha língua nos lábios entreabertos com ela ofegante, a beijando furiosamente e jorrando meus fluidos, inundando o preservativo.

— Você me deixou exausta! — murmurou, roçando seus lábios nos meus num movimento suave e deixou a cabeça tombar para frente, meu ombro foi o seu destino. E as pernas relaxando, escorregavam pelo meu quadril.

— Descansa. — Beije o topo da sua cabeça a envolvendo um pouco mais em meus braços.

Fechei meus olhos, curtindo nossos corações batendo na mesma frequência, até o suor do seu corpo se tornou atraente.

Diferente das outras mulheres, eu persistia excitado, em franca ereção. Eu

queria levá-la para a cama, foder mais e mais e no final, deitar de conchinha até ela contar tudo sobre a sua vida.

Passeando as mãos livremente por suas costas senti um líquido quente correndo pelo meu peito, em direção ao meu abdome, em seguida ouvi um fungado de quem estava chorando.

Segurando seu rosto a afastei buscando seus olhos, eles minavam.

— Eu sabia que não era suor escorrendo pelo meu peito — comentei num tom sarcástico no intuito de animá-la.

Ela riu revirando os olhos e parando com eles indecisos, lá em cima.

— Aquela história de pai controlador você inventou, certo? — perguntei correndo os meus polegares abaixo dos seus olhos, secando suas lágrimas.

Eles desceram parando nos meus, e então um sorriso indecifrável plantou nos seus lábios.

— Não é exatamente uma mentira — afirmou soluçando e apertou os lábios num esforço de romper a queda.

— Por que tanto medo, do que você se esconde? — indaguei com pena dela.

Seu semblante era de total sofrimento. Ela sacudiu a cabeça e declinou os olhos.

— Vamos deitar, relaxar um pouco e você me conta tudo, ok?

Ela deu de ombros.

Ao tirar o braço de suas costas, a pulseira em meu pulso enroscou nos longos cabelos.

— Ai! — levando a mão sobre meu braço, ela reclamou rindo.

— Desculpa! Fica quietinha que vou tirar os seus cabelos enroscados na minha pulseira.

Ela atendeu a minha solicitação e enquanto retirava, perdi o equilíbrio e recuei alguns passos. Ela segurou em minhas costas, me puxando de volta e nos beijamos, meu pau escorregou para fora dela e a camisinha caiu no chão.

O beijo ardente estava tão bom que nenhum dos dois se preocupou com este detalhe.

Ainda de pau duro, lembrei-me de pegar outro preservativo no bolso do paletó no chão. Em seguida a peguei no colo e a levei para o quarto.

Me posicionei atrás dela na cama, na posição de conchinha e a envolvi em meus braços, corria a mão pelo abdome apertando-a contra meu pau, encaixado entre suas pernas, e parei no púbis. Circulando o dedo, sentia tudo lisinho por ali. Cheguei na vagina quente e gostosa demais, acariciando levemente.

O corpo quente e úmido dela moldando-se ao meu, além de excitante, soou confortável.

— Se não estava me seguindo em Anápolis, em Goiânia, e aqui, vai precisar arranjar uma boa, incontestável e convincente desculpa. — Irritantemente, eu estabeleci com calma roçando nela, e beijando seu ombro, quando deveria ser firme e arrancar a verdade.

É claro que ela vai mentir!

Pensava apenas com a cabeça de baixo e poderia me estrear. Esses encontros a levavam a ser suspeita, uma espiã rastreando meus passos. Um vacilo era fatal, exatamente como alertou o meu pai.

— Ah! — excitada, ela fungou baixinho, empinando bem a bunda para mim. Notei que não era um choro normal, ele vinha diretamente da alma. — Seguindo você? — Pausou gemendo enquanto eu acariciava seu clitóris. — Imagina!

Despertando meus desejos ocultos, que nem sabia que existiam, esta mulher confundia a minha cabeça!

Abracei-a mais firmemente, louco para entrar nela mais uma vez.

Depois da transa eu cobrarei explicações.

Peguei o preservativo o vestindo e voltei a mesma posição, penetrando forte, sem permissão. Ela sugou o ar e segurou comigo fodendo afoito, beijando seu ombro e acariciando seu clitóris.

Se deliciando, o choro cessou dando espaço aos gritos de prazer.

Rebolando nele, ela me estimulava, exageradamente.

Reduzi a frequência dos movimentos, duríssimo, ele foi entrando devagar, queria que sentisse cada parte dele. Uma boa e intensa transa foi a que tivemos, quero dizer: várias.

Há muito tempo uma mulher não me excitava desta forma, eu sentia com ela, como se eu fosse um garoto de dezoito anos, arrojado e insaciável também.

Se fazendo de inocente com aquele ar de felina, não tinha como ser diferente, sou fanático por desafios, e ela é um deles. Vamos ver se consigo desvendar seus mistérios, mas depois. Agora preciso descansar, a mulher despertou o meu lado mais primitivo e digo de antemão: “Gostoso pra caralho!”.

Enfim exaustos, permanecemos ali grudados. O clima se tornou carinhoso, estranho, confesso, mas gostei dele, e deixei-me ser envolvido fechando meus olhos, curtindo.

Naquela atmosfera exaustiva, adormecemos.

Capítulo Sete

SACHA

Despertei e me recusava a abrir os olhos.

Voltar a minha realidade era como se afogar de vez no mar de lama e ser engolida. Eu desejava no fundo do meu coração permanecer aqui, respirando este ar leve, com aroma de limpeza, neste mundo surreal envolvida neste corpo tão forte e protetor. Exatamente isso que sentia, uma inexplicável e utópica segurança e conforto. O calor provindo dele exalava seu perfume meio amadeirado.

Agradabilíssimo! Hummm...

Com a cabeça aninhada em seu peito, num movimento sereno com ele dormindo profundamente, depois de uma noite cansativa como foi a nossa, suspirei. Ouvir sua respiração sobre o topo da minha cabeça servia como um calmante poderoso, e me fazia pensar na burrice que fiz por impulso.

Poderia muito bem estar vivendo minha vida livremente, ter qualquer relacionamento que quisesse: curto ou duradouro, não importava. Entretanto, a liberdade não pertencia ao meu cotidiano.

E foi com esta verdade dolorosa que abri os olhos.

Minha mão sobre seu abdome, acompanhava os movimentos de sua respiração, tão harmonioso que meus olhos começaram a marejar, violentamente, minha respiração acelerar com o filme real passando por minha cabeça.

Ai, meu Deus! Esqueci-me da Jussara! No lampejo de memória, escorreguei devagar para o lado e saí da cama.

Afastar dela, se tornou um problema, viciados, meus olhos corriam pelo

corpo masculino, um monumento valioso sobre os lençóis.

“Ai, que vontade!”, pensei encantada.

Uma vontade enorme de afagar os cabelos desalinhados sobre o rosto me consumia, ver seus olhos sofisticados, mexer na sua identidade ainda meio ereta.

E que identidade! O homem foi abençoado pela natureza. Dotado!

Era humanamente impossível resistir à visão daquilo tudo sem me imaginar caindo de boca.

“Volte à vida real, Sacha! A Jussara deve estar preocupadíssima contigo, mulher!”, a voz da minha razão gritava dentro da minha mente e ela estava coberta de razão.

O homem vai querer justificativas, é melhor fugir antes dele acordar. Balançando a cabeça para sair do momento encantamento e admiração, rapidamente fui à procura de um telefone, já que o meu fora confiscado na entrada do hotel. Corri em direção à mesa elegante com tampo de mármore onde havia um aparelho dourado, próximo à janela, com apenas uma fresta da cortina aberta.

— Não tem sinal! — resmunguei imperceptivelmente, e enquanto colocava no gancho, foquei no paletó azul-marinho no chão, ao lado do aparador na parede da porta, considerando usar o celular dele, se é que havia algum no bolso e sem senha.

Não tenho alternativas.

Voei, pegando a roupa do chão e enfiando a mão no bolso, sorri aliviada ao sentir o aparelho e, quando trouxe perto dos olhos, ele começou a vibrar.

Credo! Meu coração parou de bater quando o rosto do Ivan apareceu no visor. No terceiro toque, a ligação caiu, e então veio a mensagem.

“Pensei melhor, parceiro! Vamos remarcar nossa reunião e concluir nosso próspero e grandioso negócio.”

Tremendo e sem conseguir respirar, deixei o aparelho e a roupa caírem ao chão e levei minha mão ao peito, tentando recuperar o equilíbrio. Com o desespero, o pânico e tudo de ruim me vestindo naquele momento, virei o rosto em direção à cama.

Parceiro? Meu Deus, quem é você?

Num pranto silencioso me abaixei novamente, precisava verificar se não estava vendo coisa, pois meu cérebro ficava 24 horas conectado ao bandido do Ivan, talvez nem exista nenhuma mensagem do meu futuro marido.

Meu corpo congelou enquanto observava a tela do aparelho ao lado do preservativo ali no chão, e mergulhei na mais profunda escuridão com as infinitudes de possibilidades vindo em minha cabeça, e todas negativas.

PUTA QUE PARIU! Entrei em desespero.

Apavoradíssima, eu peguei aquele preservativo correndo com ele até o banheiro, joguei na bacia e dei descarga.

Rapidamente regressei ao quarto, vesti minha roupa de qualquer jeito, passei as mãos levemente pelos cabelos, ajeitando-os e completamente agoniada, catei minha bolsa, depois a chave no bolso do paletó no chão e dei no pé. O elevador no andar prontamente abriu a porta quando apertei o botão.

O medo impedia o meu raciocínio, parecia mentira que aquilo tudo estivesse acontecendo, fui totalmente negligente na minha decisão de ficar com ele.

É muita falta de sorte! Aquela ligação, os dizeres do Ivan, tudo o incluía no balaio do crime. *Ele é da gangue! Com certeza é.*

Com aquela cobrança de justificativa, ele estava jogando verde, certificando-se de que eu sabia quem era ele.

É bem a cara do Ivan integrar um membro novo para vigiar seus supostos desafetos.

“Bandido!”, praguejei quando a porta do elevador se abriu. O saguão estava na mais perfeita organização, alguns funcionários circulavam por ali. Parei no

local onde estava meu celular, em seguida pedi o carro e vazei em disparada dali.

Na descida, toda a paisagem aqui de cima passou despercebida pelos meus olhos, toda minha mente estava em oração e criando estratégias para contornar a situação. O toque estridente do celular na bolsa arrancou-me daquela angústia, mas não cessou minhas lágrimas.

— JUSSARA! — Desmanchei-me ao levar o aparelho no ouvido após identificar que era a minha amiga.

A única pessoa que tinha para me apoiar neste momento.

— *Sacha, sua louca, onde você se meteu?* — ela quase gritava do outro lado da linha. Solucei sem condições de me expressar. — *O que aconteceu, eu te procurei em todos os lugares, até liguei na casa da sua mãe.*

— NÃO! — gritei amargurada. — Você não fez isto, né?

Ela grunhiu, excessivamente irada. Conhecia minha amiga como a palma da minha mão.

— *Fica tranquila!* — embora brava, a voz saiu apaziguada. — *Foi uma ligação de orelhão e sem identificação.*

— Ah, graças a Deus! — suspirei, soltando a mão direita do volante e esfreguei o braço no rosto encharcado. — Estou péssima — solucei alto. — Acho que me meti numa fria, Jussara!

— *Como assim?* — após a pergunta, ficamos em silêncio.

Ela sabia que qualquer passo em falso, tudo estaria perdido.

— *Está me assustando, Sacha!* — pronunciou baixo, porém, foi possível ouvir sua respiração ruidosa.

— Estou indo para a casa da minha mãe agora, antes do Ivan descobrir que passei a noite fora. É vital manter as aparências, ele tem de acreditar que não arredei o pé de lá. Depois conversamos, ok?

— *Não pode me deixar nesta angústia, Sacha!* — rebateu seriamente.

— Me desculpa! Não devia ter encarado o desafio de vir à festa, agora preciso manter a cabeça fria e resolver tudo da melhor forma possível.

— *Tudo bem, Sacha! Preciso pegar um voo para São Paulo, a Yasmim chega hoje da praia e gostaria de estar presente. Pelo seu estado, eu acredito que tenha entrado em alguma confusão feia. Mas, olha, quando esta crise passar, me liga, por favor.*

“A crise nunca passará, amiga! Estou fadada a crises eternas”, pensei apenas olhando para uma frondosa árvore na esquina onde o sol ameno da manhã refletia sobre ela.

— *Sacha, você me ouviu?* — insistiu ao meu silêncio reflexivo.

— Ouvi sim, Jussara! Torce por mim, tá?

— *Mentalizarei todas as energias positivas existentes neste mundo para você.*

Sorri em meio aos lábios comprimidos.

— Obrigada e até mais!

Deligando o aparelho verifiquei as ligações, nenhuma da minha mãe e isto pelo menos era um bom sinal. Em menos de quarenta minutos cheguei ao bairro onde se localizava a casa da minha mãe. Abri a janela para respirar aquele ar fresco, ar de paz e tranquilidade que o lago da Pampulha oferecia, além de me encantar com a linda paisagem! Tudo ali era bom, lembrava minha infância, juventude... *Que saudades!* Saudades das caminhadas em qualquer horário do dia, de visitar a Igreja de São Francisco, bem próximo, a chamada Igrejinha da Pampulha, mais um cartão postal de Belo Horizonte. Um dos ícones da arquitetura moderna brasileira.

Para não levantar suspeitas, deixei o carro numa travessa e segui a pé, esbarrando com os amantes de atividade física pela calçada. Nossa casa era a última do quarteirão, ficava num amplo e murado terreno. Contornei pela lateral, com o apoio de um tronco de uma árvore plantada na minha infância pelo meu pai, escalei o muro e pulei para dentro do quintal gramado. Avistei na garagem, além do carro popular da minha mãe, um sedan executivo preto e vidros lacrados com película.

Estremeci. Porém, cultivei a cabeça fresca, não era tempo de pensar, e sim, agir.

A janela do meu quarto estava somente encostada, exatamente como combinei com a minha mãe, muito devagar evitando quaisquer ruídos, eu a abri e pulei para dentro. Um ambiente simples com um guarda-roupa, uma penteadeira onde estava alguns dos meus perfumes e utensílios de beleza e uma cama, com a Maria Salvadora coberta até a cabeça com um grosso cobertor cinza, a cor que representava a minha vida.

Nublada, sem perspectivas.

— Obrigada por me salvar mais uma vez, Maria! — Puxei a coberta descobrindo.

Com o meu porte físico, a roupa lhe caiu perfeitamente. Ela é uma boneca de silicone, eu a comprei numa oportunidade em uma loja virtual, vi nela a chance de um pouco de paz. Precisei apenas tingir o cabelo de preto para despistar o Ivan e seus comparsas. É tão realista que se não olhar direito, fica a dúvida se é uma mulher ou boneca.

Trocando de roupa com ela, guardei-a dentro do guarda-roupa.

— Já acordou? — Virei os olhos para a porta ao ouvir a voz da minha mãe, vindo lá da sala.

— A pergunta é se a sua filha acordou. — Gelei pulando na cama ao ouvir a voz nojenta e estrondosa do William.

— Estava muito nervosa e tomou um calmante, razões por ainda estar derrubada.

Ele grunhiu duvidando.

— Ninguém dorme tanto assim, será que a senhora e sua filha não estão me engrupindo?

Ouvindo seus passos pesados chegando, eu puxei o cobertor cobrindo minha cabeça.

— Deixe a dormir mais um pouco... — o tom atormentado da minha mãe eclodiu junto o barulho da porta se abrindo com tudo.

— Senhorita Sacha? — William chamou pegando o cobertor pelos pés e o puxou.

— O que está havendo? — bocejando estirei o corpo, sonolenta.

Precisei de muito esforço para não rir ao sorriso de alívio plantado nos lábios da minha mãe.

— Que falta de educação acordar as pessoas deste jeito! — ela ainda ralhou com ele levando as mãos no quadril. Ele acenou de cabeça, sem dizer uma palavra. — Exigimos respeito e saia logo deste quarto. — Pegando o braço dele, o arrastou para fora, fechando a porta com violência.

— Eu não vou mais fazer parte destas suas tramoias, mocinha! — advertiu cochichando, vindo se sentar ao meu lado na cama.

Parecia a dona da razão.

Franzi a testa prostrada e me sentei encarando seus olhos, grandes e negros, exatamente como os da minha falecida irmã. Os meus são idênticos aos do meu pai.

— Eu não acredito que falou isso! — Sacudia a cabeça com um sentimento pesado dentro do peito. Raiva, eu acho! Ódio da minha própria mãe, a pessoa que me colocou no mundo.

Fugindo da pressão dos meus olhos, os dela desceram ao colchão.

— Estamos num momento complicado de nossas vidas, querida — começou ela, e ergueu a cabeça em busca dos meus olhos, nesta altura, já lacrimejando.

— Momento este que a senhora nos colocou! — curvando a cabeça, rebati com fúria.

Nossos narizes ficaram por um triz de se relarem.

Ela riu levemente, como se estivesse duvidando do meu revide. Um comportamento arrogante, prepotente e irritante ao extremo. Não queria alimentar o sentimento ruim dentro de mim, só que era maior do que eu, não conseguia bloquear.

— Independente de quem seja a responsável, devo lembrá-la de que há armadilhas prontas a explodirem. Por esta razão, cada passo a partir de agora tem de ser calculado, você entende?

— Não. — Apertando os lábios, um sobre o outro, eu negava movendo a cabeça. — Não há a menor possibilidade de entender tamanho absurdo. Não é justo eu passar a minha vida me sacrificando pelos seus erros. Eu já fiz demais pela nossa família! — desabei, pendendo a cabeça e cobrindo o rosto entre minhas mãos.

— Vai debandar como o seu pai fez? — desafiou-me, amargamente.

Inspirei profundamente e erguendo a cabeça a fitei com determinação.

Nitidamente nervosa, ela fechou os olhos e ergueu as mãos trêmulas, colocando os seus cabelos negros, na altura do ombro, atrás das orelhas.

— Não tem propriedade para julgar o meu pai, se quer saber! A atitude dele foi a correta — afirmei com todas as letras. Seu coração batia acelerado, dava para notar o movimento frenético na camiseta preta. — Fugindo da sua frieza, uma pessoa que não se importa com nada e ninguém além de si mesma. Meu amado pai rumou em direção à paz, e estou feliz por ele se libertar da opressão que é estar ao seu lado.

— UM covarde! — baixando o tom, notando seu descontrole, ela fechou os olhos por um instante. — Seu pai é um fraco de carteirinha. Ao contrário de você, Sacha! É uma mulher guerreira, pé no chão, uma característica sua desde a infância. Alguém capaz em direcionar para o lado correto. — Chocada com mil respostas agressivas forçando sair pela boca, as travei cobrindo meu rosto com as mãos. E permaneci assim, segurando minha onda. — Não pretende seguir os passos do seu pai, né? — Notei uma ansiedade a vestindo da cabeça aos pés.

Dei de ombros, ainda muito indecisa. Queria uma vida normal e não essa tumultuada.

— Como você acabou de dizer: sou capaz de seguir o caminho correto, e ele é correr atrás da minha liberdade. — A raiva brilhou em seus olhos, tomando um vermelho fogo. — Você é muito estranha, dona Adele Ortiz.

Sua expressão fria se transformou em crítica.

— Quem não é, Sacha Ortiz? — retorquiu com ironia.

— Devolve o dinheiro que roubou do Ivan! — exigiu, segurando em sua mão estranhando o quanto estava fria e trêmula.

Ela movimentava a cabeça em negativa.

— Não tenho dinheiro para devolver, não tenho nada. — Chorando, ela se levantou colocando os dedos no bolso da calça jeans clara surrada e começou a andar de um lado ao outro pelo quarto.

Minha mãe é uma bela mulher, apesar dos cinquenta e sete anos. Corpo esguio, os cabelos negros, como os olhos, davam um contraste a pele clara que ela tem.

— Onde botou todo aquele dinheiro se nada mudou? — inconformada, saí da cama e me posicionei à sua frente. Com os olhos em seus pés, ela suspirou quase em um soluço. — Não vejo luxo, sua vida é a mesma simples de antes.

— Para de encher o meu saco, menina! — Segurando em meu ombro, ela sacolejava meu corpo, descontroladamente. Seus olhos aumentaram, eu diria dez vezes o tamanho normal. — Não precisa fazer tantas perguntas, apenas garanta a minha sobrevivência, você me entendeu?

— Não! — desabei em lágrimas, muito magoada. — Vou é garantir a minha, seguir os passos do meu pai — sentenciei sem nenhuma convicção.

Encarando-me, ela chorava em desespero.

— Não seja patética, menina! — disse a princípio ríspida, a seguir sua expressão suavizou. — Eu estando viva ou morta, tenha certeza de que não existe mais lugar seguro para você neste mundo. No momento em que se ofereceu como esposa ao Ivan, se jogou no precipício e não há mais como abrir o paraquedas, infelizmente! Então, conforme-se e siga com os planos para eu

sobreviver.

— Me poupe! — Aquele comentário foi o cúmulo dos cúmulos.

Arqueando a cabeça, soltei um riso histérico, desacorçada.

— Escuta filha! — Apertou meus ombros, exigindo o meu olhar. — Não espero sua compreensão, mas espero sua solidariedade. Precisa colaborar, só assim eu me mantenho viva.

— Para com esta ideia fixa de viver, viver... — num tranco recusei. Estava enojada e queria distância.

— Você precisa entender — exasperou, mas num tom baixo para William não ouvir da sala. — Não posso morrer, tenho muito ainda a fazer nesta geração.

— Ai! — Levando as mãos à cabeça, eu chorava de consternação, de raiva, de tudo. — Só pensa em você, no seu bem-estar. E eu? Eu vou morrer no controle do Ivan, não percebe?

— Não! — Seus braços vieram abertos na intenção de um abraço, recusei dando alguns passos para trás. — Você é uma mulher forte, nada abala você.

Fechei meus olhos sacudindo a cabeça desanimada, ciente de que não podia desistir tão facilmente. Abrindo os olhos, fitei-a com seriedade.

— Vamos pelo menos tentar um acordo, devolva o dinheiro ao gangster.

Incerta ela grunhiu, fechando os olhos.

— Acha mesmo que o dinheiro importa para o Ivan? — Dei de ombros. — Não, minha criança! Você é o troféu do homem.

Torci a boca e refleti um instante.

— Vou agora mesmo para Anápolis e romper meu compromisso com ele e sugerir a devolução do dinheiro.

Pela primeira vez, ela baixou a guarda e chorava de verdade cobrindo o rosto com as mãos.

— Eu vou ficar aqui esperando a morte, pois é isto que vai acontecer. — Abri minha boca para protestar e ela estendeu a mão exigindo meu silêncio. — Não existe mais o dinheiro, e não pergunte mais nada. Apenas saia deste quarto e vá buscar o meu assassino.

Apontou em direção à porta sem olhar em minha face. Ali, sentia todo o peso da responsabilidade; uma coisa ela tinha razão: estávamos lidando com homens cruéis, frios.

— Todo esse drama, é incompreensível. Porém, não farei isso. Seguirei o plano, casarei com aquele nefasto.

Ela suspirou aliviada e sorrindo, ergueu a cabeça com um olhar de desculpa.

É isso mesmo que estou vendo?

— Assim que se fala, Sacha! — disse com os braços abertos e, desta vez, me deixei ser abraçada. No entanto, apreensiva, com o coração arrochado e atribulado. Ela afastou a cabeça o suficiente para encontrar meus olhos. Azuis-claros e negros, ambos marejados. — Obrigada por compreender sua mãe! — Sorria satisfeita. — Deus vai te abençoar por toda a sua vida.

— Não incluía Deus nessa história sórdida! — exigi chorando por dentro, muito aborrecida com a sua indiferença em relação a minha pessoa, não se importava mesmo com ninguém.

Demonstrava ser uma mulher mesquinha!

Seu abraço era quente, só não podia confirmar se era daqueles abraços maternos que tanto confortam.

Eu não sinto aconchego neles.

— O SENHOR IVAN SOLICITOU SEU RETORNO IMEDIATAMENTE A ANÁPOLIS, SENHORITA SACHA! — gritou William da sala.

— SÓ PRECISO DE UM MINUTO PARA UM BANHO! — gritei de volta saindo dos braços da minha mãe.

Ela apenas assentiu, então rumei em passos ligeiros para o banheiro e entrando, tranquei a porta.

Saí dos devaneios e tirei a roupa, em prantos entrei debaixo do chuveiro. Um pranto que logo cessou com as recordações do bonitão do hotel, que sequer perguntei o nome, mas nem precisava. Sendo um dos membros da gangue, logo o veria novamente. O seu perfume ainda estava no meu corpo.

Ergui meu braço trazendo para perto do nariz e aspirei com prazer, me arrepiando toda, excitada. E comecei a rir, levando a mão atrás da cabeça quando senti algo metálico enroscado nos cabelos.

Com cuidado consegui tirar.

Gente, é a pulseira do homem!

Emocionada comecei a rir, buscando em minha mente o momento em que este episódio teria acontecido, lembrei que foi no instante que saímos do aparador.

— Tomara que a nossa farra não dê merda!

Desliguei o chuveiro, me troquei e saí do quarto.

William estava sentado no sofá conversando com a minha mãe na maior intimidade.

Que nojo!

— Vamos! — o chamei e já seguindo em direção à porta e retirei-me sem a menor disposição de dar um beijo de despedida nela.

Seus olhos acompanhavam cada passo meu, com pesar.

Capítulo Oito

HENRY

Um pequeno raio de luz incomodava meus olhos, como minha ereção latejando, prazerosamente.

Que tesão é esse? Levei a mão esquerda ao meu pau, e gemendo deslizava a carne dura, recordando da trepada gostosa com a dona misteriosa. Esticando o braço direito, encontrei o vazio na cama e abri os olhos cabreiro.

— Onde se meteu a mulher? — Sentei-me varrendo os olhos ao redor. Nem sinal dela. — MOÇA? — chamei, focado na porta do banheiro, obtendo apenas o silêncio como resposta, declinei os olhos para o chão e a seguir sobre cada móvel.

A ausência dos seus pertences indicava que ela havia saído de fininho.

— Safada! A esperta escorregou como sabão, fugindo de dar satisfações.

Não compreendo como ela conseguiu sair deste quarto sem eu ver! Tinha um sono leve, com qualquer som, ruído ou mesmo movimento, eu despertava.

“Será que aquela vadia me dopou novamente?”, pensei e logo descartei a possibilidade.

A transa com ela fora tão intensa, a gata subiu pelas paredes, e não deixou a desejar. Nos saciar era a nossa única necessidade fisiológica, e perdurou por horas, dispensando alimento ou líquido. Sequer tomamos um copo com água.

O tesão sobrepôs ao meu juízo, eu, um homem experiente, não era para ser engabelado por uma mulher, ainda mais sem saber o nome dela. Caralho! E se ela for um membro da máfia e está vigiando os meus passos?

Soltei o ar fortemente pelo nariz, excessivamente preocupado. Obviamente a preocupação não era pensando na minha integridade física, e sim, ser pego antes deles pagarem pelo que fizeram com o meu irmão. A vingança estava impregnada no meu coração, na minha alma.

— Vou ligar na recepção, alguém deve ter o registro dela — articulei em voz alta, saltando apressado da cama e me dirigi ao aparelho de telefone na mesa próxima à janela.

Como estava mudo, corri para pegar meu celular no bolso do paletó.

— Droga! — surpreso, praguejei ao vê-lo caído ao lado da roupa próximo a uma mancha no chão. — Ela mexeu nas minhas coisas — falei em voz alta, já verificando nos bolsos, e dei falta da minha carteira. — Não creio! A víbora roubou a minha carteira.

Peguei o celular e, quando discava o número do hotel para contatar a segurança, notei somente o relógio no pulso. A pulseira que ganhei do meu mano desaparecera. Nem perdi tempo em procurá-la pelo quarto com a certeza de ter sido depenado.

“É uma trambiqueira, batedora de carteira e não um membro da máfia como pensei. São homens de grandes negócios e honra, não desceriam a tão baixo nível”, refletia submerso num ódio mortal, levando o telefone no ouvido.

— *Hotel Mantostone, bom dia!* — A voz suave da telefonista soou irritante diante do meu estado de nervos no pico.

— Aqui é o Henry Mantovani — me identifiquei sem paciência com a lerdeza. — Poderia transferir para o chefe da segurança, por favor! — solicitei com urgência.

— *Estamos aqui para responder a todas as suas dúvidas, senhor Henry Mantovani!* — desacatou ao meu pedido educadamente, porém irônica.

Grunhi, desacreditado do atrevimento.

— Acho que não entendeu corretamente, quem está falando é Henry Mantovani Stone e estou neste momento ocupando a suíte presidencial! — esclareci calmamente mediante um tom excessivamente áspero.

— *O filho do Sr. Adam Stone?* — indagou, muito nervosa que notei.

— O próprio! — confirmei. — Mande o chefe da segurança subir aqui na suíte, imediatamente.

— *Me desculpe, senhor, eu não sabia!*

— Está desculpada, não tinha mesmo como saber — amenizei a pressão tomando ciência da agressividade gratuita com a funcionária. Afinal, ela não tinha nada ver com os meus problemas. — Só apresse com a minha solicitação.

— *Ela será atendida neste instante.*

Ela desligou o telefone e eu? Travei a mandíbula sentindo todo o sangue subir à cabeça e se concentrar nos meus olhos.

— Escolheu o otário errado para aplicar seu golpe, sua bandida sem escrúpulos! — avisei em alto e bom tom, apertando meus punhos, imaginando-os no pescoço alvo e perfumado, estrangulando-o. Abaixei, peguei minhas roupas e caminhei para o banheiro antes do funcionário bater à porta. — Esteja certa de que vou te caçar até o inferno se for necessário, vou te achar e em seguida, matar você!

Entrei no banheiro.

— Como ela representa bem, Jesus! — Inconformado com o meu deslize, fechei a porta atrás de mim.

Dois minutos ou um pouco mais, foi o tempo do chefe da segurança bater à porta. Como ele conseguiu esta proeza não me pergunte, porque não faço a menor ideia.

E não ajudou em nada.

Todas as providências e medidas de segurança foram tomadas, desde uma varredura pelas dependências do hotel atrás da minha carteira e a joia, e nada. Levantamos sua carteira de identidade registrada na entrada: Tânia Souza, vinte e sete anos de idade e checamos na internet, redes sociais, nada. Até encontramos algumas Tânicas, mas nenhuma era ela. E numa repescagem mais profissional com a ajuda de um policial amigo do segurança, descobrimos que o

número de identidade era falso.

— Com licença, senhor! — Um profissional do hotel se aproximou de mim e o policial ali no balcão em frente ao laptop, vasculhando na Internet. Foquei em sua mão, segurando minha carteira. — Encontrei esta carteira jogada entre as árvores do jardim da entrada. — Estendeu me entregando.

Faltavam somente os meus dólares e reais, todos os meus cartões de créditos e documentos estavam intactos.

— Falta alguma coisa na carteira, senhor? — perguntou a autoridade.

Fiquei preocupado em acusar. Havíamos analisado todas as câmeras, desde sua saída em prantos do quarto com sua bolsa debaixo do braço, correndo pelo corredor, entrando no elevador, saindo no saguão, pegando seu celular, saindo pela porta principal e correndo foi solicitar o veículo ao manobrista. Por nenhum momento ela fez algum movimento ou gesto que a denunciasse.

Por mais experiente que fosse, veríamos ela jogando a carteira. Por fim, não consegui acusá-la, mesmo sem encontrar a pulseira.

— Está tudo em ordem — garanti, assentindo de cabeça.

Resolvi não abrir um boletim, mas não conseguia pensar em outra coisa senão na pulseira, afinal, o valor dela era maior do que qualquer quantia. E rastreando a placa do veículo, descobrimos o endereço do proprietário e sozinho segui até lá.

Depois de me aprofundar na biboca, encontrei o endereço com uma placa informando ser um hotel. Uma espelunca, por assim dizer.

— O senhor conhece esta moça? — Após entrar no estabelecimento, em péssimas condições, e me identificar, mostrei uma imagem impressa por uma impressora colorida.

Um rapaz simples afirmou de cabeça.

— Ela se hospedou ontem aqui no hotel.

Respirei esperançoso.

— Poderia me mostrar a ficha dela, por favor!

Ele balançou a cabeça negando.

— Ela pagou bem para usar meu carro velhinho. — Deu de ombros todo feliz. — Não pedi nem o documento dela.

“Salafrária!”, xinguei mentalmente.

Com certeza pagou sua estadia com o meu dinheiro.

— Sério? — perguntei com os olhos na porta, com alguns homens mal-encarados adentrando no estabelecimento.

— Sim, senhor! — respondi observando os homens e voltou ao meu rosto. — Se é só isso, me dê licença que preciso atender meus hóspedes.

Assenti de cabeça e saí dali a seguir.

“Reze para eu não te encontrar, mulher! Porque se cruzar o meu caminho, você estará fodida”, pensei.

Naquela fúria, entrei no carro e saí dali em alta velocidade, derrapando os pneus, a caminho do aeroporto.



Dois anos depois...

— MERDA! — Irritado com meus pensamentos correndo soltos, esmurrei minha mesa. — Não é possível você ficar tanto tempo conectado com a vigarista, pensamento! — adverti.

Com esta porra de mulher habitando dentro da minha cabeça não havia a menor possibilidade de concentração.

Largando o contrato que analisava sobre a mesa, empurrei a cadeira para

trás com meus pés e as rodinhas deslizaram rapidamente sobre o piso de mármore, levantei rumando em direção à janela à minha direita e acionei o botão que controlava as cortinas.

Deslizei a mão no cabelo respirando forte à medida que a linda vista do Parque Ibirapuera se revelava com as cortinas se abrindo. Passeando com os olhos pela natureza lá embaixo, recebia os raios solares em meu peito, aquecendo meu coração e a privilegiada vista encantava meus olhos. *Um luxo!* Afinal, o parque era uma das poucas áreas verdes desta imponente cidade.

Nem assim amenizou a ansiedade do meu espírito, o que era plausível.

Muita coisa ficou pendente!

Quando meu pai comentou comigo ao telefone, naquele dia no aeroporto a caminho de Belo Horizonte, sobre intervir nos meus propósitos, sequer imaginei que ele, na surdina, a fim de manter-me afastado dos assassinos do meu irmão, detinha um plano, a princípio espetacular.

A estratégia fora pensada de maneira inteligente, admito! Mas com falhas graves...

Fechei meus olhos com força, e abri a gaveta tirando de lá um pequeno e antigo gravador, que me foi presenteado pela mãe do Anselmo, a Maria Cláudia, logo após ele nos deixar para sempre.

— *Você não está com medo, Anselmo?* — A voz macia e pausada era de uma namorada dele.

Maria Cláudia gravou escondido a conversa dos dois.

Tenho mais medo do meu mano Henry morrer!

E ele me salvou, doando seu sangue do tipo O negativo após um grave acidente de carro que sofri com o meu pai, há quinze anos.

O cara perdeu o vestibular, gastou o que não tinha na época, largou tudo só para ir salvar a minha vida, enquanto eu não fui capaz de salvar a dele! Mais um episódio na lista extensa de ações e atitudes nobres deste cara brilhante.

O Ivan não pode sair livre!

Meu pai já cumpriu a metade da minha meta.

De posse de muitas informações, a aquisição do hotel também estava dentro do esquema. Ele se recusou a fornecer a fonte, mas esclareceu que, numa batida policial, apreenderam uma quantidade considerável em barras de ouro sem procedência, com o antigo proprietário do hotel. Preso em flagrante, não conseguiu provar sua inocência e acabou preso por alguns anos. Na verdade, tudo fora armado pelo namorado da filha, um tal de Fabiano, o sobrinho do mafioso Ivan. Tanto a compra, como a festa de inauguração foram uma armação do meu pai e seus aliados a fim de despertar a preocupação do bandido, meu pai acreditava, e estava certo, que em algum lugar na propriedade havia muito mais do que ouro escondido.

E despertou!

Dois meses se passaram sem eu conseguir remarcar a reunião, o Ivan se recusava a atender as minhas ligações. E neste entremeio, o hotel foi invadido pela gangue, eles não esperavam estarem sendo monitorados. Além da área de lazer do hotel, na parte onde a natureza imperava, com a vegetação densa, havia um esconderijo secreto abaixo do solo, ao lado de uma árvore, uma espécie de “bunker”, e ali estavam armazenados ouro, armas e documentos que direcionavam ao Ivan e suas empresas.

Assim que a casa caiu para o Ivan, com a sua organização desmantelada, o cara fugiu do país. Daqui em diante, agora era comigo, ele ia pagar pela morte do meu irmão.

Pensar neste crápula me deixava asfixiado, tamanho o ódio em meu coração.

— Eu vou encontrar você, nem que seja no inferno! — inspirando profundamente, prometi e fechei as cortinas.

Em dias de sol escaldante elas permaneciam fechadas, devido à forte claridade, e retornei para a cadeira. Me recostado, afrouxava o nó da gravata enquanto meus olhos observavam o nosso álbum de família sobre a mesa baixa e quadrada em madeira, rodeada pelas confortáveis, giratórias, beges e luxuosas poltronas à frente.

A sala social dividia o meu escritório e foi justamente montada para servir de canto das reuniões, o espaço transmitia uma sensação de estar recebendo visitas em casa, e quebra de fato a informalidade.

Voltando ao contrato em mais uma tentativa de finalizar a leitura, a minha secretária bateu à porta.

— Entre, por favor! — com os olhos na folha, autorizei.

Ela havia deixado ali pela manhã a meu pedido. A engenharia aguardava minha análise e aprovação.

— Com licença, doutor Henry! — Mesmo tenso, ela conseguiu atrair minha atenção.

Sentindo muitos fragmentos sexuais no tom, intensamente, pausado de sua voz doce, ergui os olhos.

“Meu calmante está na mão!”, pensei estremecendo ao seu sorriso provocante despendendo de seus lábios, à medida que a perna longa e bronzeada saía pela abertura lateral da saia de couro marrom, como os cabelos na tonalidade chocolate, caindo em ondas sobre seus ombros desnudos. A blusa bege de alça, tinha também um decote considerável e por ele, os seios siliconados explodiam para fora, um convite para serem devorados.

Dava preferência ao sexo sem amizade, casual, que não havia perigo de vínculos. Não tinha carinho para oferecer após o sexo. Precisava ser sem compromisso algum. Agora era duro de resistir à oferecida sensual.

“Muito gostosa!”, pensei com o apetite voraz e estendi a mão a chamando.

— Você tem toda licença deste mundo, linda! — Pisquei todo arrepiado, a medida em que ela se aproximava da mesa em seu requebrado incitador.

Parou ao meu lado.

Excitado, uma mão adentrei pela abertura da saia, pressionando a coxa de pele macia e a outra, apertava seus seios duros e apetitosos.

— Sua pele é tão macia — rugi, com as pontas dos meus dedos apalpando

sobre a calcinha, sentindo o tecido úmido. — Está toda molhada — completamente duro, rosnei empurrando a cadeira para trás me levantando, segurei em seu braço e a coloquei sentada em meu lugar, me posicionando à sua frente. — Conhece a minha agenda abarrotada, se quer experimentar, aconselho ser rápida antes de sermos interrompidos — provoquei levando sua mão até meu pau duro e grosso, latejando dolosamente prazeroso.

— O senhor conhece a minha eficiência! — balbuciou, o moldando em sua mão com firmeza sobre a calça e subia com ela lentamente, exercendo uma pressão fantástica chegando à glândula sensível, eu estremeci insano de tesão.

— Caralho, mulher! — gemi num urro com ela abrindo o cócs da calça e desceu junto com a cueca, liberando o pulsante desesperado para sentir o calor de sua boca. — Segurando-o, circulei ele nos lábios úmidos. — A sua eficiência foi o motivo da sua contratação, bela.

Terminando a frase, o coloquei para dentro da boca dela, e a safada, faminta engoliu o que deu, o sugando de uma maneira muito excitante. E então chupou-o com desespero, como se ele fosse seu único alimento neste mundo.

Meu coração martelou nas costelas e minhas pernas bambearam ao trato bem dado.

— Gulosa! — segurando o seu cabelo eu gemi maluco de tesão e forcei sua boca contra ele, a preenchendo toda.

— Este pau é muito gostoso, chefe! — Seus olhos minavam de prazer comigo fodendo sua boca quente e formidável.

Rosnei com ele latejando e crescendo no movimento de entrar e sair.

— Vai ficar melhor quando senti-lo todo enterrado dentro de você. Vem cá! — Segurando em seu braço, a trouxe para meus lábios cravando um beijo forte e erótico naquela boca. Beije molhado, sem trégua até para respirar, sentindo o meu sabor na boca dela, e esmagando o pau duro, quase a ponto de explodir, em seu ventre.

Abandonei seus lábios apenas para tirar-lhe a blusa pela cabeça, logo os capturei antes de escorregar com os lábios pelo queixo, pescoço e abocanhei seu seio, sugando o bico rígido.

Ela gemeu toda mole, curtindo minha maneira rude de ser.

A coisa foi esquentando, meu instrumento ainda mais rígido doía pacas, e foi quando o telefone sobre minha mesa tocou. No terceiro toque caiu na secretária eletrônica e a voz do meu pai reverberou pelo ambiente, sem causar nenhum constrangimento diante da atmosfera sexual pairando por ele.

— *Henry, filho! Poderia vir a minha sala assim que ouvir este recado, por favor* — pediu ele, desligando em seguida.

— Ah, na melhor hora! — ela reclamou toda chorosa.

— Precisamos ser rápidos! — Com a pressa de gozar batendo, abri a gaveta e tirei de lá de dentro um preservativo e o vesti.

A virei com força de costas para mim, erguendo sua saia, afastei sua calcinha de lado revelando aquela delícia minando de prazer. Abaixei um pouco mais a calça e introduzi meu pau com força medida, com ela empinando o máximo a bunda. Ou seja, na medida que ela suportava.

— Ohhh... quente! — rugi enterrando tudo e segurei lá no fundo.

— Ah... — ela gemeu tremendo excessivamente, à investida.

Puxando seu cabelo para a lateral, beijava e chupava o pescoço alvo arqueado, respirando pesado, enfiava a língua dentro do seu ouvido dizendo sacanagens e mais sacanagens, fazendo a mulher trepidar no meu pau, entrando e saindo vigorosamente, enfiando e tirando com força.

As pernas bambas a fizeram inclinar e se apoiar na mesa empinando bem a bunda dura. Segurando seus quadris, ela foi literalmente fodida de quatro.

— Caralho, chefe! Você é fodão! — gritou baixo comigo tirando até a glândula e sem aviso algum, arremetendo forte e arrancando gemidos sufocados. — Delícia! Ahh, que foda maravilhosa...

De fato, o elogio era de causar orgulho à performance, porém, sem fôlego em consequência do coração quase escapando pela boca, e o pau inchando e endurecendo, sendo esmagado deliciosamente pelas paredes internas, não tive como responder.

— Não aguento, mais... Ahh... — Sentir a contração dela mergulhando num orgasmo violento, ocasionou o meu limite.

Mais duas estocadas e não foi possível segurar mais, afundei e segurei.

— Aguenta as pontas, que agora é minha vez! Ugh! — urrei, tremendo da cabeça aos pés, sentindo os simultâneos esguichos sendo expelidos.

Deitei meu corpo sobre o dela ali na mesa, e fechei meus olhos escutando as batidas acelerados do seu coração, como estava o meu. Sentia uma sensação de saciedade, bem-estar, o que normalmente acontecia após o orgasmo. E junto, veio aquela necessidade de ficar sozinho.

Não tinha o mínimo de aptidão ou tolerância para relacionamentos. Diferente delas, eu almejava sexo enquanto elas, carinho. A única mulher que desejei partilhar um pouco mais na cama fugiu de mim.

Meu coração saltou com a recordação daquele rosto divino, aquele corpo macio em meus braços. A imagem que povoava sempre a minha cabeça pós-foda. *Ela fodeu mesmo comigo.* Contrariando a reação do meu corpo, me afastei da Roberta ainda suspirando debruçada sobre a minha mesa.

— Você está bem, Henry? — indagou, mergulhada em consternação.

— Muito — respondi ríspido e me abaixei subindo minha calça e apressei caminhando em direção ao corredor dos banheiros. — Volte mais tarde para buscar o contrato, Roberta. — Fodido, incapaz de controlar os meus pensamentos e reações involuntárias pelo meu corpo, dispensei-a, entrando no banheiro fechando a porta com meu pé. E me escorei nela embrenhando os dedos pelos cabelos, injuriado.

Ela fugiu e me extorquiou de todas as maneiras.

Um episódio duro de engolir, mesmo se passando dois anos, ainda persistia engasgado. Me intitulado um trouxa seduzido pelos encantos, e que encanto! A mulher era perfeita. Enfim, guardei este segredo a sete chaves, envergonhado.

— Tânia Souza! — Apertando o maxilar a ponto de doer, balancei a cabeça. — Até seu nome é duvidoso, com certeza é falso, como a carteira de identidade.

Só para tirar a dúvida, perguntei a Lidianne se ela já ouviu o nome Tânia Souza na mansão do Ivan, ela garantiu que não. Desencanei. Não era o perfil de uma espiã, bater carteira. Considerando a espelunca em que ela se hospedou, certamente era daquelas vigaristas sem-vergonha em busca de vítimas para seus pequenos golpes.

Uma vagabunda, ladra de quinta, indecente.

A transa não saiu mais da cabeça, e piorou meu estado de espírito. Na verdade, o Ivan não era o meu único objetivo, a vadia era mais um deles.

Se cuida, golpista, se eu encontrar contigo, você morre!

— Henry, filho? — A voz do meu pai interrompeu os pensamentos sinistros.

— Só um minuto, por favor! — solicitei correndo com a higiene, e aguardei mais alguns instantes para me recuperar integralmente.

Recomposto, saí do banheiro me deparando com meu pai dentro de um terno elegante cinza escuro, em sua cadeira de rodas no final do corredor. A deficiência era herança do nosso grave acidente.

Ele teve uma lesão grave nas costas, que o deixou paraplégico. Cogitei sobre ele fazer o tratamento nos Estados Unidos, sobre uma técnica com células tronco, em vão. Ele dizia que estava bem.

— Demorou demais — com as mãos sobre os braços da cadeira, advertiu com a seriedade merecida.

Até hoje a cadeira de rodas não limitou meu pai em nada, pelo contrário. O homem assumiu uma postura de força surpreendente. Apesar da intromissão, ou seja, corrompeu os meus aliados na derrubada da máfia a trabalhar para ele, sentia muito orgulho deste velho com sua cabeça brilhante. Agiu sozinho e deu conta, quebrando a organização. Na verdade, quase! O Ivan ainda continuava solto por aí.

Mas, como prometi: *esse detalhe eu ainda vou resolver.*

— Perdão! — respondi caminhando até ele. — Estava analisando o contrato

da reforma do Edifício Mantostone. — Seus olhos verdes, muito semelhantes aos meus, investigavam meu rosto, nitidamente desconfiados.

Rindo do seu senso crítico, curvei-me e beijei sua face, com apenas algumas marcas do tempo, cheirando a colônia pós-barba, e desviando dirigi até minha mesa e me sentei.

Habilidoso com a cadeira, já estava posicionado à minha frente quando ergui a cabeça. Ele arqueou as sobrancelhas com os fios brancos em destaque, travando o olhar especulativo. Peguei o contrato que sequer li a primeira linha e ergui à sua frente.

— Aqui está a prova de que não estou mentindo, senhor Adam.

Este comportamento atento dele levava um nome bem específico: “preocupação!”. Nossa relação ia além de parentesco. Como eu, ele conhecia o meu espírito, sabia quando eu estava atormentado e vice-versa. Meu pai era daqueles austeros à moda antiga quando se tratava da educação, e foi a que aplicou comigo nestes 34 anos. Se hoje eu era um grande empresário e respeitado, eu devia a ele.

Sem desviar os olhos dos meus, ele avançou com a cadeira, contornou a mesa a parou com ela ao meu lado. Suspirei, girando minha cadeira de forma que fiquei de frente com ele.

— Tenho uma reunião com os responsáveis pela reforma, inclusive eles devem estar estourando por aí — estabeleceu pegando o contrato de minha mão.
— Mas esta não foi a razão de chamá-lo na minha sala.

Acenei levemente de cabeça.

— Agora você me deixou curioso...

— Eu preciso ter certeza de que existe uma rocha sobre o passado.

Inspirei profundamente e segurei o ar todo, enquanto pensava numa boa, mentirosa e convincente promessa, não encontrando nenhuma.

— Não entendi. — Numa fuga necessária à pressão dos intimidadores olhos, os únicos neste mundo que não conseguia encarar, levantei e caminhei até

a janela, a abrindo novamente e permaneci ali, de costas para ele.

— Então eu vou explicar — começou ele, pausadamente. — É importante saber antes da Maria Cláudia chegar — explicou num tom sério.

Grunhi surpreso, abandonando a bela vista e girei o corpo.

— É sério, pai? — indaguei incrédulo, o fitando com um sorriso curioso.

Vestido numa densa indecisão, ele assentiu movendo a cabeça.

— Seríssimo! — afirmando veemente, mergulhou os dedos da mão direita por entre os cabelos grisalhos. — Há mais de um mês, a gente vem trocando algumas figurinhas.

Surpreso, arqueei a cabeça.

— E ela está bem?

— Entusiasmada! — começou ele. — Alguns dias atrás, ela recebeu a visita de um amigo do Anselmo. Ele deveria ser íntimo, conhecia até a intenção do seu irmão de adotar uma criança. Inclusive, comentou ter feito algumas visitas em companhia dele em alguns orfanatos, e pegaram até alguns cartões.

Meu coração saltou e meus olhos encheram de lágrimas, a notícia ativou minhas memórias de seus desabafos e desejos. O maior deles: adotar uma filha.

— Realmente, o Anselmo estava obcecado por esta ideia.

— O fato é que ele incentivou a Maria Cláudia a realizar o desejo do seu irmão. Enfim, mexendo nos pertences dele, ela encontrou alguns cartões de orfanatos. E um em especial havia a data de uma possível visita, dois dias após seu falecimento.

— Caracas! — Pasma, segui para minha cadeira, me jogando nela, debrucei sobre a mesa e cruzando os dedos, comecei a rir saudoso, e feliz também. Muito feliz. — Talvez alguma criança atendia às características solicitadas por ele, e alguém do orfanato tenha entrado em contato — ponderei.

— Exatamente — confirmou meu pai. — Maria Cláudia está muito

confiante. Agora ela quer muito realizar o sonho do Anselmo, e eu decidi fazer parte desta conquista. *Adotaremos juntos* — ressaltou.

— Fantástico, pai! — recostando na cadeira, aplaudi seu gesto constatando os olhos encharcados, emocionado. Meus pais se casaram no Brasil, e logo após o meu nascimento se mudaram para a Europa. A separação veio logo depois, eu escolhi morar com o meu pai. Minha mãe se juntou a um magnata da moda nos Estados Unidos, a gente tem pouco contato. E meu pai nunca mais se casou. — Eu falo que você é o cara! — Saltei da cadeira indo dar aquele abraço apertado no velho. — Estou orgulhoso do senhor!

Ele ria em aprovação.

— Eu sabia que ficaria feliz com a novidade — começou ele se afastando e pegando na minha mão. — É um momento de mudanças, meu filho. Por isso eu quero uma promessa de esquecimento do passado, só assim podemos recomeçar nossas vidas. Trazer mais vidas, luz para perto de nós.

Não estava disposto a pensar, ou mesmo falar sobre o assunto agora, e desconversei.

— E quando vocês vão a este orfanato? Eu gostaria de acompanhar os dois — expus minha vontade caminhando em direção à sala social, e sentando na poltrona giratória, peguei nosso álbum de família sobre a mesa de centro.

Ria com as fotos, tinham como cenário Londres ao fundo.

Sempre quando arranjava um tempo na sua vida agitada, Anselmo partia para Europa para nos visitar.

— Ótimo! Como a reunião está marcada para daqui duas horas, você acompanha a Maria Cláudia até o orfanato. E eu atendo o Guilherme Uchoa, além deste contrato aqui — ele ergueu a mão com os papéis — ele demonstrou interesse em comprar o hotel de Belo Horizonte, e eu preciso rever a proposta dele.

Paralisei àquela frase “Hotel de Belo Horizonte”, tendo acesso ao conteúdo exclusivo no meu cérebro. Aquele que ele detém a imagem da vigarista tremendo nos meus braços. Sempre quando penso nela, desencadeava a tensão, mas também o tesão. Com aquele frio prazeroso na boca do estômago, sentia

meu pau endurecer.

— O que você acha da venda? — questionou ele.

Dei de ombros me levantando e larguei o álbum aberto sobre a poltrona.

— Ele já serviu aos seus propósitos! — opinei rápido, irado e excitado. — Por mim pode desfazer dele.

O som do telefone começando a tocar sobre minha mesa soou como um trovão dentro da minha cabeça, cheia de pensamentos tumultuados.

— Diga, senhorita Roberta!

— *Avisa o Sr. Adam Stone que a senhora Maria Cláudia, o senhor Guilherme Uchoa e Ruan D'Ávila, da construtora, os aguardam na recepção.* — O tom áspero na voz demonstrava sua consternação devido ao meu tratamento pós-transa.

Depois dou um jeito de contornar a situação!

— Direcione todos para a minha sala, por favor! — solicitei, sem receber um tudo bem, um suspiro, nada.

A mulher muita furiosa, praticamente tacou o telefone na minha cara.

Mulheres!

— Chegaram todos juntos! — anunciei.

Fiz questão de atender a porta.

Maria Cláudia era charmosíssima aos seus 57 anos. Os cabelos curtos e brancos ganharam um corte estiloso, e dava um toque elegante no vestido floral de fundo branco, como o casaco. Colorida, discreta e semblante muito entristecido.

— Receber a sua visita, e ainda com a novidade maravilhosa era tudo o que eu precisava! — Abri um sorriso largo, e os braços para ela. Era o tamanho da minha alegria.

— Que saudade de você, meu querido! — Ela se jogou neles e pressionou o rosto em meu peito. Exatamente como fazia com seu filho amado. — Você tem o cheiro do seu irmão, sabia? — Beijou sobre a camisa, fazendo meu coração acelerar saudosamente.

É triste ver uma mãe sofrendo assim!

— É, meu irmão tinha bom gosto para perfume! — disse ao seu ouvido, beijando sua face em seguida.

— Verdade! — esfregando as palmas das mãos delicadas em meu peito, ela concordou, e sentida, suspirava muito forte.

— Maria Cláudia! — Meu pai, atrás de mim, estendeu as mãos a chamando para um abraço, e foi lhe dado um forte e muito terno. — Por favor, filho, atenda os cavalheiros enquanto eu converso com a Maria Cláudia.

Assenti observando os dois se afastando para o corredor dos banheiros. Esta cumplicidade deles persistiu mesmo após a separação.

— Se considerar mais oportuno, podemos voltar depois! — Muito educado, Guilherme, o dono da construtora, se pronunciou.

Sua companhia estava localizada em Alphaville, um bairro na cidade de Barueri, em São Paulo. A boa gestão era tudo, a empresa nasceu recentemente atuando em vários segmentos e já estava entre as maiores do país. Inclusive, com obras em destaque no Brasil.

Notei seus olhos verdes e traços muito parecidos com o senhor o acompanhando. Ele aparentava ter a mesma idade do meu pai, porém, um estilo muito diferente, mesmo usando um terno preto e muito elegante como o do Guilherme, os cabelos curtos grisalhos e a barba longa o deixava cheio de estilo.

— Sem estresse, Guilherme! — Estendi a mão e ele apertou. — Entre, por favor.

— Estava ansioso para debater as condições da compra do hotel, seu pai colocou você a par? — citou sem demora, muito interessado.

— Acabamos de conversar a esse respeito.

— Este é o meu pai e sócio. — Deslizou para o lado, deixando-o em destaque.

— Henry Mantovani, prazer! — estendi um cumprimento.

— O prazer é todo meu — retribuiu ele. — Renan D'Ávila.

— Estou vendo que todos já se conheceram — interpelou meu pai saindo pelo corredor, Maria Cláudia atrás da cadeira, a guiando.

— Já fiz as honras! — brinquei fechando a porta.

Todos rimos descontraídos.

Estiquei a mão acenado a sala social no centro do ambiente.

— Acho melhor a gente ir, Henry! Temos um percurso com mais de 70 km para percorrermos. — Ergui a sobrancelha, espantado.

— Pensei que fosse mais próximo — declarei.

— Se não saírem neste instante, chegarão atrasados para a reunião — instruiu meu pai, segurando na mão da sua antiga namorada. Assenti de cabeça e ele voltou a Maria Cláudia, respirando com tamanha ansiedade. — Boa sorte!

Sorrindo, ela curvou-se segurando suas faces e beijou sua testa com ternura.

— E você, cuide dessas dores nas costas, ok? — sussurrou em sua pele.

Agora eu quem fiquei preocupado.

— Se está com dores, deveria me comunicar! — ralhei, esquecendo das visitas.

É que esta mania dele em esconder seu sofrimento me tirava do sério.

Conformado, ele respirou fundo dando de ombros.

— Fica em paz, Henry! — pronunciou austero, dando com a mão.

— Não há como ter paz com você sofrendo no silêncio, pai! — reclamei.

— Com licença! — Eva, a copeira, entrou com uma bandeja com água e café se dirigindo ao meu pai. — Achei que o senhor gostaria de tomar um cafezinho, senhor Adam. — Seu jeito amável e simpático dispensava recusa.

— Sempre acertando! — elogiou meu pai acenando com a mão à mesa de centro na sala social.

Contratada há um ano, Eva era uma funcionária muito querida por conta deste seu carinho com todos. Sua disposição, aos 56 anos, superava a de muitos novinhos.

— Vou providenciar um fisioterapeuta para tratamento em casa e em tempo integral — enfatizei voltando ao meu pai.

Ele revirou os olhos em desaprovação.

— Já tentei, e sabe muito bem que não consigo me adaptar. — Teimoso, se recusava em experimentar outro especialista para atendê-lo em casa, principalmente pelo fato de que, por livre e espontânea vontade, ele nunca finalizava as sessões de fisioterapia indicadas pelos médicos.

— Desculpa a intromissão! — Guilherme se aproximou da cadeira. — Meu pai é dono da Uchoa Indústria Farmacêutica e amigo do Jonas Germain, diretor do Hospital Saint Germain, referência em ortopedia, acredito que ele teria uma excelente indicação de profissional.

Acenei de cabeça, a sugestão agradou, e não ao meu pai. Seus lábios entreabriram para um possível protesto, interpelei.

— Já ouvi muito falar deste hospital, poderia me dar o contato? — solicitei.

— Farei melhor, ligarei neste instante fazendo a solicitação. — Muito prestativo, ele pegou seu celular do bolso do paletó e se afastou, parando em frente à janela, enquanto conversava ao telefone. Todos aguardávamos em silêncio e então ele desligou com um amplo sorriso nos lábios. — Perfeito! — começou estufando o peito. — Ele garantiu providenciar um profissional de ponta. Pediu alguns minutos para fazer contato com a clínica de fisioterapia de São Paulo, Fisio&Clin, e já retorna à ligação — finalizou todo orgulhoso de si.

Meu pai bufou decepcionado, o constrangendo.

— Sou um velho conhecido da clínica — soltou.

— Pai, larga de ser turrão! — intervi envergonhado e olhei para o Guilherme. — Valeu, Guilherme! — Bati em seu ombro amenizando a tensão criada.

— Imagina!

— Espero que o café esteja a seu gosto, senhor — interveio Eva. — Com licença. — Saiu.

— Acho um exagero atendimento residencial, mas enfim... — continuou meu pai se retraindo. Tenho certeza de que era dor, mas não esbocei nenhum comentário.

— Então vamos, Maria Cláudia. — Peguei a carteira dentro da gaveta, despedi dos homens e a seguir eu e a mulher ansiosa deixamos minha sala.

Chegamos em cima da hora marcada em São Roque, um município paulista considerado Estâncias Turísticas pelo estado de São Paulo, também conhecido como a “Terra dos Vinhos”. Percorremos a charmosa sinuosa estrada, muito famosa pelas inúmeras vinícolas espalhadas. Pegamos alguns atalhos e então, avistamos a entrada do Lar.

As instalações ficavam numa área rural. Entramos por uma portaria com o nome de Lar Amparo. Nos identificamos e percorremos um quilômetro pela estrada estreita, toda em pedra ladeada por altos pinheiros. E chegamos a uma parte toda gramada e deserta, e logo após ela estava a enorme construção em “L”. Ali era um complexo que, dividido, lembrava um convento e Igreja.

Estacionamos o carro em frente e caminhamos até a varanda, uma porta de madeira de duas folhas se abriram a nossa presença.

Uma freira jovem nos recepcionou.

— Por favor, entrem! — convidou ela escorregando para o lado, dando-nos passagem.

Acessamos um amplo salão com pé direito alto e todo em azulejos decorados, retratando cenas religiosas.

— Desculpa o atraso! — Maria Cláudia se antecipou enquanto eu analisava toda a arquitetura e decoração.

Um ambiente com ausência de pessoas e bem interessante.

— A madre Aurora espera por vocês — informou ela caminhando pelo salão em direção onde havia uma grande porta de metal, e a abriu.

Saímos num corredor estreito e, além dele, havia uma área típica de lazer. De onde estávamos víamos: piscina, churrasqueira, quadra de tênis, vôlei e tudo relacionado ao esporte onde crianças de ambos os sexos e de variadas idades se divertiam, monitoradas por várias freiras.

Surpreso ao cenário revelado eu sorria de canto, Maria Cláudia também se encantou, sua mão pegou a minha e apertou.

— Por aqui, por favor. — Ela seguiu à direita pelo corredor até o fim e abriu a porta revelando um tipo de hall, na parede à frente havia um aparador de madeira em tom escuro, sobre ele estava um vaso decorativo. — À esquerda tem a porta que dá acesso à sala de espera, aguardem lá que já serão atendidos — informou ela acenando com a mão para entrarmos.

— Obrigado! — agradei.

Já no interior do hall nos certificamos da tal porta, dirigindo até ela, entramos. Divisória de vidro do chão ao teto dividia o ambiente em dois. A antessala é decorada apenas por poltronas confortáveis em couro marrom e na outra, a suposta Madre sentada em sua mesa acenou, indicando para aguardarmos. À sua frente, de costas para o vidro, estava uma mulher de cabelos longos, as madeixas douradas reluziam sobre as costas eretas.

Maria Cláudia se sentou, agora eu? Não consegui. A mulher em frente à religiosa, curiosa, deu uma leve inclinada com a cabeça.

Se não for a vigarista, deve ser sua irmã!

Embora os cabelos caindo ondulados pelas costas eretas fossem loiros, os óculos marrons, tão grandes, escondiam um pouco de sua face. Eu conhecia aquele perfil.

Na ansiedade que fiquei tornou-se impossível até respirar. Pelo vidro assistíamos a freira debruçando sobre a mesa, e suas mãos estenderam pedindo as da moça, que as segurou por alguns instantes e de repente ela se levantou. Pegou uma bolsa preta, combinando com o terno preto: saia e blazer, muito elegante, sobre a cadeira ao lado e a colocou no ombro permanecendo ali, de costas para o vidro.

Notava a tensão entre as duas trocando palavras, com um semblante de advertência a Madre acenava com a mão em direção à cadeira, claramente a aconselhava a voltar e se sentar. Em contrapartida, a mulher balançava a cabeça no sentido negativo, e gesticulava nervosamente com as mãos.

Fiquei em silêncio contemplando a silhueta, agora um pouco mais malhada, elegante, sensual e chegando na bunda, também mais empinada e muito atraente, eu parei por ali. Arrepiado e excitado.

“O porte físico, tudo bate!”, pensei com um puta ódio de mim, sentia mais mágoa do que raiva,

Colocando as mãos no bolso da calça avancei até o vidro, quase colando a cara nele a fim de averiguar melhor.

— Olha aqui pra mim! — pedi em voz alta, me esquecendo da Maria Cláudia.

— O que foi que disse? — indagou ela se levantando e se posicionou ao meu lado.

Ambos olhávamos para dentro da sala.

Capítulo Nove

SACHA

— Pelo amor de Deus, Madre, o homem lá fora não pode me reconhecer, eu preciso da sua ajuda para sair daqui — com meus olhos transbordando em lágrimas implorei, literalmente sufocada, colocando a bolsa sobre meus ombros.

Meu coração batia exageradamente forte, espancando minhas costelas, causando uma dor aguda. Tão descontrolado, ele subiu para a garganta, a deixando totalmente bloqueada.

— Acalme-se! — Pegando na minha mão, a Madre pressionou dando todo o seu apoio caloroso e necessitado.

Madre Aurora, hoje aos 78 anos era a superiora de todo o lar, esclarecendo melhor: desde quando tudo aqui era apenas um convento. Digo sem medo de errar: ela era a pessoa mais incrível que cruzou em minha vida. Conheci esse lugar na época em que a Mônica saiu de casa, e foi ela quem me acolheu de braços abertos com o seu amor incondicional. Alguém a qual poderei contar sempre. Nunca quis admitir o que estou prestes a dizer: a atenção disponibilizada por ela era superior à que recebi da minha mãe.

— Não dá... — justifiquei, sacudindo levemente a cabeça de um lado ao outro, tudo para não transmitir o quanto eu estava transtornada, em pânico, morrendo de medo. A verdade é que estava no pico do desespero imaginado uma suposta invasão na sala, para conferir meu rosto de frente. — Ele é um dos membros da organização do Ivan; e se me descobrir, a essa altura do campeonato, estou perdida — confessei.

Assustada, seus olhos castanhos aumentaram dez vezes o tamanho normal.

— N-não me diga isso, minha filha! — ela cochichou.

A voz macia e pausada, saiu entrecortada junto a expressão amedrontada e superou a minha. Ameacei virar a cabeça, porém ela impediu esta minha ação desmedida.

— Resista de olhar para trás. — Pressionou forte a minha mão. — Mantenha-se firme assim de costas, e estará segura de revelar sua identidade. Seu novo visual está gerando dúvida nele. — Seus olhos correram discretamente sobre meus ombros. — Embora esteja quase com a face grudada no vidro, percebo o olhar de dúvidas dele sobre você.

Para garantir um maior anonimato, soltei da mão dela e joguei meus cabelos tingidos de dourados sobre os ombros, envolvendo meu rosto neles para me esconder. Porém, sem descansar os olhos agitados, eles observavam tudo à minha frente, buscando rotas de fuga.

— No banheiro, Madre! — falei rápido, estacionando os olhos na porta de madeira escura e fechada. — Há alguma porta por onde eu possa sair na lateral do prédio? Uma janela serve! — quase gritei esperançosa. — Sou ótima no quesito pular janela, muros... Tudo eu pulo. — A tensão era tamanha e não resisti jogar um pouco de humor. Uma característica minha quando ficava apavorada.

Ela riu desnorteada.

— Não, minha querida! Mas vá ao banheiro e se tranque lá e eu saio para conversar com eles. Enquanto isso vou pensando em uma maneira de te tirar daqui. — Orientou com toda sua calma rotineira, daquelas de aquecer qualquer coração.

Ela era aquele tipo de pessoa que a gente queria sempre ter ao nosso lado.

— Por que será que ele está aqui? — perguntei confusa.

Ela acenou de cabeça junto a levantada de sobrancelha.

— Deve ter algum parentesco com a senhora elegante ao lado dele, ela se chama Maria Cláudia Gonzaga, veio na intenção de adotar uma menina mais velha. Ah! Mas agora a coisa mudou de figura: se eles forem de fato quem você diz, uns bandidos inescrupulosos, jamais levarão alguma das minhas crianças — afirmou numa postura protetora, que eu amava de paixão.

Ela sempre cuidou de todos.

Terminado a frase alguém bateu no vidro, seu rosto enrugado e branquinho ganhou um rubor assustador, e eu prendi todo o ar em meus pulmões.

— Foi ele quem bateu?

Fitando-me atormentada, ela disse sim movendo a cabeça sutilmente.

Atormentada, era como eu deveria estar diante das circunstâncias. Mas não! As imagens nossas naquele hotel propagando em minha mente, me levavam ao caminho oposto. Suspirei sem notar.

Experimentar o homem e sua essência, depois ficar sem ele, foi a passagem só de ida para a depressão, quase desacreditei da vida. Quantas e quantas vezes me perguntava o sentido dela.

“Bloqueie o passado e tome uma posição urgente, Sacha!”, a voz gritava dentro da minha cabeça em alerta.

Sumir dali era mais do que necessário, porém, não conseguia mover um músculo. A verdade é que não desejava correr nem me esconder. Vivia um momento inusitado, sentia algo novo, um socorro promissor, uma esperança de sair do abismo.

Meu coração assumiu um ritmo quase alucinado, tamanha a vontade de virar a cabeça para trás e olhar, nem que fosse por apenas um segundo o rosto másculo e bonito dele. Nestes anos no silêncio, eu pensei nele cada minuto, cada segundo. Sentia seu olhar em minhas costas, injetando sua energia poderosa, exatamente como sua pegada fenomenal.

Ah, como eu senti saudades deste homem! Depois daquela transa inesquecível ele se tornou parte de mim.

Estava viajando nele e tudo o que ele significou, e nem percebi meu suspiro novamente, e desta vez bem alto. Notando, a Madre manifestou sua preocupação.

— Será que a senhorita poderia retornar ao mundo real, por favor? — ralhou apertando meu braço.

Advertência oportuna, já estava delirando.

— Ah, desculpe! — Ri ainda em transe. — Devo estar maluca, é isso.

Seus olhos foram para o vidro com mais uma batida nele.

— Só um minuto, por favor. — Sorrindo forçado, ela deu com a mão livre. E então voltou a mim. — Você está maluca e meia, menina! É melhor se apressar — aconselhou muito insegura. — O homem está claramente impaciente e pode entrar aqui a qualquer momento.

— Não diga meu nome, por favor! — fiquei envergonhada de lhe pedir algo desta magnitude.

E para o meu martírio, a atingiu fazendo cara de choro.

Merda!

— Eu não posso mentir, Sacha! — rebateu em desaprovação.

— Mas pode omitir — sugeri comprimindo os lábios.

Ela soltou todo o ar dos pulmões.

— Darei o melhor de mim para despistá-lo. — Dizendo isso, ela me empurrou em direção à porta do banheiro. — Não abra a porta para ninguém, entendeu?

Eu só assenti e entrei voando no banheiro e tranquei a porta à chave.

— Ah, desculpem a demora, estava numa reunião complicada. — A voz tremida da Madre dava indícios preocupantes. Um perigo dela revelar o meu nome, já que ela nunca mentiu. — A senhora deve ser Maria Cláudia, certo?

— Eu mesma!

“Que tom de voz adocicado desta senhora”, pensei, ansiosa para ouvir a voz dele. *Henry Mantovani!* A informação veio do pessoal do hotel onde fiquei hospedada. Para ele ter ido a minha caça, é porque deve ter ficado em maus lençóis com o Ivan, quando me deixou fugir sem deixar rastros.

— E eu sou o Henry Mantovani, muito prazer! — A voz grave e profunda ecoou pelos meus ouvidos, acarretando ondas de arrepios. A densidade daquela voz era tamanha que corriam pelo meu corpo como mãos exigentes. Fechei meus olhos para não me distrair, queria tudo, queria mergulhar naquele tom que sussurrou em meus ouvidos. Mesmo ele sendo quem era, plantou uma semente especial em mim, por isso era justo admitir que ele trouxe um novo sentido à minha vida. — A moça que a senhora estava conversando é a senhorita Tânia Souza? — indagou ele sem dar a chance de a Madre retribuir o cumprimento.

Gelei.

— Tânia Souza? — Fiquei confusa até me lembrar o documento falso, arranjado pela Jussara.

— Não, não. — O tom ainda não passava confiança. — Na verdade, não olhei no currículo dela. É uma candidata para uma vaga no hospital de um amigo. Veio por intermédio de um voluntário que costuma fazer generosas doações ao orfanato.

Engoli duro, aguardando a reação dele.

— Não gostaria de ser inconveniente, mas preciso insistir no nome dela. Ela lembra muito uma amiga, e fiquei curioso.

— Ai, meu Deus! — Agoniada e com o coração na boca, levei a mão a ela e apertei, orando para a Madre resolver.

— Talvez possamos conversar no caminho, aproveitar que as crianças estão todas unidas praticando esportes. Assim fica mais fácil para vocês conhecê-las num todo.

— Excelente ideia, estou muito ansiosa, Madre! — A voz adocicada assumiu a conversa.

Logo os ruídos dos passos se afastando trouxe um tremendo alívio ao meu corpo, coração e mente.

Meu Deus! Inspirando o máximo de ar a fim de expandir meus pulmões, escorei na parede e fechei meus olhos, refletindo sobre a minha vida. O rumo dela, e compreendendo o quão profundo era o meu pesar.

Não queria, mas fui obrigada a conviver com a herança deixada pela minha irmã e mãe que, aliás, sumiu no mundo. Corrigindo, ela desapareceu dois meses depois que saí da sua casa, aquela conversa absurda que tivemos no meu quarto permanece vivinha minha cabeça.

Onde já se viu uma mãe fazer o que ela fez comigo! Não existia explicação no mundo justificável ao tamanho do egoísmo. A vida me ensinou que o amor de mãe era mais forte que tudo, e este era o meu sentimento pela minha. Não era recíproco, estava ciente e mesmo assim, o meu amor por ela era maior do que tudo nesta vida.

Normalmente abraço de mãe era protetor, preenchia o coração do seu filho, expulsava a insegurança, o medo. O abraço da minha trazia o furacão no lugar da calma, mesmo me rejeitando após o acidente da Mônica, eu sempre esperei pelo próximo.

Desta vez, nem sei se vai existir outro com o seu desaparecimento. A realidade doía pra caramba! Sentia uma profunda tristeza e vazio.

Padecia tanto do conforto do seu abraço.

Conclusão! Eu estarei sempre ligada a ela com este meu amor incondicional!

Resolvi omitir sobre o Henry à Jussara, e não nos falamos mais. E uma semana depois de ter voltado para a mansão do Ivan, ele começou a ficar muito nervoso, o movimento pela propriedade intensificou. Notei a contratação de mais capangas, não sabia exatamente o que estava ocorrendo, mas pela tensão implantada ao redor, sabia que se tratava de algo muito grave. Liguei o “foda-se” e fiquei no meu canto até descobrir que morreria nas mãos dele ou viraria uma escrava. Diante da minha situação, arranquei coragem nem sei de onde e fugi, vim para cá e, como sempre, a madre Aurora me acolheu.

Nunca ninguém soube deste meu refúgio, nem mesmo a minha melhor amiga. E quando ela ligou no meu antigo número de telefone com a notícia da queda da organização criminosa do Ivan, eu comemorei. E a alegria foi ainda maior com seu pai sendo inocentado de um crime ao qual nunca cometeu. Lamentável!

Embora a fuga do Ivan do país fosse um empecilho à tranquilidade

absoluta, vivi serena e em paz aqui no orfanato nestes últimos dois anos. E hoje eu estava aqui, me despedindo.

— Sacha, querida! — A voz da Madre batendo na porta do banheiro tirou-me dos meus devaneios. Abri-a rapidamente.

— Eles foram embora? — indaguei apavorada, esticando o pescoço para a porta que ela deixou aberta.

— Estão lá fora, precisa sair daqui imediatamente, querida.

Assenti a seguindo até sua mesa, abriu uma gaveta e tirou dela um envelope.

— Aqui está a sua carta de referência direcionada à Físio&Clin, uma clínica de referência em fisioterapia e redução postural, indicada pelo tal diretor do Hospital Saint Germain, na Zona Sul de São Paulo.

O diretor ligou para a Madre se identificando como um visitante que esteve aqui no Dia das Crianças, oferecendo uma vaga de fisioterapeuta para mim. Disse ter assistido ao meu atendimento durante a sessão de fisioterapia a uma das crianças e ficou encantado com as minhas técnicas. Necessitada, não pensei duas vezes.

— Pelo menos uma vez na vida a sorte bateu em minha porta! — Suspirei agradecida.

— Você é merecedora, querida! — elogiou ela com um sorriso materno nos lábios.

Estava feliz pela oportunidade de buscar novos desafios, porém, com o coração apertado em deixar o orfanato para trás, a minha história estava toda aqui.

— Oh, minha querida, vem aqui! — Notando as lágrimas preenchendo meus olhos, fui envolvida num forte abraço confortador. — Eu gostaria muito que continuasse trabalhando aqui, mas conhece os problemas atuais, o quanto está complicado devido à crise no país. Fica tranquila, estarei aqui cuidado de tudo e sempre esperando você. — Assenti emocionada com sua voz embargada.

Afastei moldando seu rosto angelical entre minhas mãos.

— Eu compreendo, Madre. — Secando suas lágrimas com meus polegares, solucei muito emotiva e assustada em largar tanto para trás. — Dois anos isolada aqui dentro, agora me sinto indecisa em sair, sabe?

Balançando a cabeça em negativa, ela ria entre as lágrimas.

— Não tema, minha querida! — Ela me puxou para mais um abraço. — Dará tudo certo. — Nos afastou um pouco e agora segurava as laterais do meu rosto. — Eu tenho certeza de que até nesse novo trabalho você fará a diferença. É uma mulher forte, e ao levar sua experiência de superação aos seus pacientes, os levará a acreditar em si próprios. Precisamente como fez em todo este tempo aqui no orfanato. Trouxe esperança e sorrisos aos rostos de tantas pessoas.

Grunhi rindo de todo seu carinho.

— Obrigada por tudo, Madre! — Trazendo seu rosto mais perto, beijei sua testa. — Transferi uma quantia considerável na conta do orfanato — avisei.

Descontente, ela balançou a cabeça de um lado ao outro em nítida reprovação.

— Não era necessário, Sacha!

— É necessário sim, senhora! Querendo ou não, sempre estarei contribuindo. — Cedendo, ela fechou os olhos por alguns instantes. — É a minha obrigação.

— Obrigada, minha filha! — disse trazendo suas mãos quentes ao meu rosto e sorriu com ternura. — Desejo toda a sorte deste mundo a você, tá?

Assenti respirando profundamente.

— Em todas as oportunidades de folga estarei aqui marcando presença. Eu prometo! — Afastei, focando em seus olhos castanhos transbordando de lágrimas. — Vou me encontrar com a Jussara em Alphaville e posteriormente ligo marcando a entrevista com a clínica — ilustrei meus planos.

Ela sorriu muito abatida.

— Vai logo, antes que o tal Henry Mantovani venha até aqui com a minha demora — alertou ela em um tom provocador.

Meu coração errou a batida com o nome dele, ergui as sobrancelhas muito, mas muito curiosa.

— Ele insistiu depois que saíram daqui?

— Muito, Sacha! — Soltou o ar simulando cansaço, acabei rindo do seu jeito maroto. — Ele está muito determinado, por isso aconselho a sair daqui voando se não quiser ser descoberta.

— Disse meu nome a ele?

Ela rosnou brava.

— Deveria! Mas não... até o momento da escapada para vir aqui libertar você, eu consegui desconversar. Agora vai logo! Some daqui, menina. — Deu um tapa leve na minha bunda.

Saí da sala rindo da brincadeira, chorando de saudades e morrendo de vontade de espiar o maravilhoso de beleza mediterrânea.

Chegando à varanda, meus olhos o encontraram na quadra jogando bola com a Lívia, de seis anos. Curiosas, várias outras crianças se aproximavam dele. Escondi atrás de uma coluna de concreto espiando sua desenvoltura com os pequenos, todos empolgados. Sua atenção foi para a Júlia, da mesma idade da Lívia, a sapequinha gargalhava tão bonitinha.

Ele é tão bonito! Sorri fascinada, observando aquele homem imponente, elegante dentro de um terno preto, ajustado maravilhosamente ao corpo atlético, agora jogando bola com o Gabrielzinho. Suspirei emocionada à sua atenção com o pequeno, que, aliás, dava um show de habilidade no drible com a bola com apenas um ano e três meses. Envolveu-se tanto com o Gabrielzinho a ponto de pegá-lo em seu colo, e espontaneamente aplicou um beijo na bochecha rosada de suor.

Um gesto especial para um homem com ar tão arrogante, e ocasionou a ciúmeira da Isadora, prestes a completar 8 anos, ela era muito apegada com o Gabriel e excessivamente amada. Bem, todas as crianças eram muito amadas e

bem cuidadas neste orfanato.

— Agora é a minha vez, tio! — já vestida em seu uniforme escolar, aguardando a van escolar que a levaria para uma escola particular na cidade, gritou ela abraçando aquela perna musculosa que eu tive o prazer de conhecer bem de perto.

Meus olhos se concentraram na região do seu instrumento maravilha, e claro! Minha boca encheu de água.

— Toma seu rumo Sacha, e chispa logo daqui mulher! — adverti a mim mesma.

Pena que ele não vale nada...

Desolada, porém, confiante na madre Aurora em proteger as crianças, entrei pela porta de aço que uma das freiras acabava de abrir.

Caminhei apressada pelo salão deserto e saí pela porta em busca de um novo recomeço, e sem a presença da máfia desta vez.



Assim que o táxi deixou a Rodovia Castelo Branco, pegando a via principal de Alphaville meu queixo caiu, literalmente. Era mais bonito do que ouvi falar, a avenida provém de toda infraestrutura como bancos, shoppings, restaurantes, etc. Além de edifícios fantásticos de alto padrão. Tudo muito elegante e moderno.

Hora de avisar a Jussara que estou nas intermediações. Peguei o celular novo dentro da bolsa e disquei seu número. Eu não avisei que viria.

— Alô! — sem conhecer o número novo, ela atendeu com aquela voz arredia.

— Dou apenas um segundo para adivinhar quem está aqui do outro lado da linha.

Um suspiro surpreso foi ouvido e meu coração acelerou, emocionado.

Sensível, comecei a chorar, aliás, eu vinha chorando à toa.

É a carência!

— *Eu não acredito, minha amiga linda!* — Ela soluçava junto comigo e o motorista observava meu estado emotivo pelo retrovisor. Eu acho que notei os olhos negros úmidos. — *Não creio que finalmente você ligou, aliás, eu te odeio por nunca me informar o endereço da sua moradia e esconder de mim o que aconteceu naquele dia na festa.*

Sem conter toda aquela emoção, eu desabei geral. Jussara representava amparo, hoje, não havia outra pessoa com quem contar.

— Vamos pular esta parte e concentrar no que é mais importante, Ju! — solicitei sem arrependimentos. Esta coisa de segredos existia em nossas amizades, principalmente dela com a Mônica. — Estou neste instante dentro de um táxi, e aqui pertinho de você.

Ela sorriu alegremente, me fazendo rir também.

— *Jura?*

— Juro por Deus! — Por pouco não cruzei os dedos sobre a boca como fazíamos no passado, percebendo os olhos curiosos do motorista de olho na minha conversa.

— *Vou te dar o endereço da casa do Marcelo e da Carol, estamos todos aqui reunidos no chá de bebê deles.*

— *Aí! Será Ju?* — Entrei numa dúvida profunda.

Não estava ainda familiarizada com a vida livre, real, ainda mais me envolver numa reunião familiar.

— *Relaxa, Sacha! Eles são gente de verdade, pessoas maravilhosas, vai se amarrar, eu garanto.*

— Tudo bem então! Manda o endereço por mensagem neste número, por favor.

— *Um minuto e você recebe, até daqui a pouco.*

Ela não cumpriu a promessa, na verdade superou. A mensagem entrou em dois segundos, passando o endereço ao motorista, recostei no banco analisando a paisagem ao redor e encantada com o bairro. Concordava com a Jussara quando ela dizia que Alphaville era um bairro nobre do município de Barueri. O endereço fornecido era de um condomínio espetacular, lindas mansões nas ruas arborizadas, fornecendo uma sombra agradável onde um cãozinho relaxava embaixo de uma frondosa árvore.

— O sol hoje está tão quente, que nem o cachorrinho aguentou! — comentei.

O motorista concordou de cabeça, estacionando em frente a uma fantástica casa branca com uma jardinagem à frente, de cair o queixo.

— O sol está judiando, moça! — ressaltou e desligou o motor do carro.

— Nossa, a casa é linda!

— Aqui por essas bandas tudo é perfeitamente lindo, moça.

Acenei de cabeça com um sorriso orgulhoso da minha amiga.

Tão logo efetuei o pagamento pela corrida, a grande porta se abriu e Jussara surgiu com seu sorriso brilhando desenhado nos lábios perfeitos dela. Os cabelos lisos e negros continuavam invejáveis, e estava show vestida em uma mistura de peças clássicas e informais. A calça jeans escura, uma camiseta branca por dentro, um casaco azul Royal e o toque final era a sandália de salto alto e largo em jeans.

— Meu Deus, Sacha, como você está linda! — Ela veio correndo e o detalhe: braços escancarados. Caí neles com vontade. — Que saudades! — sussurrou ao meu ouvido.

Suas mãos quentes perambulavam livremente por minhas costas.

— Imagina eu! — A apertei mais em meus braços — É tão bom estar aqui contigo, Ju!

Eu soluzei, e agora ela quem me apertou e permanecemos ali, trocando aquele sentimento de saudades. Cada uma de nós sofriamos em nossas proporções.

— E a sua mãe? — perguntou se afastando e repousando as mãos nos meus ombros, seus olhos inundados zanzavam em meu rosto, cada canto dele. — Tem notícias dela?

— Nada! — o que eu resumi em palavras, expus em lágrimas, aliás, nem seria necessário dizer mais nada, pois todos os meus sentimentos, anseios e dores estavam ali, estampados nos meus olhos, como o ditado: O espelho da minha alma.

— Eu sinto muito mesmo! — disse coberta de sinceridade e me puxou para mais um abraço. — Pelo menos sabemos que ela não caiu nas garras do Ivan — comentou num tom incerto.

— Tenho plena e absoluta certeza de que pelo menos livre dele, ela está — confirmei apartando e a encarei. — Logo quando fugi da casa do Ivan, eu liguei avisando sobre a minha peripécia. Eu morreria se ficasse... — funguei magoada relembrado as palavras mesquinhas, agressivas usadas por ela. — Ela xingou horrores antes de mandar eu me cuidar.

Minha amiga chorou por mim.

— Não precisa chorar, Jussara! Eu já me acostumei a barreira imposta por minha mãe.

A mais pura verdade.

— Você é alguém muito especial, sabia? — Mais um abraço, e ali em seus ombros eu desabafei toda a minha dor.

— Jussara? — Ergui meus olhos e fiquei hipnotizada na figura masculina e sexy dentro de uma calça e camisa preta saindo pela porta, vindo ao nosso encontro. *Uau!*

— É o Marcelo — comentou ela baixinho e se virou atendendo ao seu chamado.

— Convide a sua amiga para entrar. — Embora o sorriso despontando de seus lábios fosse meio arrogante, o convite soou educado.

Fiquei até sem jeito encarando o par de olhos cinzas.

— Já estamos entrando, Marcelo — informou ela. — Esta é a Sacha, minha amiga — apresentou-me.

Embasbacada nele e o comparando ao Henry, já estendi minha mão oferecendo o cumprimento.

Sorriso imperioso, olhos lindos de lascar.

— Como vai, Sacha? — Muito cordial, ele segurou e apertou com firmeza, trazendo as recordações daquele quarto de hotel. *Acho que os dois estudaram na mesma escola de sedução.* Pois tanto a beleza como as atitudes eram semelhantes demais.

Fiquei balançada.

— E-eu estou ótima, obrigada!

— Sua amiga chega e você nem avisa, Ju! — Agora saía pela porta uma moça grávida, cabelos cacheados nas pontas, rosto levemente maquiado... Belíssima! — Muito prazer, Carolina. Carol para os mais próximos — completou sorridente e me surpreendeu ao beijar minha face, como se fôssemos íntimas.

— Sacha! — me apresentei quando ela afastou.

— Vamos entrar? — convidou ela, ganhando o braço do Marcelo ao redor da sua cintura.

— Obrigada. — Eles caminharam abraçados na frente, eu e a Jussara um passo atrás.

— Amiga, não comentou como este Marcelo é gato — inclinando a cabeça, cochichei ao seu ouvido.

— Demais! — disse naquele tom todo assanhado.

— Acho que podemos começar a abrir os presentes, já estamos todos a postos. — Uma senhora elegante surgiu no hall, logo quando atravessamos a porta.

Nossa! O hall todo em mármore com aparador e vasos dourados, combinando com o lustre de cristais descendo do pé-direito alto era um espetáculo, imaginava as outras dependências da casa.

— Tenha paciência que ainda falta o Guilherme e o meu pai — anunciou Marcelo. E virou o pescoço para trás. — A casa é sua, Sacha, sinta-se à vontade.

Acenei movendo a cabeça em agradecimento e ele cruzou a porta com a esposa, onde presumi ser a sala. E neste momento uma garotinha de cabelos dourados e cacheados na ponta surgiu no hall, nos interceptando.

Nem precisei perguntar quem era, a semelhança entre as duas era nítida.

— Mamãe, o que você comprou de presente para o filho da Carol e o Marcelo? — perguntou pulando no colo da Jussara.

— É surpresa, minha filha — respondeu Jussara colocando os cabelos tampando os olhinhos, atrás da orelha. — Diga oi para a Sacha, ela é a amiga da mamãe, Yasmim.

A menina linda me olhava interrogativa.

— Oi, Sacha! — Obedeceu e impulsou o corpo para descer.

E assim que a Jussara a colocou no chão, ela correu para a sala. Dali do hall ouvia os risos alegres vindos de lá.

— Me desculpa! Ela é a mais entusiasmada com este chá de bebê.

Ri, compreendendo muito bem.

— Já começou a abrir os presentes? — perguntou aquele homem estiloso, de aproximadamente sessenta e poucos anos entrando no hall, e beijou a face da Jussara.

Gostei do tipo despojado: barba longa e usando um terno elegante.

— Atrasamos com a reunião e viemos voando. — Um homem atraente, também vestindo terno, entrava e beijou a face dela. Forçava minhas lembranças contemplando o familiar rosto marcante e olhos esverdeados.

— Ainda não, Guilherme, estão esperando por vocês — informou ela e me olhou com preocupação. — Deixa apresentar a minha amiga, Sacha.

Ambos me cumprimentaram e adentraram a sala, e quando Jussara tentou escapar das minhas perguntas, avançou o passo, eu segurei em seu braço a trazendo de volta.

— É ele, não é? — indaguei muito confusa.

Aflita, apertou os olhos.

— Sim — disse apenas aumentando a minha curiosidade.

— Ele sabe quem é você?

— Não. — Ela negou de cabeça. Sentia seu tremor embaixo dos meus dedos. — Ninguém sabe, e gostaria que continuasse assim — exprimiu ela, apavorada.

— Entrou na vida deles com este segredo, amiga?

Ela deu de ombros, mas percebi seu esforço para não chorar.

— Olha só quem fala de segredos! — Se postando à minha frente me encarou séria. — Foge deixando a gente no vácuo, sem notícia, sem nada e agora volta e ainda quer me cobrar!

Eu negava com a cabeça, inconformada, mas sem odiá-la.

Ela estava coberta de razão, mas eu gostaria de tomar um novo rumo na minha vida. E para isso teria que viver de maneira mais clara, poder trazer o meu passado para viver o presente, e conseguir um futuro brilhante, calmo e verdadeiro.

— Fugi pela minha sobrevivência. Entretanto, hoje não é dia nem hora para falarmos sobre este tema. Sobre a cobrança! Não, não estou cobrando nada e

nem julgando você. E nem posso, porque eu sei que cada um tem seus motivos, certos ou errados, cada um de nós temos o nosso. Tem toda razão.

— Obrigada. — Seus dedos se fecharam em um braço. — Vamos entrar.

— Agradeço pelo convite e apoio! Eu posso te compreender, porém, compactuar com você, negativo.

Seus lábios se abriram em arrependimento.

— A gente se vê em breve, tá? — Pressionei meus lábios em sua bochecha quente e me dirigi à porta.

— Vai para onde, Sacha? — Parei e respirei fundo, sem uma resposta.

— Eu ligo para você quando me ajeitar — proferi saindo rapidamente e fechei a porta.

Ela ainda tentou correr atrás de mim, não adiantou. Estava decidida a seguir em frente sozinha e de cabeça erguida. Esperançosa de conseguir o emprego. Caminhei mais de um quilômetro até a portaria, e quando peguei meu celular para chamar um táxi, o número da Madre apareceu na tela.

Meu estômago se contorceu de medo, e tremendo dos pés à cabeça, atendi rapidamente, na minha cabeça só passava notícias horripilantes.

— Madre, aconteceu alguma coisa? Ele descobriu sobre mim e...

— *Relaxa, querida! Eles já foram embora e está tudo em ordem, contornei toda a situação, acalme-se.* — Eu respirei aliviada por confiar cegamente nela. — *Você já está em São Paulo?*

— Cheguei há algum temp... — Ela me interrompeu esbaforida.

— *Então corre, eles têm urgência para preencher a vaga e ligaram aqui perguntando sobre você. Vá rápido, senão perde a vaga, e não é difícil, com o salário fenomenal oferecido.*

Fechei meus olhos por um instante e agradei! Ali era uma prova de que o Universo conspirava a meu favor.

— Estou a caminho, Madre! — Para não perder tempo, desliguei imediatamente e chamei um táxi.

A clínica ficava nas imediações do Parque Ibirapuera, eu esperava ser atendida por um homem de idade, sendo o dono da conceituada Clínica de Fisioterapia, e não por este homem lindo, Filipe Boaventura foi o nome que me foi apresentado. Sentado na cadeira de frente, lendo o meu currículo e a carta de apresentação, eu examinava o rosto bem masculino de traços fortes e barba grossa, aparentando ter trinta anos no máximo. Curiosa, travei os olhos por um segundo no peitoral forte, que o jaleco branco desabotoado, revelava.

Sorri quando o olhar penetrante abandonou as folhas sobre a mesa e parou nos meus.

— Com este seu ótimo currículo e a recomendação, há grandes possibilidades de ficar com a vaga. — Levantou-se. — Agora vamos a entrevista com o paciente, e não tenha receio, pois ficarei alguns dias em atendimento com você, até pegar o jeito.

— Agradeço pela oportunidade! — agradei enquanto me levantava.

— Só preciso de mais algum tempo a fim de finalizar o atendimento de alguns pacientes. Enquanto isso a senhorita pode aguardar na recepção.

— Sim, claro! — Saí da sala e segui para a recepção.

Recepção sem cara de recepção, assim eu descrevia o ambiente luxuoso e agradável, repleto de plantas: a decoração consistia em sofás claros e tons avermelhados, o balcão de atendimento de madeira era curvo.

Procurei me sentar na ponta, a fim de ficar mais próximo à porta por onde o Filipe sairia. Imediatamente arrastei mais para o meio do estofado, dando lugar a um rapaz alto, olhos e cabelos escuros, sorrindo com simpatia entrando na clínica com a ajuda de uma muleta.

— Obrigado pela gentileza.

— Imagina! — Sorri ao seu agradecimento.

— Puxa! Este método é muito interessante — comentou ele lendo um

encarte em suas mãos.

Curiosa, estiquei o pescoço a fim de bisbilhotar, no entanto não houve necessidade, ele continuou explicando.

— Você é paciente? — perguntou.

— Não, não! Vim para uma entrevista — respondi.

— Este encarte destaca sobre uma pesquisa com tecnologia, uma técnica alternativa. É muito interessante, e deve ser para você também. Uma profissional da área, presumo.

— Sim, sou fisioterapeuta e já ouvi falar sobre este estudo.

— Tenho dois aqui, pode ficar com um, de repente se interessa em se aprofundar no assunto.

Filipe me chamou no exato momento em que peguei o encarte de sua mão.

— Obrigada. — O guardei em minha bolsa.

— Não por isso!



Em menos de meia hora estávamos a caminho do endereço, e não demorou mais do que vinte minutos, ainda considerando o tempo perdido no trânsito de São Paulo. Logo quando entramos no bairro Jardim Paulista, percorremos algumas ruas arborizadas, estritamente residencial.

— Nem parece que estamos na fervorosa e agitada cidade de São Paulo — comentou Filipe.

— Realmente, aqui é um sossego! — respondi olhando a paisagem passar lentamente pela janela. Ele fazia de propósito, notando o quanto estava admirada, na verdade, estava pensando na minha nova vida. Tomara que dê certo, aqui nesta região tranquila será um bom começo. — Aliás, perfeito para

quem busca um lugar tranquilo para morar.

Havia guaritas de segurança em todos os pontos estratégicos, dando uma sensação de segurança. E então, estacionou em frente a um portão de aço de um imóvel de muros altos com frente para duas ruas e abriu a janela do carro sedan de luxo preto.

— Boa tarde, Sr. Filipe Boaventura! — Uma voz grave ecoou, logo a seguir o portão se abriu dando passagem ao veículo.

Não contive o suspiro ao cenário verde do amplo quintal, lindo, lindo! O jardim era inspirado naqueles dos bairros londrinos, beleza de encher os olhos.

Ele acenou com a mão para um homem, alto e loiro, vestindo um terno preto saindo pela porta da guarita que, ao meu conhecimento, era blindada. Seguimos a trilha toda em pedras, contornando um jardim fantástico, e parou em frente à ampla varanda.

— É de tirar o fôlego! — comentei.

Rindo, ele desligou o motor do carro e virou o rosto, exigindo meu olhar. Corei surpreendida com eles em meus lábios.

— Não conhecia São Paulo? — indagou, subindo lentamente até meus os olhos.

— Só de passagem! — menti.

Ele ergueu as sobrancelhas de imediato, demonstrando tom de interesse.

— Teria um grande prazer em apresentar a cidade — insinuou.

— Com tanto a ser resolvido, não creio que terei tempo para este passeio.

Um sorriso constrangido plantou em seus lábios.

— Ah, desculpa! — Levei minha mão a dele no volante.

— Tudo bem! — Superou rápido, abrindo um sorriso escancarado e leve enquanto desatava o cinto de segurança. — Caso mude de ideia, eu estarei à

disposição. — Abriu a porta e desceu ligeiro.

Um gesto bruto, eu diria, ao fechar a porta exercendo certa força deixou claro seu grau de chateação.

Desci em seguida, e logo a grande porta foi aberta por uma mulher alta, cabelos negros e lisos na altura do ombro. Vestida num terno cinza claro de saia, ela acenou em nossa direção, Filipe emparelhou comigo andando no meu passo e inclinando a cabeça, cochichou no meu ouvido:

— Só para deixar você mais tranquila, todos nesta casa são muito educados e tratam bem os funcionários, porém, são pessoas de poucas palavras. Quando permanecerem muito tempo trancados conversando, não estranhe, é muito comum por aqui. E devo alertá-la sobre o filho, ele não chega a ser uma pessoa mal-educada, embora possa parecer com a forma de ser e agir. Muito atarefado, ele é daqueles de apenas bom dia, boa tarde e boa noite, e sempre num tom autoritário.

Estremeci um pouco com a informação e com o rosto do Ivan habitando minha mente, mas logo relaxei.

Esquece, Sacha! É uma hipótese remota. Pode ser autoritário, mas não mau-caráter! Seria muita falta de sorte as duas personalidades agregadas.

— Sei muito bem lidar com pessoas imperiosas, não se preocupe comigo — respondi, confiante que daria tudo certo. Não havia escolhas, precisava da vaga, desta vaga!

Ainda não sabia exatamente do valor, no entanto, esperava uma montanha de dinheiro levando-se em conta a forma como a Madre falou sobre o assunto. Principalmente agora, que dispensei a ajuda da Jussara.

Preciso de um cantinho só meu!

— Bom dia, senhora Valentina! — cumprimentou Filipe estendendo a mão.

Esboçando um singelo sorriso, a mão delicada da mulher, de postura muito ereta, segurou firme na dele.

— Bom dia, meu jovem! — retribuiu e logo lançou me um olhar indagador.

— Você deve ser a fisioterapeuta? — perguntou largando a mão do Filipe e estendendo à minha frente.

— Exatamente! — Apertei com firmeza transmitindo segurança. — Prazer, Sacha Ortiz.

— O prazer é todo meu, Sacha! — Sorriu muito simpática. — Sou a governanta da residência, entrem por favor. — Afastou para o lado, dando-nos passagem. — Vou levá-los até o escritório. Aliás, o Sr. Stone está ansioso pela chegada de vocês.

— As dores nas costas pioraram? — Filipe comentou enquanto ela fechava a porta.

Não querendo ser indiscreta, rolei meus olhos pelo ambiente iluminado e sofisticado. Os móveis ocupavam harmoniosamente o espaço ao redor da suntuosa escada de granito branco, posicionada no centro da sala. As grandes janelas rodeando o ambiente garantia luminosidade natural e a linda vista do jardim.

Espetacular!

— Indisciplina total. Obcecado pelos negócios, ele acaba não levando o tratamento de fisioterapia tão a sério — delatou ela caminhando pela direita, onde no final havia uma porta de madeira clara, tão grande quanto a porta social em que entramos. Eu e Filipe a seguimos. — Espero que desta vez ele cumpra corretamente.

Nos acomodando no escritório, pediu para aguardarmos em poltronas confortáveis de couro bege, um escândalo de lindas, e saiu da sala.

— O que eles fazem? — questionei, dando uma geral no escritório.

Como a sala, era iluminado e pela janela, de parede a parede, via o jardim em sua amplitude. E o detalhe: possuía uma porta de vidro de correr e além dela, um amplo terraço mobiliado, convidativo para um bom descanso.

— São investidores e dos fortes — disse apenas porque logo a porta se abriu e surgiu por ela um senhor de cadeiras de rodas.

Vestindo um agasalho preto com listras brancas, ele se aproximou com um largo e gentil sorriso.

— Se ela tem competência em fisioterapeuta não posso afirmar, no entanto, bonita é demais... — até no som brincalhão, ele demonstrava ser um cavalheiro, e por esta razão não me ofendi e nem estava em condições para tal.

Levantei rapidamente. *A verdade é que gostei dele!*

— Grata pelo elogio, senhor — me aproximei oferecendo um cumprimento. Ele acatou segurando em minha mão, e sem soltá-la, movia os olhos claros pelo meu rosto com atenção, me intimidando um pouco. Mas não podia dar mole. Demonstrei toda segurança possível. — Além das experiências, o senhor pode confirmar no currículo, estão todas relacionadas — Filipe avançou e lhe entregou o envelope, só assim sua mão soltou da minha e seus olhos se concentraram na abertura do envelope. — Investi até o que não tinha em busca de novos conhecimentos.

Erguendo as sobrancelhas, eu presumi que aquela expressão seria de admiração enquanto lia meu currículo.

— Para ser sincero, não estava animado em tentar outro tratamento aqui em casa, mas diante de suas habilidades incríveis, mudei de opinião. — Ergueu os olhos e sorriu satisfeito. — E, somando ao fato de a senhorita ter sido muito bem recomendada, vou até dispensar uma entrevista mais minuciosa. — Abriu os braços movendo os ombros. — Só depende da senhorita... — pausou recolocando os olhos no currículo procurando meu nome.

— Sacha Ortiz — o ajudei.

— Belo nome! — elogiou.

— Obrigada — agradei.

Este senhor me conquistou com sua educação e gentileza.

— Então, Sacha, como estava dizendo: a sua contratação está em você aceitar o salário. Só um instante. — Seus olhos foram ao Filipe. — Poderia pegar aquele contrato sobre a mesa do meu filho, por favor, Filipe! — pediu apontando o indicador. A mesa, uma daquelas em madeira e ondulada, muito

elegante como tudo ao redor.

— Claro!

Caramba! Não foi possível conter o susto, alegria nem sei o que sentia. Assim que Filipe entregou o contrato em minhas mãos a pedido do Sr. Stone, e meus olhos botaram naquele número enorme, eles aumentaram dez vezes o tamanho com um reboço enorme em meu corpo num todo, externo e interno: meu coração disparou a ponto de perder o ar, eu tremia de ansiedade, misturada à emoção. Ali estava a minha chance de mudanças. Certamente, um recomeço.

Eu não só gostei dele, eu amei ele!

— É o suficiente para aceitar o desafio, senhorita Sacha Ortiz? — perguntou o Sr. Stone.

Voltei ao contrato para conhecer seu nome completo, Adam Stone.

Meu cérebro entrou em ação com aquele nome. *Já o ouvi em algum lugar.*

— Se desejar, posso dar início ao trabalho neste instante! — segurando o riso de felicidade eterna, respondi sem delongas.

— *Senhora Valentina? Poderia me dizer onde encontro o meu pai?*

Minha alegria tomou um outro rumo àquela voz, rouca e profunda, soando como uma bomba detonando.

Estou delirando, ouvindo coisas! Balancei a cabeça para mandar aquela ideia absurda para o espaço.

— *Ele está no seu escritório, entrevistando a fisioterapeuta, senhor Henry.*

— *Obrigado.* — Eu quem fui literalmente lançada ao espaço ouvindo-o.

Aquele tom forte, mandão nunca saiu da minha cabeça. Instantaneamente minhas memórias e meu instinto de sobrevivência despertaram. Desequilibrada emocionalmente, eu mal respirava.

Pera, pera! Deixa coordenar as ideias dentro da minha cabeça. Agora

recordava de onde ouvi o nome Adam Stone: ele era o dono do hotel de Belo Horizonte e responsável por montar a emboscada que derrubou toda a organização do Ivan. *Céus! Bandido ferrando bandido para ganhar território, só pode. Jesus, que sina esta minha! Saí do epicentro de uma família mafiosa para entrar em outro. Deus me livre!*

Desesperada e nervosa, eu comecei a tossir com o meu coração subindo pela garganta, me sufocando.

— Você está bem, Sacha? — Filipe batia nas minhas costas a fim de acudirme.

Estou ferrada! Estava me borrando de medo, assistindo a porta se abrir.

— Com licença, pa... — Pausou com a mão enorme, cheia de veias evidentes, na maçaneta da porta.

Sem condições alguma de respirar, enfrentava seus olhos apertando, ejetando faíscas.

— Eu avisei sobre o cara não ser de bem com a vida! — curvando a cabeça, Filipe cochichou em meu ouvido, sem tomar ciência do meu nervosismo à presença inesperada.

Lindo, lindo de viver dentro daquele terno preto e camiseta branca. Ele era elegante e despojado ao mesmo tempo. *E estes cabelos!* Na altura dos ombros, estavam enervantemente desalinhados.

Seus olhos verdes estreitos cintilando, desenhavam uma expressão intransigente, rigorosa e eu deveria reagir com pânico e isso não acontecia. Além de transmitir poder, era sedutor e charmoso. Em todo o contexto, a personalidade me atraía exageradamente. Meu coração, transbordando de um sentimento intenso, não estava nos meus planos. Aliás, tudo provindo dele era intenso! Indiscutivelmente, ele era o homem mais lindo que eu já vi em toda minha vida. Impregnou nela e a revirou, deixando-a mais bagunçada.

Até poderia ser o príncipe se não fosse parte da organização criminosa. *Investidores!* Ria por dentro, indignada. *Infelizmente ele é o meu maior pesadelo.*

E agora? Como poderei lidar com esta tragédia declarada? Pesadelo ou não,

mafioso ou não, o dinheiro do salário era muito, muito importante.

Diferente do que imaginei, o Universo conspirava sim, mas era contra mim!

Capítulo Dez

HENRY

“Caralho!”, praguejei irritado, pressionando meus dedos na maçaneta da porta.

A atração que sentia por essa mulher tinha um poder quase sobrenatural sobre minha pessoa. Algo desconhecido! Vasculhando canto por canto dela, acarretava uma explosão de sentimentos e desencadeava uma desordem generalizada dentro de mim. A mão direita, e muito delicada, segurava firme na gola do casaco na intenção de esconder o tremor nela. Fracassou! Ela tremia, nitidamente, assim como seus lábios grossos, entreabertos. O decote do casaco preto valorizava, covardemente, seu colo e os seios fartos se exibindo, além de alongar a silhueta feminina. *Gostosa da porra!* — Engoli forte com a boca cheia de água imaginando os saboreando. Foram dias seco de vontade deles, revivendo aquela noite no quarto do hotel. Os cabelos, agora mais longos e dourados, exaltavam uma pele mais brilhante e macia sob a leve maquiagem.

E estes óculos? Agregavam satisfatoriamente ao rosto magnífico, davam um ar mais sério, seguro. *É inacreditável como a mulher é habilidosa!* E tão bela a ponto de balançar as estruturas do cidadão aqui. Uma barbaridade, para alguém equilibrado como eu, tudo na minha vida era extremamente calculado, e esta vigarista detonou com tudo.

A merda era o meu coração batendo descompassado, ele nunca bateu tão rápido como acontecia com essa dona. E isso não podia acontecer. Era um perigo iminente.

Ela, aqui na minha casa reforça as minhas suspeitas: ela faz sim, parte da quadrilha dos gangsters. É uma vadia espiã! E uma providência urgente é crucial a fim de precaver desta desqualificada causar danos sérios à minha família!

— Chegou em excelente hora, filho. — A voz do meu pai não foi o suficiente para conseguir desviar os olhos dela, me olhando com temor, como se eu fosse o selvagem predador faminto que iria devorá-la. — Quero te apresentar minha nova fisioterapeuta, a senhorita Sacha Ortiz.

Com o medo quase palpável, ela fechou os olhos de imediato e respirou fundo, o movimento revelava mais dos seios fartos, quase explodindo pelo decote.

— Sacha Ortiz? — joguei meu melhor tom irônico, a fim de esconder meu estado estranho.

— Eu estarei coordenando o atendimento por algum tempo, até a senhorita Sacha se adaptar adequadamente.

— É mesmo? — ainda focado nela, ali em silêncio pronunciei clinicamente. E largando a maçaneta, caminhei em sua direção.

Ao primeiro passo, o rosto belo ganhou um rubor intenso. Parei bem rente ao corpo e balancei ao perfume floral e confesso: abundantemente excitante.

— Henry Mantovani Stone — ofereci o cumprimento. Seus olhos desceram a minha mão enquanto engolia duro. — É um grande prazer, senhorita SA-CHA OR-TIZ! — soletei em alto e bom tom.

Seus olhos, acompanhando o vermelho do rosto, subiram defrontando os endiabrados meus. Apertei-os num tom ameaçador e ela entendeu o recado, pegando na minha mão.

O seu calor deixou todos os pelos do meu corpo em pé. Fui arremetido ao quarto do hotel, sentindo o tesão quase selvagem se apoderar de mim, com os pensamentos eróticos vindo em avalanches. Ela também estava claramente afetada, o suor escorrendo da testa era o indício, descia pelo rosto, pescoço e por entre os seios. O calor todo só deveria ser de nervoso, e o meu era a vontade dela degustar do duro latejante, exatamente como ela fez em nosso último encontro.

Me arrepiei todo com a imagem dela ajoelhada o engolindo com propriedade. Suspirei, ainda podia sentir o calor de sua boca nele. Um boquete como nenhuma outra mulher fora capaz de executar.

Senti o impulso de puxá-la contra meu corpo e segurei a insensatez.

— Muito prazer! — a maciez do tom de voz tremida, atingiu meu coração.

Ele parou de bater por um segundo.

— Já que chegou, vou liberar o seu escritório — interferiu meu pai. — Filipe e senhorita Sacha, me acompanhe até o meu escritório, por favor. — E saiu com sua cadeira de rodas, quando Sacha tentou soltar da minha mão.

Eu segurei forte, a impedindo.

— Poderia soltar da minha mão, por gentileza! — sua exigência saiu baixo.

Eu neguei movendo a cabeça levemente, e a pendei em direção ao ouvido.

— Ainda não! — sussurrei, sentindo o tremor de suas mãos presas à minha. — A senhorita Sacha vai daqui a pouco, posterior a minha entrevista — avisei. — Como ela vai frequentar nossa casa assiduamente, e cuidar do bem-estar do meu pai, é necessário conhecê-la melhor.

— O que está acontecendo, Henry? — surpreso à minha atitude, meu pai questionou.

Larguei da mão vibrando, e me virei de frente.

Os dois pares de olhos interrogativos estavam sobre mim.

— Pai, segurança nunca é demais — ressaltei, deixando-o meio abobado.

Os olhos de Filipe recaíram sobre Sacha, virei o meu rosto, queria presenciar mais seu semblante apavorado. Ela tentava, porém, falhava em manter uma expressão rígida.

— Está tudo bem — afirmou ela. — Daqui a pouco eu me junto a vocês.

Ainda preocupado ele assentiu, e junto com o meu pai deixaram o recinto.

Num relâmpago girei nos calcanhares e catando seu braço, a empurrei lentamente em direção à parede atrás dela.

— O que pensa que está fazendo? — a pergunta saiu em tom de protesto.

A cabeça levemente arqueada dava plena visão de sua face em pânico. Seus olhos azuis, arregalados sob os óculos, e seus lábios grossos entreabertos, expelindo o hálito quente e adocicado, me deixaram louco, desejava beijá-la.

— A interrogação tem de partir de mim! — Ela arquejou quando suas costas chocaram a superfície sólida

— Quer fazer o favor de me largar! — exigiu furiosa.

Preocupado em estar machucando, afrouxei ainda mais os dedos. Porém, segui firme no interrogatório.

— Não antes da senhorita me dizer a quanto tempo está me seguindo? O quer de mim?

Ela balançou a cabeça se fazendo de desentendida.

— O que?

— Não se faça de inocente, Sacha Ortiz! Ou o nome no contrato é falso, hein? — Seus olhos minavam à medida que eu explanava. Fiquei incomodado, no entanto, recuperei o equilíbrio. “Desta vez a vigarista não me passa a perna!”. — A Madre do Orfanato é uma cúmplice, ou ela também está sendo enganada por você?

— Que absurdo! — ela retrucou sacudindo a cabeça. — Me solta! — mandou agarrando minha mão.

Soltei seu braço, entretanto, subi as mãos moldando sua face e a trouxe para mais perto.

Ambos respirávamos o mesmo ar.

Estava ciente da sua falsidade, mas a bandida era boa na representação. Ela realmente transparecia estar ofendida.

— Chegou antes de mim no orfanato e agora aqui, na minha casa. Veio fazer a limpa antes que eu chegasse, esta era a sua intenção?

— Nossa, como você fantasia! — Jogando a cabeça suavemente para trás, ela preencheu o ambiente com sua gargalhada inconformada e veio me encarar. — Está assistindo muitos filmes de ficção, moço!

— Realidade, minha cara! — ela grunhiu abusadamente revirando os olhos — Vindo de você todo cuidado é pouco, Sacha! Primeiro me dopou no avião, causou todo aquele transtorno comigo na entrada do hotel, quase fui linchado — montando uma expressão surpresa, seus lábios se abriram completamente. Eu prossegui — Ainda teve a audácia de me roubar quando ofereci minha ajuda. E agora aqui!

Ela ria diabolicamente.

— Era você na Ferrari?

Apertei os olhos, indignado com a cara de pau dela.

— Não adianta fazer esta cara de desentendida, moça — adverti num tom frio.

— Você está delirando! Se foi roubado, garanto que não foi por mim. — Neste instante a mulher habilidosa escorregou para o lado, escapando das minhas mãos e correu em direção à porta.

— Não pense que vai fugir antes de explicar todos estes episódios — peguei em sua mão na maçaneta e a virei de frente.

As lágrimas da safada me desarmaram e sentia aquela coisa estranha no peito, tipo uma opressão acompanhada a necessidade de tomá-la em meus braços.

Algo contraditório ao que pretendia sentir.

“Larga de ser otário, Henry!”, a voz da minha consciência gritou dentro da minha cabeça.

— Não premeditei coisa nenhuma, como não roubei nada de você. Eu juro! — recuando, disse em voz embargada e seu rosto se contraiu em dor quando suas costas encontraram a barreira da porta.

— Chega dessas lágrimas de crocodilo, não caio nesta de vítima — menti.
— Encontraram minha carteira no jardim, do lado de fora do hotel, o detalhe: fizeram a limpa apenas do meu dinheiro, ignoraram os cartões de crédito. — Ela sacudia a cabeça se fazendo de desentendida. — Será que levar o dinheiro foi uma forma de despistar sua verdadeira intenção?

Estava é só coçando de vontade de perguntar se ela estava ao comando do Ivan, e desisti, pensando que assim me entregaria. Arrancaria a verdade dela, custe o que custar!

— Você é louco? — Investigava seu olhar expressivo à procura de sua culpa, envolvimento. — Jamais o roubaria. — *Havia muita certeza no tom de voz e olhar umedecido!*

Tudo o que via neles era o desamparo.

— O que fez com a minha pulseira? — Apertando os lábios um sobre o outro, as lágrimas saíram dos olhos e rolavam em sua face, assumindo uma brancura total. — Eu não quero seu choro e sim, a joia de volta, ela é o meu maior e mais precioso bem.

Chorando desesperada, negava movendo a cabeça de um lado ao outro. Eu fiquei péssimo me intitulado um carrasco. *Que merda é essa?*

— Está equivocado a meu respeito! Só me deixa ir embora, por favor.

— Não antes de uma explicação! Se não para mim, vai ter que enfrentar a polícia.

Ela riu inconformada, esticando o peito a seguir.

— Pois chame a polícia! — incitou, me defrontando com uma coragem que não estava ali. E trazendo as mãos abertas e quentes em meu peito, me empurrou valentemente. Cínico, ergui as sobrancelhas achando interessante sua postura de defesa. — Sem provas nenhuma, vai perder o seu tempo. Ou tem alguma que me recrimine?

Montado em uma seriedade genuína, travei a mandíbula quando na verdade, estava é encantado com seu jeito forte de ser. Ela estava certa, as câmeras pelo interior do hotel como do exterior gravaram cada passo dela, e por nenhum

momento mostrou-a em posse da minha carteira e pulseira.

— Nenhuma prova registrada a sua má conduta. — Avancei os passos parando um centímetro dela.

Seus olhos transbordando em lágrimas cravaram nos meus.

— Afaste-se de mim, por favor! — solicitou num fio de voz.

— Uma inocente não fugiria na calada como você fez — acusei, desestruturando a mulher. Ela cambaleou como se sentisse tontura.

Segurei seus braços a amparando e sua testa apoiou em meu peito, com ela respirando profundamente.

— Pode parecer ridículo, atrasado — começou ela baixinho. — A fuga se deu do pavor de ser descoberta pelo meu pai ali no quarto contigo. Um homem austero à moda antiga. Fui convidada a ir à festa do hotel por uma amiga, e como estava de castigo, eu fui escondida.

— E por que me dopou?

Ela esfregava a testa sobre minha camisa dizendo não.

— Como já te expliquei, não era para você! Meu pai era tão controlador que contratou um detetive particular para me seguir. Coloquei um calmante potente na água dele, na inocente intenção de poder curtir a noite tranquila. — Erguendo a cabeça, seus olhos procuraram os meus. Seu olhar havia uma tristeza de causar compaixão. — Você se dopou sozinho quanto decidiu tomar do resto da água no copo do detetive.

— A identidade falsa?

— Foi apenas para despistar do profissional.

Um vasculhava o rosto do outro, permanecemos alguns instantes calados.

— E onde está seu pai, hoje?

— Morreu há dois anos! — informou com certa alegria.

Um gesto curioso.

— Ficou feliz com a morte do seu pai?

Ela riu pensando na resposta.

— Talvez esta resposta não seja necessária.

Analisando sua face, meu cérebro processava suas explicações. Embora estranha, considerando o século em que vivemos, ela soube encaixar bem.

— Estava no orfanato apenas para pegar a carta de referência para esta vaga. Preciso urgente deste emprego. — Reafirmou as palavras da Madre num fio de voz, despertando meus instintos mais primitivos.

Os olhos emitiam o mesmo desejo que me corria, deslizei as mãos pelos braços macios, os sentindo tremerem. Respirando com dificuldade à minha carícia, suas pálpebras desceram se fechando, os lábios se movimentavam, umedecendo-os.

“Irresistíveis demais!”

Não posso misturar as coisas, com ela tem de ser vigilante.

— Por enquanto não lhe darei credibilidade. — Saudoso dos lábios quentes e macios, não resisti, curvando, uni nossos lábios sem encontrar resistência. O calor da respiração acelerando me deixou louco e abusado, comecei a circular a ponta da minha língua os provando, tremia todo insano para invadir.

A reação do seu corpo era recíproca, um suspiro ruidoso escapuliu, aquele jato quente e perfumado, teve o poder de atingir meu corpo se arrepiando, e correu pelo meu corpo centralizando no pau, duro como rocha. Latejando e doendo, prazerosamente, perdi a cabeça e apertei meus dedos em seus braços, encostei em seu corpo a comprimindo na parede. Ela arfou o sentindo vibrar nela. — Posso até permitir a sua contratação, porém...

Pausei, sem saber o que dizer. Sua presença explorava minhas emoções e confundia a minha razão.

É foda!

Tirando suas próprias conclusões à minha frase cortada, ela ofegou fortemente e escorregou para o lado. Fiquei no vácuo e de pau duro.

— Não tem, porém, senhor Henry! — soou taxativa. — Acha que servirei ao senhor no papel de concubina?

Pendi a cabeça sobre o ombro aprovando.

— A ideia é bem interessante! Porém, uma insensatez permitir sua presença dentro do meu lar levando-se em conta o caráter que conheço de você, até o momento.

Ela ria e chorava, estressada, nervosa, inconformada e então esticou a mão pegando na maçaneta.

— Não vai precisar se arriscar, senhor Henry — girou a maçaneta — Estou indo embora neste momento.

Ao abrir a porta, se deparou com meu pai em sua cadeira e o Filipe, ao seu lado. Ambos olhando para ela com estranheza. As lágrimas faziam presença.

— Eu trouxe o contrato para a senhorita assinar — disse meu pai estendendo a mão à frente dela. Porém, seus olhos, numa puta interrogação, estavam nos meus.

— Agradeço, Sr. Adam Stone, mas eu estou declinando a esta vaga — comunicou ela, saindo pelo canto da porta.

Filipe segurou em seu braço, a fazendo parar.

— O que está havendo com você, Sacha? Precisa tanto deste emprego — cobrou ele, consternado, me olhando pelo canto do olho em total acusação.

Comprimindo os lábios, ela segurava o choro, que notei.

— Vamos encontrar outra vaga.

— Eu duvido muito que encontre uma vaga melhor do que a minha. — Interveio meu pai autoritário. — Discutindo com o Filipe, ele me confidenciou sobre você poder dormir no emprego. Como necessito de cuidados mais

intensivos, eu dobrei a oferta. — Estendeu a mão com o contrato. Ela permaneceu imóvel, quieta, aborrecida, amedrontada. — Por favor, confira se está a contento.

Ainda em dúvida, pegou o papel da mão do meu pai.

— Meu Deus! — Boquiaberta, ela aspirou o ar longamente como se presenciasse algo espetacular, surreal. No entanto, persistiu no silêncio.

— Há alguma objeção, minha jovem? — seus olhos direcionaram aos meus, à interrogação do meu pai.

A esperança estampada em seus olhos era falsa. Uma forma de jogar com o emocional das pessoas a fim de dar o bote. Experiente, ela encaixou convincentemente as desculpas. Apesar de não ser uma pessoa confiável, aqui dentro de casa eu poderia ter maior chance de chegar no filha da puta do Ivan.

“O risco é alterado em demasia, Henry!”, declinei prudentemente ao perigo.

Com ela fora daqui, falaria com o Bernardo para seguir seus passos.

— Entrevistaremos outros profissionais, antes de decidirmos, pai. — Seus olhos voltaram aborrecido sobre o contrato.

E meu pai riu irritado.

— Procurar outros profissionais é ir atrás do mesmo. A Sacha usa técnicas inovadoras e vou experimentar. Caso não tenhamos os resultados esperados, trocamos, ok? — foi categórico me desautorizando.

Ali, de cabeça baixa, Sacha fechou os olhos suspirando muito aliviada. Incrível como tudo nela demonstrava o contrário de suas ações.

Como se diz o ditado: fiquei numa sinuca de bico, sem saída daquela situação. Não havia provas contra ela, e declarar que fui passado para trás sem as devidas provas, seria ridículo a minha reputação.

— Pois bem! O senhor é responsável por suas decisões — desisti, saindo pela porta. Quando meu ombro encostou no dela, parei de respirar com aquele arrepio intenso com seu calor e meu pau reagiu, aumentado o volume nas calças.

Foram necessários alguns segundos até finalmente me recuperar do choque. Inclinei a cabeça bem perto do seu ouvido. — Não pense que estará livre para agir, estarei de olho na senhorita — cochichei em seu ouvido, e caminhei apressado, me afastando.

— Vamos entrar e assinar logo este contrato.

Atravessava a porta de vidro no final da sala e ainda ouvi meu pai orientando. Pensei em retornar, participar desta assinatura, mas desisti seguindo meu caminho.

Atravessei o salão e saí para a imensa e confortável varanda gourmet, integrada a piscina. Tudo completamente adaptado para a acessibilidade do meu pai. Aliás, todo o projeto da casa foi priorizado no seu bem-estar. A facilidade da cadeira elevador para uso em piscinas garantia o uso frequente. Inclusive, quando estava em casa, curti demais esse espaço.

Caminhei até a mesa do outro lado, precisava de privacidade para refletir. Extremamente irado, arrastei a cadeira me jogando sobre ela.

Não conseguia digerir a euforia dentro do meu peito com a vigarista aqui. Odiava admitir, mas era um tipo de alegria.

Absurdo! Levantando, trilhei o caminho do vestuário e troquei a roupa social pela sunga preta, então sob o efeito Sacha, retornei a cadeira.

O fato é que me sentia atraído pela filha da puta e estava com dificuldade para baixar minha bola, o frio na barriga não permitia relaxar, aumentava mais o meu tesão, o calor medonho, meu pau latejava dolorido dentro da sunga. E não podia culpar o clima, a brisa estava fresca neste fim de tarde.

— O jeito é pular na piscina! — concluí, largando o telefone sobre a mesa.

Saltei na piscina, na esperança de refrescar ambas as cabeças.

O choque térmico à mudança drástica de temperatura não serviu de nada, ao contrário, aumentou a ansiedade. Mergulhando e nadando de um lado ao outro, meu cérebro projetava as memórias preservadas daquela noite no hotel.

Desisti, saindo da piscina, convencido de que não tinha escolha. A atração

física era involuntária. O toque do celular sobre a mesa bloqueou momentaneamente meus pensamentos, e ver o número do telefone que dei a Lidiane, sobrepôs as reações conturbadas dando espaço às prioridades na minha vida.

— Seria muito bem remunerada se viesse com uma informação precisa sobre o paradeiro do canalha do Ivan — antecipei esperançoso.

Apesar do desentendimento entre eles, o Ivan tinha uma ligação forte com ela e poderia procurá-la algum dia. Veio à cabeça perguntar sobre o nome Sacha, mas não houve a oportunidade com a mulher raivosa do outro lado da linha.

— *Isso é sério?* — Ergui as sobrancelhas pasmo a sua reação. — *Um ano sem nos falarmos e você me trata assim, com tamanha imparcialidade?* — Contraí o rosto arrependido à minha mancada. — *Acho que mereço pelo menos um oi, como passou, algo neste sentido, não acha?*

Conforme orientação da minha equipe de detetives particulares foi orientado distância à pessoa dela, até mesmo por proteção.

— Claro! — concordei, inspirando forte para oxigenar meu cérebro em conflito. — Tem razão e peço perdão! Ligou num momento inoportuno. Ou seja, as coisas aqui em casa estão meio tumultuadas.

— *Tudo bem* — aceitou, fungando. — *Agora, sobre o Ivan, eu não tenho notícias, infelizmente. Mas, estou atenta.*

— Eu agradeço o seu empenho!

Um riso do outro lado da linha foi ouvido. Novamente ia perguntar quando ela veio com um aviso inesperado.

— *Estou no aeroporto indo para São Paulo! Pego o primeiro voo.*

— O que disse? — questionei contrariado.

Hoje era um péssimo dia para uma notícia dessas! Estaria ocupado recebendo o Bernard Torres aqui em casa para o jantar: detetive especialista em investigações internacionais de grande competência e habilidade, disfarçado de playboy aqui no Brasil. A indicação veio de um amigo policial da Europa. No

ramo automobilístico, era assediado pela imprensa, um bom álibi a fim de não levantar suspeitas.

O convidei aproveitando que meu pai receberia alguns amigos e lhe apresentaria como tal, uma estratégia sugerida por ele. Meu pai precisava acreditar que o profissional era apenas um amigo, para não atrapalhar os meus planos: caçar o Ivan.

— *Vou fazer um curso de duas semanas no centro de São Paulo, assim aproveito e vejo você.*

— Sabe que não pode ser assim! — alertei-a.

Ela riu entristecida.

— *Eu sei, claro! Existem meios de nos encontrarmos sem alarde.*

— A que horas chega o seu voo?

— *É um voo com escala, devo pousar em São Paulo por volta de 2h30.*

Cocei a cabeça.

— Procure se hospedar em algum hotel distante do centro, porém, num lugar legal, ok?

— O que você acha desta piscina, Sacha? — Virei de imediato à voz do meu pai. Ele, Sacha e o Filipe saíram pela porta vindo em direção à piscina. — Gosto desta parte da casa, confortável, agradável — concluiu ele.

— Aprovado! — Com os olhos na minha direção, ela assentia movendo a cabeça com seus belos cabelos esvoaçando com a brisa mais intensa.

— *Você conhece Alphaville, em Barueri?* — Lidianne tirou-me daquele instante de admiração.

Há alguns meses adquiri um restaurante de luxo na região, outra estratégia inteligente do Bernardo. Montamos um encontro casual de proprietário e cliente e a partir nos tornamos amigos.

— Conheço e bem — afirmei de imediato, virando de costas para o trio se aproximando, mantendo o controle da conversa.

— *Tem uma prima de uma amiga minha morando na região. Vou ver se consigo um hotel.*

— Combinado! Tenho um compromisso inadiável hoje à noite, e quando estiver liberado eu ligo para você, entendeu? — a lembrei.

— *Eu não esqueci o esquema!* — alegou num tom suspirante. — *O problema é esperar, esperar e nunca receber a sua ligação.*

A frase de cunho sentimental era preocupante. Uma mulher apaixonada magoada se tornava uma aliada nada confiável.

— É preciso tomar cuidado a fim de não confundir as coisas. Entre nós são apenas negócios.

Ela emitiu uma fungada, cortando meu coração. Afinal, Lidiane era uma mulher interessante, fogosa. Perita em agradar um homem na cama.

— *Eu sei, querido! Você sempre deixou esta questão bem esclarecida.*

— Costumo ser franco com as pessoas as quais admiro.

— *Eu não quero sua admiração e sim você!*

— Esta conversa está se estendendo mais do que o necessário, apenas separe as coisas, ok?

Desisti de perguntar sobre a Sacha. Falaria sobre minhas suspeitas primeiramente com o Bernardo.

— *Beleza!* — pronunciou cabisbaixa. — *Tchau, Henry!* — se despediu secamente e desligou.

Apertei o aparelho de telefone em minha mão, ligado na conversa dos três se aproximando de mim. Tão logo meu pai finalizou a apresentação do espaço, argumentado que ali seria excelente para o tratamento. Entrou aquela voz doce e temerosa.

— O espaço é adequado para o atendimento.

E só então me virei de frente aos três. Experimentava uma nova involuntária, incômoda e inadmissível sensação. Um tipo de arrepio percorrendo o meu corpo, motivado pelos olhos, além dos óculos, seguindo o caminho do meu tórax, abdome e estacionou na região do V da virilha.

Confuso e com dificuldade de controlar meu desejo sexual, e ela não colaborava com os olhos curiosos. Excitado, dei-lhe as costas e puxei a cadeira me sentando, de modo que minhas pernas entraram debaixo da mesa.

Relaxa! A atração por esta bandida gostosa é cientificamente explicada, Henry. É apenas biológico.

— Excelente! — comemorou meu pai e me encarou num suspiro. — E como foi a visita no orfanato, Henry? — Lancei um olhar provocativo a Sacha ali, com dificuldade com as mãos. Perdida, ela não sabia como posicioná-las. Abri um sorriso cínico, ameaçador ao notar um rosto muito vermelho. Assustada, baixou a cabeça a fim de esconder sua situação. — Ah, olha só a coincidência! A Sacha confidenciou que a Madre do orfanato...

— Eu a encontrei lá — o interrompi, porém, focado nela.

Encolheu os ombros, confuso.

— Você não comentou nada.

Nem ela, pelo jeito!

— Não comentei porque a vi de relance, fiquei na dúvida. Ela confirmou na nossa entrevista, não é mesmo, Sacha?

— S-sim, sim — toda embananada ela balançava a cabeça de cima para baixo, enquanto as belas madeixas douradas esvoaçavam com o vento. — Estive lá rapidamente, apenas para conversar sobre esta vaga.

Via a tristeza estampada em seu rosto e ainda assim, o sorriso tracejava seus lábios grossos, atraentes.

Uma imagem de deixar qualquer um fascinado.

Cacete! Angustiado e perdido, ralhei logo, devido aos pensamentos eróticos querendo correr solto.

— Decidimos adotar uma criança — informou meu pai todo alegre enquanto os olhos dela arregalaram.

— ADOITAR? — Seu espanto foi exagerado, exatamente como o tom de voz nitidamente alterado.

Uma reação misteriosa. Tudo nela é digno de observação. E vou ficar de olhos bem abertos. Como diz o velho ditado: a moça é um bagre ensaboadado.

— Esta casa está precisando da alegria de uma criança — revelou meu pai pegando na mão dela, ainda com aquela cara perplexa. — Vou solicitar aos empregados para prepararem o quarto de hospedes para acomodar a senhorita.

QUARTO DE HÓSPEDES? Expirei todo ar preso em meus pulmões. *Isto vai me complicar!*

Ponderava se contava imediatamente ou não sobre as minhas desconfianças. Optei pelo silêncio até organizar as minhas ideias na cabeça.

— Vou buscar as malas dela em meu carro — informou Filipe.

— Mas, não vai embora meu rapaz, fique para jantar — convidava meu pai me contrariando. — Hoje vou receber alguns convidados e faço questão que, os dois que trarão bem-estar físico e mental a este velho, estejam presentes.

Juntei as sobrancelhas descontente ao convite inapropriado, e ela notou prendendo os cabelos num coque no alto da cabeça. Alguns fios soltos moldavam seu lindo rosto, fazendo dele o mais belo que já vi.

— Será um prazer desfrutar do jantar com sua família — agradeceu Filipe movendo levemente a cabeça e então, caminhou apressado em direção à porta de vidro.

Esta bandida vai tirar a minha concentração! Não posso tirar os olhos dela.

É errado assumir a responsabilidade sozinho, depois do jantar vou sim,

abrir o jogo com o meu pai. É minha obrigação.

Decidi quando o telefone tocou no bolso do casaco do moletom do meu pai. Ele atendeu trocando algumas palavras com um dos seus convidados e veio a mim.

— Preciso pegar um documento no meu escritório, poderia fazer companhia a senhorita Sacha, por favor — foi mais uma ordem do que propriamente um pedido.

Molhando os lábios sensualmente a notava estarrecida, e tentou escapar de mim.

— Não quero atrapalhar em nada — disse ela ameaçando se virar.

Ligeiro, saltei da cadeira e puxei-a pelo braço de encontro a mim. Ela arfou fechando os olhos quando a lateral do seu quadril encostou no volume da sunga, o movimento abriu mais o decote do casaco, revelando os bicos intumescidos, sem o sutiã, fazendo a minha pele inteira queimar.

— Eu permitir a sua presença nesta casa, não é voto de confiança, entendeu? — murmurei em seu ouvido a trazendo mais e mais perto. Ofegante, ela remexeu nele, me deixando louco. Sentir seu corpo tremendo, incitava o desejo de enterrar tudo dentro dela.

Capítulo Onze

SACHA

“Lascou! Reage, Sacha, reage e saia logo desse estado de entorpecimento!”, a voz dentro da minha cabeça me chacoalhava.

Como? Não encontrava meios de sair desse sufoco com este cara gostoso deste jeito, os cabelos molhados, escorrendo pelo seu rosto, o olhar penetrante, a pegada fenomenal e este volume gigantesco na sunga!

Ah, delícia! Fechei os olhos com a minha boca cheia de água, revivendo a inesquecível transa no quarto de hotel.

— Estou dando corda até saber qual é a sua. Não existe crime perfeito, portanto, esteja certa: vou pegar você e colocá-la atrás das grades — tentou me coagir com seu tom de voz rouco, arrastado, jorrando aquele ar quente e arrancando um gemido perceptível dos meus lábios. E o pior: originou contrações prazerosas em minha vagina, encharcando toda a minha calcinha.

Olha só isso? Como conseguir resistir a esta voz intensa segredando dominadora em meu ouvido? Não, não tenho forças suficiente, sequer consigo mover um músculo do meu corpo, admito. Totalmente domada, não fazia ideia de como me safaria dessa perdição.

Gostoso pra caramba!

Literalmente, estava no maior sufoco. Não creio que fracassei no controle e remexi a lateral do meu quadril no volume estupendo e fascinante!

Também! Esse jeito bruto e quente dele é uma delícia!

Foi impossível deter o pensamento.

“Me acode, Senhor! Traga-me de volta o juízo, restaure minha razão!”, clamava em desespero.

Em vão!

A força do vento balançava as folhas das árvores, agitava as águas da superfície da piscina, porém, fracas para apagar o fogaréu em meu corpo. Sequer atingia um falso frescor. Estava inativa e carecia tomar o controle das intimidações que ele representava em um todo. Especialmente as que ele fazia verbalmente.

Preciso me esquivar das garras deste homem, e principalmente, sumir com a pulseira. Se ele descobrir ela comigo, estou encrencada. Como vou convencê-lo de que eu não fui a ladra naquela noite?

Pensa rápido, Sacha! Seja eficiente, mulher!

Difícilmente ele vai acreditar que saí com ela enroscada nos cabelos sem perceber. Aliás, o mais prudente seria dar o fora deste antro de mafiosos.

Sabia exatamente como agiam os mafiosos com os atravessadores. Tudo era válido para tirar os obstáculos da frente dos seus “investimentos!”. Se ele detonou o poderoso Ivan, imaginava o que faria comigo! Mas como eu poderia jogar o dinheiro oferecido pelo meu trabalho ao espaço? Hoje ele era de vital importância.

E cheguei à conclusão óbvia, falaria com a Madre sobre proteger as crianças, pois essa casa passava longe de ser um lar ideal para criar uma criança. Enquanto isso, correria o risco me fingindo de morta, pelo menos até juntar um bom dinheiro, então daria no pé. Afinal, o perigo sempre rondou a minha vida, de certo modo, aprendi a lidar com ele.

— O tempo vai lhe mostrar o quanto está equivocado a meu respeito. — Tremendo da cabeça aos pés, recuperei o meu controle com a maior dificuldade e recolhi meu braço, me libertando das mãos magníficas. E, sem me afastar, eu me posicionei na sua frente, o encarando com a seriedade que o momento exigia, ou melhor, tentava, na verdade. Balançava ao olhar cínico em meio à respiração acelerada dele, junto ao calor irradiando de seu corpo. Confesso: estava um deus nos acuda para segurar meus olhos nos dele. E havia mais um agravante, os safados dos meus olhos, notando o movimento em sua sunga, estavam loucos

para descerem. — Com licença. — A fuga se desenhou mais acertada.

Eu quase corri em direção à porta, temendo ser abordada novamente.

“Encontrar forças e resistir este homem é crucial!”, repetia como num mantra, ciente de que conviver com ele tão perto significaria a minha derrota, minha perdição.

Logo atravessei a porta de vidro, acessando o elegante e amplo salão de festas. *Uau!* Alguns funcionários trabalhavam por ali. Estava tão perturbada quando passei por aqui, em companhia do senhor Adam e Filipe, que não percebi o charme. Ele seguia a linha do estilo moderno: pé-direito alto, todo em mármore branco, como as mesas redondas com seis cadeiras ao redor, três delas recebiam lindas e elegantes toalhas prateadas, em seguida, os pratos e talheres eram postos, seguindo a tradição da etiqueta.

Do lado esquerdo a parede era de vidro, proporcionando a visão do esplêndido jardim, que circundava a propriedade neste lado, e havia uma grande fonte de água. À esquerda, ficava a porta por onde entrei, e rumei na direção dela.

Alguns poucos metros de alcançá-la, eis que a senhora Valentina, em seu uniforme, surgiu por ela parando à minha espera

— Estava indo à procura da senhorita para levá-la ao seu dormitório — informou.

— Talvez referir-se à minha pessoa como Sacha soe menos formal!

Ela assentiu movendo graciosamente a cabeça com a minha sugestão.

— Como desejar, Sacha! Por favor, me acompanhe.

Acessando a suntuosa, iluminada e deserta sala, senti falta do Filipe.

— Sabe do Filipe? — indaguei, ao começarmos a subir os degraus de granito.

— Ele e o senhor Adam conversam no escritório.

— Obrigada! — agradei seguindo seus passos e observando os detalhes.

Ao contrário da energia negativa percebida na casa do Ivan, aqui eu tinha a sensação agradável de tranquilidade.

Ponto até admirável, pelo fato de serem mafiosos.

O quarto era o de frente à escada, tão logo a funcionária abriu a porta, arregalei meus olhos ao me deparar com o ambiente espaçoso e luxuoso acoplado à varanda, com a vista do jardim da casa. “Nossa!” Suspirei com a certeza de que ali não era o meu lugar. Ponderava a decisão de ficar, não estava correto desfrutar de tanto luxo, era como compactuar com o crime, chegava a ser imoral.

— Está a seu agrado, minha jovem? — indagou dona Valentina analisando meu rosto.

Decerto meu semblante deveria estar aterrorizado.

— Ficaria melhor acomodada em um lugar mais simples — confessei com ela abrindo um sorriso compreensivo.

— Para se conseguir um aposento simples nesta propriedade, deveria ser no andar de baixo, onde ficam os quartos dos funcionários. No entanto, todos estão ocupados. E outra que recebi ordens expressas de acomodá-la o mais próximo possível do quarto do senhor Adam. — Apontou a direita pelo corredor largo e longo. No final havia duas portas, uma ao lado da outra. Uma de madeira com duas folhas, e a outra de metal, a do elevador.

Virei o rosto para a esquerda, eram as mesmas características. *Será o quarto do Henry?*

Eu, que não parei de tremer, senti minhas pernas bambas, tamanho o arrepio começando na coluna e se espalhando pelo meu corpo.

— Por favor. — Escorregou para o lado, dando-me passagem. — Desejhe uma boa estadia.

Quando ela fechou a porta, eu fiquei paralisada analisando a minha situação, decidindo meu futuro por alguns instantes, só após nenhuma definição

é que comecei a observar atentamente o ambiente sofisticado, e era de se admirar. Entre os móveis e a decoração, na mistura de bege e azul, havia um painel metálico e vazado separando o quarto de uma sala particular, elegante. De ambos os lados existia uma tela de TV.

A madre Aurora precisa saber das novidades.

Corri me jogando sobre o confortável sofá e peguei telefone na bolsa discando seu número. Seus conselhos sempre transmitiam segurança.

— *Como foi a entrevista, querida?* — aflita, e com toda a razão, a Madre desatou a falar quando me identifiquei. — *Conseguiu o emprego?*

Insegura, fechei meus olhos e inspirei profundamente, uma preparação ao meu emocional a fim de descrever todo o cenário.

— Já estou até hospedada, Madre! — pronunciei num fio de voz.

— *Maravilha!* — Ouvi seus aplausos. — *Então não é necessário nos preocupar com dinheiro, considerando o salário alto oferecido.*

— Não fique tão otimista, Madre — alertei numa voz mórbida, observando a janela. O vento intenso entortava os galhos das árvores.

— *Não estou gostando deste tom, Sacha!* — exclamou inquieta.

Tensa, levantei para relaxar e caminhei em direção à janela e a abri, recebendo a brisa em meu rosto, agora gelada.

Respirei fundo e prossegui:

— Sente-se, porque tenho uma bomba em mãos.

— *Está me assustando, menina!*

Ela conhecia a história do hotel, a ligação do Ivan ao Henry, sobre Adam Stone ter desmantelado a quadrilha, informação que foi dada em rede nacional. Narrei minuciosamente, a deixando em pânico.

— *Pai e filho são aliados do crime?* — indagou perplexa.

— Exatamente!

— *Então não vacile, pegue as suas coisas e saia daí imediatamente, Sacha!*
— intimou autoritária.

— É aí onde mora a questão, Madre! — Ela pausou aguardando meu raciocínio. — Para dormir no emprego, o salário dobrou.

— *O quê?* — ela quase gritou.

— Ambas sabemos o quanto este dinheiro é imprescindível nas atuais conjunturas.

— *Dinheiro não é tudo; e outra que dentro do convívio deste tal Henry, ele vai descobrir sobre você. Está sendo descuidada e vai acumular mais problemas à sua vida, Sacha!*

— Colocando desta forma está me subestimando, Madre! — adverti. — A vida me ensinou a ser uma boa estrategista, eu consigo manter distância no âmbito emocional.

Será mesmo, Sacha? Ficar segue o oposto dos seus princípios, e estará retornando àquilo que só trouxe discórdia e sofrimento na sua vida. Está mesmo disposta a arriscar tudo? Lá vinha minha razão me aporrinhar. Droga!

— *Não sei, não!* — a Madre duvidou, pensativa. — *Não vale a pena.*

— Lugar algum vai pagar este salário. E os meus recursos estão esgotando, talvez dê para mais dois meses no máximo. — Encolhi os ombros em dúvida.

O silêncio se perdurou, indicando que ela concordava comigo.

— *Olhando por esse ângulo, concordo contigo. Queria muito que as circunstâncias fossem outras. Mas, infelizmente, as doações reduziram e muito nos últimos anos.*

— Eu conheço os problemas do orfanato, Madre — lembrei-a. — E é por isso mesmo vou deixar o bom senso de lado. Focando apenas no trabalho creio que dá para arriscar neste emprego; três meses com este salário eu equilibro as contas e alivio a senhora.

— *Que Deus te proteja, minha filha!* — cedeu em prol da necessidade.

— Vou me abraçar a ele — prometi com veemência.

Ela suspirou aliviada.

— Outra coisa, Madre! — lembrei da adoção. — O senhor Adam comentou sobre a intenção de adotar uma criança. Não permita mais que o Henry chegue perto das crianças.

— *Você é louca!* — exclamou com valentia. — *Se eles pensam que vão levar alguma das minhas crianças para esse mundo sujo e criminoso, estão redondamente enganados.*

— Engraçado! Eu vi o Henry jogando bola com o Gabrielzinho e ele demonstrava ser uma pessoa tão afetuosa. — Suspirei à imagem se formando em minha mente.

— *Quem vê cara não vê coração, Sacha!* — A frase da Madre me trouxe de volta à realidade. — *Quem não se admira vendo o Gabriel com a bola, sua habilidade encanta qualquer um. E outra: eles estão atrás de uma criança mais velha, especialmente uma menina.*

— Mais velha? — distanciei meu olhar estranhando a informação.

Estava acostumada aos casais, irem em busca de bebês.

— *Pois, é! Também fiquei encafifada pela preferência, entretanto, nem bebê e nem ninguém. Eles não terão nenhuma das minhas crianças* — garantiu no seu tom protetor, um alívio ao meu coração angustiado. — *Bem, tenho um casal para atender. Se cuida, minha filha.*

— Pode deixar. E obrigada pelo apoio.

— *Enquanto eu viver, você o terá, Sacha!*

— Obrigada.

Após mais alguns conselhos maravilhosos desta religiosa formidável, desliguei e entrei no banho. E tive mais uma surpresa!

O recinto em mármore branco com bacia, bidê e louça na mesma cor, guarnições cromadas e aquela banheira redonda, com capacidade para duas pessoas, soou como um estimulante ao meu cérebro. A fantasia erótica corria solta, me arremetendo à nossa noite de luxúria, ocasionando um gostoso frio na barriga.

Fechei meus olhos e incrivelmente percebia seu toque em minha pele, sua respiração no meu pescoço. Vivia um momento tão próximo à realidade que meu coração disparou, e junto, aquela vontade enorme de chorar. Sentia até a sua respiração em minha pele.

— Que neura idiota! — Irritada com a trilha dos meus sentimentos, por sinal, descontrolados, abri os olhos bloqueando os pensamentos.

Despindo-me, entrei no banho.

Recebendo os jatos de água no rosto eu brigava com as lágrimas, impedindo-as de cair. Me sentia tão perdida.

— NÃO! Eu não tenho por que chorar, nem de ficar sonhando acordada.

Lutando contra meu cérebro, insistindo nas imagens daquele ser delicioso, agilizei o banho e desliguei o registro, catando a toalha do lado de fora do boxe, e me sequei.

— Agora é momento de concentração, Sacha! — conversava comigo deixando o banheiro. — Focar no desempenho do atendimento.

Olhei para a cama e não resisti ao convite; nua, joguei-me sobre os lençóis brancos e macios, afundando a cara no travesseiro.

— A pulseira! — Tão logo ela veio à minha mente, saltei da cama.

Peguei minha mala ao lado da cômoda e a tirei de dentro da nécessaire, em couro branco, analisando-a: masculina, ela era de couro preto com uma placa delicada de metal, que poderia ser de ouro branco, com duas letras A & H. Naquele dia, quando saí da casa da minha mãe, senti muita vontade de devolvê-la, porém, não houve uma oportunidade, pois fui escoltada pelo idiota do capanga do Ivan: o Willian.

Nunca imaginei que um objeto, aparentemente simples, pudesse ser tão valioso.

Tinha um esconderijo perfeito, o cabo de uma escova era um compartimento secreto onde guardava meu dinheiro em viagens. Meu cofre particular, como costumava dizer. Em seguida retornei à cama e abracei o travesseiro temerosa.

“Quero ficar longe deste cara, e me esquivar deste jantar!”, pensei, com meu coração apertado.

Uma pena que querer não era poder.

Se fosse, eu mudaria o mundo, restauraria a união em minha família; eu sofria a ausência de todos, uma saudade excessiva batia em meu peito. Mas, pelo andar da carruagem, este querer era impossível. Pensar em transformação emparelhava a utopia para alguém que mal sabia se posicionar nesta vida. Eu não encontrei o meu lugar.

Já que viver uma vida normal era um luxo ao qual não tinha o direito, eu escolhi viver um dia por vez. Dar ênfase no presente, considerando que o futuro sempre me reservava o pior: dor e abandono. Procurava andar no caminho reto e ainda assim, tropeçava, errando demais. Porém, não tinha a pretensão de acertar sempre, mas torcia por um dia seguinte, onde teria a chance de consertar meus erros.

Refletindo, acabei vencida pelo cansaço.

— Senhorita Sacha! — ouvi meu nome sendo pronunciado por uma voz feminina, seguida de leves batidas na porta.

Foi impossível responder de imediato com a minha mente lotada do Henry. Suas mãos perversas exploravam cada centímetro do meu corpo.

— Estou de olho em você! — Estremeci à sua intimidação, mais uma entre muitas ecoavam pela minha mente, me deixando atordoada.

Um transtorno para qualquer equilíbrio.

— Senhorita! — Novamente o chamado e uma batida mais forte.

Droga! Abri os olhos subitamente e sentei na cama com o coração a mil, aliviada ao notar que não passou de um sonho. Peguei um travesseiro enorme trazendo em meu colo.

Amedrontada e excitada, senti a umidade do lençol embaixo de mim.

— Só um minuto, por favor — solicitei ao recuperar o equilíbrio.

Saí da cama e corri até a minha mala, peguei a roupa mais fácil: uma bermuda jeans e uma camiseta regata branca. Passando a mão ajeitando cabelos ainda úmidos, segui rumo à porta e a abri.

— O senhor Adam está solicitando sua presença no salão de festa — informou dona Valentina percorrendo os olhos surpresos pelo meu corpo. — Se precisar de ajuda para se vestir, estou à disposição — ofereceu educadamente.

Abri um sorriso agradecida.

— Eu poderia recusar em descer e participar do jantar?

Ela sorriu de um jeito estranho.

— Com certeza é um direito da senhorita! — Soltei o ar forte, abrindo um sorriso de alívio quando ela emendou: — Só não sei se a recusa será aceita pelo senhor Adam. Conhecendo meu patrão como conheço, tenho absoluta certeza de que ela virá buscá-la. — Acenou de cabeça numa expressão de sinto muito.

Grunhi convencida.

— Só preciso de um tempo para me vestir, então desço.

Ela assentiu.

— Darei o recado. — Ela deu-me as costas e alguns passos em frente descia, elegantemente e ereta os degraus.

Considerando o olhar crítico da governanta, escolhi algo mais elegante seguindo a linha da formalidade. Um vestido verde-escuro e transpassado, ele garantia o conforto, por ficar mais folgado no corpo, as mangas bufantes e punhos com pedras davam um toque mais elegante. Um look para diversas

ocasiões e épocas do ano. Troquei os óculos por uma lente de contato, escolhi uma sandália de meio salto, com o secador debrucei as pontas dos cabelos sobre os ombros e finalizei com uma maquiagem leve e um perfume floral.

Inspirei longamente, estudando como enfrentaria a fera. E foi com a cara e a coragem que deixei o quarto e fechei a porta atrás de mim.

Meu Deus, e agora? Era Impossível controlar a tempestade dentro de mim, tudo entrou em desordem o vendo do outro lado do salão, tão estupidamente charmoso. Usava uma calça caqui e uma camisa imitando o jeans com as mangas arregaçadas. Muitos botões abertos revelavam seu majestoso peito viril, onde a corrente cromada o deixava ainda mais sensual.

Ele não estava sozinho, mais um motivo para meu desequilíbrio, em pé perto da porta de vidro, com a visão cinematográfica da piscina, sua mão grande, que morria de saudades, estava enrolada na cintura de uma bela mulher dentro de um vestido de um leve florido de fundo azul-claro. A mão delicada sobre seu abdome. Ambos tão juntos, focados no belo rapaz à frente deles, de cabeça raspada, ele estava elegantemente vestido todo de preto.

— Ah, você está aí? — gelei ao alarde do senhor Adam.

Prontamente, os olhos do casal, agora com as cabeças unidas, recaíram sobre mim. Enfrentava uma batalha ao sorriso largo e cínico plantado no rosto másculo e fodástico. Eu deveria odiar aquela expressão de absoluta liderança dele, só que infelizmente, acontecia o oposto. Seu magnetismo me atraía a ponto de ficar hipnotizada.

Uma tomada de fôlego intensa foi necessária para desviar dele. O senhor Adam, em sua cadeira de rodas, em companhia a três homens e Filipe, na mesma vestimenta, estavam próximos à porta que dava ao suntuoso jardim e acenava para mim.

— Mil perdões pelo atraso! Deitei para um descanso e acabei num sono pesado! — justificava-me, forçando um sorriso, e torcendo para soar natural, mas admito: estava muito complicado mantê-lo.

— Não esquente, minha jovem! — Muito gentilmente o senhor, vestindo uma calça jeans escura e uma camiseta polo branca, balançava a cabeça estalado a língua! Seu gesto aliviou a tensão tomando conta do meu corpo.

Nem tanto!

Pelo canto do olho, notava o Henry me observando, sua curiosidade dificultava até minha respiração. A reação do meu coração batendo desembestado incomodava tanto quanto seu olhar intrínseco, e juro, doía as costelas.

— Venha se juntar a nós, Sacha! — muito simpático, convidou já segurando na minha mão.

— Será um grande prazer. — Desenhando um sorriso em seus lábios perfeitos, como os do filho, me arrastou à sua mesa.

Aturdida, numa situação desfavorável com seus olhos insistentes seguindo cada passo meu, minhas pernas estavam trêmulas, quase ao ponto de não ser possível controlá-las.

— Esta é a senhorita Sacha, a fisioterapeuta ao qual comentei com vocês — apresentou-me o senhor Adam com a mão aberta em minhas costas.

Todos me cumprimentaram em coro.

— Encantado com a extensa experiência vindo de alguém tão jovem! — um senhor de cabelos brancos, como os do senhor Adam, se pronunciou.

Filipe piscou com expressão orgulhosa ao elogio.

— Não ser acomodada e ir em busca de conhecimentos ajudou-me a aperfeiçoar, e claro, conquistei diferencial e qualidade na minha carreira.

— Tem ares de batalhadora. — Logo um homem elegante de terno preto, cabelos curtos castanhos como os olhos, puxou a cadeira ao seu lado. — Por favor, senhorita!

Sério?

Tomei uma inalada de ar hesitante, o lugar oferecido era uma posição adversa, de frente ao trio na porta de vidro com a linda vista da piscina iluminada à luz de neon verde.

Assenti, movendo levemente a cabeça e esboçando um sorriso agradecido, quando eu queria chorar de nervoso. O motivo era ele! Tão logo sentei, nossos olhos se encontraram, os deles, costumeiramente ameaçadores. Não estava sabendo lidar com sua beleza mediterrânea.

Os homens de negócios ao redor da mesa foram a minha salvação, me mantiveram distraída com suas perguntas. Ocupada, me fartando da deliciosa refeição, degustando de um excelente vinho e respondendo as questões sobre a minha profissão e os métodos que utilizaria no tratamento do senhor Adam, tornou a minha estadia ali no salão até agradável. E precisava levar em conta a simpatia na qual fui acolhida.

— Talvez ao término do tratamento da fisioterapia com o Adam, a senhorita poderia iniciar o meu! — na outra ponta da mesa, o senhor, aparentemente com 60 anos, vociferou.

— Eu também estou precisando de um profissional na área — o rapaz elegante antecipou, chamando todas as atenções. Distraída, distanciei meus olhos e gelei dos pés à cabeça com o trio se aproximando da mesa. Com a mão nas costas ereta da dondoca, Henry a guiava — Jogo futebol americano e vivo com lesões sérias.

— Especializei-me em fisioterapia esportiva também. — Foi um esforço descomunal camuflar o tremor na minha voz, à frente daquele olhar penetrante e indecifrável.

— Então o seu público é bastante abrangente? — o senhor Adam indagou, admirado.

— As qualificações da senhorita Sacha são de impressionar — o cínico do Henry ironizou debochado.

Apertei meus olhos o defrontando e um sorriso provocador, e muito sexy, se ergueu no canto dos lábios grossos.

Escroto! Era de suma importância sair desta casa imediatamente.

Não podia ficar me sujeitando a este tipo de ataque, tampouco correr o risco de descobrirem a minha participação na vida do Ivan. O homem que sua organização dilacerou.

Cansei de sentir medo, cansei de aguentar humilhação. Arranjaria outro emprego e não importaria se o salário fosse menor, priorizaria a minha paz. Há dois anos convivendo com um pouco dela, não queria perdê-la. JAMAIS!

— De fato! — seu pai interveio notando o clima não amigável entre nós. — Acho que chegou a hora da nossa reunião, senhores! Poderiam me acompanhar até o meu escritório, por favor. — Acatando, todos se levantaram repentinamente. — Henry, você e seus amigos poderiam fazer companhia a senhorita Sacha e Filipe.

— É a oportunidade ideal para tirar algumas dúvidas sobre a fisioterapia domiciliar! — Pegando na minha mão, seu amigo ajudou-me a levantar.

— Será um prazer responder a toda elas! — à medida que falava, os olhos sérios do Henry travaram no amigo.

— Ainda temos um contrato a ser assinado, Bernardo! Afinal, é por esta razão que está aqui, não é mesmo? — lembrou-o áspero

Os olhos do Bernardo recaíram decepcionados sobre os meus.

— Talvez depois da reunião.

Assenti de cabeça, concordando. Feliz com a oportunidade de um novo emprego surgindo.

— Estarei aqui te esperando.

Os contrariados olhos cinzentos, despertou a atenção da bela mulher grudada na cintura dele.

— Prazer, Sacha! — Estendeu a mão. — Eu sou a Danielle Zanatta, prima do Bernardo.

— Como vai? — sem jeito, retribui o cumprimento.

— Bem, fiquem à vontade, eu faço companhia para a Sacha — Filipe ofereceu.

Afastando da moça, ele enfiou as mãos no bolso da calça e moveu a cabeça

em agradecimento pelo gesto do Filipe, e então deu-nos as costas.

— Espera por mim, querido! — Danielle apressou os passos atrás dele, sem que ele tomasse conhecimento.

— Com licença! — foi a vez do educado Bernardo.

— Tem toda.

Assim que todos saíram do salão, os funcionários entraram recolhendo as mesas.

— Ele dá claros indícios de que não foi com a sua fachada. — Meu coração saltou voo a minha garganta com sua avaliação precisa.

— Prepotente demais... — balbuciei ofegando.

Notando meu estado, seu braço enlaçou a minha cintura.

— Não esquenta com esse babaca. Vamos lá fora, o ar fresco reduz a tensão.

Eu tiraria de letra se fosse somente tensão. Ele motivava um coquetel de sentimentos, desde o abominável até o mais doce. Aliás, tudo em relação a ele vinha de maneira intensa, desestruturando e causando turbulências generalizadas dentro de mim. Tudo dele, e nele, fugia do superficial. Sentia-me ambivalente, porque eu deveria odiá-lo sendo quem era, mas, infelizmente, procedia o inverso. Ele tatuou marcas profundas depois daquela noite maravilhosa, há dois anos. E a merda é: continua habitando em minha mente e coração sem que eu possa evitar.

— Como é bom respirar ar puro — acessando a varanda, eu falei sugando o ar com prazer.

A brisa fresca nesta noite de céu estrelado, as luzes de neon da piscina completavam o cenário fabuloso.

— O salário compensa exercer a paciência, não acha? — indagou hesitante, se posicionando à minha frente.

Segurando em meus braços, transitava os olhos pelo meu rosto. Todas as linhas de preocupação estavam no dele.

Expirei muito, mas muito indecisa, e optei por abrir o jogo.

— Se quer saber, estou na dúvida se vale mesmo a pena! — Desapontado, seus lábios e olhos se apertaram. — É triste abdicar do salário tão alto e necessitado, mas não estou preparada para enfrentar uma situação como esta.

— Não a recrimino, também estaria desestimulado se fosse eu a ter de enfrentar o grosseirão. Só te peço que tenha um pouquinho mais de paciência, até eu conseguir outro fisioterapeuta, estou muito ocupado na clínica e não é ético deixar um paciente em potencial na mão. Se é que me entende.

Meneei a cabeça em concordância.

— Claro! Farei este esforço por você.

— Jura? — Eufórico, suas mãos moldaram meu rosto.

— Eu juro; e em contrapartida, você poderia remanejar, se me encaixasse em outra vaga, ficaria muito agradecida.

— Justo! — Beijou minha testa e me encarou. — Vou cuidar disso.

— Você é um chefe legal, Filipe.

Ele piscou com uma expressão assanhada.

— Pode ser surpreender mais, se aceitar o meu convite de guia, vai conhecer a cidade e em detalhes o Filipe Boaventura... — Sugeriu erguendo as sobrancelhas.

Levei a mão em forma de concha no rosto lisinho e macio, sorrindo com ternura.

— Proposta irrecusável!

— Combinado então! — Abrindo os braços fortes, me envolveu neles enfiando o rosto na curva do meu pescoço.

O agradável calor do seu rosto não impactou em nada, eu continuava ansiosa com a mente ligada totalmente no Henry, e não podia continuar com isso. *Saco!*

— Só não demora para ajeitar as coisas, ok? — pedi ao seu ouvido.

Concordando, ele afastou e sorriu compreensivo.

— Fica tranquila! Se importa se eu for indo, tenho um compromisso às 22h e já estou atrasado.

— Imagina.

Quando ele saiu, eu caminhei todo o local ao redor da piscina e então senti uma necessidade maior de estar entre a natureza. Entrei no salão já todo organizado e vazio de pessoas, saí pela outra porta de vidro acessando o jardim.

— Que lindo! — Suspirei aos jatos de água na vertical da fonte luminosa. Aliás, todo o jardim era iluminado, a noite fresca e o melhor: o silêncio facilitava pensar numa decisão mais sensata. Embora tenha dado garantias de ficar provisoriamente, ainda assim, existia o fato do risco em permanecer. Com tamanha desconfiança, o Henry não teria dificuldade em desvendar todo o meu passado.

Minha meditação foi interrompida por uma moça jovem e toda colorida, vestida numa calça laranja, blusa com listras largas: branca e alaranjada e sobre a cabeça, uma touca da cor da calça.

— Você deve ser a fisioterapeuta — se pronunciou amavelmente.

— Sim, e você é quem?

— Virgínia — estendeu um cumprimento. Apertei sua mão —, a arrumadeira.

— Muito prazer, Sacha!

— O prazer é meu! Teria muito gosto de ficar e conversar mais com você, mas estou atrasadíssima para um compromisso. Meu expediente encerra às 14h, e justamente hoje precisei fazer algumas arrumações extras. Ainda bem que tem

esta saída. — Apontou para um portão de aço no outro extremo do quintal, ao lado de uma pequena edícula. — Sempre saio por aqui, fica mais próximo do ponto de ônibus. Bem, depois conversamos melhor.

— Tudo bem.

Contemplei ela cruzar o grande jardim, apertou um botão de um interfone na lateral do portão de aço e ao abrir, saiu com pressa.

Sozinha, os problemas inundaram minha mente, fechei meus olhos soltando o ar com força.

Ah, Mônica! Você fodeu com a minha vida e da mamãe. E onde será que a minha mãe se meteu? Estaria em algum paraíso tropical torrando a fortuna roubada do Ivan? Independentemente, eu queria tanto uma notícia dela. Torcia para que estivesse finalmente livre. Já eu, não adiantava fugir, era como caminhar em círculos, sempre acabava no mesmo lugar.

Embrenhando as mãos pelos cabelos, recuei até encontrar a parede ao lado da porta, ali, matutando sobre a minha vida, não contive as lágrimas e elas chegaram com tudo, em abundância.

Como esses bandidos enganam, não? A conversa à mesa gerou muita descontração, estava longe do clima pesado das rodas de conversas na casa do Ivan. Sentia certa leveza, todos aqui, sem exceção, pareciam homens honrados, com licitude.

— Pelo fato de estar escondida no escuro, posso deduzir que esteja planejando um ataque. — A voz grave, irônica e sarcástica entrou atacando meus tímpanos, me assombrando.

Pulei de susto e demorei alguns segundos para ajustar as minhas ideias no lugar.

— Você não perde a chance de me provocar! — tremendo mais que vara verde, o enfrentei passando o braço, disfarçadamente, pelo rosto e secando as lágrimas.

— É uma constatação e não provocação. — O ar deixou meus pulmões com ele se aproximando.

“Não chegue perto!”, implorei mentalmente, fechando os olhos; foi uma medida necessária a fim de manter a administração do meu corpo em colapso.

— Não estou convencido de que a senhorita seja apenas uma fisioterapeuta. Você realmente não mente bem.

Sentia-me muito fora de mim, e incapaz de abrir os olhos. A única reação possível foi inspirar profundamente, um tremendo de um erro? *Céus!*

Me ferrei redondamente. Balancei notoriamente ao perfume amadeirado, extremamente afrodisíaco.

Está dando bandeira, Sacha! Acordei e engolindo duro, recuperando o equilíbrio.

— Pouco me importa a sua opinião — ataquei nervosa à sua aproximação. O calor do seu corpo intensificou a fragrância amadeirada, o olhar impertinente, tão denso pelo meu corpo, fez meu coração perder o tempo da batida. Eu me sentia invadida, devorada; e o pior: estava em dúvida sobre o que sentia naquele instante. *Meu Deus!* Desviei para o lado. — Para mim, é completamente irrelevante. — Fugindo, caminhei alguns passos e fiquei de costas para ele.

Somente assim era possível esconder o quanto estava confusa e abalada.

— É mesmo?! — vociferou num tom nada satisfeito.

Em seguida ouvi seus passos, pesados e rápidos, sobre o piso de madeira e as mãos grandes cataram meus braços pela frente, e me arrastou deliciosamente para ele, unindo nossos corpos.

— O que está fazendo, cara? — sem desviar dos olhos cinzentos, e lindos, sofrendo um instante de fascinação e completamente imóvel, indaguei num murmúrio, atingida pela descarga elétrica de alta voltagem.

Os olhos ardentes tinham um enigma que eu não era capaz de decifrar.

— O óbvio! — Abandonando meus olhos, desceu até os meus lábios. — Tentando arrancar uma confissão desta sua boca.

Indisfarçadamente ele arfou, e senti seu coração bater mais rápido e forte

contra meu peito, em franco movimento. Seu cheiro, agradavelmente masculino, era uma tortura a esta mera mortal.

— Estou farta destas acusações infundadas — tentei recuar, ele não permitiu, colando ainda mais nossos corpos pegando fogo. Inspirei entorpecida, ao sentir sua ereção em meu ventre, ele também balançou, evidentemente. — Vou repetir: tem alguma imagem que prove o meu crime, senhor Henry? — balbuciei, ridiculamente em rendição.

Meu corpo ansiava por ele, meu coração, o mais afoito, implorava por este cidadão criminoso.

— É só uma questão de tempo até obter as provas — mediante a voz rouca, ele inclinou a cabeça envolvendo seus lábios em meu queixo e enrolou o braço em minha cintura, me apertando contra ele.

“Preciso de ajuda divina!”, sem forças, rolei os olhos ao céu em oração.

Carecia vencer o dominador e sair do seu comando. Minhas preces não surtiram efeito, fraquejei à descarga elétrica deliciosa percorrendo pelo meu corpo, acarretando um tsunami em minha calcinha.

Sabia que deveria empurrá-lo e fugir dali, mas meu corpo não obedecia aos meus comandos e sim, os dele.

Os dentes cravaram levemente no meu queixo para em seguida os lábios molhados subirem, deixando rastros absurdos de arrepios pela minha pele, então encostou nos meus e roçou-os levemente, antes de invadir com a sua língua, num beijo sufocante.

Nunca esqueci este sabor! Tinha um gosto único, sabor do melhor vinho do planeta. Pressionando mais e mais naquele instrumento tamanho família, elemento frequente dos meus sonhos e que morria de saudades, eu ofegava e me entregava totalmente.

Meu entorpecimento fez dele um nato dominador, com a mão livre erguia meu vestido enquanto me empurrava por entre os arbustos. A parede ao lado da porta fora a barreira às minhas costas, e ali eu fui esmagada e deliciosamente tocada. Sua mão tateou até os meus joelhos e retornou pressionando os dedos, ampliando meu desejo.

Prendi a respiração quando senti sua mão apalpar por cima da minha calcinha, e os dedos esfregarem.

— Nossa! — arfou trêmulo em meus lábios e foi ao meu ouvido, roçando a língua e me deixando sem fôlego. — Você é muito gostosa, Sacha! — Aquela rouquidão abafada atingiu forte meu sistema.

Comecei a tremer e perder o controle de minhas pernas.

E não passou despercebido ao homem perito, envolveu-me mais em seu braço forte enquanto a sua mão tocou em meu ventre.

Gemi alto com o contato quente contra a minha pele, seus dedos adentraram minha calcinha, deslizando em meus lábios vaginais, eu quase gritei de tesão quando tocou em meu clitóris, acabando de vez com a minha estrutura. Desavergonhadamente, como uma devassa declarada, peguei na gola da camisa necessitada de seus lábios grossos e o puxei beijando-o como uma louca, e gemendo, sentindo o prazer que ele me proporcionava com seus dedos habilidosos.

— Jesus! — trepidei com seus dedos me penetrando duro, e risquei seu peitoral malhado com as unhas.

— Você é uma bruxa, mulher! — rosnou.

A mão forte na minha cintura agarrou-me de maneira possessiva; e metendo o dedo com vigor, percorria a boca molhada pela minha face em desespero, largando para trás os pelos arrepiados, rumou até o meu pescoço beijando e sugando leve.

Estava literalmente sendo fodida pela sua língua e dedos. E claro, estava amando essa abordagem atrevida. Era algo novo em minha vida, e as razões por sentir saudades, de montão, nesses dois anos.

Desci a mão pelo peitoral musculoso até seu pau duro, que era uma coisa de louco, e o peguei sobre a calça, o sentindo pulsar em minha mão. Alucinado, ele rugiu profundamente, e quando tentei abrir o cóis da calça, suas mãos seguraram as minhas, me impedindo.

— Vou dar o que você quer! — sussurrou mandão sob um olhar flamejante.

E de supetão, sem um aviso, nada, de uma só vez puxou a calcinha, a rasgando. Suspirei ainda mais excitada com sua pegada do caramba de boa. — Relaxa para mim.

A jogou por ali e então, com muita autoridade e abruptamente me virou de costas contra ele, a mão direita puxou meus cabelos inclinando minha cabeça, obrigando-me a olhar para ele e com a outra mão, apalpava minha bunda com vontade, era um aperto de machucar, porém, não sabia distinguir o que era dor ou tesão.

E quando me deixou, ouvi o ruído de algo se rasgando e em segundos, ele atarracou mais nos meus cabelos, me prensando na parede e segurou firme meu quadril, abri mais minhas pernas e empinei bem a bunda ao notar ele encaixando tudo aquilo em mim.

— Ah! — gemi sentindo-o me rasgando, penetrando centímetro por centímetro.

— Este seu aperto é muito bom! — rosnou, tremendo e penetrando de uma só vez, bem fundo e puxando minha cabeça para trás pelos cabelos, lambuzou meu rosto com sua saliva excitante, ele me beijava ferozmente, estocando forte e soltando do meu quadril, seus dedos aterrissaram a minha vagina e com destreza, estimulavam meu clitóris, que estava mais do que sensível.

— Puta que pariu! — escapou o deixando todo orgulhoso. Demonstrou melhorando a performance, metendo vigorosamente e o tirou e não o devolveu, porém faltou coragem para reclamar.

— Gosta assim? — Arremeteu com tudo, puxando mais meu cabelo em busca dos meus lábios, e devorou minha boca, literalmente, me colando à parede, fodendo com urgência e bravura. O sentia crescendo e pulsando dentro de mim, minhas paredes internas o comprimiam, fazendo ele delirar e dizer palavras picantes, palavras que não estava acostumada a ouvir.

Estava adorando toda aquela força comedida, o calor do seu corpo contra o meu. Em resposta ao meu agrado, eu empurrava a bunda contra o membro pulsando, forçando a entrar com tudo. Arrancava gemidos altos do homem e aquela sensação era boa demais. A entrega completa fazia de mim uma pessoa vulnerável. Uma postura que não deveria permitir diante de todas as circunstâncias que vivia.

Mas quem é que resiste a este canalha gostoso? Fechei meus olhos e delirei legal, soltando gritos baixos, com seu pau me fodendo do jeito que eu precisava e, de verdade, merecia. Afinal, ele foi o último que me fez gozar gostoso. Depois, com corpo mais leve e a cabeça mais fria, pensaria no que fazer.

Ele me tomava de um jeito firme e bom, seus lábios selvagens mordiam minha nuca e meus ombros. Já sofria de espasmos, estava quase atingindo o orgasmo, e ele notou.

— Isso, querida, geme no meu pau! — Mordeu a ponta da minha orelha, gerando arrepios generalizados. — Precisa concordar que, uma boa e precisa trepada é a melhor das torturas — tentava arrancar uma confissão minha.

Me sentia ofendida com as palavras fora de hora, mas elas abriram as portas da minha razão. Retomei à realidade com a insegurança e o medo me dominando. Desviei-me para o lado, fugindo dele e aproveitando o arbusto ao nosso lado, quebrei um pequeno galho e joguei em direção a sua cara.

— Assim não é uma forma justa de extrair confissões, SEU CRETINO! — ressaltei alto.

Liso como sabão, esquivou de ser atingido.

— Ficou louca, garota? — perguntou incrédulo.

Ele estava uma covardia de lindo, com a calça clara arriada nos tornozelos, os cabelos desalinhados e os dedos da mão direita ao redor do cajado divino, num movimento torturante de vai e vem.

Deveria estar furiosa, e não uma excitada louca para voltar para ele! Meus olhos passeavam pelo porte majestoso do homem e meu coração estava numa batida alucinante. Eu me derretia de verdade com a temperatura se elevando rapidamente.

Ele é um mafioso, isso faz dele o seu o inimigo, Sacha! Droga! Com tantos lugares perigosos, eu vim cair novamente aqui, no meio daquilo que destruiu a minha família.

— Não se aproxime! — apontando o dedo, avisei ao primeiro passo dele. — Seus métodos são injustos.

O esforço que exercia a fim de manter as pernas bambas esticadas, estava chegando ao nível do insuportável.

— Como não foi justo, a forma como me ludibriou no hotel — despejou entre os dentes, muito bravo comigo. — Roubando na cara dura.

— O cacete que roubei você — exasperei ajeitando o vestido no corpo.

— Senhor Henry? — A voz da Valentina irrompeu nossa discussão.

— Saco! — praguejou erguendo a calça e cueca. E foi no momento certo, ela já saía pela porta.

Seu olhar suspeito, oscilaram entre nós.

— Precisa de alguma coisa, Valentina? — contrariado, perguntou áspero, fazendo questão de deixar claro quem mandava ali

— Desculpa! — começou ela sem graça. — Tem uma moça no interfone com o nome de Lidianne procurando pelo senhor. Devo deixá-la entrar?

— Caralho! — expirou forte pelo nariz, mergulhando os dedos por entre os cabelos e passou pela funcionária sem olhar em seu rosto.

— Há motivos para o senhor Henry estar tão irritado? — questionou ela, magoada, observando-o se afastar.

— Com licença! — Escolhi sair rapidamente dali e me esconder em meu quarto.

Horivelmente atormentada pela minha estupidez, saí dali correndo. Excitada, meu corpo ainda vibrava com os pensamentos de luxúrias povoando minha mente, os bicos rígidos dos meus seios doíam em contato com o tecido do vestido, devido aos meus movimentos rápidos. Eu carecia chegar logo ao quarto, a fim de me esconder até o raiar do dia. Então, pegaria minhas coisas e sairia daqui.

Sedenta, desviei o caminho indo para a cozinha e chegando à porta, dei de cara com um homem jambo e corpulento dentro de um terno preto, saindo de uma porta à direita. Precavida, escorreguei para o lado e com o pescoço esticado,

espionava seus movimentos. Fiquei toda arrepiada o comparando aos capangas do Ivan, em razão da sua carranca.

Ele caminhou até o outro extremo, ao lado do refrigerador onde havia outra porta. Abriu e entrou fechando-a em seguida.

— Quero distância desta gente, eu hein! — afirmei fazendo o sinal da cruz e entrei no ambiente em busca de água.

O ambiente seguia o requinte de toda a casa, revestida toda de branco: piso, parede e teto. Os eletrodomésticos inox e os utensílios vermelhos faziam do ambiente invejável a qualquer cozinheiro. Cozinhar era uma das minhas paixões e uma cozinha desta seria realmente um sonho.

— Quem sabe um dia! — profetizei em alto e bom som, quando meus olhos fixaram na porta entreaberta, por onde ele saiu.

Não contive a curiosidade e segui até lá, me deparando com um tipo de quarto de monitoramento. Logo ao passar a porta, rente ao batente, havia uma viga de aço com vários molhos de chaves penduradas em ganchos. Um balcão de madeira escura rodeava todas as paredes e sobre ele, várias telas de TV mostrando imagens da casa. Numa delas observei o Henry caminhando em direção à guarita ao lado do portão, e do lado de fora uma mulher na calçada.

— Não pode ser! — Nutrida de cisma, me aproximei do balcão; curvando-me apoiiei as mãos sobre ele e investiguei-a com cuidado. — Ferrou! — Congelando, levei as mãos no topo da minha cabeça. O pânico veio com a certeza: ela era uma das mulheres que viviam sob o teto do Ivan. — Este cabelo curto e o rosto redondo eram inconfundíveis.

Fechei meus olhos tentando lembrar o nome anunciado pela governanta, e na confusão de pensamentos demorei alguns instantes.

— Lidianne! — Meu Deus! Se ela me ver aqui, aí sim, estarei perdida. Girando nos calcanhares abruptamente para fugir, fui barrada por alguns fios dos meus cabelos, que enroscaram nos molhos de chaves. — Puta merda! — praguejei me esforçando a fim de desenroscar.

Em vão! O jeito foi dar um puxão.

— Ai! — resmunguei, chorosa com a dor.

Infelizmente vários fios ficaram por ali, suportando as fisgadas de dor na região do couro cabeludo, eu dei no pé, entrando na cozinha. O medo me fez desistir até da água, mesmo com a boca seca, implorando por ela, saí em disparada pensando que me trancaria no quarto, e com a chave.

Nem sei por que fiquei tão surpresa, eles eram todos farinha do mesmo saco.

Mais do que nunca, minha partida é primordial.

Tirei minha roupa e caminhei para o banheiro, na esperança do frescor da água do chuveiro me arrancar deste estado deplorável.

Capítulo Doze

HENRY

Apesar do céu estar banhado pela luz prata da lua e estrelado, a brisa estava fria. Caminhando pelo quintal em direção ao portão, sentia-a bater em meu tórax pelando, e acarretando um tremendo e prazeroso choque térmico. Meu pau duro forçava o zíper da calça, dolorosamente, pulsava na mesma frequência das batidas do meu coração, num verdadeiro complô. Eles pareciam ter a intenção de quebrar os ossos das minhas costelas.

Caralho! Por que esta mulher veio bater na minha porta exatamente agora? Uma péssima hora.

— Abre o portão, por favor! — acenando com a mão, solicitei ao novo segurança dentro da guarita, enquanto a outra corria pelos meus cabelos, alinhando-os atrás da orelha.

— O nosso acordo não foi você me esperar no hotel? — adverti sério, abalando-a.

Seus olhos se encheram de lágrimas de imediato.

E a culpa é daquela vigarista dentro da minha casa, não havia meios de concentrar em outra coisa que não fosse o seu estreito calor interno. Tremi todo arrepiado.

— Nossa! — ela exclamou estranhando minha reação. — Esperava ser recebida pelo menos com um sorriso de alegria — emendou ao meu silêncio.

Eu também estava surpreso com a minha reação. Afinal, mulheres transbordavam em minha vida. Por essa razão era incompreensível o desejo que sentia de voltar lá para dentro, tomá-la em meus braços e terminar o que começamos?

Há dois anos esta mesma sensação de desejo fez dos meus dias conturbados. Depois da nossa transa no hotel, o sexo com outras mulheres perdera o encanto. Comemorei quando tudo voltou ao normal, e agora, voltei à estaca zero.

— Sabe muito bem que não podemos ser vistos juntos — foi preciso frisar bem as palavras para ver se entrava na cabeça dela.

A resposta foi um sorriso choroso.

Estava ciente da minha agressividade, e ela não merecia. Admito! Entretanto, o combinado entre nós era: negócios e sexo casual.

— Desculpa eu ter vindo sem avisar, é que não consegui vagas nos hotéis de Alphaville — grunhi, fingindo acreditar na sua lorota. — Não ficou feliz em me ver, né?

Ria, fitando o seu rosto redondo, embaixo de uma maquiagem exagerada.

— Foi imprudente burlando o nosso acordo, Lidiiane! Estamos dentro de uma grande investigação e qualquer passo em falso, tudo voa pelos ares. Nenhuma novidade, né? — Seus olhos arderam e logo as lágrimas rolaram bochecha abaixo.

Escondendo seu abalo emocional ela mudou o olhar, direcionando-os aos seus pés, batucando no concreto da calçada.

— Se te ofendi, perdão, Lidiiane! — expressei com sinceridade e, segurando seu queixo, ergui sua cabeça. Com um semblante entristecido, ela evitava me olhar. — Não foi minha intenção.

Deslizando a língua ao redor dos lábios umedecendo-os, ela revirou os olhos parando com eles no horizonte.

— Isso quer dizer que terei uma chance contigo somente quando o Ivan for capturado? — terminando a frase, me encarou especulativa. Pensava numa resposta, e ela antecipou: — É um equívoco acreditar que ele voltará ao Brasil. — Inconformada, ela sacudia a cabeça em tom negativo. — Ele nunca mais colocará os pés neste país, depois de ter perdido sua força por aqui, não mais. E outra: na lista de procurados da Interpol, com absoluta certeza, fez cirurgias

plásticas e deve estar irreconhecível.

— A mudança de fisionomia é esperada, por esse motivo todos estão atentos nesse quesito. Ele não vai deixar barato, com certeza virá atrás de vingança pela emboscada. Talvez ele esteja mais perto do que pensamos.

Ela riu desacreditada e passou as mãos pelo rosto.

— Pouco provável! — afirmou com convicção. — O Ivan é um homem desencanado, o que mais acontecia na sua vida criminosa eram as emboscadas pelo controle dos negócios, dos pontos. Portanto, seria necessário muito mais, para atrair a atenção dele. Para tal objetivo, somente destruindo o psicológico dele, sua honra, a imagem de homem irresistível, sedutor que tanto ostentava. Eu não sou e nunca fui a queridinha dele, se fosse não teria me substituído pela “zinha” bonitinha, o bibelô precioso que mantinha no quarto. — Magoada, ela deu de ombros. — Decerto, era receio em perder a mulher. Afinal, ela era linda, admito! E quem garante que não estão juntos? — cogitou comprimindo os lábios e com as mãos abertas. — Ambos sumiram na mesma época. De repente, estão vivendo no maior *love* em algum lugar maravilhoso por esse mundão afora, enquanto você fica aí, obcecado em vingança e assistindo o tempo passar.

Inspirei distanciando o olhar quando ela atingiu o ponto do segredo, que estava correndo em sigilo. A visita do Bernardo hoje, aqui em casa, foi justamente para discutirmos sobre essa mulher e o paradeiro dela. Ela passara a ser um instrumento importante para atrair o mafioso.

— Não perca seu tempo comigo, ele não virá à minha procura — emendou com a minha quietude.

Lidiane tinha razão! A tal mulher representava a melhor das iscas. Bernardo usou sua ampla influência e conseguiu um interrogatório extraoficial com os comparsas do Ivan que estão presos. Só perda de tempo. Os bandidos adotaram a lei do silêncio, apenas um deles deixou escapar, sem querer, sobre o amor do mafioso por ela. Este era o motivo dela ter entrado na lista das prioridades.

— Sua premissa faz sentido — afirmei ainda divagando, mas não sobre o mafioso e sim, na Sacha!

— Por acaso, você já ouviu o nome Sacha Ortiz, dentro da mansão do Ivan?
— perguntei sem conseguir controlar meu desejo, nem o meu pau,

movimentando na calça de tanto que pulsava dolorido. De modo involuntário, levei a mão sobre ele e apertei, estremecendo entredentes, e não passou despercebido pela Lidianne, com os olhos safados sobre minha mão o acariciando.

— Bem que poderíamos abrir uma exceção, hoje. — Segurando a barra da saia, três dedos acima dos joelhos, ela sugeriu dando um passo à frente, ignorando a minha pergunta, e a ergueu sugestiva.

A última transa com a Lidianne foi há um ano e não me sentia estimulado a repetir, minha mente estava toda voltada à vigarista.

Meus olhos mapearam em total desinteresse as pernas torneadas, que já me deixaram muito excitado. Faltava a química, que havia de sobra com a outra.

Levei a mão ao rosto quente.

— Sejam profissionais, Lidianne! — Seus lábios comprimiam, mostrando claramente a frustração.

— O nome Sacha Ortiz lhe diz alguma coisa? — repeti a pergunta. Travando os lábios, ela estufou as bochechas, deprimida. — É *importante*, Lidianne! — enfatizei com seriedade.

— Sacha, Sacha! — pensativa ela disse o nome duas vezes, e então soltou o ar, contrariada. — Sim, pode ser este o nome da paixão do Ivan. Não tive nenhum contato com ela, bem, ninguém tinha. A mulher viveu a maior parte do tempo dentro do quarto, porém, eu acredito que seja este nome mesmo. Ouvi algumas vezes o Ivan dizer o nome Sacha aos seus capangas. Como conseguiu esse nome? — indagou curvando a cabeça de lado.

Tinha certeza de que seria coincidência demais. É ela!

— Depois falamos a respeito. — Ansioso com esse trunfo nas mãos, e excitado ainda, estendi minha mão. — Dê-me o seu celular, por favor.

Decepcionada, ela o pegou dentro da bolsa botando-o sobre minha mão aberta, aguardando. Pelo aplicativo solicitei o táxi com destino para Alphaville, em seguida devolvi o aparelho.

— Quando estiver a caminho enviarei a você algumas sugestões de hotéis na região, ok? — Torceu a boca, desgostosa. — Não quebre mais nossas regras, por favor.

Girei o corpo, suficiente para o segurança na guarita me ver, e acenei no sentido de abrir o portão.

— Eu vou cair fora! — intimidou quando o táxi estacionou. — Se não existe o nós, então não farei mais parte de nada que envolva você. — Quando girei o corpo ela já abria a porta do carro, e comprimi meu rosto, indignado com a chantagem.

— Está blefando, sei que não *teria* coragem! — frisei com veemência. — Enquanto o Ivan estiver livre, não está totalmente segura, portanto, precisa de mim. Pense nas atrocidades que ele faria se descobrisse que você o traiu, passando informações para os seus desafetos.

Ela balançou, mas não muito. Estufou o peito e rebateu:

— Foda-se! — Entrou no carro e bateu com a porta na minha cara.

Desaforada!

Impaciente, atravessei o portão e entrei em casa apressado e liguei para o Bernardo.

— A Lidiane acabou de sair daqui de casa — avisei com ele grunhindo, desacreditado.

— *Uma atitude intolerável* — definiu ele secamente. — *Será que ela não tem noção do perigo? Se o mafioso desconfiar da traição, ela estará perdida.*

Embrenhando os dedos pelos cabelos, os prendendo no coque samurai, contornei a frente da casa indo em direção à porta da cozinha, e refletia se contaria de imediato a minha descoberta.

Não é necessária tanta pressa! O desejo tomava as rédeas.

— Ela está a caminho de Alphaville, então preciso que me envie aqui, por mensagem, pelos menos duas indicações de hotéis confiáveis. É fundamental

cuidar da segurança dela, autorizo a contratação de dois profissionais especializados.

— *A minha experiência diz que toda esta precaução é desnecessária, meu amigo! Se ela tivesse alguma importância ao Ivan, levando em conta o tempo corrido, com absoluta certeza ele já teria dado sinais de vida.*

— O Ivan está mais perto do que imagina!

— *Como disse?* — notei o quanto estava perplexo.

— Faça o que eu pedi — desconversei. Primeiro teria uma conversa definitiva com a Sacha, e posteriormente, o colocaria a par. — Prefiro garantir a integridade dela.

Persisti na omissão a lhe passar as evidências.

— *Estamos conversando no viva-voz, e a Danielle já está providenciando suas reivindicações!* — Danielle é a assistente gostosa, que se passa por prima. Na verdade, ela é parente e atua como detetive. A família toda integra na área, portanto, todos os ramos de negócios são apenas fachadas. — *Ah, Henry, como na reunião você esteve fora do mundo real e acabou ficando pendente o amadurecimento de algumas ideias, você poderia vir amanhã à minha festa. Além do ambiente badalado soar um bom disfarce, aparentemente fortalece “nosso laço de amizade”* — sublinhou.

Parei à porta da cozinha até finalizar a conversa.

— É uma boa oportunidade de eu conhecer a tão famosa festa do Bernardo.

— *A satisfação é garantida, meu amigo! Mulheres de alto padrão, e lindíssimas* — instigou.

Atormentado, não enxergava motivação.

— Tenho uma reunião importante na empresa e sem hora para acabar. Mas darei um jeito de aparecer até as 23h — avisei, ainda sem ânimo.

Desliguei e corri até a sala de monitoramento.

Por precaução, as imagens dos últimos minutos deveriam ser apagadas.

— Em que posso ajudar, senhor Henry? — se prontificou Agner, o responsável pelo monitoramento de toda a residência, assim que entrei na sala.

— Apague todas as imagens dos últimos minutos — ordenei.

— Sim, senhor.

Curvando-me, apoiei as mãos no balcão e assisti o trabalho exímio.

— Perfeito! — Endireitei o corpo. — Obrigado — agradei, aplicando leves palmadas em suas largas costas.

— Às ordens! — ele respondeu gentilmente.

Apreciava a discrição deste meu funcionário, nunca questionava minhas ordens.

Girando o corpo para sair da sala, meus olhos pararam nos molhos das cópias das chaves de toda a propriedade. Meu corpo inteiro se arrepiou ao imaginar eu entrando no quarto e tomando a gostosa em meus braços.

Não conseguia desviar o impulso.

Tentava pensar com a cabeça de cima, porém, a de baixo comandava, pintando o panorama oposto da realidade.

Eu contestava a integridade da mulher, não havia dúvidas da sua desonestidade, no entanto, admitia que era muito inteligente. Aquela cara de inocente, realmente enganava qualquer um. E por esta razão devia resistir. Chegar perto dela agora ia resultar em sexo, e não no objetivo principal: o de arrancar sua confissão. Não havia como estar com ela sem desejá-la.

Aproximei-me das chaves e franzi a testa, intrigado com um chumaço de fios longos de cabelos loiros entre elas. Todas as funcionárias usavam cabelos presos e toucas, permissão para deixar os cabelos soltos, somente a Valentina tinha, no entanto, seus fios escuros divergiam dos dourados.

A única aqui com os cabelos loiros e soltos é ela. E se está fazendo o

reconhecimento da casa para informar ao gangster, vai cair do cavalo! Desta vez estou atento; e te pego, vigarista.

O desejo crescia em mim, comigo visualizando mentalmente, fechando minhas mãos no pescoço alvo, esganando-a. Em meio à tensão e o têsão, virei o rosto para Agner.

Ele estava atento nos monitores.

— Entrou mais alguém aqui na sala? — indaguei curioso, considerando seu turno de doze horas, ele estava aqui desde a manhã.

— Durante a minha permanência, somente o senhor — confirmou.

Nervoso, apanhei a cópia da chave do quarto, talvez ela tivesse se trancado lá dentro. No entanto, a expectativa de estar com ela fez minha excitação sobressair, totalmente fora da minha sensatez, saí dali e, hesitante, parei em frente à escada.

A atração por ela me tornava um fraco, tomar uma providência era mais do que fundamental a fim de sair desta obsessão.

Ponderava, na tentativa de abater a vontade louca, quase incontrolável, de subir.

Com a ausência de equilíbrio, não conseguia controlar meu pau, tampouco minha razão e comandado pelo impulso, subi aqueles degraus.

Como previsto, a porta estava trancada.

Abri rapidamente, encontrando o quarto vazio, e sua mala aberta no chão, próximo da cômoda. A minha curiosidade de mexer nas coisas dela cedeu espaço a uma sensação estranha pelo corpo, ao ouvir o barulho da água do chuveiro caindo.

Caminhando até a porta, tive a visão penosa.

Gostosa da porra! Linda, nua como veio ao mundo, recebia a água do chuveiro enquanto ensaboava seu corpo, torturantemente esculpido, curvas perfeitas, uma bunda redonda e empinada, me seduzindo.

Do mesmo jeito que ela carregava a desonestidade, carregava a beleza com este corpo curvilíneo.

A passos leves me aproximei no anonimato, encostei meu ombro no batente da porta; e cruzando meus braços na altura do peito fiquei ali, naquela puta tara, admirando-a, devorando-a com os olhos, me enchendo mais de tesão, e de uma incontrolável vontade de entrar no chuveiro com ela.

Estou endoiecendo de verdade! Meu pau, louco para entrar em ação, dava cabeçadas no zíper, a ponto de doer e comprometia o meu controle, não havia meio de sobreviver à guerra interna, com aquele corpo perfeito todo para mim.

Precisava entender de onde vinha este sentimento louco, esta emoção toda. Na realidade, uma loucura total. De repente tive a impressão de ouvir seu fungado, como se estivesse chorando, e estava; quando a mão que segurava o sabonete se abriu, o deixando ir ao chão, as duas subiram cobrindo ao rosto.

Ela está mesmo chorando! Então ela se virou.

Nitidamente pálida e surpresa ao me encontrar, seus olhos arregalaram e seus lábios se separaram um pouco, com ela colocando o braço direito sobre os seios fartos, os escondendo. E a mão esquerda cobriu a vagina cobiçada.

— Por que você está aqui? — quis saber, muito embaraçada. — Você não pode entrar assim, está louco? SAI DAQUI! — vociferou, sem que eu manifestasse algum movimento evidente.

Os meus únicos movimentos eram o peito subindo e descendo, freneticamente, por conta do meu coração agitado, golpeando minhas costelas, motivado pelas imagens que meus olhos captavam. Linda! E sensual, cada movimento dela me atraía, poderosamente. Os lábios carnudos, deliciosos e trêmulos, levava meu cérebro a criar imagens obscenamente eróticas.

— Sair está fora de cogitação, moça! — defini, tirando o celular do bolso da camisa, a carteira do bolso da calça e os deixando sobre a pia, avancei os passos, desenhando uma expressão de cinismo para esconder os meus sentimentos e a minha intenção. Respirando forte, seus olhos perambularam pelo meu corpo em movimento, e suspirou parando com eles sobre meu volume pulsando. E quando abri o box, ela tremeu claramente, recuou escorando na parede atrás dela. Eu estremeci imperceptivelmente, acometido pelo cheiro

fresco e agradável do sabonete. — Eu quero saber, e tem de ser agora, os motivos de você ter entrado na sala de monitoramento. — Concentrada no meu pênis, a resposta não saía.

A resposta deixou de ser relevante, com ela linda e irresistível demais, além da cortina de água do chuveiro.

— Está equivocado, e-eu... — tentou, mas se perdeu na resposta e ainda suspirou, longamente. Tinha uma baita oportunidade de entrar ali, debaixo da ducha com ela, e não estava disposto a desperdiçar, a realidade dura e crua: eu não era capaz de ignorar o desejo. Num impulso, fui em sua direção. Ela ofegou. — Você é muito abusado, sabia? — Saiu apenas um resquício de voz.

— Tem certeza? — Debaixo do chuveiro estendi meus braços, fechando os dedos em seus ombros. Engolindo duro e sacudindo, ela fechou os olhos. A pele quente e macia me excitava ainda mais. *Eu quero senti-la novamente.* — Porque não é o que está parecendo. — Puxei-a e balancei ao contato com o corpo quente.

Ela também ficou afetada.

— Estive na cozinha em busca de um copo com água e fiquei curiosa, entrei sem intenção alguma — titubeou se justificando, enquanto esfregava seu corpo no meu, me atijando.

É inacreditável como ela finge bem! Ela demonstrava mesmo ser a inocência em pessoa.

— Pouco convincente, Sacha! — Ergui a sobrancelha, simulando ar de superioridade. — Quem é você, afinal? — impus olhando em seus lábios, doido para saboreá-los.

Ela não gostou e grunhiu incrédula.

— Todas as minhas informações estão no currículo e na carta de recomendação. — Irritada, ela me impulsionava para trás, sem que eu a soltasse. — Portanto, senhor petulante, se tem dúvidas sobre a minha pessoa, pegue a porra dos papéis e os analise...

— É muita cara de pau — salientei, fincando o pé no chão, e ficamos

debaixo da água. — O papel aceita tudo, minha querida! — Largando os ombros, enlacei seu corpo prendendo seus braços também, e a trouxe contra o meu, desafiando seu olhar, numa mistura de ódio e excitação.

— Deixa de ser idiota! — rebateu corajosa, dentro de uma risada desordenada e cética, porém, paradinha dentro dos meus braços. Meu peito batia em total anormalidade. — Eu não roubei você, nem ninguém — reafirmou.

— Todo o seu histórico é negativo e indica o contrário, inclusive a sedação no avião e a sua fuga do quarto. — Jogava na tentativa de ela confessar. — O seu comportamento é de caráter duvidoso. — Seus lábios se abriram para retrucar, mas antecipei. — E não me venha com aquela desculpa esfarrapada de que o papai é controlador. É mentira!

Encarando-me com dúvida, ela rosnou nervosa à minha acusação.

— Cara! Você é muito cínico. — Abri um sorriso falso de satisfação diante da voz embargada, quando estava no limite do meu desejo. — FODA-SE VOCÊ! — gritou num tom magoado e toda trêmula, as lágrimas explodiam, quase em cachoeira, dos olhos.

Essa reação, que nasceu visivelmente natural, derreteu meu coração.

Largando-a, segurei seu queixo o erguendo, querendo seu olhar nos meus. Não foi exatamente como desejava. O par de safiras se prendeu aos meus lábios sedentos, transmitindo um sentimento estranho em meu ser.

Eles são incríveis!

— Não se atreva, eu não quero beijar você — exprimiu falsamente num fio de voz.

O magnetismo dos nossos corpos tão perto, os lábios tremendo, elevando o meu apetite sexual por ela, e somente por ela, não me permitia ter controle, agarrei-a e a beijei com toda a minha força.

— E-eu te odeio... — ela sussurrava batendo fraco no meu peito, porém, estava claro que curti meus lábios dominadores. Louco de tesão, explorava duramente o interior de sua boca, fartando-me com o doce de sua saliva. Ela se rendia mais e mais ao beijo se intensificando, exigente.

Largando do queixo, levei a mão por dentro dos cabelos molhados e segurei sua nuca, forçando sua cabeça contra minha boca, a beijando molhado, gostoso e agora, sendo retribuído. Descia por suas costas exercendo pressão contra meu corpo, sentindo a pele extremamente arrepiada. Atraquei sua bunda e a apertei mais contra meu pau dolorido pacas. Ela deixou um gemido de submissão escapar, encorajando-me.

Escorreguei os lábios pela face, bebendo as gotas de água morna, trilhei até sua orelha, circulando o interior com a língua, fazendo a mulher vibrar em meus braços e voltei aos lábios.

— Você é uma tentação — sussurrei louco neles, a empurrando para trás.

Em meio a respiração acelerada, ela gemeu baixo ao recostar à parede.

Conforme fui escorregando os lábios pelo queixo, ela espalmou a parede ao seu redor. Curtia meus lábios impertinentes, caminhando até o pescoço, e descendo.

—Ah! — Toda mole e entorpecida, ela fechou os olhos se contraindo. E inspirou segurando o ar nos pulmões, na expectativa.

Passei a língua por entre os seios fartos, brincando em provocação e abocanhando a seguir, chupando, beijando enquanto corria a mão barriga abaixo, e adentrei os dedos por entre os lábios vaginais escorregadios.

— Caralho! — estremecido, rugi doido, circulando o clitóris duro, inchado, a fazendo tremer contra minha mão. — Molhada, como gosto! — Esfregava os dedos espalhando toda aquela lubrificação deliciosa, e a penetrei duramente.

— Céus! — rebolando na minha mão, exclamou num gemido estrangulado e profundo.

A sensação que me proporcionou foi singular, eu não estava me aguentando, tremia de tanto tesão.

Meu pau duro forçava o zíper, implorando por liberdade.

— Eu preciso sentir seu sabor. — Ensandecido de vontade, busquei seus olhos transbordando de desejo e lambi meus lábios sedentos. Ofegando, ela me

inspirava e incentivava. Sem desperdiçar tempo, desci beijando levemente o abdome liso. Chegando ao umbigo, virei-a de costas, necessitando olhar sua bunda. — Delícia! — A montanha toda empinada para mim, era muito gostosa. Espalmando suas costas, incentivei-a a curvar-se; espalmando a parede à sua frente, ela inclinou bem, me proporcionando a visão do formato da sua vagina. — Espetacular! — rosnei passando a língua nela, brilhando de excitação, brincando com prazer.

Em seguida mordi sua bunda arrancando gritos dela, e abruptamente a virei de frente, metendo a língua.

— Jesus! — ela arfou suspirante, experimentando minha língua de cima para baixo.

Estava viciado no seu cheiro bom de mulher.

Suspirando, arqueava o quadril moendo sua delícia molhada, pulsando contra meus lábios. Aceso, lambia e chupava enlouquecido com o seu gosto único.

— Que gosto bom da porra! — sussurrei ali, me servindo da carne macia, quente e úmida. Um banquete delicioso.

Empunhando meus cabelos, me puxava contra ela, soltando gritos abafados, ela quase estava subindo pelas paredes.

— Com este trabalho de mestre, não vou aguentar por muito tempo... AHHH! — gritou, evidenciando o orgasmo. Sentia as contrações internas, sua vagina parecia sugar minha língua, ali, trabalhando ávida e agitada.

O meu desejo agora era ela gozar comigo dentro dela.

Molhada, pronta para mim, me ergui tocando seus lábios, suspirando pesado neles, catei na sua mão delicada e a levei até o cócs da minha calça, encolhendo minha barriga, dando espaço para ela entrar.

— Nossa, como ele está duro! — gemendo, elogiou num fio de voz o moldando em sua mão com força.

Soltei um gemido rouco, repleto de tesão.

— E você é a responsável! — Desabotoei os únicos botões fechados da camisa encharcada, tirando-a, permitindo cair no chão molhado.

Em seguida abri o zíper, descendo calça e cueca juntas, abandonando-as por ali.

Seus olhos iluminaram olhando para ele, enquanto eu o acariciava provocando-a, aguçando-a. Ela o olhava como se não acreditasse que estava prestes a receber tudo aquilo.

— Eu quero! — declarou com a boca cheia de água e veio com a mão ansiosa, recuei.

— Agora não! — Fechei o registro do chuveiro e saí do boxe. Ouvia seus suspiros às minhas costas, apanhei um preservativo dentro da carteira sobre a pia e retornei, a pegando em meu colo. — Primeiro eu vou te foder forte — alertei-a.

Ela estremeceu em meus braços.

A joguei sobre o colchão sem me preocupar se estava ou não molhada. Na maior pressa do mundo vesti o preservativo. Entorpecida, admirada, ela observava meus movimentos, e sorriu respirando fundo no momento em que deitei sobre seu corpo, maravilhosamente quente, e beijei, chupei o pescoço alvo, perfumado inclinado ao lado.

Alucinado, degustando da pele macia, espalmei o colchão ao seu redor e erguendo o tronco, roçava meu pau, quase explodindo, na sua vagina, que pingava de tão excitada.

— Sei que vou me arrepender disso, mas, por favor, mete logo tudo isto em mim — implorou arqueando o quadril o desejando ardentemente.

— Certamente é tarde para se esquivar — respondi deslizando-o na entrada pulsando. Teimosa, seus dedos fecharam em torno da base e o encaixou em seu núcleo, eu empurrei, penetrando o canal estreito num rugido selvagem. — Delícia!

Cravando as unhas em minhas costas ela gemeu desatinada.

— Que tesão, que tesão... — eu gemia e estocava potente, exercendo uma

velocidade avassaladora e a safada segurava firme a minha bunda, me espremendo, exigindo mais e mais contato. Afundei tudo gemendo insano. — CARALHO! — urrei, socando fundo lá dentro. — Gostosaaaa!

Elevei meu tronco o tirando devagar, ouvindo seus resmungos desapontados e olhando em seus olhos brilhando de anseio, apreciando sua respiração encurtada. *Esta vadia é muito gostosa!* Beijeí seu pescoço e suguei os peitos, e então arremeti numa força bruta medida.

— Meu Deus! — gritou ofegante. — Você é *expert* no assunto, cara.

Com aqueles elogios, a empolgação e a emoção não couberam dentro de mim.

Vivia ali, com a vigarista, uma loucura incoerente, meu coração não era para estar assim, tão aquecido, não mesmo!

“Merda!”, praguejei bombeando mais intenso, fundo e frenético.

Ela gemia abafado entredentes, alucinada com a minha performance.

— Eu vou gozar, vou gozar — completamente sem ar, ela murmurou se contraindo toda, e então senti o calor do seu orgasmo gigantesco.

Endoideci.

— Puta que pariu! — naquele tesão absurdo, totalmente seduzido por ela, saí e a virei na cama a colocando de joelhos.

Precisava experimentar um pouco mais dela, e esta posição.

Afoito, penetrei novamente, ele escorregava com facilidade em seu fluido de prazer e iniciei as estocadas fortes e rápidas por alguns minutos. Ela gemia excitada de novo. Apertando suas nádegas ao redor dele, eu golpeava rápido, tomado pelos espasmos. Sentia a necessidade de gozar em contato com sua pele, e cheguei à conclusão que na boca quente seria o local perfeito.

— Vem cá! — Abraçando seu corpo a ergui, colando suas costas em meu peito alvoroçado, levei meus dedos em seu clitóris estimulando, beijando sua nuca e bombeando forte.

E ela não aguentou, tremeu gemendo profundamente em mais um orgasmo intenso, balançando em meus braços, me arremetendo ao meu limite.

— Eu quero sentir sua pele — sussurrei ao seu ouvido, sem aguentar mais. Saí, arranquei o preservativo e, segurando seu cabelo, trouxe sua boca até meu pênis, latejando forte. — Chupa ele, chupa! — ordenei.

Olhando aquela boca carnuda o engolindo me deu um tesão ainda maior.

— Caralho de boca! — Em pleno espasmo, segurei a lateral da sua cabeça e empurrei o que deu na boca quente e molhada, gozando como há muito tempo não acontecia. — Ohhhh! — Eu sacudia de prazer com ela tomando gota por gota.

Exaustos, e em silêncio, troquei meu pau ainda duro pela minha boca e a beijei de um jeito calmo, uma forma intrigante. Tentei ignorar todos os meus pensamentos, e deitei aninhando-a em meus braços, nem sei por que fiz aquilo. O calor de nossos corpos ainda trêmulos produziu a urgência de beijá-la ardentemente.

Excitei-me de novo. *Tem algo de muito estranho nesta mulher!*

Tão logo terminei meu raciocínio, o celular tocou lá na pia do banheiro, mas um descuido meu em desabilitar o atendimento automático, e entrou a voz em prantos da Lidianne.

“Henry! Desculpa...”

Desembestado, arrastei meu corpo para o lado e saindo da cama, segui até o banheiro atrás do celular. Pelo caminho ouvia mais explicações.

“Só falei aquilo porque estava me sentindo usada. Mas você é o Rei, cara! E um rei pode tudo...”

“Olha! Pode contar comigo, vou te ajudar a atingir seu objetivo de caçar o Ivan e qualquer membro ainda solto e colocá-los atrás das grades. Concordo com você quando diz que não há vitória com o líder da organização à solta.”

Pegando-o sobre a pia o deliguei ligeiro, e retornei ao quarto.

Sentada, com o lençol cobrindo o corpo, os olhos claros da Sacha estavam arregalados, eu diria dez vezes de tamanho no rosto perfeito, numa palidez mortal.

Semicerrei os olhos reparando seu medo, ela tremia nitidamente.

— Por que este medo todo? — indaguei num tom frio, tão gelado, que senti um arrepio descer por minha espinha.

— Medo, eu? — Em evidente pânico, ela pulou da cama, se enrolando no lençol.

Sua tentativa de disfarçar fracassou.

— Sim, senhora! — sustentei caminhando até ela, amedrontada, catei seu braço. — Você está tremendo, e tenho plena convicção de que não é de frio.

— Está louco? — Num tranco com o braço, ela se livrou de mim. — Por que estaria com medo? — perguntou atônita.

— Para de enrolar fazendo perguntas e desembucha logo! — exigi, fechando os dedos em sua garganta e impulsionei seu rosto para bem perto do meu.

— Que mania você tem de pegar a gente deste jeito! — Com as mãos forçando tirar a minha do seu pescoço, ela reclamou suspirando.

— Fala logo! — extremamente importunado, mandei comprimindo um tanto mais, porém, sem feri-la.

Ela titubeou, ficando muda por alguns instantes.

Vasculhando seu rosto minuciosamente, notando-a procurando alguma desculpa esfarrapada.

— Cada vez mais eu me convenço de que nossos encontros não têm nada da casualidade. Especialmente o de Anápolis... Coincidências demais, não concorda? — joguei o verde novamente.

Fechando os olhos, ela parecia que iria ceder, me enganei redondamente.

— Não espere nenhuma outra explicação — dizia balançando a cabeça. — Cansei de bater na mesma tecla. — Ergueu os olhos num tom triste, de cortar o coração.

Eu não hesitei.

— Quem é você? — Trouxe-a mais perto, colando minha testa na dela. Confesso, tinha dificuldade de manter a imparcialidade com o hálito morno e perfumado em meu rosto, provocando sensações inimagináveis pelo meu corpo. — Qual é a sua ligação com o Ivan Rybakov? — Seu rosto branco ganhou um rubor forte. — CONFESSA! — vociferei, perdendo a cabeça, e apertei seu pescoço.

Ela fechou os olhos, sufocada.

— M-me larga, seu otário — resmungou fincando as unhas na minha mão, ao mesmo tempo que ergueu a perna. — Não faço ideia de quem seja este Ivan. — E me pegando desprevenido, deu uma joelhada suave no meio das minhas pernas acertando minhas bolas.

Então ligeira, correu em direção à porta de vidro da sacada.

— Sua filha de uma puta! — xinguei levando a mão no saco e disparei atrás dela, catando sua mão sobre a maçaneta, evitando-a de girar. — Mentirosa! O que pretende, me conte qual é o plano? O que procurava em minha carteira?

Ela soltou uma risada histérica e virou de frente me peitando.

— Eu não roubei o caralho da sua carteira, cara! — gritou impaciente e infiltrou os dedos nos cabelos, os prendendo no alto da cabeça.

— Então explica nossos encontros, nada casuais, o sumiço do dinheiro e da pulseira.

Ela me olhava estranhamente quando, de repente, revirou os olhos e foi se sentar nos pés da cama e relaxou o corpo, focada nos meus olhos.

— Você deve ter perdido esta merda e fica aí, acusando a torto e à direito.

— Suponhamos que a carteira e a pulseira eu tenha mesmo perdido —

raciocinava. — Mas não há como negar a existência de certa conexão entre você e o Ivan.

Pendendo a cabeça, ela cobriu o rosto com as mãos e ficou ali, perdida em seu mundo particular. Refletindo, concluí que deveria ir devagar. Toda essa pressão poderia acarretar na sua fuga e eu ficar na mão. Se ela realmente for cúmplice do Ivan, teria de agir com inteligência, ganhar a sua confiança e arrastá-la para o meu lado.

— Senhorita Sacha, o senhor Adam está no escritório morrendo de dores e necessita dos seus cuidados, imediatamente. — A voz de Valentina batendo à porta do quarto cortou nossa conexão visual.

Corri para pegar minha roupa.

— Vou me vestir e já desço! — informou ela correndo para pegar roupas em sua mala.

Rapidamente entrei no banheiro fazendo a higiene e retornei, ela ainda mexia na mala.

Enquanto me vestia com a roupa encharcada, a observava ali, respirando forte, enquanto escolhia o que vestir.

E quando se virou, seus olhos se apertaram em fúria.

— Está perdendo seu tempo me espionando! — O tom arrogante soou irritante. — Está exageradamente equivocado a meu respeito. — Ofendida, seus olhos cintilavam em lágrimas, como também notava certa vergonha. O vermelho em seu rosto era evidente.

— Veremos!

— Quer saber! — Pegando as roupas escolhidas, ela veio se posicionar à minha frente e ergueu a cabeça em desafio. Novamente aquela sensação desconhecida achegou.

— Não há a menor possibilidade de convivermos juntos, assim que prestar o atendimento ao Sr. Adam Stone eu vou me demitir. — Apontou o dedo lindo em minha face.

Segurei seu pulso com um baita vazio no peito, imaginando-a partindo. Ela me causou algum tipo de distúrbio, só pode!

— Primeiro, você cuida do meu pai; posteriormente, nós vamos conversar, você queira ou não — estabeleci num tom arrogante, numa forma de autodefesa.

Ela alterava o meu DNA. Não era aceitável que sua partida me causasse este temor todo.

Com os olhos estreitados, ela sacudia a cabeça inconformada.

— Espero não te encontrar aqui no quarto, quando sair do banheiro. — Num tranco, livrou seu pulso da minha mão e saiu pisando duro para o banheiro, batendo com a porta na minha cara.

Acabei de me vestir e saí do quarto. Caminhando pelo corredor em direção ao meu quarto, liguei para o Agner.

— Fique de olhos bem abertos na fisioterapeuta — mandei.

Discreto como sempre, ele não fez nenhuma objeção.

Capítulo Treze

SACHA

Meu Deus, meu Deus! Olhando a minha Imagem refletida no espelho em frente a pia, eu esfregava as pontas dos dedos nas laterais da minha cabeça.

Mal consegui respirar com o pânico tomando conta. Não havia tempo para pensar no que fazer. A decisão deveria ser única, e o importantíssimo era ser rápida. *Cair fora desta casa o quanto antes!*

Medida urgente, jogaria a oportunidade do pomposo salário ao espaço e seguiria com minha vida bem longe daqui. Com fé e coragem encontraria um lugar confortável para trabalhar; e outra, uma remuneração justa seria o suficiente. Demoraria um pouco mais até alcançar meus objetivos, entretanto, usaria o meu dom de empreendedorismo e certamente teria outra loja de sucesso. Isto, se me livrasse de vez deste mundo de mafiosos.

Credo! Me benzi. Quanto mais fujo, mais fico perto desta cambada! Um querendo furar os olhos do outro na disputa do poder.

E agora transformei a desconfiança crônica do homem quase em uma certeza.

Quando você vai deixar de agir por impulso, Sacha? Até alguém inexperiente desconfiaria da minha atitude.

Deveria ter segurado a minha onda, quando ouvi o nome do Ivan. Não foi possível! O desequilíbrio acontecia sempre quando ouvia o nome dele. Meu cérebro já projetava um monstro aterrorizante incitando-me a fugir, como aquele personagem que ouvíamos quando criança: “BICHO PAPÃO”. Ele esteve presente nos meus maiores pesadelos infantis. E pensar que agora, adulta, eu tinha um BICHO PAPÃO real. Corria dele como o diabo fugia da cruz.

Fechei meus olhos recordando da minha infância, não foi lá grande coisa, devido aos constantes desentendimentos com a Mônica. Mas, ainda assim, sinto sua falta e dos momentos em família no jantar e almoço.

Que saudades de vocês, gente!

— Te odeio, Ivan! — Comprimi os lábios e os olhos jorrando lágrimas.

Eu deveria te odiar também, Henry!

Eu me odeio! Odeio a pessoa fraca que torno sempre quando ele está perto, e quando me toca então! É química pura, dominante a ponto de apagar a minha mente para a realidade.

A constatação estava aqui, em meu corpo agora, reagindo diferente do sentimento de ódio. Só de pensar no deus, meu corpo esquentou, senti o sangue fervendo correndo por minhas veias. Era inadmissível admitir, mas o homem era um sedutor de primeira, tinha um poder surpreendente sobre mim, fazia parte das coisas boas da minha vida, dos melhores momentos, mesmo que tumultuados.

Hoje ele é parte da minha história.

“Basta, Sacha!”, adverti-me espalmando o granito da pia. *Ele é um criminoso, o Rei.* Não ouviu a mulher dizer ao telefone?

Com certeza, com a derrocada do Ivan, ele assumiu o posto de Rei da Máfia.

Saí do banheiro com as pernas tremendo, o meu coração, outro traíra, batia descompassado e queria sair pela garganta. Estava odiando esta minha fragilidade e me intitulava uma idiota.

Minha permanência nesta casa estava insustentável, além de arriscada. Era só questão de horas até o Henry descobrir tudo.

“Reassuma o controle e na primeira oportunidade, saia já daqui!”, exigi, analisando meu olhar realizado no espelho. “Merda!”, reclamei contrariada àquela sensação de euforia que não me deixava sentir arrependimento.

Vesti a roupa básica, rapidamente. Calça jeans e uma camiseta com decote

V. Penteei os cabelos, catei o lençol no chão, o jogando no cesto de roupa suja, e voltando ao quarto, lembrei-me da pulseira.

Céus! Corri até minha mala a colocando sobre a cama, ela parecia intacta. Pegando a escova de cabelos, abri o compartimento no cabo suspirando aliviada. *Está aqui.*

Devolvendo no mesmo lugar, fechei a mala e a escondi debaixo da cama, em seguida calcei um tênis branco e saí voando do quarto.

Abrindo a porta do escritório do senhor Adam, nas mesmas características da sala do filho, e também com a bela visão do jardim do lado de fora, deparei-me com ele todo recolhido sobre o sofá. Todos os convidados que conheci no jantar ainda estavam presentes, o Henry, agachado em frente ao sofá, segurava firme a mão fremente do pai.

— Ai, que bom que você chegou! — contraindo o rosto em dor, resmungou o senhor Adam. — Me aventurei sentando neste sofá, e por conta da tensão gerada na nossa conversa, acabei nesta situação terrível. Oh! — na tentativa de mover-se, gemeu sonoramente.

— Não se mexa, pai! — aconselhou o Henry pressionando a mão do pai entre a dele.

Um gesto lindo de carinho que me arremeteu ao passado, recordando os abraços calorosos do meu pai.

Saudade!

Corri para socorrê-lo, Henry se levantou. Recuou a uma distância favorável aos meus procedimentos urgentes.

— A tensão permanece uma vilã, porém, sofás e ainda confortáveis como este, costumam ser também... — soltei humorada, iniciando o tratamento e utilizando de todas as minhas técnicas.

Como ele já havia tomado sua medicação, iniciei uma terapia local com massagens e alongamentos, sempre focada em seus olhos, explicando cada passo, o acalmando, e assim a dor muscular foi aliviando.

A todo instante ele agradecia de uma maneira tão carinhosa, gentil, destoando da característica de um mafioso.

— Agora, o repouso é complemento do tratamento, o senhor precisa descansar e logo estará em forma — aconselhei-o enquanto os homens presentes o colocavam na cadeira de rodas.

— Estou impressionado! — suspirou ele já acomodado. — Você é uma profissional incrível, menina! — elogiou cobrindo minhas mãos com as dele. — Só as massagens com estas mãos energizadas recarreguei minhas energias. Portanto, só vai sair desta casa quando eu morrer — determinou ternamente, porém, de um modo autoritário, como o filho.

Imediatamente, lancei um olhar preocupado ao Henry.

De braços cruzados sobre o peitoral, os olhos diabólicos e maravilhosos comprimiram, e ainda torceu a boca insatisfeito.

Sorrindo sem graça, voltei ao rosto do gentil senhor, sentindo mais um ataque de saudades, lembrando-me do meu pai.

Convencia-me de que já estava muito tempo sem vê-lo e deveria mudar esta história, imediatamente. Saindo desta casa, o primeiro destino seria o de procurá-lo em seu trabalho, numa cidade do interior de São Paulo.

— Infelizmente, por razões pessoais, eu não poderei continuar meu trabalho. — Ele arqueou a cabeça, incrédulo. — Mas não se preocupe, o Filipe nomeará um profissional qualificado para dar sequência ao tratamento e...

— NÃO! — recusou num grito perturbante. — Não posso mais ficar sem você, menina! — Abri a boca na intenção de argumentar, ele avançou. — Seus métodos de olhar nos olhos, conversar enquanto trabalha nos pontos onde está a dor me fascinou. Não abro mão deste tratamento humanizado, e por esta razão estou disposto em melhorar a oferta.

Comecei a rir, porém, encafifada. *Será que o Henry não falou de mim ao pai?* O acolhimento do senhor indicava que não. *Mafioso eu sei que ele também é, afinal, o nome Adam Stone ganhou as manchetes quando fora descoberto o esconderijo dos produtos ilegais da organização do Ivan.*

— Não se trata de dinheiro, senhor Adam! — Repentinamente, ele virou o rosto para o filho.

— Henry, converse com ela, a convença a ficar, por favor!

Os olhos intimidadores recaíram sobre mim, engoli duro diante do sorriso cínico, abarrotado de ameaça, surgindo em seus lábios.

Nem a pau, que vou ficar!

Este homem bagunçava meu psicológico, Céus! O sorriso cínico de lascar, me enojava e ao mesmo tempo gerava arrepios prazerosos pelo corpo. Fiquei mexida recordando o seu jeito de nos pegar.

“Putá merda! Larga de ser devassa, mulher!”, adverti-me.

— Talvez, depois de uma reunião particular, eu a convença — o tom de voz saiu tão rígido que foi capaz de atingir meu coração.

Os batimentos cardíacos ficaram até visíveis, agitando o tecido da camiseta.

Descendo os olhos, focou no ponto do movimento veloz na roupa, e um sorriso de satisfação ergueu no canto dos lábios carnudos e charmoso demais da conta. O foda que o cara era conhecedor do seu poder sobre mim.

Também! Aquela pegada dele fazia a gente ficar de pernas bambas, gostosa pra caramba! Seu toque fazia o juízo desandar, e assim o homem acabava podendo tudo.

— Bem. — Esfregando as mãos, o convidado de terno, que não recordava o nome (quanto menos intimidade com este povo melhor), se aproximou da cadeira e estendeu uma das mãos ao senhor Adam. — Eu ligo para você amanhã à tarde.

O senhor Adam assentiu de cabeça e começou a trocar algumas ideias com ele. Henry seguiu em passo firme e elegante até a cadeira executiva atrás da mesa, e segurando no braço dela, permaneceu em silêncio enquanto os homens se despediam e saíam.

Por último, ele requisitou a presença de Valentina para acompanhar seu pai

até o quarto.

Com os olhos fechados respirei fundo, buscando coragem de encará-lo, e girei com tudo nos calcanhares.

— Não perca o seu tempo, tudo o que disser na intenção de me fazer ficar será em vão. Já decidi, vou embora neste minuto.

Suas sobrancelhas se ergueram numa expressão indecifrável e detalhe: mudo.

— Passe bem — emendei, e no instante que dei as costas ele se levantou da cadeira, ouvi seus passos rápidos e decididos pelo piso de madeira até seu braço girar na minha cintura.

— Saindo por esta porta reforça as minhas suspeitas — sussurrou ao meu ouvido.

Poderia arfar ao contato, mas desta vez eu estava fortalecida.

— ME LARGA! — beliscando a pele de cima da sua mão sobre meu abdome, ordenei.

Gemendo de dor, ele soltou.

— SUA LOUCA! — praguejou irado, e veio com a mão em direção ao meu braço.

Recuei no mesmo instante e apontei o indicador direito em seu rosto.

— Não estou nem aí para o que você pensa ou deixa de pensar, cara! Não vou me submeter a ficar nesta casa com você me amedrontando o tempo todo. E, por favor, nunca mais coloque suas mãos em mim.

Ele riu sarcástico antes de dizer cheio de si:

— Para de fazer charme! Você gosta, fica toda entorpecida nos meus braços.

Fechei meus olhos, inconformada.

— É uma pessoa intragável, sabia? — Nada mais veio à minha mente.

Na verdade, estava exausta de tudo, inclusive da minha vida tão deturpada.

— Eu diria realista — pronunciou ríspido e se virando de costas para mim, retornou à sua cadeira. Sentando, debruçou o tronco e cruzando os dedos fitava-me sério. — Vou propor um acordo! — Baixei os olhos e cruzei os braços, só aguardando o que viria. — Provisoriamente esquecemos os nossos problemas, vou fingir que te conheci hoje. — Moveu os ombros com indiferença. — Até porque, as máscaras costumam cair.

Todo meu sangue subiu para a cabeça, devido à sua arrogância.

— Intragável é um adjetivo pequeno para você.

— Tanto faz! — Não dando a mínima, saiu da cadeira e veio à minha frente. Tão próximo que era possível sentir o calor do seu corpo. — Agradar você ou não é irrelevante. — O meu coração errou a batida comigo ali, de cabeça levemente arcada enfrentando os olhos lindos vasculhando meu rosto. Fui muito humilhada verbalmente pelo Ivan, mas não doeu como agora. — A única importância aqui — seu tórax duro e quente relou no meu quando deu um passo. O choque foi extremamente forte, mal conseguia respirar, imagina então, controlar o tremor! Desorientada, fui salva pelo braço ao meu redor colando seu corpo contra o meu — é você oferecer qualidade de vida ao meu pai. E para provar a minha boa vontade, darei espaço à senhorita para exercer sua função, como também irei dobrar o seu salário.

Os ruídos da vidraça desviaram nossas atenções. Um temporal de vento, trazendo junto a chuva, era o responsável, e voltou ao meu rosto sorrindo inexpressivo para em seguida soltar meu corpo, e se virando caminhou em direção à cadeira. Abobada, esta era a minha situação. Com as pernas bambas, contemplava o porte masculino de costas. E o absurdo era a vontade gritante de me embrenhar nele.

— Eu recuso a sua proposta — afirmei quando ele se sentou.

— Vai aceitar e por dois fatores! — “Nossa, como ele é abusado!”, pensei incrédula. — O primeiro: sair daqui após a minha generosa oferta será o mesmo que confessar os seus crimes e sua aliança com Ivan.

— Ah! — Revirei os olhos, estupefata. — De novo com este papo. Não conheço nenhum Ivan.

Ele estendeu a mão exigindo mais da minha atenção.

— Se realmente não o conhecesse perguntaria o porquê do meu interesse, ou sobre os possíveis delitos do homem — afirmou categórico. Perdida no seu raciocínio lógico, sentia um calor insuportável subindo e se concentrando no meu rosto. — A resposta está aí na sua face ruborizada — comentou em franca ironia acenando com a mão à minha frente. — Está com medo, senhorita Sacha?

— Vai para o inferno! — desabafei o fazendo rir.

— Pois bem! Já que insiste em negar, então vamos ao segundo fator: ficar e prestar os seus serviços é uma chance de provar a sua inocência.

Pensa que me engana com estas propostas? Imbecil.

Estava é dando corda para confirmar sua desconfiança sobre eu ser uma espiã. Obviamente, está sonhando em reinar sozinho, mas será possível apenas quando completar a limpeza, eliminando o seu inimigo Ivan, nosso inimigo, e sequer desconfiava disso.

A minha condição de quase esposa do Ivan me levará a ser decapitada com toda certeza.

Não, não poderia arriscar, tem muita coisa em jogo e eu tenho muito a perder para este homem. Mas preciso agir com inteligência, fazer de conta que ele me convenceu, assim dou um jeito de dar no pé. Pela porta da frente eu já percebi que não conseguirei sair.

— Talvez um mês de trabalho — sugeri falsamente. Achei a tática boa, a fim de driblar o homem.

— É justo! — aprovou balançando a cabeça de cima a baixo e então fixou nos meus olhos friamente. — Já terminamos, agora a senhorita pode sair.

Assenti, e me sentindo ultrajada, virei saindo dali o mais rápido possível.

— Gostaria do chá da noite em seu quarto, senhorita Sacha? — Saindo pela

porta, fui abordada por Valentina.

— Não, obrigada — agradei e apertei o passo.

Chegando à escada, subi os degraus na mesma velocidade, necessitadíssima de me esconder no quarto.

Doía a forma como eu era vista por ele e o jeito indiferente como fui tratada no escritório. Remoía a humilhação enraizando no meu coração.

Jogando-me na cama, liguei para o número do quarto da Madre. Ela era a única pessoa que conhecia 100% da minha vida, a única em quem confiava para desabafar.

— Madre, sou eu! — Minha voz saiu abafada devido àquele puta caroço na garganta, com vontade de chorar.

— *Ah, que bom que você ligou, Sacha! Estava justamente aqui com o coração na mão pensando em você. Conseguiu zarpar da casa dos bandidos?*

— Estou mais presa do que já estive na minha vida, Madre! — falei desabafando.

— *Calma, querida!* — dizia muito preocupada com minha explosão.

— Estou cansada de ter calma, não aguento mais... — chorava muito, deixando-a em alerta.

— *Está precisando da minha intervenção, querida?* — ofereceu.

Sacudi a cabeça de um lado ao outro.

— Por favor, não! — implorei, passando o braço direito no rosto e secando as lágrimas. — A senhora tem de ficar bem longe da confusão da minha vida. Eu preciso da senhora, entendeu? — terminei a frase claramente.

— *Compreendi sim, e vou fazer o que acha melhor. Fica calma!* — pragmática, ela concordou.

— Maldita hora que aceitei o convite da Jussara. Se eu não tivesse ido

àquela fatídica festa nada disso estaria acontecendo...

— Muita coisa seria diferente, querida! Os males sempre vêm para o bem.

Grunhi, concordando com sua sabedoria.

— Tem razão, tem razão — me recompus iniciando a narrativa até este instante aqui no quarto.

— *Você não aceitou esta proposta de ficar trinta dias nesta casa, não é mesmo, Sacha?* — exclamou, aflita.

— Eu só concordei para despistá-lo! Não conseguirei sair daqui pela porta da frente, ainda mais que ele está crente que o roubei; e o pior é a pulseira, que ficou enroscada no meu cabelo.

— *Então vamos colocar a cabeça para funcionar, querida!* — Pausou a conversa por alguns instantes. — *E se você devolver a ele?* — ponderou.

Eu negava de cabeça.

— Será o mesmo que uma confissão, Madre! Esqueceu que o dinheiro sumiu da carteira?

— *É verdade!* — concordou, expirando sonoramente.

— O melhor a fazer agora é esperar até amanhã. Assim, aproveito para mais uma sessão com o senhor Adam. E estudo todas as possibilidades de sair daqui despercebida, afinal, toda a casa é monitorada. Bem, na primeira oportunidade saio daqui.

— *Apoio você, querida.* — Ouvi um suspiro de alívio.

— Só estou me sentindo mal em abandonar o tratamento no meio do caminho, Madre.

— *Já esperava por isso, com este seu coração bom!* — elogiou ela quando a voz da Isadora despontou ao fundo:

— *Eu posso entrar, madre Aurora?*

— *Entre, entre!* — autorizou a Madre. — *Só espere um pouquinho até terminar aqui com a tia Sacha.*

— *Eu quero falar com a tia Sacha!* — Meu coração se aqueceu com a vozinha ansiosa.

— *Só um minuto, Isadora* — solicitou a Madre e voltou a mim. — *Se prepara, minha filha. A Isadora passou o dia todo me rodeando* — cochichou.

— Deixa falar com ela.

— *Oi, tia Sacha!* — A empolgação estava nítida no tom da voz. — *O pai da Cristina me convidou para ir com eles a um parque enorme de diversão.*

— Quem é Cristina, amor? — indaguei pensativa, tentando lembrar de alguém com este nome, e nada veio à minha mente.

— *Ela é minha amiga da escola. Eu queria tanto ir, nunca fui num parque de verdade* — explicou animada.

— *Eu também quero ir, tia Sacha.* — Ouvi agora a voz chorosa da Lívia.

— *Não é o seu aniversário, Lívia, é o meu* — rebateu Isadora num tom alterado.

— *Ei, ei* — interrompeu a madre Aurora. — *Nada de discussão. Vão neste instante para os seus aposentos.*

Ouvi as duas resmungando e então a porta bateu, para em seguida vir o silêncio.

— *Infelizmente, não temos recursos para este passeio e estou morrendo de pena da Isadora!* — comentou a Madre num tom aborrecido, da mesma forma como eu me sentia.

— Que lástima ter de abdicar deste trabalho, Madre! — Fechei meus olhos bem apertados, reprimindo as lágrimas se achegando, violentamente ao meu coração despedaçado. — O salário, além de suprimir as necessidades, sobraria muito para as extravagâncias.

A Madre rosnou em desaprovação.

— *Você precisa parar com isso, querida!* — advertiu maternalmente. — *Não deve passar a vida se preocupando com todos e se esquecendo de você.*

— Claro que tenho de me preocupar, vocês são a minha família! — rebati veementemente. — Não é justo ela ficar sem um presente no dia do seu aniversário. — Remoía por dentro. — Pagaria com muito prazer este divertimento para as duas.

— *Aqui eu estou cuidando!* — vociferou. — *Agora, foque apenas no que é bom para você, mas vou dar uma dica valiosa: SAIA CORRENDO DESTA CASA!* — observou alto e em bom som.

Comecei a rir do seu conselho sensato.

— Este é o plano, não se preocupe. E a senhora, como vai agir quando eles voltarem ao orfanato? Terá de ter uma boa desculpa para a recusa.

— *Ah!* — ela riu diabólica, me surpreendendo. — *Quando aparecerem aqui, vão sair com um quente e dois fervendo.*

— Madre! — a repreendi, caindo na gargalhada do jeito dela, e novamente veio a lembrança do meu pai.

Ele defendia a mim e a Mônica com unhas e dentes.

— *O quê?* — replicou. — *Sou uma religiosa, porém, também tenho meu lado rebelde, querida. Este povo criminoso, jamais sairá daqui com as minhas crianças. E não se atribule, que aqui mando eu.*

Fechei meus olhos em total segurança como também, saudosa.

— Falou como o meu pai, Madre! Aliás, acabei de pensar nele.

— *Siga a sua intuição e o procure, querida!* — sugeriu ela.

— Nunca o procurei pela sua própria segurança, temia que o Ivan fosse para cima dele cobrar a dívida da minha mãe. Mas creio que não haja mais perigo. O Ivan está muito tempo desaparecido.

— *Já ultrapassou e muito da hora. Precisamos das pessoas que amamos ao nosso lado, ainda mais num momento delicado como o seu.*

— Madre, faça um grande favor para mim?

— *Qualquer um, querida!* — se prontificou amavelmente.

— Se lembra da caixa de madeira, aquela que pedi para a senhora guardar no seu esconderijo secreto?

— *O que precisa?*

— Tem um envelope amarelo, deixei um papel dentro com todos os contatos do meu pai.

— *Só um minuto, vou pegar!* — Enquanto ela se ausentou da linha, deixei o aparelho sobre a cama e fui até a sala. Sobre a mesinha havia um bloco de papel e uma caneta ao lado, os peguei e corri me jogando de bruços sobre a cama. — *Posso falar, Sacha?*

— Sim, por favor!

Anotei o endereço, telefone fixo da fazenda.

— *Tomou uma boa e acertada decisão* — garantiu ela, arrancando minhas lágrimas.

— Tomara, Madre! — Esperava mesmo não estar cometendo um equívoco. — Só gostaria de seguir meu coração.

— Eu te amo como se fosse a minha filha, sabe disso, né?

Assenti rindo entre as lágrimas seguindo a trilha do rosto, e pingando sobre o colchão.

— Vou me deitar, e amanhã com a cabeça mais leve coloco meus planos em prática. Venci um Ivan, vencerei também o Henry!

— *Que Deus te guie, menina!*

— Amém!

Desliguei e girei o corpo sobre o colchão, olhando o teto analisava todos os pormenores do acordo, até tentei chegar a uma conclusão, e nada.

O toque do celular em minha mão tirou-me do meu devaneio, erguendo a mão, verifiquei no visor de quem se tratava.

— Claro, desconhecido! — Só poderia ser a Madre retornando ou mesmo a Jussara. Tomei o cuidado de não registrar nenhum número no aparelho. Os telefones das pessoas mais importantes estavam todos anotados dentro do cabo da escova. — Alô!

— *Oi, Sacha!* — A voz baixa e arrastada de Jussara demonstrava o quanto estava cabisbaixa. — *Não está de mal comigo, né?*

Ri com carinho.

— É logico que não, Ju! — assegurei, escutando seu suspiro prolongado. — O jeito como vive sua vida diz respeito somente a você.

— *Obrigada, amiga! Queria muito te ver novamente para a gente conversar direito.*

— A gente marca qualquer dia desses — sugeri. “*Certamente amanhã, amiga!*”, pensei em vez de dizer, por considerar precipitado sem um plano definido.

Não tinha com quem contar, em algumas horas sua casa seria o meu destino.

Ela rosnou reprovando.

— *Qualquer dia desses parece muito distante. Olha!* — desatou a falar toda entusiasmada. — *Tem um amigo nosso que promove altas festas na mansão dele aqui no bairro. E amanhã é o dia, e será após as 22h. Horário excelente, pois não afetara em nada seu dia de trabalho... Diga sim, amiga!* — implorou, me fazendo rir interessada.

— O horário de fato é ótimo. Provavelmente estarei presente, só espero não entrar numa fria como da outra vez.

Ela riu debochando.

— *Ainda tenho minhas dúvidas se foi mesmo uma fria!* — desafiou sorradeira. — *Tenho cá comigo, que a senhorita contou menos de trinta por cento do episódio daquela noite para mim.* — Ela jogava a isca mais uma vez, na intenção de pescar informações. Atitude corriqueira quando conversávamos.

Omiti, pelo simples fato de poupá-la de preocupação, como fazia hoje. Seria injusto atormentá-la com os meus problemas, ela já sofreu o suficiente com o Fabiano, agora merecia e necessitava de tranquilidade para cuidar bem da filha e do pai.

— Vai plantar batata, Jussara! — Utilizei da brincadeira a fim de desconversar. Ela caiu na risada. A expressão era muito usada por nós quando nos sentíamos contrariadas. — Como não sei o horário que vou conseguir sair, seria legal deixar o endereço aqui na mensagem, assim não te atrapalho.

— *Combinado!* — ela comemorou aplaudindo, ouvia os ruídos de suas palmas. — *Um grande beijo no coração.*

Desliguei aliviada por ela não perguntar sobre o meu trabalho.

Larguei o aparelho sobre a cama, em seguida veio o sinal da mensagem chegando. Porém, nem dei o trabalho de averiguar; exausta, o cansaço me venceu.

Aos poucos, meus olhos foram se fechando, já ouvia distante o barulho da chuva lá fora, e apaguei.

Capítulo Quatorze

HENRY

O cenário da chuva batendo com força na vidraça, as árvores se envergando em virtude do intenso vento, estimulava meu cérebro a rebobinar até o momento no quarto, especialmente comigo sobre ela na cama, metendo gostoso, focado naqueles olhos azuis incríveis lacrimejando.

— Caralho, cérebro! — Insatisfeito com o rumo que as coisas tomavam, saltei da cadeira.

Meu imaginário comandava tudo desarranjando minha razão, a única coisa que estava em ordem eram os instantes transando com a Sacha. O filme passava em câmera lenta por minha cabeça, segundo a segundo, meu corpo todo arrepiado implorava por um repeteco.

Inaceitável!

Saí a passos pesados e rápidos do escritório, exercendo certa tensão no corpo e conservando uma carranca no rosto, tamanha a contração. Somente assim, consegui bloquear mais imagens eróticas.

Se convencer a filha da puta vigarista de ficar foi uma estratégia, a fim de conseguir fazer ela mudar de lado, então seria necessário controlar esta compulsão sexual por ela.

Parei no último degrau olhando a porta do quarto em frente, imaginando a mulher nua na cama. Pensamento incitante e excitante.

Apertando meu pau grosso, duro, quase explodindo e latejando dentro das calças, segui o corredor à direita, para o quarto do meu pai.

— Henry! — ele exclamou surpreso largando o livro sobre o peito. As

limitações do meu velho não o impediam de levar uma vida normal; como em toda nossa casa, seu quarto era confortável com toda a acessibilidade necessária. As adaptações dispensavam ajuda humana. — Só estava terminando um capítulo deste livro e já ligaria para você — comentou com os olhos pesquisando meu rosto. — Está tudo bem com você? — indagou, mudando a expressão ansiosa por uma preocupada.

— E por que não estaria? — tentei ser convincente rebatendo com outra pergunta, enquanto fechava a porta.

Seus olhos interrogativos acompanhavam meus passos até a poltrona confortável, em couro preto, ao lado de sua cama. Não consegui evoluir com a convicção, expirei exausto, me esparramando nela.

Mal conseguia sufocar o desejo pela bandida gostosa, imagina então a turbulência que estava vivendo.

Esperto como ele só, assinalou:

— Eu o conheço bem, Henry, e percebo algo o afligindo.

O olhei esfregando a mão do queixo ao pescoço, e espalmei o tórax, numa dúvida cruel. Ele notou meu desatino, apertando os olhos, desconfiado.

— Não conseguiu convencer a Sacha a continuar com o tratamento? — Senti receio e fiquei com pena do velho.

Sabia o quanto as dores o chateavam.

— Relaxa, esta questão está resolvida. Ela concordou em terminar o tratamento. — Curvei levando a mão a sua cabeça e bagunçando seus cabelos.

— Para, seu moleque! — rindo todo animado, ele lançou um tapa na minha mão. — Deixei você sozinho com ela porque confio no seu poder de persuasão.

Endireitei o corpo recostando na poltrona, ponderando revelar tudo, até mesmo por motivos de segurança e fui surpreendido com outra dúvida certa.

— Eu apenas me faço de cego. — Travei um olhar curioso. Ele arqueou as sobrancelhas grisalhas e prosseguiu: — Só me faço. — *Eu sei bem seus métodos*

silenciosos de bisbilhotar! Balancei os ombros sério, o permitindo seguir. — Solicitei uma varredura na vida badalada do playboy milionário e mulherengo Bernardo, e sei que existe por trás dele um segredo e famoso detetive internacional. Não posso ficar de braços cruzados vendo meu único filho dentro da trilha da morte. — Revirei os olhos nada surpreso, a invasão da minha privacidade já era aguardada. — Esteja ciente que não aceitarei esta sua busca incansável pelo mafioso do Ivan — realçou em tom alto.

Minha mente distanciou do quarto, um sentimento estranho se apoderava do meu ser, uma sensação de estar cometendo uma injustiça, ponderando denunciar a Sacha. Uma vez, meu pai, sabendo de toda a história, a presença dela nesta casa poderia se tornar insustentável.

E daí? Minha razão bateu forte nos meus miolos. Exatamente isso, e daí? Não estava compreendendo toda esta minha preocupação, principalmente com ela, alguém com fortes indícios de ser uma infiltrada.

Ele grunhiu, tirando-me da meditação.

— Exijo que o meu espaço seja respeitado da mesma forma como eu respeito o seu — pedi. — E chega de interferir nos meus negócios, Sr. Adam Stone.

— Pedido negado! — apontando o indicador direito em meu rosto, me interrompeu pragmático. — Se tem alguém que deve buscar vingança aqui, sou eu.

Franzi a testa, desconfiado.

— Alguma coisa me diz que o senhor está agindo na surdina... — Ele balançou a cabeça. Aquele gesto e sua expressão seguia o caminho de uma confissão. — Pai? — irado, como também preocupado, cobreí.

Ele torceu a boca e, então, confessou:

— Meu movimento discreto segue a linha da precaução. — Silenciou por alguns instantes, relutando.

— E? — insisti sério, não o deixando desistir da explicação.

— Ok! — cruzou os braços e expos todo seus planos: — A reunião de hoje foi justamente para estabelecermos estratégias eficientes a fim de manter o mafioso longe de nós dois. Vamos fechar o perímetro e garantir que o Ivan não chegue perto da gente.

— Primeiro, eu desaprovo; e segundo, dizer que sua conduta “discreta” — sinalizei com indicadores no sentido entre aspas — não é boa o bastante, ou seja, é falha.

Em seu rosto brotou uma expressão especulativa.

— Não entendi! — No mesmo instante espalmou o colchão ao seu redor e arrastando o corpo, ergueu mais o tronco, recostando na cabeceira da cama.

— Talvez ambos estejamos perdendo tempo na captura do Ivan, quando ele está muito próximo a nós. — Suas pupilas dilataram. — E se eu lhe dissesse que o bandido já se encontra incluso aqui em nosso lar, convivendo conosco, a par de cada movimento nosso?

— Como assim, Henry?

— Pai, tem algo que você precisa saber — comecei. — E tem a ver com a fisioterapeuta.

Comecei a narrativa com nosso primeiro encontro em Anápolis, abri todos os detalhes o fazendo exclamar perplexo.

— A Sacha, uma espiã? — indagou mediante uma expressão de horror.

Confirmei, movendo a cabeça que sim.

— É provável! A velha raposa em pele de cordeiro.

Ele não respondeu a princípio, seus olhos estavam sobre suas mãos em seu colo, os dedos entrelaçando nitidamente nervosos.

— Nosso descuido é imperdoável!

— Pois é! Pretendo ir amanhã cedo ao orfanato, a Madre que nos atendeu pareceu ser bem íntima dela.

— Agora faz sentido o jeito como ficou com o pé atrás com ela. — Sacudia a cabeça revoltado e, analisando, ergueu os olhos fitando os meus. — Se chegar fazendo especulações diretas, esta tal Madre pode desconfiar e evitar fornecer as informações necessárias.

— Já pensei a respeito! A melhor maneira de manter a informalidade é a Maria Cláudia ligar marcando a visita, ficamos de retornar.

— A parte de rastrear a moça fica comigo...

Estalando a língua freneticamente, neguei movendo a cabeça.

— Agora não se trata mais de você ou eu... Somos nós. Se ela for realmente uma agente do Ivan, então estamos sendo observados!

— Neste caso, é importante registrar este caso à polícia, e até mesmo pedir proteção.

— Proteção é algo a considerar — comentei. — Porém, é bem provável que a notícia vaze, levando em conta a repercussão que foi o desmantelamento da organização criminosa. A princípio solicitei ao Abner manter vigilância contínua.

Ele tombou a cabeça sobre o ombro direito, analisando.

— Tem razão, filho! — concordou. Senti-me aliviado com sua concordância, afinal eu não sabia as razões, restava-me um resquício de esperança de que seu caráter fosse o oposto. Um sentimento inoportuno que não deveria existir diante das circunstâncias. — Atentos, iremos dar corda ao malandro até ele se enforcar sozinho. De qualquer modo, será bom a presença da Sacha por aqui, a mão da garota é mágica. Agora avisado, vou ficar de olho nela — emendou ele remexendo na cama, confiantemente desordenado.

— O que está fazendo? — perguntei apreensivo dele se ferir.

— A dor sumiu completamente com apenas uma sessão, imagina com mais algumas. Ela me deixará novinho em folha! — Sorri diante da sua exaltação.

— Então aproveite o tratamento e fique bem, pai! — Levantei e curvando-me, bati de leve em seu braço.

— Filho! Cuidado quando ligar para a Maria Cláudia, é muito importante que ela continue leiga nesta história.

— Eu concordo. Conversamos bastante no percurso do orfanato, hoje ela deposita toda esperança de vida sobre você e a filha que pretendem adotar. Se ficar sabendo dos riscos, é perigoso de enfartar subitamente.

Ele apertou lábios atinados.

— Se nós dois sofremos a perda do Anselmo, imagina ela sendo a mãe e que convivia diariamente com ele.

— Fato! — Meneei a cabeça em concordância. — Vou providenciar uma escolta reforçada para todos nós, por precaução. — Ele acenou positivamente a cabeça, então eu saí do quarto.

Tão logo fechei a porta, minha mente era um emaranhado de Sacha e o arrepio tomou conta, Sacha em meus braços embaixo do chuveiro, no jardim, no hotel...

Me deixe em paz, vigarista!

Cruzei o corredor sem sequer olhar na porta do quarto dela, e no outro extremo adentrei em meu quarto, segui direto para o banheiro e entrei no boxe.

O banho frio, que normalmente era revigorante, soou como um estimulador, o desejo de transar com a Sacha chegava ao nível do insuportável.

— Qualquer mulher é capaz de me saciar.

Depois de um banho frio e nada do tesão ir embora, saí decidido a procurar Lidianne, uma boa pedida, já que ela estava mesmo aguardando por mim.

Vesti uma calça jeans, uma camisa branca largando os primeiros botões abertos, uma jaqueta de couro preta criando uma aparência despojada, o cabelo úmido deixei solto. Saí pela porta olhando a mensagem do Bernardo e gravei na cabeça o endereço do hotel.

E com a cabeça cheia, parti para me divertir e aliviar com a Lidianne.



Sentia o suor descendo por minha testa enquanto, arrepiado, estocava forte e gostoso a ponto de gozar, quando despertei com uma sensação súbita de calor pelo corpo, conflitando com um frio incômodo na boca do meu estômago, e detalhe: o pau tão duro que chegava a doer. Abrindo os olhos encontrei, através da janela, o sol radiante nascendo no horizonte, seus raios tímidos atravessavam o vidro e não justificava a intensidade do calor.

A bandida influencia até na minha temperatura corporal!

Num misto de enfurecimento e desejo, sentei repentinamente ali no sofá do meu escritório, o contrato de trabalho da Sacha em meu peito caiu em meu colo.

Passando em frente ao escritório do meu pai ontem à noite, meus planos de procurar a Lidiane fracassaram. Não havia estímulo algum em encontrar a Lidiane e nem ninguém. Por fim, acabei entrando, peguei o documento e vim para cá. Acreditava que, com um olhar mais minucioso eu encontraria alguma informação contundente sobre a mulher. Foram horas em minha mesa lendo e relendo, e por fim, resolvi descansar meu corpo exausto aqui no sofá, e acabei caindo no sono profundo, e sonhando com a bandida.

É foda!

— Foda e meia! — Levantei ajeitando meu pau esmagado dentro da calça. Suando exageradamente, tirei a jaqueta de couro, em seguida a camisa atirando-a sobre o sofá, para voltar a vestir a jaqueta sem fechá-la. Abri a janela recebendo uma brisa fresca no peito, e inspirei ajeitando meu cabelo e veio a ideia de um mergulho de roupa e tudo. Uma aventura muito prazerosa da adolescência, quando chegava das baladas com os amigos.

Peguei uma garrafa com água do frigobar e saí bebendo o líquido pelo caminho. Lancei o vasilhame vazio em direção a lata de lixo ao cruzar a porta do salão.

“PUTA QUE PARIU!”, praguejei ao chegar à porta da varanda e ter aquela covardia de vista.

E o sol não colaborava, do mesmo jeito que brilhava iluminando o céu azul sem nuvens, reluzia os cabelos dourados e molhados da Sacha.

No outro extremo da piscina ela estava sentada no chão, numa postura ereta com as costas encostadas na parede, as pernas cruzadas, as mãos sobre os joelhos e a cabeça baixa, pensativa. Completamente molhada, indicava que não resistiu se refrescar na piscina com roupa e tudo. Usava calça e camisa branca por dentro da calça coladas ao corpo, todos os botões abertos davam caminho às gotas de água caindo dos cabelos e escorrendo pelo tronco ereto, onde revelava a ausência do sutiã. Embora a roupa não fosse transparente, ainda assim, marcavam seu corpo perfeito, o contorno da cintura fina e quadril largo, uma visão dos infernos.

Me transformei num barril de pólvora, a ponto de explodir, o tesão tomou conta acarretando uma batida errada no meu coração.

CARALHO DE MULHER LINDA! E meu inferno astral.

Me recompus.

— Espero não estar interrompendo seu instante de tranquilidade — proferi contornando a piscina, indo em sua direção.

Seus olhos subiram assustados no rosto de traços marcantes, ao mesmo tempo que seus lábios entreabriram levemente para uma lufada de ar.

— *Tranquilidade!* — realçou sob um sorriso irônico, quando se recuperou do susto e saltou em seguida; em pé contornava a piscina do outro lado numa saída alternativa. Parei evitando o desencontro. Com o rosto retraído, nitidamente irritada ela também parou, levando as mãos aos seus quadris fabulosos, e então acenou com a cabeça para o andar superior. Esta parte da casa era um corredor de paredes de vidros, o local favorecia a vigilância desta parte externa da casa. E lá estava o Agner, vestido em seu uniforme, terno preto e camisa branca ele caminhava de um lado ao outro, indiscretamente atento. — Este é o espaço que você ofereceu para eu exercer minha função? — a birrenta questionou dentro do tom agressivo. E admito: soou muito interessante.

Aliás, ela no geral era um desafio e tanto! Para uma espiã, demonstrava uma inocência fora do comum, e ainda convincente.

“Estas são as piores!”, fui alertado por minha razão.

Seguindo seu método, movi os ombros com naturalidade como se não estivesse entendendo sua questão.

— Fazer rondas pela casa é a função do chefe da segurança — esclareci montado no cinismo.

— Faça me rir, senhor Henry! — A desaforada e embravecida arqueou a cabeça loira, desabando em gargalhada.

Me encarou em seguida com seus olhos grandes e magníficos soltando faíscas.

— Não há a menor possibilidade de exercer minha função sob tensão — emendou desgostosa. Fechou o rosto, desenhando nele a expressão intrigantemente casta, e continuou. — Se a minha estadia aqui será com o seu segurança no meu encalço, então eu desisto do trabalho, definitivamente — ameaçou terminando de contornar a piscina e estacionou à minha frente, me peitando corajosamente. O perfume do sabonete invadiu meus sentidos, seu olhar percorrendo meu rosto assemelhavam-se a um labirinto de emoções, totalmente indecifrável. — Nossos encontros aconteceram ao acaso. Vou repetir e será a última vez. — Nas pontas dos pés, seus lábios vieram ao meu ouvido: — Eu não sou, e nunca fui uma espiã — sussurrou causando inúmeras reações pelo meu corpo.

Aí ela cutucou a onça com a vara curta! Todo o sangue do meu corpo deveria ter subido à cabeça, tamanha a sua insolência, e aconteceu o contrário. Todo fluido efervescente percorreu minhas veias e centralizou no meu pau, a ereção foi instantânea.

Eu queria tudo dela, menos brigar.

— Motivos suficientes para não se sentir constrangida, minha cara. — Avancei alguns passos, ficando a míseros centímetros dela. A abordagem destruiu a postura desafiadora da moça. Inspirando densamente, ela deteve o ar nos pulmões. Uma covardia aqueles seios realçados a ponto de fugirem pelo decote. *Ela é muito sensual!* — Aproveite o mês e me convença da sua idoneidade.

Semicerrando os olhos, inesperadamente ela deu um passo à frente, grudando aquele corpo molhado, delicado e quente no meu. Estremeci, meu pau vibrou em seu ventre, fazendo ela também estremecer.

— Não tenho de provar nada a ninguém — quase sussurrava, procurando camuflar o quanto estava afetada sendo roçada. Estava admirado, e mais tarado à sua nova postura. — Principalmente para alguém como você... — acentuou desdenhando.

Aquele atrevimento foi demais, catei seu braço e num impulso, unimos completamente nossos corpos...

— Exemplifica a frase “alguém como eu?”. — Ela rolou os olhos no sentido zombador. — Seja mais direta! — Seus olhos desceram entristecidos, e logo flamejaram.

— Eu quero mais que você e toda a sua corja vão se ferrar! — xingou espalmando meu peito com a mão livre, exercendo força para recuar. — Estou cansada de tudo... cansada de gente como você. Droga!

Ainda confuso, moldei seu rosto entre minhas mãos impondo o seu olhar.

— Desconheço as razões, por levarem você a fazer comparações. Mas eu gostaria de saber — declarei correndo meus polegares por sua face quente. A temperatura crescente parecia infiltrar pelos meus dedos e devastou-me por dentro. *Que porra é essa, coração?* Ardente, ele desembestou, batendo forte.

“Foco, Henry!”, exigia de mim, deveria aproveitar o momento de vulnerabilidade dela, demonstrando ser o ideal para fechar um acordo, corrompê-la e trazê-la para o meu lado.

— Você não me engana — grunhiu forçando um olhar de espertalhona. — Sei exatamente o que pretende, idiota! — A mão abandonou meu peito e voou na intenção de acertar meu rosto. A impedi segurando seu pulso no ar, indignado.

Notava ali a sua intenção de me colocar na posição de vilão.

— Faço minhas as suas palavras. — Ela distanciou os olhos e permaneceu com ele no horizonte, se fazendo de coitadinha e confundia ainda mais a minha cabeça. — Já que a desconfiança é mútua, então, sugiro abrimos o jogo.

Ela rezingou inconformada, e não entendi o porquê.

— Talvez eu até pareça, mas garanto que não sou nenhuma boboca, sei como o seu mundo funciona. — Respirando acelerado, travou um olhar decidido nos meus.

Recebia seu incitante hálito morno e perfumado, enquanto seus olhos irados oscilavam pelo meu rosto. Estava nítido o seu envolvimento, eu sentia seu tremor debaixo dos meus dedos.

— É mesmo? — Parei de falar por um momento comparando-a ao primeiro encontro e confesso, eu balançava com sua beleza. Não importava a cor dos seus cabelos, castanhos ou loiros. Ela era linda de todas as formas, até mesmo no semblante aparentemente imaculado. — Eu gostaria de saber como você enxerga o meu mundo — mencionei a puxando, colando suas mãos em meu peito pulsante.

— Me deixa em paz! — Deu um impulso para trás e atingiu o objetivo de se afastar de mim. No segundo passo enrolei o braço ao redor da cintura fina e trazendo-a contra meu corpo, meu coração bateu mais forte, consequentemente meu pau pulsava doloridamente, em contato com sua bunda empinada, dura.

— Ainda não terminamos — sussurrei determinante em seus cabelos, sentindo-a tremer toda.

— Terminamos sim. — A voz saiu tímida, diferente dela.

Não havia timidez alguma nela rebolando no meu pau.

— Talvez mude de ideia depois de ouvir a minha oferta — sussurrei em seu ouvido e arranquei um gemido baixo dela.

— Declino de antemão a esta oferta — resmungando, sugava o ar entredentes quando adentrei a mão livre por entre a camisa aberta e pegando o seio quente, macio, massageava gostoso. — E a qualquer outra que pretenda fazer — arfando audivelmente, emendou num fio de voz passando as unhas das mãos, levemente no meu braço sobre o seu abdome sequinho, a esmagando contra mim. — Nem perca seu tempo — gemia com a massagem firme nos seios, aos beijos e chupadas no pescoço, experimentando meu poder na sua bunda desejando-a desesperadamente.

A mulher era uma safada e não resistia a mim, a prova estava nos braços que se estenderam para trás, enlaçando-os no meu pescoço; arcando o corpo, ela recostou a parte de trás da cabeça em meu peito, deixando tudo a minha disposição.

Cheio de tesão, soltei a cintura espalmando a barriga chapada e escorreguei entrando pelo cócs e elástico da calcinha, alcançando sua vagina excessivamente molhada.

— Caralho, que delícia! — A espremendo com força, eu esfregava os dedos sentindo sua excitação, arrepiando-me louco, alucinado, para enterrar tudo dentro dela.

Soltando seu seio, preendi seu cabelo e puxei virando seu rosto à procura dos seus lábios, contemplava o tremor neles.

— Vá em frente, me beija! — incentivou com pressa. Entreabertos, recebeu os meus num beijo intenso e forte. Metendo meu dedo nela, a beijava de maneira selvagem, e ela suspirando ruidosamente, ficava mais e mais molhada.

— Vira pra mim — Não aguentei mais.

Girei seu corpo de frente, e logo ataquei seus lábios a beijando com desespero, e deslizava as mãos por suas costas. Pegando na bunda, apertei-a em meu pau latejando tanto, a ponto de doer.

Não compreendia o poder dela sobre a minha pessoa, ela conseguia despertar um tesão que jamais senti antes. Devorando-a, tornou impossível controlar a emoção querendo tomar meu coração em sua batida eufórica. Totalmente excitado, duro, empunhei firme em sua bunda dando um impulso para meu colo.

Imediatamente ela me deu uma chave de perna e fechou os braços em meu pescoço. E no silêncio externo, porque em nosso interior era uma baderna só, a levei para dentro do salão de festas, lembrando que o exterior da casa é todo monitorado, e a coloquei sentada sobre a mesa. Faminto, sedento, abri sua calça e a arranquei com possessividade do corpo.

— Uau! — Abrindo os braços e um pouco as pernas, ela suspirou ansiosa. Curvando-me, afastei o elástico da calcinha com os dedos e a chupei

deliciosamente, saboreando aquele gosto único, sentindo o cheiro bom dela, tão molhada, que me enlouquecia. Contornando a língua em torno, arrancando gemidos, tomei toda sua essência. — Ahhh... — Ergueu o quadril contra minha boca e puxava meus cabelos de encontro a ela, oferecendo mais de si. Meu pau latejava por ela. Me fartava sem moderação. — Não era para ser assim... Ahhh... — O tom estrangulado, expelido de seus lábios grossos, indicava seu grau de excitação proporcionado ao meu ataque em seu clitóris. Mordiscava, lambia, sugava, devorava o banquete. — Mas esta sua pegada soberana é irresistível... — pausou sufocada quando penetrei a língua duramente, e subi meus braços apertando os seios deliciosos. — Como um idiota como você pode ser tão gostoso? Ahhh... — resumiu num fio de voz se entregando completamente.

— Ofereço prazer às mulheres, minha cara! É um direito delas, então, aconselho não perder a chance, pode não existir outra — diante das minhas palavras, ela escorregou para trás, deixando minha boca no vazio.

Fui tomado pela preocupação dela ter se ofendido e romper o momento fantástico.

— Você é um temendo de um presunçoso, sabia? — Fui surpreendido com sua perna, torneada e linda, esticando até as pontas dos dedos quentes alcançarem meu peito nu. — Mas, como é um direito adquirido — com os olhos transbordando de desejo e a respiração encurtada, os dedos desceram provocantemente pelo meu abdome, deixando rastros de arrepios e roçou-os no meu pênis latejando dentro das calças. Balancei na expectativa —, eu o exijo agora! — Tremendo sobre a mesa, ela instituiu correndo as pontas dos dedos por toda extensão volumosa.

Que mulher de atitude é essa?

Explodi de desejo.

— É uma boa decisão. — Movido à pressa, desci rapidamente a calça e cueca juntas.

— Que pau é esse? — Olhando para ele ereto feito uma lança no ar, ela suspirou botando uma nova feição no rosto esplêndido.

A nova expressão abrangia os mais variados tipos de sentimentos: vi ali raiva, ternura... antes de ficar séria e intensa.

Confuso isso! Ainda mais confusa era a minha preocupação em saber quais tipos de emoções ela experimentava. Isolei a meditação entrando em ação, abaixei pegando a carteira no bolso da calça, retirei um dos preservativos. Precavido, nunca deixava faltar.

Com a respiração entrecortada, ela não tirava os olhos dele. Endireitou o copo o envolvendo firmemente entre os dedos delicados.

— Caralho! — rosnei arcando o corpo levemente, curtindo aqueles dedos hábeis o masturbando de forma experiente.

— Eu cuido disso para você! — me arrepiei por completo à sua voz sensual e safada pegando a camisinha da minha mão.

Sem desviar os olhos expressivos, ela rasgou a embalagem nos dentes. O vestiu de um jeito todo especial. O envolvendo na mão, começou a dar umas contorcidas magníficas, absurdamente excitado lancei voo as nuvens.

— Eu quero ele agora — requereu o guiando com perícia. Com meus dedos, afastei a calcinha para o lado, e ela mesma quem o encaixou. — Oh! — Vibrando com a cabeça robusta e sensível encostando no seu canal estreito, minando de prazer, ela inspirou longo, segurando todo o ar nos pulmões.

Tremendo dos pés à cabeça empurrei, penetrando forte.

— Ah! — gritou, soltando todo o ar preso. — Delícia! — Sendo preenchida ela delirava sugando o ar de volta.

— Gosta de ser fodida com força, né? — perguntei enterrando até o fim.

— Muito! — confirmou suspirante e numa atitude desesperada, enlaçou as pernas na minha cintura me puxando para mais junto dela. — Coloca tudo, eu quero tudo...

Afoito, levei as mãos em suas costas estocando enérgico, o afundando, abracei mais seu corpo a beijando, degustando de cada gota da sua saliva, sentindo algo estranho, intenso pelo corpo, sentindo um tipo de ligação forte, um tipo de carinho? Seus batimentos cardíacos no ápice junto ao meu soou estranho, arredei um pouco e voltei a bombear.

— Assim, assim... — Aprovava sufocada, beijando molhado o meu pescoço, arcando a cabeça, eu liberava todo o espaço exigido por ela.

O beijo subiu ao queixo, ali ela o mordeu de um jeito gostoso, em seguida veio em busca dos meus lábios. A beijei com urgência, e naquele beijo melado, ela contraiu sua vagina entorno do meu pau me enlouquecendo. Acelerei o movimento tirando e arremetendo, pulsando em uma sensação divina.

Chegava no meu limite, minhas pernas começaram a tremer, meu coração acelerou, ele inflando, pronto a explodir, afastei abocanhando os seios, sugando em cada um deles, deliciosamente.

Excitadíssima, ela trouxe as mãos em meu rosto me beijando com urgência.

— Ah, não consigo mais segurar... — respirando forte e tremendo muito, ela sussurrou em meus lábios.

Eu a comia incansável, estocava rápido e forte. Vibrando, ela correspondia soltando gemidos estrangulados. Claramente se deliciava às minhas investidas.

— Eu quero sentir você gozando, linda! — com a excitação num nível elevado, eu pedia maravilhado com aquele aperto molhado, daquele jeito que adorava.

Respirei intensamente seu hálito quente, chupei e lambi os lábios com mais uma penetração profunda, então atingi um belo, intenso e delicioso orgasmo.

Rugi, sentindo a pressão dos jatos no interior do preservativo, quando seu corpo se contraiu em meus braços e os nervos internos os esmagaram, causando uma sensação de plenitude, e então senti o seu orgasmo quente.

Sentia a mesma necessidade do quarto: desejava seus lábios e um abraço forte, e não entendi as razões por ceder àquela emoção.

A beijava como nunca beijei alguém depois de uma transa.

Capítulo Quinze

SACHA

Acordei na madrugada arrepiada e com os olhos marejados. Sonhava que beijava o Henry, um segurando no rosto do outro em nosso último beijo: o de despedida.

Como era difícil sentir rancor por ele! As coações assustavam e muito, porém, não eram o suficiente para arrancar o sentimento de apego que nutria por ele. Este laço com ele fortaleceu logo quando fugi da casa do Ivan, e persistiu por mais de ano. Estava quase curada.

Nunca deveria ter ido àquela festa no hotel! Mas também não me arrependo. E nem poderia, a semente plantada por ele deu um novo sentido a minha vida, ela floresceu lindamente. Sua marca trouxe luminosidade aos meus dias turbulentos. Poderei estar em qualquer lugar do mundo, ele sempre estará em minhas memórias.

Enfim, devido a sensação de coração comprimido no peito e olhos queimando pelas lágrimas, não havia espaço para arquitetar um plano eficiente de fuga às escondidas. Tomei um banho rápido, vesti a roupa do trabalho e deixei o quarto na caça de ar necessário para alimentar meus pulmões, e oxigenar meu cérebro conturbado. Precisava dele.

Quatro horas da manhã e o sol ainda dormia quando saí pela porta de vidro, acessando a varanda. O calor da minha angústia estava insuportável, então abri os primeiros botões da blusa e me joguei na piscina de roupa e tudo. E quando saí da água, sentei no canto e ali eu pensava no plano até ele surgir à porta, lindo demais... Já que o adeus era inevitável e poderia ser para sempre, por que não levar comigo mais um momento com ele? Cheguei a desistir desta maluquice, e agora olha só para mim aqui, sobre a mesa, sofrendo como uma louca, o beijo com sabor de despedida doía no meu âmago.

Eu não era leiga, já tive uma experiência com a sedução do homem, ela de fato resultava em sequelas. Foi um equívoco cair nos seus braços mais uma vez antes de dar o fora daqui. O prazer intenso que ele proporcionava ao meu corpo com sua pegada forte e irritantemente gostosa, me prendia mais a ele.

“Ele não é para você, Sacha. Nunca foi!”, gritava a voz dentro da minha cabeça.

Concordava com a minha razão.

Era vital me livrar deste mundo de criminosos o quanto antes.

Não consigo lutar contra!

Ah! Não contive o suspiro aos lábios famintos me degustando, sua língua explorando exigente o interior da minha boca. Estava ciente de que era necessário romper o beijo delicioso, a troca de fluidos alimentava esperanças ao meu coração, tão judiado, infelizmente algo que não existia neste mundo nojento.

Aquele velho ditado de que o tempo consertava tudo, não se aplicava ao meu tempo. Com o passar dos dias ele só vinha arruinando. Como já mencionei, não importa quantos milhões de quilômetros eu caminhe, no final vou descobrir que andei em círculos, caindo sempre no mesmo lugar.

Mantendo a fé no futuro menos sofrível, realizei mudanças positivas em minha vida. *Se desejo seguir com elas, então devo dar um basta imediatamente.* Me propus assumir o controle dela, então a única opção, seria me manter bem distante dele. E com todo aquele sentimento borbulhando dentro do meu peito, afastei meu rosto, nossos olhos seguiam ligados por algum tempo e então readquiri o controle, espalmando seu tórax em acelerada atividade, como o meu.

— Acabou — soltei o meu melhor tom impiedoso. Como era difícil esconder o quanto meu coração estava em pedaços. — Agora saia de perto de mim — o impeli, ganhando um olhar abrangente e severo.

— *Comece a faxina pelo salão de festas.* — A voz da Valentina se aproximando instaurou uma pressa enorme em nós.

Ligeiramente ele subiu a calça, passou as mãos pelos cabelos se

recompondo e correu para fechar a porta e girou a chave, aguardando-me arrumar. Só então destrancou e voltou ao meu encontro próximo à mesa, lançando um olhar desafiante.

— Ah, me desculpa! — retratou ela educadamente ao nos ver no salão, e estava acompanhada com alguns funcionários uniformizados.

— Fique à vontade para exercer a sua função, Valentina — acenando com a mão sem desviar os olhos de mim, autorizou embaixo de uma voz rouca e intensa do caramba — Tenho de fazer uma ligação urgente, em seguida vou para uma reunião importante na empresa, e um compromisso à noite. Mas tenha certeza de conversaremos amanhã.

Dizendo isso ele deu-me as costas, e em seus passos decididos e apressados saiu do salão de festa.

Balancei com aquele enorme e dolorido aperto no peito.

Não haverá depois!

Só aguardaria a chegada do Filipe para dar o segundo e último atendimento ao senhor Adam. Seguiria o conselho da Madre.

Acenei de cabeça para a Valentina e foi quando me lembrei da última transa, perto da fonte, e mudei o destino. Os trapos da minha calcinha permaneciam no mesmo lugar. Arrepiada, revivi-o todo dentro de mim e a coloquei no bolso e voltei ao salão, defrontando o olhar interrogativo da Valentina pelo meu corpo.

— A água da piscina estava boa? — ri ao seu tom tendencioso.

— Caminhava muito rente à borda e escorreguei — menti, caminhando em direção a porta, e saí.

Antes de tomar um banho e trocar de roupa, peguei meu celular no criado-mudo ao lado da cama e liguei para Jussara.

— *Se a ligação de madrugada é para dizer que não vem à festa, eu me recus...* — desatou ela.

Eu a interrompi.

— Daqui a pouco estarei desempregada e vou precisar de um teto até me restabelecer. — Ela ria sem entender, porém, não especulou.

— *Estou contente que terei sua companhia hoje à noite, e ficarei muito feliz em receber você em minha casa, amiga. A que horas você ficará desempregada?*

— Não tenho um horário definido ainda, só sei que será hoje, e estava pensando em procurar meu pai.

Um riso carinhoso explodiu do outro lado da linha.

— *Puxa, amiga! Que notícia excelente... ainda é boa em pilotar motos?*

— Está brincando? — indaguei num tom sorrateiro, arrancando risos dela.
— Sou mestre em duas rodas.

— *Somos, né, amiga! Aliás, somos mulheres seguras e independentes.*

Fechei meus olhos analisando a minha vida em desordem total. Quando era adolescente, meu pai me ensinou a pilotar sua moto, e era uma das grandes. Ele afirmava categoricamente e acreditava que eu era uma mulher segura e independente, e seria a “melhor” em duas rodas.

Na época, eu ficava toda cheia acolhendo aquilo como elogio. No entanto, a curva da estrada da minha vida fora tão exageradamente sinuosa, e não me permitiu ser esta pessoa segura e independente.

Ou tudo tenha ocorrido justamente por eu ser esta pessoa segura e independente? Afinal, minha mãe cogitou sobre esta força em nossa última conversa.

Balancei a cabeça saindo daquele contexto todo. Sei lá! Tudo estava muito bagunçado em minha mente.

— Sinto muita falta do meu velho.

— *Um motivo plausível para ir atrás dele, mas não hoje, né, amiga?* — alertou ela. — *Faça assim: marque esta viagem para amanhã cedo, que não terá*

compromisso, e eu vou te emprestar a minha moto.

— Sério que você comprou uma? — Meu coração se encheu de esperança e ansiedade por pilotar novamente uma moto.

— *Seríssimo! Só tem um problema, deixei na oficina mecânica ontem à tarde, e fiquei de pagá-la hoje no fim da tarde. Aliás, qual bairro de São Paulo está trabalhando?*

Consternada, arregalei os olhos, não a envolveria em nada.

— Esta informação não é importante, Ju. — Ela riu da minha resposta.

— *Tá bom* — concordou irônica. — *Só perguntei no caso de ser perto do endereço da mecânica, e você fazer a gentileza de pegar ela para mim.*

— Pegó, com todo prazer, Ju! Só manda o endereço, eu me viro para chegar até lá — a lembrei.

— *Vou te mandar o endereço por mensagem.*

— Obrigada por tudo, Jussara! E desculpa pela minha atitude na casa do Marcelo.

Ela estalou a língua.

— *Tudo bem!* — disse num tom baixo de voz. — *Talvez qualquer dia destes eu revelo meus segredos.*

— Faça no seu tempo, um beijo.

— *Outro* — desejou ela, — *Estou à sua espera.* — Desligou a seguir.

Com o coração na mão e não só por deixar o Henry para trás, arrumava minhas malas, deixando um par de roupas preparadas sobre a cama. Estava chateada em não conseguir comprar os ingressos do parque para as meninas. *Tadinhas!*

Tomei um rápido banho, sequei os cabelos e vesti um uniforme branco seco e parti atender o senhor Adam.



— Antes de iniciarmos, vou entrar na piscina — avisou o senhor Adam se afastando com a cadeira.

— Espera, eu ajudo o senhor — ofereci correndo em sua direção.

— Posso fazer isso sozinho, minha jovem — recusou freando a cadeira e a girou, ficando de frente comigo.

Seu tom soou tão frio como seu olhar. Ele me evitava, claramente.

— Claro! — respondi ressabiada e retornei à varanda. O Filipe preparava os equipamentos que usaríamos no tratamento. — Notou o quanto o senhor Adam está estranho esta manhã?

Filipe deu de ombros

— Nada diferente do que já estou acostumado, sempre após reuniões com aquelas caras, ele fica neste azedume todo. É melhor ir se acostumando.

— Não terei tempo para me acostumar, vou embora hoje, e preciso da sua ajuda para sair daqui sem ninguém notar.

— Ficou maluca, Sacha! — ralhou Filipe sussurrando ao meu ouvido com os olhos ligados no senhor Adam sentado na cadeira elevador, submergindo na água. — Não posso compactuar em nada disso. Não pode sair como se fosse uma criminosa, porque é isto que vai parecer saindo na surdina e fugida. Vá até ele lá na piscina e peça sua demissão, e o assunto se encerra corretamente.

Sacudi a cabeça, aflita.

— Não posso, Filipe! — Não consegui segurar as lágrimas, no entanto, ele não se comoveu. Cruzando os braços na altura do peito, fitava meus olhos de forma especulativa.

— Então vamos aos motivos *verdadeiros* — sugeriu. — E a partir deles posso acatar ou não ao seu pedido.

— Eu não confio em ninguém nesta casa — balbuciei, optando pela verdade.

Seus olhos oscilaram pensativos por meu rosto.

— Como assim?

— Para sua própria segurança, prefiro não abrir o jogo.

Suas sobrancelhas se juntaram, nada convencido.

— Conheço bem estas pessoas, e posso afirmar que são de boa índole. — *A vida normal é apenas fachada, meu amigo!* Não diria esta verdade a ele, de jeito nenhum. Até mesmo porque, o envolveria numa roda imunda de trapanças e crimes, e ele não merecia. — Portanto, este argumento é evasivo, é fundamental eu entender bem essa história — insistiu às cegas.

— Não posso dizer mais nada, mas veja! Mesmo necessitada, eu estou abdicando de um gordo salário — joguei aquelas palavras, esperançosa de obter sua ajuda a fim de sair daqui sem chamar a atenção.

Nem me dei ao trabalho de informar sobre o Henry ter dobrado a quantia.

— Não sei, Sacha! — Desviou os olhos para o senhor Adam.

— Tenho certeza de que tem um profissional bom para me substituir — perseverei.

Ele balançou a cabeça, ponderando.

— Ele está muito confiante com o seu trabalho — hesitava.

A maneira fria como se dirigiu a mim retrata o contrário!

Segurei em seu braço pedindo seu olhar.

— Eu preciso do seu auxílio, por favor!

Seus olhos zanzaram por minha face enquanto ele decidia.

— Vamos seguir com a jornada normal — a decisão veio sob uma expressão de contestação. — E então, irei convocá-la para um atendimento especial. Talvez, assim sairá daqui tranquilamente.

Lancei um rápido olhar ao andar superior, e como previ, o segurança estava com a cara grudada no vidro. Abri um sorriso sem me preocupar com ele, teria de dar um jeito de sair desta casa.

— Eu nunca vou esquecer este seu gesto altruísta.

Assentia com os olhos no senhor Adam, acenando muito com a mão, o chamando.

— Tudo bem! — Ainda hesitante, seguiu em passos apressados indo atender o paciente, meio que desesperado.

O corpo do senhor Adam amanheceu vestido na tensão, e por esta razão exigiu uma terapia intensiva com repouso intercalado. Ele manteve o tempo todo de ressalvas comigo, quando havia dúvidas ele se reportava ao Filipe. Com isso o sol já se punha no horizonte ao término da sessão. O cansaço dele persistiu e solicitou a Valentina, o acomodar em seu quarto. Neste momento, o Filipe comunicou sobre o que combinamos na área gourmet. Naquela mesma frieza, autorizou sem ele pedir maiores detalhes, como se quisesse mesmo se livrar de mim.

Com aquela sensação ruim, tirei as melhores peças de roupas da mala, e ajeitei dentro do espaço reduzido da mochila onde carregava os meus equipamentos para tratamento. Largando a mala com roupas bem expostas sobre a cama despistaria o segurança.

Ele deveria acreditar no meu breve. Vesti uma roupa discreta, optei pelos óculos e deixando os cabelos soltos, desci para me encontrar com Filipe, aguardando dentro do seu carro estacionado em frente à casa.

— Está linda! — elogiou assim que fechei a porta do carro ao entrar.

— Obrigada — agradei jogando a mochila no banco de trás e ateí o cinto.

E ao erguer a cabeça, seus olhos temerosos ainda me examinavam.

— Só preciso de uma confirmação, Sacha! — Movi os ombros olhando interrogativa. — Não serei incriminado por ajudar você nesta façanha, certo?

— Eu juro que não, meu amigo — garanti, levando a mão em sua perna.

Ele sorriu ainda indeciso, então ligou o carro e saímos, aparentemente sem sermos seguidos.

A mecânica estabelecia no interior de um típico centro comercial localizado na avenida movimentada, com um grande posto de gasolina, a mecânica era uma loja grande de conveniência, e o mais encantador: havia uma pequena praça, o poste de luz rente ao tronco iluminava os galhos da frondosa árvore, e um banco de madeira sob ela.

— O escritório do senhor Adam fica bem próximo daqui — informou Filipe despretensiosamente, enquanto estacionava em frente à mecânica ao meu pedido.

Meu coração já deu sinal de alerta ao temor, batendo descompassado, pareceu emergir a garganta. Senti um nó bloqueando a passagem de ar, comecei a inspirar profundamente pelo nariz. O descompasso não chamou atenção do Filipe. — O convite de guia está em aberto — sorrindo gentilmente, lembrou-me.

Muito agradecida, me curvei e o surpreendendo, envolvi meus braços ao redor do seu pescoço, o abraçando forte.

— Se eu continuar na cidade, eu te ligo, ok? — sussurrei em seu ouvido.

Correndo as mãos quentes e protetoras por minhas costas, ele assentiu movendo a cabeça. Arqueei sorrindo e então, em mais um impulso, o beijei na face; beijo que foi recebido com os olhos fechados e um agradável sorriso.

— Se cuida, garota!

— Vou tentar! — Ele riu da minha resposta.

Peguei minha mochila e desci.

Aguardei ele sair com o carro para entrar na mecânica.

Pelejando com a moto estava um rapaz, simpático e jovem, usando um macacão chumbo sujo de graxa, aparentando no máximo 28 anos, os cabelos loiros assentados sobre os ombros.

— Olá! — Com uma ferramenta manuseando no motor da moto ele parou para me atender. — Eu vim buscar a moto da minha amiga, Jussara.

— Preciso de mais algumas horas, senhorita. Um dos meus funcionários faltou e acabou atrasando o serviço.

— Eu vou esperar na praça, obrigada.

Saí da loja me dirigindo à praça e sentei no banco de madeira rente ao tronco da árvore.

Apreciava o ar puro e fresco da noite linda de céu estrelado. A bela e majestosa lua também marcava presença, extremamente brilhante. Observava o fluxo de pessoas circulando pelo local, o trabalho dos frentistas abastecendo os veículos nas bombas de combustíveis, e o tráfego intenso da avenida.

A espera fora maior do que imaginei. O trabalho atrasou demais... Esgotada e faminta, resolvi entrar na loja de conveniência e fazer uma leve refeição; quando peguei o celular no bolso de trás da calça, visualizei as inúmeras ligações da Madre. Minha cabeça estava num emaranhado de questões e não notei o celular tocar.

— Madre, sou eu! Está tudo bem por aí?

— *Ah, querida! É muito bom ouvir sua voz...* — ela chorava e não era pouco. Ouvia seus fungados. — *O demônio esteve aqui exigindo informação sua, e você não atendia este celular, menina! Já estava pensando no pior* — desabou.

Quase perdi o sentido com a aceleração do meu coração com meu cérebro montando a imagem do rosto do Ivan em minha mente.

— Demônio? — Em pânico, levei a mão no peito tentando controlar minha respiração.

— *Aquele moço, o Henry! Ele apareceu aqui de surpresa.*

Surpresa fiquei eu, mais ou menos. Já imaginava minha vida vasculhada por ele, entretanto, só de imaginar o que ele faria quando descobrisse sobre a minha passagem na vida do Ivan, o frio na boca do estômago veio devastador, minha cabeça girou. Fechei os olhos até o mal súbito dissipar.

— Você não revelou nada, né? — questionei quando a tempestade diminuiu a intensidade dentro de mim.

— *Como se diz o ditado, minha filha: eu sou um bagre ensaboado. Tenho experiência com este tipo de gente. O espertalhão pediu para a mulher ligar, a tal de Maria Cláudia, e bateu aqui sozinho, de mansinho falava sobre a adoção, depois entrou na área do psicológico até você entrar na pauta. Muito esperto ele.*

— Madre, e as crianças?

— *Ele sequer chegou perto, e nem vai chegar* — garantiu, me fazendo rir emocionada com a sua postura protetora. Sem dúvida alguma, as crianças aos seus cuidados estavam protegidas. — *Só liguei para implorar para você deixar a casa deles, querida. Por favor!*

Meu coração ficou arroxado, e a tristeza profunda apossou do meu ser.

— Não se preocupe, já estou fora daquela casa.

— *Não creio que finalmente você tomou juízo, Sacha!* — exclamou aplaudindo. — *E o que fará agora?*

Ri, dúvida em relação ao meu futuro.

— A Jussara deixou sua casa a minha disposição, inclusive me emprestou sua moto. Estou aqui na mecânica aguardando finalizar a manutenção. E amanhã cedo saio para entregar alguns currículos.

— *Boa sorte na sua empreitada.*

— Obrigada.

Conversamos mais alguns assuntos aleatórios e então desliguei e olhei o relógio, já era tarde, o movimento de encerramento da loja de conveniência já

iniciava, a maioria das cadeiras se encontravam de pernas para cima, sobre as mesas. A pressa bateu com os ponteiros do relógio correndo solto e sem trégua.

Melhor apressar o mecânico. Pagando a conta, saí rapidamente.

O cenário do lado externo já era outro, deserto. Apenas uma bomba de combustível funcionava, havia um carro de luxo de vidro lacrado com película abastecendo, e atrás dele havia outro, tão luxuoso quanto, aguardando sua vez de abastecer. A porta da mecânica aberta pela metade, indicava fim do expediente.

Apenas o profissional que me atendeu estava presente, e na lida com a moto.

— Teria uma previsão de término? — perguntei quando parei ao seu lado.

Ele cessou o trabalho, e ergueu a cabeça com aquele semblante de sinto muito.

— Desculpa a demora, moça! — expressou chateado. — Mais alguns minutinhos e prometo que estará finalizado.

— Tranquilo! — Já angustiada com os ponteiros do relógio não colaborando, forcei um sorriso compreensivo e regressei ao banco da praça.

Como prometido, cinco minutos depois o mecânico saiu com a moto e acenou me chamando.

Levantei de supetão.

— Finalmente, terminei! Já está tudo pago, certinho.

— Obrigada — agradei suspirando aliviada, e já subi na moto.

— Ah, que cabeça a minha! Esqueci do capacete. Só um instante, por favor! — dizendo isso ele entrou no recinto a passos rápidos.

Aproveitei o momento e inclinei meu corpo para conferir minha aparência no espelho da moto, e quase caí morta de susto ao deparar com os meus cabelos despenteados. Retirando a mochila das costas, trouxe ao meu colo e ao abrir e não encontrar a escova, meu corpo congelou completamente.

Ferrou! Desesperada, levei a mão ao peito com meu coração sobressaltado, lembrando que não a tirei da mala sobre a cama.

— Preciso me acalmar! Caso eles encontrem a pulseira, basta eu dizer a verdade. De como ela veio parar comigo — conformada, pronunciei em tom alto e respirei profundamente, buscando o equilíbrio necessário para tomar o controle da situação, e voltei ao retrovisor.

Passando as mãos pelos cabelos os ajeitando, e trazendo as pontas cacheadas sobre os ombros, inspirei incrédula à imagem que meus olhos captaram. Henry, elegante ao extremo dentro de um terno cinza escuro e camisa preta, em sua postura cheia de personalidade e falando ao celular, descendo do carro de luxo que estava abastecendo.

Respirar se tornou impossível, diante da desordem generalizada em meu interior.

A atitude certa seria me esconder, impossível! Não dava, tamanho o descontrole do meu corpo. Tremia dos pés à cabeça e fraquejava na tentativa de desconectar meu olhar daquele deus.

“Acorda, Sacha! Acorda!”, minha razão gritava dentro da minha cabeça para sair do momento de deslumbramento. *Se esconde logo, Sacha!*

Ocupado falando ao telefone, eu ainda estava no anonimato.

— Posso dar uma olhada no óleo, doutor? — perguntou o frentista que abastecia seu carro.

— Meu Deus! — escapou num fio de voz estagnado, de tão sufocada na expectativa dele olhar na minha direção, e ele não olhou, deu as costas retornando ao carro.

— Só um minuto, a gente já se fala. — Acenou de costas ao frentista.

A voz rouca e profunda soou como uma lâmina na boca do meu estômago e rasgando tudo.

— Moço, moço! — desesperada, chamava o mecânico. — Eu preciso do capacete para ontem, por favor! — Meu tom saiu embargado, sentia o pulsar do

coração na garganta.

Do outro lado do balcão, procurando não sei o quê, ele deu com a mão solicitando paciência.

Ai, meu Deus! Sem ligar o motor, apoiei os dois pés no chão e saí andando com ela, e no maior sufoco, em direção à praça.

Capítulo Dezesseis

HENRY

A reunião terminou há poucos minutos, sem combustível, dei uma parada aqui no posto de gasolina próximo da empresa. Estou atrasado para a festa do Bernardo, embora já tenha ligado e passado as coordenadas sobre a Sacha, ficamos de conversar pessoalmente.

— Sim, pai. É claro que estou com a escolta — Herbert e Leôncio, no carro atrás do meu, eram agentes da polícia fazendo a minha escolta. — Por quê? — Com a metade do corpo para dentro do carro, procurando minha carteira no console, questionei.

Sentia instintivamente uma forte pressão no peito à medida que o meu pai evoluía com os fatos.

— Como assim a Sacha foi embora, pai?! — questionei com o tom de voz alterado, quase entrando num colapso nervoso.

O ódio tomava conta do meu coração da mesma forma como o rosto imaculado. Pobre dele, a sobrecarga hoje foi intensa sobre ele. Passou o dia errando na batida, com meu cérebro, projetando a imagem da Sacha tremendo em meus braços com as minhas carícias. Balancei a cabeça removendo da minha mente a imagem bela e excitante.

— *Como eu te falei, filho* — prosseguiu explicando — *conforme o Filipe disse, eles dariam um atendimento a um paciente em especial. E agora há pouco, liguei perguntando da fisioterapeuta. A justificativa dele é que a Sacha pediu demissão por motivos pessoais.*

Expeli, guardando a carteira no bolso e passei a mão pelos cabelos.

— O Agner falhou feio, dei ordens expressas para ficar de olho nela.

Deveria ter seguido a mulher.

— *Não culpe o rapaz!* — determinou sério. — *A culpa foi minha, ele mostrou interesse em segui-los, mas achei que daria muito na cara. E outra que a mala com as roupas dela ficou no quarto.*

Fechei meus olhos, indignado com o amadorismo do Agner.

— Vamos revirar o Estado até encontrá-la, pai! — fechando o punho com toda a minha força, prometi furioso, a ira não cabia dentro de mim. — Ela é o maior trunfo que temos contra o Ivan. Com um bom argumento, tenho absoluta certeza de que ela *vira a casaca* e passa para o nosso lado.

— *Tem mais um detalhe importante...* — num tom baixo, ele quase soletrou. Contraí o rosto, encafifado.

— Pelo seu jeito, é uma bomba — supus.

Ouvi seus suspiros aborrecidos.

— *Sabe, filho! Mesmo depois da nossa conversa reveladora, eu não consegui ver uma criminosa nela, a farsante que descreveu. Aquele jeito meigo, a habilidade com as mãos em tratar.* — De verdade, fiquei com pena do meu pai, ele foi conquistado. *Coisa rara!*

— Não se iluda com a bastarda — alertei-o. — Ela é especialista em ludibriar, é uma ávida devoradora dos descuidados. E aquela freira do orfanato está envolvida, viu? Estive lá hoje, ela me engabelou, escorregou como sabão das minhas questões, e ainda me colocou para correr. Com certeza, ela também é uma informante do Ivan e está acobertando a amiga espiã. Precisamos quebrar esta célula e retirar, o quanto antes, as crianças da guarda dela.

— *Isso mesmo, filho! Seremos abençoados em proteger as crianças. Este Ivan é o diabo em pessoa, não?* — disse indignado. — *Onde já se viu aliciar até uma religiosa, é um pecado mortal.*

— Me poupe, pai! — respondi, rindo do seu raciocínio ilógico e inocente. — Acha mesmo que estas espécies de pessoas têm alguma preocupação com o purgatório?

— *Tem razão, meu filho* — disse por fim, ainda chateado. — *Eu ainda tinha um resquício de esperança de que a Sacha fosse uma pessoa idônea, e infelizmente me decepcionei quando autorizei o Abner vasculhar o quarto.* — Ergui as sobrancelhas, curioso e permaneci em silêncio, aguardando a sequência da investigação. — *Ele encontrou um esconderijo secreto numa escova de cabelo, e a pulseira que ganhou do seu irmão estava bem escondidinha lá.*

— FILHA DE UMA PUTA! — praguejei rolando os olhos para o céu, querendo matar aquela mulher e fui surpreendido com a safada sobre a moto.

Apressada, ela se atrapalhou para colocar o capacete que um homem vestindo macacão acabara de lhe entregar, e o deixou cair.

Incrédulo e endemoniado semicerrei meus olhos.

— Cadela! — rosnei, sentindo meu sangue todo subir à cabeça e se concentrar nos olhos.

Os dela assemelhavam-se a duas bolas de futebol debaixo dos óculos.

— *Henry? Filho?* — meu pai chamava sem que eu conseguisse tomar conhecimento. — *HENRY, O QUE ESTÁ ACONTECENDO? ESTÁ ME ASSUSTANDO!* — exasperou.

Desta vez ele conseguiu a minha atenção.

— O destino está conspirando a nosso favor, pai — comentei com o olhar perdido na Sacha, em cima da moto sob a iluminação do poste de luz.

Putá que pariu, ela é um tesão! Vestida com uma calça sarja preta, uma camisa de tecido imitando o jeans, bota de couro e aqueles óculos, ela estava linda demais.

Meu cérebro começou a projetar a imagem dela deitada sobre a motocicleta e eu explorando todo aquele corpo perfeito. A reação em cadeia do meu corpo foi inevitável: um arrepio generalizado e a ereção imediata.

“Pare de babar e foca no que é importante, Henry!”, adverti-me, puto.

Ela pode ser uma bandida, mas a mulher é maravilhosa, muito sensual e

confunde minha cabeça.

— *Como assim?*

— Eu a encontrei. — Tão logo o homem do macacão entregou o capacete em sua mão, ela curvou o corpo, e segurando o guidão da moto, indicava que se preparava para a fuga. — Depois conversamos.

Desliguei o telefone e caminhei a passos largos. Cheguei a tempo, me posicionando em frente à motocicleta. Bloqueando sua passagem, segurei firme o guidão com as duas mãos.

— Por que toda esta pressa? — joguei meu melhor tom irônico, a encarando.

— Saia da minha frente! — segurando o guidão com mais força, e com aqueles olhos arregalados de puro pânico, ela intimou no tom de voz entrecortado.

— Se pensa que vai fugir, está enganada! — Ela acelerou o máximo que pôde. Com o freio ativado, a motocicleta impulsinou para frente, sem que as rodas deslocassem.

— Vai mesmo me atropelar? — Olhava-a em desafio.

Ela deu uma leve virada no rosto para trás, buscando uma rota de fuga, e seus lábios tremeram ao deparar com os meus seguranças se aproximando, ainda olhou para um estabelecimento que acabara de descer a porta.

— Por que você não me deixa em paz, Henry? — indagou, forçando para virar o guidão.

Segurei ainda mais firme, porém, imóvel, pois com um movimento mais brusco, a derrubaria. Mas vontade de dar uma surra na vadia gostosa não me faltava.

— E deixar você agir livremente? — exasperei no meu limite. — Desde quando está espionando a minha família, sua vadia?

— Nã-Não... — Balançando a cabeça negando, ela balbuciou derramando

suas lágrimas. — Eu juro, por tudo o que for mais sagrado, de que não sou espiã de nada... — Franzi a testa àquela defesa.

Seu olhar transmitia sinceridade. O foda que sua atitude embaralhava minha cabeça, seu rosto era puro esgotamento. O vento repentino espalhou seus cabelos no rosto, a obrigando a levar uma das mãos sobre ele, retirando os fios.

— Negar é perda de tempo, linda! A sua casa caiu... — ela arfou as minhas palavras — Já tenho toda a informação sobre você, sobre a freira do orfanato, sobre tudo o que você esconde — joguei o verde. Estupefata, ela abriu os dedos soltando o guidão, enquanto seus olhos assustados corriam pelo meu rosto. *Eu estava certo!* — Inclusive, a pulseira foi encontrada no compartimento secreto de uma escova de cabelo — emendei, investigando seu rosto em busca de mais resposta. E estava tudo ali, no semblante de medo. — Como vê, não há mais escapatória para você.

— A pulseira ficou enroscada nos meus cabelos, só percebi no banho, horas depois. — Torci a boca simulando cara de desconfiado à sua voz embargada. — Eu juro por Deus! Não existe espiã, me libera, eu quero ir embora — suplicou, lançando um olhar apavorado para os meus seguranças, ambos com os braços cruzados na altura do peito.

Meu cérebro rebobinava e chegou naquela noite no quarto, e realmente fazia sentido sua explicação. Lembrava de um episódio quando ela ainda estava sentada no aparador, perto da porta.

— A pulseira é apenas uma peça do quebra-cabeça, há ainda muitas outras que precisamos encaixar. Como vê, tem muito a esclarecer, portanto é melhor a senhorita descer da moto e vir comigo. — Seus olhos moveram até os seguranças avançando os passos, e arregalaram.

— POR FAVOR, NÃO! — suplicou ela gritando, muito trêmula.

Fiquei molenga com nossos olhos cruzados, os expressivos dela estavam cintilando, imersos pelas lágrimas. “Cadê você, nervosão, volta, por favor!”, roguei amotinado.

A emoção era tamanha que sentia uma vontade louca de envolvê-la em meus braços. Protegê-la.

Sensação inoportuna! Segurei em seu braço, tocado com seu tremor sob meus dedos.

— Desce da moto, por favor! — solicitei gentilmente, enquanto ela caiu em um pranto incontido.

— A minha participação na vida do Ivan foi de vítima — arqueei a cabeça sem entender. — Eu juro, eu juro... — ela insistia numa dor deflagrada, a repercussão no meu coração foi imediata, o sentia apertado dentro do peito — Ele arruinou a minha vida, da minha família... — soluçava em total descontrole. — Eu tenho como provar, por favor, não me mate...

— O quê? — Senti como se levasse um murro no peito neste instante, o baque no meu coração foi imenso. — Por que eu mataria você? — ela soluçou espaçadamente, me encarando confusa. Eu estava numa situação complicada, tinha sérios problemas em ver uma mulher chorando assim. — Não sou nenhum assassino, garota.

Levando a mão direita sobre os lábios, ela desabou geral.

Mortificado, a tomei em meus braços.

— Céus, garota! — sussurrei ao seu ouvido, no mesmo desespero. Não me agradou em nada a imagem que ela fazia de mim. Com a testa repousada sobre meu peito, ela não parava de chorar. — De onde vem esta visão sobre a minha pessoa?

Levando a mão por baixo dos cabelos sedosos, fechei meus dedos em sua nuca, afastando seu rosto o suficiente para fitar seus olhos azuis tão tristes.

— Eu vi a ligação do Ivan no seu celular naquele dia, esta foi a razão porque saí escondida de lá. E tira as mãos de cima de mim. — Espalmando meu peito, ela me empurrou bruscamente.

Grunhi, rindo incrédulo.

— Você acredita que eu seja um mafioso, certo? — Engolindo duro, ela não respondeu, tampouco desviou o olhar dos meus. — Como eu acredito que você esteja tentando me enrolar se fazendo de vítima.

Ela negava meneando a cabeça.

— Eu juro que não!

Estalando a língua numa puta indecisão, tombei levemente a cabeça de lado.

— Abrindo o jogo um com o outro é a única forma de resolvermos este impasse.

— Não vou sair daqui contigo, esquece! — asseverou firmemente, readquirindo o equilíbrio.

— Aqui não é um lugar apropriado para esta conversa, e se é segurança que deseja, então façamos o seguinte: meu escritório fica aqui próximo, todo o edifício tem atividade 24 horas por dia.

Inspirando, seus olhos desceram ao seu colo, e permaneceu com eles ali por alguns instantes, antes de erguê-lo e soltar o ar, conformada.

— Não vou entrar no seu carro — avisou convicta.

Dei de ombros.

— É justo. — Apontei o ponto de ônibus em frente ao posto. — A gente vai de transporte coletivo.

— Certo! — concordando, ela finalmente desceu da moto.

Neste momento parava um ônibus e corremos.

— Vocês cuidam do meu carro e a moto. — Dei com a mão e entramos no coletivo, sentando lado a lado.

Com os olhos na janela, contemplando a paisagem passando, ela não dava espaço para entrar numa conversa. Estava muito curioso para ouvir sua trajetória até tornar-se uma vítima. Se isso realmente for verdade! Todo cuidado seria pouco.

Em questão de poucos minutos descemos em frente ao edifício, de vinte e

cinco andares, com fachada toda em vidro fumê. Já no saguão, todo em mármore branco e portas de metais, havia um balcão arredondado de fórmica preta. Oswaldo, o novo atendente em seu uniforme — terno cinza claro e camisa branca — sorriu acenando quando me viu, a todo instante as inúmeras portas dos elevadores se abriam e fechavam com o movimento de funcionários, e até alguns clientes. E na parede atrás dele, o painel enorme “*Mantostone Investimentos*”. Nossa empresa era referência em assessoria de investimentos com parceria de várias empresas na Europa.

Ela relaxou quando o Oswaldo registrou sua entrada.

— Espero que não esteja armando uma emboscada — arriscou, montando um sorriso receoso no rosto.

— Com tantas testemunhas? — ri humorado, levando as mãos às suas costas na intenção de guiá-la até o elevador, ela esquivou-se para o lado.

— Não rele a mão em mim, por favor! — constituiu.

Comprimi os lábios e erguendo as duas mãos em sinal de bandeira branca.

Ambos ficamos cada um de um lado no elevador, os olhos conectados e ofegantes. Nenhum de nós rompeu o silêncio até a porta deslizar no vigésimo quarto andar, um abaixo da cobertura, onde ficava a sala do meu pai.

Abrindo a porta do escritório nos deparamos com as cortinas abertas, proporcionando a linda vista do céu estrelado e do Parque Ibirapuera. Ela deixou escapar um perceptível sorriso de satisfação.

— Fique à vontade! — Sinalizei com a mão para o interior da sala.

Seu olhar veio ao meu rosto, havia muitas dúvidas neles, e por fim, entrou varrendo os olhos encantados ao redor.

Entrei logo a seguir; fechando a porta, caminhei em direção à sala social no centro do ambiente, passei por ela e me esparramei no confortável sofá.

— Pode começar, sou todo ouvidos — mencionei afrouxando o nó da gravata, sem perder o contato visual. Saber a sua versão da história, e acreditar, parecia loucura, mas inadmissivelmente, torcia por uma trama minimamente

decente.

Muda e ofegante, ela me olhava nada confiante.

— Se você não estiver mentindo, eu garanto que aqui em minha empresa está segura — assegurei. Ela me olhava ainda temerosa. — Tem a minha garantia.

— Tudo bem. — Esfregando as mãos nas coxas, ela veio no seu caminhar peculiar, sensual e sentou-se graciosamente na poltrona à minha frente, ajeitando as belas madeixas douradas sobre os ombros.

A bela imagem, os olhos vermelhos e inchados sob os óculos, doeu em mim. Deu-me uma baita vontade de levantar e tomar a mulher em meus braços.

— Vou contar a minha história desde o início, e espero que a sua seja verdadeira também — assinalou.

Tirando a gravata e me preparando, assenti movendo levemente cabeça.

A narrativa partiu do princípio, da saída de sua irmã de casa. As palavras emboladas no peito saíam com ênfase e em detalhes; e conforme as lembranças vinham à sua mente, as lágrimas saltavam sem trégua de seus olhos. Via em cada gota a sua dor, sua angústia profunda, ela abria seu coração... a cada palavra pronunciada por seus lindos lábios, eu sentia a sua dor. Comovido, meus olhos umedeceram. E finalizou no dia em que a encontrei em minha casa. Então, seus olhos azuis desviaram para a janela; enquanto um soluço longo escapava de seus lábios, ela os fechou.

Sua história era surreal, sinistra e absurda.

Sobre a irmã ambiciosa e com um futuro promissor pela frente, trocar o noivo por um relacionamento com alguém multimilionário e roubá-lo, por se sentir humilhada; e a sua mãe oferecer seus serviços à organização criminosa a fim de salvar a filha, ao meu ver eram fatores até normais. Uma mulher quando se sente traída é capaz de tudo, e uma mãe dá a vida por um filho. Agora, o contexto degradingo à anormalidade quando a mãe resolveu roubar o mafioso e deixar a outra filha como moeda de troca, pelo seu perdão.

É incompreensível!

— Com todo respeito a você! Mas que mãe do caralho é esta sua! — Soquei o braço do sofá sem conseguir segurar minha antipatia pela vaca.

Concordando num movimento afirmativo de cabeça, ela pendeu a cabeça e cobriu o rosto com as mãos. Parecia envergonhada de sua família.

Preocupado com sua fragilidade troquei de sofá, sentando-me ao seu lado, me posicionando de modo a ficar de frente para ela.

— Perdoe a minha explosão, afinal o que eu conheço de mãe é que elas são pura doação, fontes inesgotáveis de amor, e essa sua... — Pausei com ela erguendo a cabeça e me olhou chorando muito. Chorando a amargura de sua alma, e eu, louco desejando tomá-la em meus braços para amenizar seu sofrimento, e também querendo demais socar a cara da sua mãe.

“Está baixando a guarda, Henry!”, a voz dentro da minha cabeça alertava, aflita. *Ela pode estar criando todo o cenário para escorregar, e fugir!*

— Pela primeira vez estou analisando o comportamento da minha mãe. — A voz macia e doce murmurou contida. Ergui as sobrancelhas, curioso. Ela prosseguiu: — Eu demorei a entender e agora eu tenho certeza: minha mãe não gosta de mim, não há outra explicação, devido as suas atitudes para comigo.

Refletia, contemplando seus olhos sofridos, indignado ao carinho despontando em meu coração. Inconformado com a minha postura, limpei a garganta e saltei dali antes de tomar uma atitude impulsiva, antecedendo a confirmação do relato.

— Realmente — rumei em direção à janela e com as mãos nos bolsos, corria os olhos pela paisagem noturna. Mês de novembro se aproximando, o fim de ano as fontes do lago do Parque Ibirapuera já viraram um palco de luzes. — Esta não é uma atitude de uma mãe que se preze — acrescentei, perdido nas minhas conclusões. — E, também não acho que agiu corretamente, se sacrificando a este ponto. — Virei-me de frente a Sacha. Com o medo estampado em sua face perfeita, os olhos expressivos recaíram sobre o álbum da minha família sobre a mesinha de centro, enquanto os dedos entrelaçavam, nervosos sobre seu colo. — Contanto, não posso deixar de admirar seu amor e sua coragem. — Voltando, ela abriu um singelo sorriso tímido. — Atitudes nobres são para poucos.

— Quase desmoronei. — Ela moveu os ombros em meio a um sorriso amoroso brotando nos lábios. — Se não fosse o acolhimento da madre Aurora, não faço ideia do que seria de mim. Ela representa uma presença materna na minha vida, eu a amo — salientou de um jeito encantador, daqueles que tocava o coração.

— É recíproco! A religiosa defendeu você com unhas e dentes...

Suspirando, ela riu agradecida.

— Costumo dizer que o destino nos uniu, quando bati pela primeira vez na porta do orfanato, naquela época era apenas um convento, ela abriu seus braços e ali começou nossa relação de mãe e filha.

— Pretendia ser freira, Sacha? — Ela baixou os olhos, pensando na minha questão antes de responder.

— Talvez. — A palavra saiu em tom contido. — Mas o tempo mostrou que não tinha a menor vocação, e há dois anos eu entrei no orfanato como funcionária. Era um tipo de faz-tudo, até começar a trabalhar na assistência ambulatorial de fisioterapia.

— Sua vida segue uma verdadeira linha de ficção.

— Eu sei... Parece até um delírio de uma lunática. — Alguns segundos de silêncio se estenderam com um analisando o olhar do outro. — Agora é a sua vez! — expressou com seriedade.

O toque do meu celular no bolso do paletó tomou minha atenção. De cara reconheci o número entrando como desconhecido.

— Oi, Bernardo — soltei baixinho.

— *E aí, cara! Desistiu da minha festa?*

— Na verdade, solucionando um imprevisto.

— *Já estou em posse de algumas informações importantes da fisioterapeuta do seu pai, posso falar ou prefere pessoalmente.*

— Agora é o momento oportuno, comece — ordenei.

— *Ela é natural de Belo Horizonte, é a segunda filha de Natanael Ortiz e Adele Ortiz...*

O relatório dele não exemplificou os detalhes, foi uma geral: o relacionamento da irmã Mônica com o Ivan, o acidente, o falecimento, o tempo que sua mãe prestou serviços à máfia, sobre a loja famosa de produtos ortopédicos e médicos de Sacha, o tempo em que morou na mansão do mafioso.

Mesmo com a ausência de detalhes no relatório, e a lucidez como ela colocou seu drama, eu tinha motivos de sobra para acreditar nela. Seus olhos subiram encontrando os meus, via verdades se expressando neles.

— Obrigado, Bernardo. — Desliguei, suspirei fundo e me aproximei, investigando seu rosto arqueado. — Acabei de receber informações suas.

Ela deu de ombros tipo “sem novidades”.

— Era esperado.

— A minha obsessão com o Ivan é vingança — exasperei entredentes. Ela jogou as costas contra o sofá e encostando a cabeça arqueada, ficou atenta ao meu rosto. — Ele vai pagar caro por matar o meu irmão — profetizei.

— Eu sinto muito pelo seu irmão! — Segurando as lágrimas querendo se acercar, caminhei até a poltrona à sua frente e me sentei.

Relatei tudo em alguns minutos, com ela me olhando pasma.

— O Ivan nasceu para destruir vidas, é um monstro! — proferiu fechando os olhos, seu semblante era pura repugnância e se levantou indo de frente à janela.

Segui-a me colocando ao seu lado. Ambos com os olhos no horizonte de luzes.

— Monstros são perigosos, eles sempre têm o ponto de ataque e podem ficar impunes, destruindo mais e mais vidas. Eu preciso de você para colocar um ponto final nele.

Seu rosto virou, travando os olhos azuis especulativos e, ao mesmo tempo, amedrontados nos meus. Dei de ombros seguindo o meu raciocínio.

— Eu quero me vingar e você, se livrar. Unindo nossas forças é o único modo de atraí-lo.

Ela negou de cabeça, terrorizada.

— Não, não...

— Com ele solto você nunca estará livre, não entende? — Engoliu forte. — Ele pode surgir a qualquer momento exigindo o pagamento da dívida da sua mãe, e tenho informação de alguns dos seus capangas que ele a amava, isto a torna um alvo definido. Ele pode apenas estar aguardando o momento certo para atacar. E não é somente você que estará na mira dele, seu pai e a gélida da sua mãe também serão alvos, pode ter certeza.

Em pânico ela saiu da janela, andou rápido até o meio da sala e baixou a cabeça, meditativa.

Me aproximei encantado com as madeixas loiras balançando no ar ao redor do seu rosto. Porém, mantive o silêncio, reservando este momento para ela analisar, o problema foi a demora, precipitei-me segurando os cabelos com a ponta dos meus dedos, acariciando delicadamente.

Ela recuou brusca.

— Se o acordo for me transformar na sua concubina, esquece! — disse num olhar embravecido, me deixando também.

Quem ela pensa que é para me rejeitar?

— O que tenho a propor não tem nada a ver com sexo! — Ergui as mãos, fodido. — Ele está fora dos planos, são apenas negócios que favorecem a nós dois. E outra que já tivemos este momento de transa casual e ele acabou. Página virada!

Seu peito inflou numa inalada forte e soltou devagar, sem demonstrar nenhuma emoção.

— Qual seria exatamente o plano?

— O plano é você se casar comigo... Ou seja, noivamos com a presença da imprensa, assim faremos um baita barulho e nos casamos nas mesmas condições. Um casamento badalado é uma boa isca, vai atrair a atenção do Ivan, com certeza.

Ela grunhiu desacreditada.

— Vai cutucar a onça com vara curta? — indagou indecisa.

— Não há o que temer, Sacha! Estaremos monitorados 24 horas por dia por agentes federais, até em nossos aposentos, câmeras e escutas! Como vê, sexo está completamente fora de questão.

— Aqueles dois homens no posto, que achei serem seus capangas, são agentes.

Confirmei movendo a cabeça.

— Homens treinados para situações como esta.

— A presença deles me assustaram. — Riu, suspirando. — Fiquei apavorada.

— Notei. — Num impulso levei minha mão, na intenção de tocar seu rosto.

Mais um recuo e uma expressão de reprovação.

— A partir de agora é sem toques, sem sexo... — estabeleceu categórica.

Mesmo com as restrições impostas por ela, o meu coração reagia positivamente. Uma emoção esquisita se apossava dele, se manifestando com batidas ritmadamente fortes.

Prendendo a respiração, travei o maxilar rompendo aquela reação em cadeia, querendo resultar em alegria.

— É um sim? — perguntei áspero, como deveria estar o meu coração, e não quente deste jeito.

— Você tem razão, eu estarei fadada a prisão com o Ivan à solta. Preciso desta liberdade!

— Perfeito! A partir deste instante seremos um casal exemplar, de fachada.

— Espero que dê tudo certo.

Ri, analisando o expressivo desenho de seus lábios entreabertos, sugando o ar sutilmente, revelando certa esperança.

— Dará!

Capítulo Dezessete

SACHA

Voltava de mala e cuia para a casa dele.

Observando suas mãos, de veias proeminentes, ao volante, guiando o veículo de luxo pela avenida de trânsito intenso, batia a dúvida se tomei a decisão certa. Meus sentimentos externamente desorganizados, estavam emaranhados, assemelhando-se a um novelo de lã. Sentia-me péssima em me imaginar num possível confronto com o Ivan. Todo plano é passível de fracasso, ainda mais se tratando do Ivan. Afinal de contas, a natureza ardilosa e estrategista dele era algo a se considerar. Ele fora capaz de chegar longe com ela, e atuou no mercado do crime por décadas.

E por outro lado, sentia uma expectativa fora do comum avaliando ficar tão perto do Henry, conheceria todas as suas intimidades. Meu coração já batia o suficiente por ele, corria o risco de a convivência ampliar este apego. Apaixonar-me mais ainda por ele poderia ser um desastre total. Como ele mesmo disse: entre nós, foi sexo casual e agora são apenas negócios.

Tirando os olhos da pista veio aos meus, e aquele sorriso questionador nos lábios, originou um calor intenso e subiu ao rosto, sei que corei de vergonha, como se ele pudesse ler mentes.

— Você está bem? — perguntou cordial.

— Na medida do possível — retribuí o sorriso, não tão amplo como o dele, e ansiosa para escapar daquele olhar divino, causando milhões de sensações pelo meu corpo, virei o rosto para a janela. — Preciso de algum tempo até organizar as ideias na minha cabeça. — Soltei o ar forte e voltei a ele.

Não desperdicei a oportunidade de admirar o perfil másculo, com ele atento no trânsito à frente.

— Você pensa demais. Tenha fé de que conquistaremos a nossa tão sonhada paz — expôs otimista no momento em que deixou a avenida e entrou na rua de sua residência.

Encarando os pelos da barba rente, eu ri daquela palavra tão distante da minha realidade.

— Não crê? — Fechei meus olhos curtindo o tom grave e profundo de sua voz. Abri-os em tempo de topar com seu lance rápido de olhar, e regressou à rua.

— Bem... — também joguei meu olhar à frente — nunca me apresentaram a essa tal de paz. Por enquanto, ela é apenas uma utopia para mim.

Embicou o carro em frente à garagem, e enquanto o portão se abria, ele voltou a mim.

— O Ivan vai amargar anos e anos de cadeia. — O semblante, até confiante, irradiava a segurança almejada. — Eu estarei em paz comigo, e você poderá ir viver sua vida livremente junto com seus pais, onde quiser...

Os exemplos pausaram, com ele entrando com o carro.

Ele foi racional o suficiente, separava nossos caminhos. Baixei meus olhos, experimentando um desânimo chato.

Engraçado era que eu sentia a tristeza crescendo e tomando meu ser, com ele me excluindo da sua vida.



— Eu tenho um tipo de sexto sentido, minha filha! — Sentado em sua cadeira, o senhor Adam, já de pijama branco, pegou minhas duas mãos e levou aos lábios, aplicando um beijo carinhoso, me emocionando. — Uma pessoa de má índole jamais teria estas mãozinhas de fada. — Olhava para elas de uma maneira intensa. — Desde o primeiro instante que botei os olhos em você, soube da sua honestidade.

Ele tinha a dureza na expressão como a do Henry, mas exalava a simpatia do meu pai. E ao lembrar-me dele, não teve como eu reprimir um sorriso saudoso.

Ali, na sala luxuosa de sua casa, os dois homens pousaram olhares curiosos sobre mim.

— O senhor lembra muito o meu pai.

— Ah, querida! Se me abraçar for reduzir sua saudade, eu estou aqui. — Abriu os braços num convite irresistível. Caí neles, ganhando um abraço daqueles, com direito a beijo na lateral da cabeça. — Em relação a sua mãe, você explicou bem, entendi perfeitamente que ela sumiu do mapa. Porém, ainda restou a dúvida sobre seu pai. Não sabe onde ele está?

Endireitei o corpo, a fim de responder a sua questão.

— Ele trabalha no interior de São Paulo, pretendo ir vê-lo em breve.

— Amanhã discutimos esta parte, agora é melhor nos recolher, descansar e recarregar as energias. E amanhã montaremos todo o esquema de maneira inteligente e infalível — interveio Henry, olhando no relógio em seu pulso. — Valentina? — chamou a governanta, cruzando a sala naquele momento. — No quarto de hóspedes tem uma mala da senhorita Sacha, leve-a para o meu quarto, e também providencie mais roupas de camas, por favor.

— Sim, senhor — dona Valentina assentiu e subiu as escadas rapidamente.

Seu pai arqueou a cabeça surpreso, meus lábios se abriram em um literal “O” em reprovação.

— Qual o problema? — indagou abrindo as mãos no ar. — Nos namoros de hoje os casais dormem juntos; e se quisermos passar confiabilidade, devemos seguir as regras atuais — ressaltou com naturalidade. Torci a boca, ainda relutante. — Qual é! Não tem segurança em si mesma? — desafiou com malícia.

Seus olhos flamejavam, e aquele gesto me irritou profundamente, mexeu com meu brio.

— Total segurança. — Curvei beijando a face do senhor Adam, com um

leve sorriso divertido nos lábios, e fitei os sorrateiros do Henry. — Quem sobe na frente, eu ou você? — quis saber.

— As damas na frente. — *Filho da puta!* Acenando com a mão em direção à escada, seus lábios se curvaram num sorriso safado.

Finquei os pés no chão e subi os degraus com todo o controle da situação. Pelo menos, eu achava.

— Tenha uma ótima noite, pai. — Rosnei baixo com o tom quase zombador do cretino.

— Vocês também... — notei o tom incerto do senhor Adam.

Terminando de subir o último degrau, o aguardei.

— À esquerda! — no último degrau antes do corredor ele se curvou soprando no meu ouvido.

Estremecida, fechei meus olhos com ele dando a volta pelo meu corpo, e em seus passos decididos, caminhou à minha frente pelo corredor, largando o rastro da fragrância levemente amadeirada.

Fiquei atordoada com ela pairando no ar.

Nossa! Quase perdi o fôlego. *Este homem é uma perdição!* Nem sei como não tropeçava nos meus pés, com os olhos fixos na sua postura decidida, nos ombros largos preenchendo seu terno cinza escuro e de corte perfeito. Ele era um espécime de homem sexy, uma droga viciante. E o sujeito Rei, como disse a moça ao telefone.

E conhecedor do seu poder.

Ele abriu a porta.

Do corredor avistava os pés da cama, a Valentina conduzia duas funcionárias na arrumação da cama. Lençóis, fronhas, travesseiros, tudo branco. Virando seu rosto, jogou seu olhar impetuoso, daqueles de fazer a gente tremer e piscou malicioso, elevando a minha temperatura corporal a um nível de derreter ferro. Nada se salvou, meu coração derreteu, minha calcinha inundou. Foi um

sufoco para manter as pernas firmes, tamanho o tremor.

— Sinta-se em casa! — o filho da mãe ainda soltou aquele tom rouco intenso, provocativo. — Por favor...

“Que Nossa Senhora me proteja!”, orei adentrando no recinto e não contive um gemido sonoro de admiração no design exclusivo, tipo daqueles futuristas. E eu que achava o quarto que ocupei incrível!

Na parede à esquerda, coberta por um revestimento tipo um espelho jateado, estava a cama baixa de luxo, sobre um tapete felpudo branco. Rente ao teto, e na largura da cama, havia um aparelho moderno de ar-condicionado.

Uma meia parede, de uma madeira escura, dividia o amplo ambiente. Curiosa dei mais alguns passos na intenção de bisbilhotar o outro lado. E suspirei encantada, àquele espaço fora montado um bar sala, elegantíssimo: prateleiras de vidro com iluminação, suavemente azuladas, começava no teto e acabava na metade da parede, e sobre elas haviam os mais variados tipos de garrafas com bebidas. Um balcão no mesmo material da parede de madeira, que dividia o quarto, acomodava quatro banquetas altas brancas. O sofá confortável branco, com almofadas pretas e cinzas, na parede de madeira completava a decoração.

Ele pegou o controle remoto sobre o balcão do bar, e ao acionar o revestimento na parede atrás da cama, se mostrou ser uma cortina especial, à medida que ela deslizava, revelava a vista do jardim da fonte.

— Estou com a sensação de que fui espionada na fonte! — comentei arrepiada, revivendo o momento com ele.

— Deduzi que estava carecendo de companhia! — zombou e caminhou em direção à porta em frente. E ao acender a luz, tomei ciência de que ali era o closet. — Vou tomar um banho, se quiser beber algo, fique à vontade.

Tão logo terminou a frase, entrou e desapareceu lá dentro.

— Terminamos! — avisou Valentina.

E acompanhada das funcionárias saíram do quarto.

Desnorteada, esta era a minha situação. Pensar se tornou uma medida urgente, aproveitando a privacidade, inspirei profundamente e tirando a mochila das costas, a larguei sobre o estofado. Sentando-me ao lado dela, pendi a cabeça cobrindo-a com as mãos.

Tenho que conversar com a Madre, urgente!

A realidade era uma só: estava apavorada por aceitar entrar no grandioso e perigoso jogo. Atrair o Ivan chegava a ser assombroso, mas viver com medo, desconfiando de tudo e de todos era pior.

“Coragem, Sacha!”, encorajava-me. “Não esqueça que muitos colherão da vitória junto com você!”, mais um incentivo.

Isso motivou-me a sentir mais determinação, levantei e segui até o espelho, atenta à minha imagem refletida.

“Uma forma de resistir ao seu poder de sedução é manter a distância. Muito perto implicaria em uma cicatriz enorme no coração, com absoluta certeza”, pensei quando fui surpreendida com a imagem dele refletindo junto a minha no espelho.

Minha Nossa Senhora! Totalmente e maravilhosamente nu, ele saía pela porta por onde entrou, secando o cabelo com a toalha branca. O exibicionismo ganhou a atenção dos meus olhos, e minha boca entreabriu fascinada.

Involuntariamente, meus olhos faziam um tour pelo peitoral esculpido, os gomos marcavam em seu abdome. Distraí-me no pau enorme, grosso e ereto quando seus lábios se manifestaram, se curvando num sorriso sugestivo. Estremeci, sendo atingida por aquela onda gigantesca e atordoante de luxúria. Sentia-me dissolver, literalmente.

E abruptamente girei meu corpo, exercendo uma força descomunal de manter meus olhos nos dele. Eles queriam descer até o majestoso.

— Tudo bem contigo? — o cara de pau ainda perguntou jogando a toalha sobre uma cadeira ali por perto.

Abismada em todos os sentidos, abri a boca, mas estava engasgada com as palavras emboladas na minha garganta.

— S-será que você poderia colocar uma camisa, uma cueca, esconder tudo isso, por favor? — quase não terminei a frase, tamanho o meu nervosismo com a exibição do atrevido.

Os ombros largos subiram e desceram.

— Não vejo problema algum em andar pelado pelo meu quarto. — Em franca provocação, a mão direita correu sobre o aço macio. — Quer beber alguma coisa? — Pressionando em seu abdome, saiu caminhando em direção ao bar e ignorando-me, completamente.

Cheia de tesão, admito! Não tinha como vencer a reação pelo meu corpo.

— Não há a menor possibilidade de uma convivência entre nós — proferi catando minha mochila e a mala largada pelos funcionários ao lado da cama, e quase corri para a porta de saída.

Sua mão apertou a minha sobre a maçaneta.

— Eu me excedi, desculpa! — sussurrou em meus cabelos. Fechei os olhos, suportando todo aquele choque que seu contato causou. Notando, ele deu um passo, o bastante para eu sentir o seu membro em minha bunda. Eu arfei, ele suspirou ao mesmo tempo que o senti vibrando, prazerosamente em mim. — Prometo me comportar daqui para frente — ouvi ele engolindo ruidosamente, como sentia o tremor nas suas mãos.

Estava por um fio de jogar meu bom senso para o espaço, e reprimi me lembrando de que sou apenas uma transa fácil e conveniente para ele. Suspirei fundo, chegando à ingrata conclusão: de que não podia sucumbir ao desejo, não era aconselhável no meu caso. Era impossível separar o sexo do afeto, não existia esta probabilidade. Perdi a vontade de trepar com ele, eu desejava mesmo era fazer amor com ele.

— Me precipitei em fazer este acordo com... — Ele não deu espaço para eu terminar a frase, segurando em meu braço, me virou de frente para ele.

Aí a porca torceu o rabo! O cheiro fresco do banho, exalando ao movimento frenético do seu peito, me colocou em uma posição de desvantagem.

— Está enganada! — A voz rouca abalou meu emocional, necessitada de

um tantinho mais de distância, só assim recuperaria meu equilíbrio. Conhecedor do seu poder sobre a minha pessoa, a mão quente veio em forma de concha em meu rosto, o acariciando com as pontas dos dedos. Fechei meus olhos dentro uma emoção inexplicável, sentindo certo carinho provindo de seus dedos e abrindo novamente, fiquei com a impressão de estar vendo o mesmo carinho no seu olhar, derramando tesão. — Se quer a sua liberdade de volta, é o único jeito.

Neguei de cabeça numa monstruosa indecisão, conectada ao seu olhar indecifrável.

— Eu já acostumei com as reviravoltas na minha vida.

— Não deveria se conformar com as mesquinharias, minha linda! — As duas mãos correram pelos meus braços e pegaram as minhas, na altura do quadril, e as elevou, prendendo-as acima da minha cabeça. — Lutar pelos seus direitos. — Grudou seu corpo no meu, me imprensando à parede e beijando meu pescoço. Arfei, me julgando, por me permitir adorar sua audácia, seu pau se adequou no meio das minhas pernas, e proporcionava um puta prazer, vibrando entre elas. — Tem de exigir o melhor da vida — sussurrou em meu ouvido, soltando as minhas mãos.

E, impacientes, elas deslizaram em minhas costas até tomar posse da minha bunda, me apertando contra ele, e suspirava maluco. Fiquei maluca e enfiei as mãos em seus cabelos, segurando forte os fios na nuca e guiei seus lábios aos meus.

Um beijo sôfrego e ao mesmo tempo, esclarecedor. Despertei arqueando a cabeça em busca dos olhos.

— Se eu tenho de exigir o melhor da vida como diz, digo que estou no caminho errado. — Escorreguei para o lado e me afastei da porta, e dele.

Ele grunhiu desapontado.

— Por que esta cara? — Seus olhos semicerraram a contragosto às minhas questões. — O nosso acordo não incluiu o sexo.

— Sério? — indagou frustrado. — Vai mesmo resistir a tudo isso? — Apontou para o pau delicioso. Extremamente duro e ereto.

— Não é tudo isso! — respondi num tom zombeteiro.

Ele inclinou levemente a cabeça, lançando um olhar ameaçador.

Mentira! É tudo e muito mais... Minha calcinha quem o diga!

— Ok! O azar é seu, quem está perdendo é você. — Deu-me as costas e caminhou até sua cama e se jogou sobre o colchão. — Nossa convivência seguirá as regras da formalidade — declarou cruzando as mãos debaixo da cabeça.

— Vou dormir no sofá. — Apontei a direção.

Ele deu de ombros, sem tirar seus olhos dos meus, muito intimidadores. Caminhei em direção ao closet e entrei, apostando que o banheiro seria por ali. E era. O banheiro era logo no final do corredor, e que banheiro! Enorme, acomodava até uma banheira de hidromassagem redonda. O espaço era todo revestido de mármore branco e os acessórios cromados.

Liguei para a mãe Aurora, contando somente o suficiente e avisando que não entraria em contato tão cedo, por medidas de segurança. Ela não opinou sobre o meu acordo com o Henry. Mas, aconselhou-me e fez eu repetir que a procuraria antes de bater o martelo com o Henry. Então desliguei, e pensei na Jussara. Ela ligaria preocupada para saber de mim e da sua moto. Porém, a deixaria também fora desta parte da história.

O banho foi vapt-vupt. Peguei na mochila o pijama de inverno, calça e camisa azul-claro. Gostava daquela roupa combinando com os meus olhos.

Com um copo de uísque, Henry, agora vestindo uma boxer branca, estava deitado numa cama improvisada sobre o tapete felpudo nos pés da cama.

— Pode ficar com a cama! — avisou amigavelmente, apontando para ela. Notei a pulseira, que esteve em minha posse por dois anos, no pulso. No criado-mudo havia um balde com uma garrafa de espumante; ao lado dele, uma taça de cristal com a bebida. — Considerei a bebida uma boa medida a fim de relaxar — complementou içando o tronco, e virou o copo com o uísque e deitou de lado, detalhe: de costas para mim.

A distância proposta por ele acarretou uma sensação esquisita.

Deitei e me cobri, abdicando da bebida.

— Henry?

— Oi — respondeu.

— Por que vocês querem adotar uma criança?

O silêncio se propagou e então ele foi rompido com uma respiração forte.

— A Maria Cláudia deseja muito realizar o sonho do filho. Antes de morrer, meu irmão estava obcecado em adotar uma menina... Infelizmente, não teve tempo — ele contou sobre seu lindo relacionamento com o irmão, sobre a esposa dele ser estéril...

— Eu não acho um momento propício para uma adoção. — Ele sentou-se me encarando interrogativo. — Trilha mais para o caminho da irresponsabilidade, considerando a tensão pairando no ar. Afetaria e muito uma criança. Seria uma baita injustiça contaminá-la com todo este clima de ódio.

Seus olhos desviaram, pensativos.

— Uma criança sempre tem que ser preservada de situações assim — emendei.

— Enquanto você tomava banho, eu marquei uma reunião para o fim da tarde de amanhã, então colocaremos a questão em pauta.

Sorri, aliviada.

— Nosso acordo não inclui a minha prisão, né? — indaguei em um fio de voz.

Ele arqueou a cabeça estranhando a pergunta.

— É claro que não! Inclusive, é legal este movimento natural, dará mais credibilidade a nossa simulação conjugal. — Suspirei aliviada. — Por que está perguntando?

— Como marcou a reunião para o final da tarde, vou aproveitar e procurar

pelo meu pai — expus com uma expressão de consternação desenhando no seu rosto. Via ali, certa preocupação com a minha opinião.

E a vontade de pular para o chão foi grande.

— Saliento que a partir de amanhã seremos monitorados, ambos usaremos câmeras e escutas em nossas vestimentas.

Achei meio estranho aquilo tudo, mas em prol da segurança, valia tudo.

— Ok.

— Boa noite! — disse apertando o controle que estava debaixo do seu travesseiro.

E naquele breu, e atmosfera diferente, fechei meus olhos.

Capítulo Dezoito

HENRY

Ao me levantar e deparar com a sua imagem sobre minha cama, o tempo parou. Não importava o quanto me esforçasse, não conseguia desviar os olhos dela ali, linda, envolvida nos meus lençóis, as madeixas douradas, espalhadas no travesseiro, dormindo tranquilamente. Mesmo tão coberta de roupa, ela transmitia uma sensualidade sem igual. Os movimentos sob as pálpebras e nos cílios volumosos indicavam que ela estava dentro do sonho, e eu aqui fora, viciado nela.

Jamais fiquei inseguro diante de uma mulher bonita! Ela tocava uma parte desconhecida do meu coração.

Balancei a cabeça, e soltando o ar rigorosamente, rumei para o banheiro.

Calculando todos os meus afazeres, o dia seria curto, vesti rapidamente um terno azul-escuro, camisa branca e deixei de lado a gravata. Cruzei o quarto a passos leves, respeitando seu sono.

O foda era a sensação de duas mãos em minhas costas, impulsionando-me em direção a cama.

Estou fodido com esta mulher aqui no meu quarto.

Saí ligeiro do ambiente, bloqueando a vontade incontrolável de me aproximar dela, sentir seu perfume.

— Admiro a pontualidade dos dois! — elogiei Herbert e Leôncio, terminando de descer o último degrau da escada.

Sentados no sofá da sala, ambos usavam terno grafite, camisa branca e gravata discretamente estampada. E se levantaram velozmente.

— Os procedimentos de segurança são inúmeros e requerem tempo, meu amigo — Leôncio se pronunciou, ajustando a gravata. Em seguida levou as mãos à cabeça, ajeitando os cabelos curtos e escuros como os olhos, redondos e expressivos.

— Ótimo! — aprovei parando à frente dos dois e repousei as mãos em seus ombros. — Exijo segurança máxima, não quero que toquem em um fio de cabelo e nem cheguem perto dela, entenderam? — ordenei, olhando-os nos olhos.

Os esverdeados do Herbert brilharam na expectativa e ansiedade. Troncudo como o parceiro, usava a cabeça raspada e sua pele era jambo.

— Perfeitamente, Henry — manifestou Herbert recuando, e retornando ao sofá, pegou uma maleta preta sobre ele e a abriu na minha frente. — Aqui dentro tem minicâmeras de alta resolução e que captam áudio com nitidez — começou explicando, pausadamente. — São as mais modernas no mercado.

— Bom dia, senhores! — A voz do meu pai, saindo do elevador, atraiu nossa atenção momentaneamente.

Os cumprimentamos e voltamos ao assunto.

— Continuando... — prosseguiu Herbert. — Vocês dois vão usar estas belezinhas tecnológicas camufladas nas roupas. Estaremos monitorando em tempo real pelo computador ou celular.

— Espero que funcione — instalando sua cadeira de rodas ao meu lado, esboçou meu pai em total aflição.

— Tranquelize-se, senhor Adam — mirando o olhar oprimido garantiu Leôncio, seguramente. — Além da ajuda tecnológica aqui, ainda teremos agentes disfarçados de civis. Ficarão bem.

— Estou contando com o profissionalismo da equipe — emendou, indicando a sala de jantar com um aceno de cabeça. — Vamos tomar o café da manhã. — Manobrou a cadeira e se deslocou na direção da sala. Igual a todas as manhãs, a mesa farta nos aguardava para um reforçado desjejum. — E como foi ontem, com a Sacha? — interrogou ele contornando a grande mesa, posicionando a cadeira no lugar reservado a ele.

Um frio congelante tomou minha barriga, enquanto me acomodava na cadeira. O espelho na parede à frente, sobre o aparador, refletia a imagem de um Henry tenso e não poderia transmitir este meu estado.

— Não foi! — respondi áspero, me servindo de uma generosa xícara com café. — O cansaço não permitiu, adormecemos rápido.

— A história de vida dela abalou o meu emocional — declarou balançando a cabeça tristemente. — Espero, de verdade, que ela tenha um futuro melhor.

Inadmissivelmente, tudo em mim se encontrava abalado. Virei a xícara de uma só vez na boca.

— No caso da Sacha, a tranquilidade vai além do Ivan apodrecer atrás das grades. — As sobrancelhas do meu pai se juntaram numa expressão indagadora.

— Está se referindo à frieza e desamparo da mãe dela, certo?

— Exatamente, a mãe desnaturada! — Inalei densamente, sentindo o sangue correr por minhas veias. *Pois se tiver a chance de estar de frente com aquela desalmada, pretendo dizer tudo o que está engasgado na minha garganta.*

— O que esta mãe fez é de fato imperdoável.

— Certas coisas na vida não melhoram com o tempo, principalmente com este tipo de rejeição.

Comovido, os olhos do meu pai encheram de lágrimas.

Fechei os olhos e os punhos sob a mesa, bloqueando aquele sentimento se apossando de mim.

Por que se importa tanto?

— Bom dia! — A voz macia e aveludada, ganhando o ambiente, rompeu meus pensamentos.

— Bom dia, minha querida! — meu pai antecipou com um amplo sorriso.

Parada à porta, usando um coque comportado com alguns fios soltos, ela exibia uma beleza estonteante. Embevecido, analisava suas curvas admiráveis dentro da calça jeans, de lavagem bem escura, a blusa preta de gola alta tinha mangas curtas.

Sua bela imagem alterou os meus sentidos, ampliou meu desejo.

Merda! Levantei rapidamente.

— Estava aguardando você para iniciarmos os procedimentos de segurança — informei indo até sua frente; e, claro, o perfume levemente floral, me desestabilizou. — Você e o Bernardo — corriji. — Ele ainda não chegou. Sendo assim, não tem necessidade de correr, tome o seu café com calma. — Curvei o rosto para a mesa. — Eu espero vocês no meu escritório.

— A Maria Cláudia deve estar chegando por aí, combinamos de programar outra visita ao orfanato, peço que não falemos sobre nada disso perto dela — notificou meu pai.

Apavorada, Sacha lançou um olhar de alerta sobre mim.

— Talvez seja mais prudente iniciar o processo de adoção depois de tudo isso acabar — relatei.

Sacha sorriu agradecida e observava meu pai com ansiedade.

— Faz sentido! Vou convencê-la — afirmou ele.

— Proponha a ela passar uma temporada fora do país — aconselhou Leôncio.

— Difícil dela aceitar, hein! — rebateu meu pai desacreditado.

— O senhor vai com ela — sugeri e ele riu zombando.

— E deixar você sozinho aqui? Esquece!

— Primeiro que não vou perder o casamento do meu único filho. — Encarou Sacha e piscou de um jeito esquisito. Inexpressiva, ela esfregava as mãos nas coxas torneadas. — Venha se sentar aqui perto, querida, quero falar

sobre o meu tratamento com você. — O danado desconversou, notando o constrangimento instaurado. — Depois resolvo o que fazer com a Maria Cláudia.

Ocupado observando a Sacha caminhar, largando aquele delicioso perfume no ar, não esbocei nenhum comentário.

Afetado, saí dali desenfreado.

Assinando alguns papéis eu ouvi baixo os risos, porém, reconheci a voz da Maria Cláudia e do Bernardo. Uma hora se passou e nada do povo aparecer. Parti para averiguar, pois hoje inúmeros contratos na empresa aguardavam a minha análise.

Não estava crendo na imagem ao redor mesa, o Filipe em seu uniforme branco, ocupando a cadeira ao lado da Sacha, cochichava no ouvido dela e passava a mão, grotesca, sobre a macia dela, repousada ao lado da xícara com a marca do seu batom. Sinais clássicos de intimidade.

Todos riam animados à mesa, meu pai se esborrachava de rir com a Maria Cláudia, de algo que o Bernardo acabou de contar.

Vestindo num semblante de seriedade, Leôncio confabulava com Herbert. Ignorei todos, apenas fiquei olhando bem para a cara da Sacha, analisando suas expressões, e com aquele ímpeto enorme de socar a cara do Filipe. Numa alta gargalhada de olhos fechados, eles se abriram de repente e me encontraram à porta.

— E-eu... — tentava explicar com os olhos sobre a minha pessoa, trazendo todos eles também.

— Oh, meu querido! — Maria Cláudia, em sua simpatia iluminada, como o vestido alaranjado e elegante, levantou e veio me abraçar. — Ainda estou pasma com a novidade do seu casamento repentino com a linda Sacha — disse ao meu ouvido, e apartou demonstrando o olhar de aprovação a Sacha.

Os olhos do Filipe apertaram contra os de Sacha, arregalados.

— Deixe-me ver se entendi direito! — exclamou, estupefato.

Um vermelho intenso tingiu a pele de pêssego; e perdida, seus olhos

expressivos desceram.

— Perfeitamente! — antecipei na resposta e fui até a minha futura noiva. E pegando na sua mão a puxei da cadeira, enrolando o braço por sua cintura, a apertei junto ao meu corpo, mostrando àquele cara babaca que esta mulher me pertencia. Minha atitude causou consternação no profissional, e preocupação no meu pai, que grunhia em desaprovação. — A gente viveu uma grande história de amor no passado — segui ignorando a reprovação do meu pai — e, infelizmente, os percalços da vida nos separou. E agora com o nosso reencontro não vamos desperdiçar o tempo, decidimos juntar nossas escovas de dentes, não é mesmo, querida? — Curvei a cabeça pressionando os lábios na bochecha efervescente.

— É-é... — resumiu com o olhar indignado e incompreensivo do Filipe.

Maria Cláudia se aproximou e a salvou da pressão do olhar do Filipe, moldando seu rosto entre suas mãos, atrás de uma comunicação visual.

— Seja muito bem-vinda à família, querida! — A beijou com sua ternura incontestável, e lançou um olhar sorrateiro para mim. — Do jeito como ele ficou desesperado quando a viu na sala da Madre, lá no orfanato, digo com a mais absoluta certeza: você tem o coração deste gato aqui. — Bateu levemente em meu peito, que ganhou um movimento frenético ao olhar especulativo de Sacha.

Incomodado, larguei a cintura dela e recuei.

— Gostaria muito de dar uma volta pelo jardim antes da sessão de fisioterapia. Você me acompanha, Maria Cláudia? — Meu pai notou minha situação.

— Com certeza! — afirmou ela em seu costumeiro sorriso. — Ah, Henry? — inquiriu. — Vou aguardar o casamento até iniciar o processo de adoção.

Sorri agradecido, assentindo com a cabeça.

— Vem com a gente, Filipe.

O convite do meu pai o deixou mais ressabiado, porém, não exprimiu nenhum comentário, apenas acompanhou os passos dos dois.

— Vocês me sigam, por favor.

Levaram mais de uma hora até nos passarem todas as coordenadas.

—É importante usá-la até na hora de dormir, Sacha! — orientou Bernardo, ajeitando a câmera na manga da blusa, enquanto Herbert posicionava a minha na gola da camisa.

Sacha resmungou em franca aflição.

O olhar benevolente de Bernardo parou no rosto dela.

— Vai ficar tudo bem — assegurou ele, segurando sua a mão fremente.

— Tudo bem! — exprimiu numa incerteza densa, e inspirou fechando os olhos por alguns instantes.

— Estaremos todos com vocês, e vigilantes — acrescentou Herbert.

Senti aquela coisa estranha no peito novamente, aquela vontade de protegê-la.

— Só um instante, Herbert! — solicitei o espaço, batendo levemente no ombro dele. E me posteí à frente dela.

O sorriso receoso se fazia presente nos lábios comprimidos.

— Eu imagino o quanto deve estar sendo difícil para você! — Ela riu distanciando os olhos, e permaneceu com eles longe dos meus. — A equipe está empenhada na captura do Ivan, mas priorizando nossa proteção. Todos estes aparatos de segurança comprovam o que estou dizendo. — Nitidamente assustada, ela seguiu distante. Prossegui: — Por favor, confie! Não permita que a personalidade estrategista do Ivan assuste você assim.

— Ele é sinistro — mencionou ela regressando aos meus olhos e sorriu chorosa. — Ataca na distração fazendo parecer acidente. Foi assim com a minha irmã.

— E com o meu irmão — emendei antes da próxima palavra.

Seus ombros desceram, relaxando. Porém, não se deu por vencida.

— Não tenha medo — aconselhei preocupado com seu nervosismo.

— Não temo o Ivan, temo suas artimanhas... — Movimentava a cabeça de cima a baixo, com olhos brilhando. — Ele é um porco nojento sem sentimentos, ataca pessoas inocentes, indefesas, até que chegue ao seu alvo principal, e estraçalha.

— Está sendo muito dramática! — Esta frase saiu da boca para fora, na intenção de acalmar seus nervos à flor da pele.

Discordar dela seria uma hipocrisia, no entanto precisava transmitir segurança.

— Não está! — interveio Bernardo, advertindo-me. — Todo cuidado é pouco com o tirano.

— O risco é compensador! — pronunciei exaltado. — É claro que enfrentar toda essa tensão é complicado, mas veja o lado bom. Depois da tormenta vem a bonança. Você vai sair dessa leve, livre para viver sua vida como bem entender. É horrível a sensação de estar sendo seguida! Imagina poder andar pelas ruas despreocupada.

Ela baixou os olhos ainda mais tensa.

— Estou quase desistindo de procurar o meu pai. — Ergueu-os cheio de medo. — Creio que seja melhor deixá-lo quietinho, expô-lo seria arriscado.

— Ao meu ver, se for hoje não irá interferir em nada, senhorita — Leôncio, até então em silêncio, se manifestou. — Deve evitar visitas às pessoas do seu laço familiar após a exposição da união de vocês.

— A Danielle já está fazendo contato, convocaremos todos os veículos de comunicação do Brasil e do Exterior. O crápula vai morder a isca... — Bernardo ria na torcida.

— Se é só isso, então eu vou indo — avisou dando com as mãos, e saiu da sala andando num trejeito sensual, chamando todos os pares de olhos brilhando admirados.

— Como ela é linda! — elogiou Bernardo, embasbacado.

— A verdadeira boneca humana — completou Herbert.

— Caralho, gente! — retrucou Leôncio, censurando-os. — Estão falando da futura esposa do chefe.

— Que nada! — Bernardo estalou a língua meneando a cabeça, discordando. — São apenas negócios, não ouviram ele dizer para ela que depois de solucionado, ela terá a sua liberdade?

Aquela conclusão contrariou meu coração, ele inflou a ponto de faltar ar.

— Por hoje já é o suficiente, cavalheiros — decretei intitulado a conversa abusiva, e caminhei até minha mesa pegando minha maleta. — O dever na empresa me aguarda.

Deixava o recinto apressado e largando-os ali, me olhando perplexos, sem entenderem.

Eu não me entendia.

Cheguei a abrir a porta da sala e a fechei em seguida, resolvi tomar o rumo do salão de festas, com a necessidade de passar mais algumas coordenadas a Sacha. A tristeza com que ela saiu do meu escritório foi de cortar o coração.

“Inaceitável!”, articulei zangado ao avistar pelo vidro o casalzinho abraçado na varanda, sob os raios solares.

Ao lado dos equipamentos utilizados na sessão de fisioterapia do meu pai, as mãos do Filipe se cruzavam nas costas da Sacha, a apertando, nitidamente contra seu corpo.

E por falar em meu pai, nem sinal dele por ali.

Uma sensação de fúria e exclusão inundou em meu ser. E aquela onda idiota de coragem me fez atravessar a porta de vidro e peitar o ombro do atrevido, o empurrando para longe.

— Perdeu a razão, cara? — protestou furioso, comigo indo para cima dele “endemoniado”.

Pasma, Sacha se colocou entre nós espalmando meu peito.

— Que violência é essa, Henry? — Seu olhar severo reivindicava os meus.
— Por favor, Filipe, vá procurar o senhor Adam — solicitou.

— Tem certeza de que vai ficar bem?

— Tenho sim — garantiu ela.

A contragosto ele nos deixou.

— Agora é uma mulher comprometida comigo e exijo respeito — notifiquei.

A expressão furiosa deu lugar a uma de expectativa.

— Por acaso esta reação significou ciúmes, senhor Henry? — cochichou deslizando sutilmente as pontas dos dedos em meu peito, desencadeando um arrepio dos infernos.

Agarrei seu pulso o afastando.

— Cautela é a única razão! Para todos os efeitos, somos um casal de verdade. — Ela disfarçou a imparcialidade num sorriso amarelo. Nem ele fora capaz de sobrepor a sua natureza bela.

— Certo — disse distanciando os olhos sobre meus ombros e permaneceu divagando.

Um gesto frequente dela, e que levantou minhas suspeitas.

— Não confidenciou o plano com o Felipe, não é mesmo?

— Não subestime a minha inteligência! — Entediada ela virou-se de costas e cruzou os braços, e lá estava ela novamente, voando como os pássaros cruzando o céu à sua frente. — Sei exatamente o que está em jogo — citou alguns segundos depois.

O movimento intenso em suas costas denunciava o grau do seu nervosismo.

— Tem noção da hora que vai sair à procura do seu pai? — ela negou

meneando a cabeça. — Estou disposto a disponibilizar um carro...

— NÃO! — vociferou voltando de frente comigo. — Eu me viro.

— Presumo que usará aquela moto.

— Qual o problema? — Subiu e desceu os ombros, desentendida.

— Onde a conseguiu? — rebati com outra interrogação.

— Deveria saber, já que levantou toda a minha ficha.

Aborrecida, ela inspirou longamente e expirou com força, e sem nenhuma outra palavra saiu caminhando, na maior insolência, na mesma direção do Filipe.

Enxergava atrás da sua aparência frágil e carente uma mulher forte e com objetivos traçados. Daquelas raras, que sabiam exatamente o que desejavam da vida. O toque do meu celular no bolso do paletó, tirou-me do raciocínio.

Atendi, a caminho da garagem.

— *Quebra promessas de aparecer, some sem dar notícias e, de repente, recebo ordens expressas do seu investigador para eu sumir por algum tempo da cidade, da sua vida porque o senhor vai se CASAR, estrategicamente!* — Lidiane berrava do outro lado da linha.

— Será que daria para se acalmar? — roguei entrando no meu carro e fechei a porta.

Impaciente, saí derrapando os pneus.

Notando a minha pressa, o vigia acionou o portão.

— *Como se fosse fácil, depois de receber esta bomba!* — rebateu furiosa. — *Não vou a lugar algum, entendeu?*

À medida que o portão subia, avistei na calçada Lidiane, usando um tubinho preto, demarcando cada curva do corpo. Com o aparelho no ouvido, ela me olhava com revolta, o rosto redondo muito avermelhado.

Sem que ela saísse da frente, freei o carro evitando um atropelamento.

— CARALHO DE MULHER! — exasperado descí. — Vem comigo! — Segurando firme em seu braço a arrastei em direção ao arbusto generoso, rente ao muro, grudando suas costas na parede.

— Estou farta de você me fazer de palhaça e...

— Basta deste show ridículo em via pública. — Totalmente impaciente, comprimia seu braço a sacudindo. — Este teu pensamento é tosco, não percebe? Temos apenas negócios entre nós, e não pode cobrar nada, porque todo o serviço foi muito bem pago.

Ela começou a chorar, amolecendo meu coração e afrouxei a mão.

— Eu alimentei esperanças entre a gente. — Subitamente suas mãos emergiram, segurando meu rosto.

— Não existe a gente! — optei pela sinceridade. Ela chorou mais. Bufei, exausto. — Não há motivos para choro, por favor! — Segurei em seu pulso com a intenção de afastá-lo do meu rosto, e fui surpreendido com ela me puxando, unindo nossos lábios.

Capítulo Dezenove

SACHA

Ainda havia dúvidas em excesso se fiz a coisa certa em entrar neste jogo de gato e rato. Tudo bem que a minha vida era embaixo de desconfianças, e ainda assim, sempre houve uma rota de fuga. Estava viva e bem... Não tão bem como gostaria, mas sobrevivendo conforme o balanço do barco, em altas e fortes ondas.

“Ainda está em tempo de sair desta!”, o pensamento descompassou o meu coração.

Aí morava o problema! Não sentia vontade de sair de perto do Henry, e doía cada vez que ele mencionava sobre eu viver minha vida livremente depois que tudo acabar. Magoava! Sacudi a cabeça, dissipando aquela idiotice toda.

É um mais pouco de mágoa, Sacha!

— *É verdade* — em voz alta, respondia a mim mesma. Afinal, toda a minha vida fora construída sob mágoas e ressentimentos. Um pouco mais não deveria fazer diferença.

— Falando sozinha, Sacha? — Virei o rosto na direção da voz do senhor Adam.

Ele se aproximava em sua cadeira, e a alguns metros estava dona Maria Cláudia, numa prosa animada com o Filipe.

— Pensando alto!

— Tudo sob controle? — especulou discretamente.

— Todos os procedimentos instalados com precisão — respondi.

Encarando-me, ele botou uma abstrata expressão no rosto.

— Está com medo?

Medo eu tenho deste sentimento devastando meu ser! Dei de ombros simulando tranquilidade.

— Sentir medo é um luxo ao qual não posso ter. Há anos eu enfrento os desafios com coragem.

Admirado, ele segurou na minha mão.

— A minha intuição reconheceu esta valentia em você, relutei em acreditar que você seria uma pessoa de má índole.

— Obrigada. — Suspirei comovida e ainda mais saudosa. A pressa para encontrar meu pai intensificou. — Será que podemos começar a sessão? Gostaria de procurar o meu pai ainda hoje.

Ele sorriu compreensivo.

— Está liberada por hoje, minha jovem! — Inspirei na expectativa. — Vou aproveitar a companhia da Maria Cláudia, e amanhã pegamos firme. — De repente, seu semblante entristeceu e ele explicou os motivos: — Nunca me incomodou tanto conviver nesta cadeira quanto agora, com esta aproximação com a minha ex-namorada. — Aqueles dizeres me encheram de compaixão. — Inclusive, hoje recebi um encarte pelo correio de uma propaganda sobre um tratamento, aqui perto de São Paulo. Um pesquisador vem usando a tecnologia. — Seus olhos se apertaram timidamente.

— Eu tenho um encarte deste, e também fiquei curiosa para conhecer esta clínica. Conhecimento nunca é demais.

— E qual é a sua opinião a respeito deste tratamento?

— Acho que o senhor precisa é focar na fisioterapia. Mas, se tem vontade de conhecer o tratamento, é válido tentar, porém sem muita expectativa, certo?

— É claro! — ele concordou e levou minha mão aos lábios, aplicando um beijo agradecido. — Agora vá lá procurar seu pai.

— Obrigada pela compreensão.

Com toda a armação prestes a acontecer, o meu tempo passou a ser escasso, catei minha mochila sobre a cadeira na varanda, e como relâmpago, me dirigi à garagem. Pelo percurso, matutava uma forma de entregar a moto sem expor a Jussara.

“Vou deixá-la na mecânica!”, concluí saindo da garagem.

Estranhei não só ao ver o portão aberto como também, o veículo de luxo parado com a porta aberta.

Ai, meu Deus! Meu corpo virou um iceberg com o rosto do Ivan povoando minha mente. Intrigada, diminuí a velocidade ao observar o vigia, tranquilamente, no interior da guarita.

Eita!

Meu coração acelerou, a ponto de eu não conseguir respirar, deparando-me com a ceninha amorosa no muro. Aquela mulher, de cabelos curtos e elegante, de corpo delineado segurando no rosto do Henry, num beijo... Bem, nem sei como era o beijo, desviei os olhos, uma medida urgente para não desabar da moto.

Eu preferia mil vezes sentir medo dele ao invés deste ciúme besta.

Este sentimento é irracional, Sacha!

Atordoada e a fim de sair dali sem ser percebida, acelerei com a mão no freio, ou freei quando acelerava. Perdi completamente a noção do que fazia, o resultado foi um só: como uma motociclista inexperiente, que eu não sou, perdi o equilíbrio e levei um tombo daqueles.

“Merda!”, praguejei, me odiando profundamente.

— SACHA! — ouvi a voz rouca e desesperada pronunciar meu nome, em segundos uma das mãos habilidosamente, erguia a moto, a outra pegou na minha puxando para cima.

— Deixa-me ajudar, doutor. — O vigia chegou na hora e cuidou da moto,

enquanto Henry se posicionando à minha frente, se preocupava na retirada do capacete.

— Você está bem, se machucou? — o tom era de um bom cuidador.

— Estou bem — assenti, com ele me livrando de vez do capacete.

— Tem certeza. — A mão livre se fechou ao redor da minha nuca. Enquanto seus olhos avaliavam meu rosto com cautela, o polegar esfregava minha face.

Lá estava eu novamente, inerte a este conquistador barato. Acabou de beijar uma e agora se engraçando comigo?

Escroto!

— Tenho! — pronunciei secamente afastando suas mãos de mim.

— Você? — Virei na direção da exclamação daquela voz feminina, e constatei ser a mesma mulher que esteve aqui. Certamente, ela é uma das mulheres da casa do Ivan.

— A senhorita vem com a gente — o agente Leôncio e o Herbert, saindo da casa, pegaram no braço da mulher e entraram com ela.

Atordoadada, arranquei o capacete da mão do Henry, o colocando de volta na cabeça, subi na moto e desapareci num piscar de olhos, sem ao menos olhar pelo retrovisor.

O percurso até a entrada de Jundiaí levou por volta de uma hora, e mais 8km eu cheguei na Serra do Japi, endereço da fazenda onde meu pai trabalhava. A região formada por uma pequena cadeia montanhosa era um verdadeiro paraíso de clima ameno.

Fantástico contato com a natureza.

Infelizmente, bati com a cara na porta.

— O Senhor Natanael Ortiz pediu demissão há alguns dias, presumo até que esteja fora do Brasil — informou o porteiro da fazenda, com as mãos no

cinturão de couro na cintura.

Não sabia se chorava de tristeza por não o encontrar, depois de tanta expectativa, ou sorria de alegria por ver meu pai bem financeiramente. Sim, uma viagem ao exterior custava o olho da cara.

— Sabe se ele tem algum conhecido que poderia fornecer maiores informações?

— O senhor Natanael é um homem reservado e de poucas palavras, moça — descrevia a personalidade que ele conhecia. Meu pai nunca fora esta pessoa, ao contrário, encantava a todos com suas conversas alegres. — Se quiser deixar algum recado, eu entrego caso ele passe por aqui — ofereceu.

— Não será necessário, obrigada!

Sentindo um vazio tremendo, subi na moto e saí dali cabisbaixa. No entanto, uma sensação de alívio se fazia presente. No momento, quanto mais longe de mim, mais segurança eles teriam.

Uma conclusão terrível, mas verdadeira!

Acabei me perdendo na saída de Jundiaí. Peguei uma outra pista, que me deu um trabalhão até conseguir fazer o retorno. E quando retirei o celular no bolso de trás da calça, notei as inúmeras ligações do celular da Madre.

Parei no acostamento.

Me desculpa! Sorri tristemente olhando para o número da Madre no visor do celular.

O jogando no chão, pisei, destruindo-o completamente. Recolhendo as peças no chão, os atirei no matagal e voltei a moto.

Próximo destino: oficina mecânica.



Tracei o plano de cruzar a sala despercebida, e subir ao quarto, estava necessitadíssima desse tempo para a adaptação desta fase da minha vida. Mas, ao abrir a porta do recinto, o encontrei cheio de pessoas, digamos, numa espécie de reunião.

— Desculpa, eu não queria atrapalhar. — Me sentindo aquela estranha penetra, sorri sem graça.

— Deixa disso, Sacha, você é o motivo de estarmos todos reunidos aqui — declarou o senhor Adam. Ele segurou o álbum aberto que estava em seu colo e veio ao meu encontro. — Chegou em boa hora, assim poderá ajudar a escolher o cardápio para a festa do seu noivado com o Henry.

Surpresa, ergui as sobrancelhas.

— Estão planejando o meu futuro! — Ri xoxo, totalmente contrariada. — Ótimo! — Subi e desci os ombros.

— Gente, o senhor não exagerou em nada quando descreveu uma boneca de porcelana — o elogio veio de um rapaz alto, magro, cabelos curtos e repicados com luzes. Vestindo uma camisa alaranjada e um lenço bege no pescoço, era bem elegante. — Olha só este cabelo. — Pegou uma mecha entre os dedos e esfregava, sentindo a textura. — Este tipo de cabelo fica um arraso com uma bela franja na altura do nariz...

— Não pretendo cortar o meu cabelo — intervi na ideia, sem causar nenhum mal-estar nele.

— Tudo bem, querida! — concordou num sorriso simpático. — Cabelos loiros e iluminados como o seu já são sucesso garantido, nunca deixaram de ser tendência. — Estendeu a mão oferecendo um cumprimento, eu a apertei. — Encantado em conhecê-la, Sacha Ortiz, eu sou o Joaquim Lopez, Kim para os mais íntimos. Sou a pessoa responsável por vestir você para o noivado relâmpago, e casamento.

— A Danielle trouxe toda a equipe para cuidar do seu cerimonial — esclareceu o senhor Adam.

— E exatamente para quando foi marcado? — questionei dúbia.

A moça, que pensei ser caso do Henry, estava muito elegante vestindo um macacão preto cavado e os cabelos presos num rabo de cavalo baixo sentada no sofá. Ela parou com as anotações na agenda, com um sorriso enorme se formando em seus lábios, e se levantou.

— O noivado está acordado para o próximo sábado, e o casamento em 30 dias — anunciou averiguando na agenda em suas mãos.

Meu queixo caiu incrédulo.

— O próximo sábado é daqui a três dias — realcei.

Os olhos escuros me repreendiam.

— Entendo a sua preocupação. — A firmeza habitava as palavras da Danielle. — Mas eu garanto que darei conta de todos os preparativos.

— Galera, precisamos correr! — Kim acenou para sua equipe.

Foram horas até o ritual chegar ao fim e estarmos aqui, em volta da piscina, num almoço tardio ao qual não consegui tocar na comida. À medida que o sol se punha no horizonte, o dia dava espaço à noite.

A transformação, sempre muito apreciada em minha vida, tocava em meu coração sinistramente.

Com todo o processo de noivado e casamento, a pausa aconteceu apenas para comermos e mesmo à mesa, o assunto focou no casamento do ano.

Entediante ao extremo, levando-se em conta o intuito. Tudo aquilo soava estranho em demasia, eu nunca pensei em casamento, e dois se achegaram até mim, de forma arranjada. Suspirei desanimada, analisando os pretendentes.

Pelo menos eu era amada pelo Ivan!

Mas o que eu estava pensando? Causei espanto a todos quando me levantei subitamente.

— Bem, o papo está bom e a companhia ótima, mas vou para os meus aposentos descansar, estou exausta.

— Antes, senta aqui pertinho de mim, Sacha! Gostaria de saber como foi sua viagem! — solicitou o senhor Adam do outro lado da mesa.

Kim, ocupando a cadeira ao seu lado, ofereceu o lugar.

E contei meus passos.

Fiquei impressionada pela ternura dele, trazendo sua mão em meu rosto.

— Eu sinto muito por tudo o que passou nesta vida.

Dei de ombros ressentida.

— É incrível como o erro de um ocasiona nas vidas dos outros.

— Infelizmente, a ambição faz parte da natureza humana, Sacha! — Ele conhecia a minha história, quase de cabo a rabo, e se referia à Mônica.

— Concordo! — Abanei a cabeça de cima a baixo, relembrando os absurdos que minha irmã dizia e as suas atitudes maldosas. Respirei profundamente e prossegui: — A Mônica tinha um espírito individualista, tão egoísta, ela só pensava em si... — grunhi, deixando a emoção extrapolar. Suas agressões verbais, não doíam mais do que seus atos maldosos. E como meu amor por ela era incondicional, e eu não podia eliminar esta época da minha vida, então a preendi nas profundezas da minha alma, sequer pensava a respeito. As lágrimas começaram a trilhar por minha face. — Ela só falava em ser famosa mundialmente, no estrelato... e olha só onde ela foi brilhar. — Rolei meus olhos ao céu, quase negro, e os fechei apertado, contendo um pouco da emoção. Os olhos do senhor Adam, marejados, demonstravam o quanto estava envolvido com o meu desabafo. — E ainda todas estas sequelas com a sua ambição.

— Tudo vai se resolver! — garantiu aplicando tapinhas delicados em meu rosto. — O Ivan morderá a isca e pagará pelos seus crimes. — Assenti, não muito confiante. — Posteriormente encontrará seus pais, e juntos terão a chance de reconstruir suas vidas em plena paz.

Uma declarada exclusão! Por nenhum momento ele me agregou à sua vida, e mais uma vez fui afetada.

— Boa noite, senhor Adam! — Inclinei, beijando sua face e a seguir e me

levantei.

— Bom descanso, menina! Ah... Logo após o noivado, vou sair alguns dias de férias com a Maria Cláudia, afastá-la. — Acenou de cabeça, lia perfeitamente sua expressão corporal. — E sobre o que conversamos, consegui uma vaga para uma consulta amanhã, na hora do almoço, e ficaria muito feliz com a sua companhia.

— Pode contar comigo. — Apertei sua mão.

Despedindo-me de todos, segui para o quarto.

A primeira ação foi entrar no banho, evitar o máximo de intimidade com Henry parecia uma boa alternativa de machucar menos o meu coração. Enrolei a toalha nos cabelos após o banho, e neste momento me lembrei de que não peguei minha roupa. Saí de mansinho do banheiro, do closet, e avistei a sala social livre.

Confiante, corri em direção à cama, me deparando com aquele deus do inferno. Sua energia sobre a minha pessoa era intensa, a ponto de abrasar meu corpo todo. Deitado em sua cama ainda vestindo o terno azul-escuro, suas mãos estavam cruzadas atrás da cabeça, seus olhos, como os lábios, naquele sorriso torto. *Maliciosos*.

Impactada ao susto, imediatamente juntei as duas mãos sobre meu ventre.

— C-como você entra no quarto assim, sem fazer barulho? — As palavras saíram entrecortadas, com ele me comendo com os olhos.

— Se não sabe, eu sou um homem discreto! — Aquela rouquidão, e o olhar translúcido absorvendo meus seios, balançaram minha estrutura.

— Preciso da minha mala. — Virando um pouco de lado, na tentativa de esconder minhas partes íntimas ao máximo, apontei para ela debaixo da cama, próximo ao criado-mudo.

Tenho esta mania de enfiar minhas malas embaixo da cama.

Cínico, ele ergueu o tronco e espalmando-a, a empurrou para os pés da cama, onde eu estava parecendo uma britadeira humana, tremia mais que vara verde ao intenso vento.

— Eu já conheço bem de você, não há necessidade em se esconder — soltou sorrateiro e piscou.

— Idiota! — Apanhando a mala, recuei até ele me perder de vista.

E então, corri para dentro do closet e fechei a porta.

A Madre era rigorosíssima, principalmente com as vestimentas. Escolhi a camisola do convento para usar: era cinza escuro, larga, manga comprida e longa. Penteei os cabelos e retornei.

Ele permanecia na mesma posição.

— Meu dia hoje foi exaustivo, preciso da cama — hipnotizada, murmurei.

— Ninguém vai dormi agora. — Subitamente ele saiu da cama. Sei que não deveria ser assim, mas o fato foi que suguei todo o ar possível e o retive nos pulmões, esperando na maior expectativa suas mãos me catarem, seus lábios domarem os meus. E veio a frustração com ele esbarrando seu ombro no meu. — Como você já jantou, que me informaram, vamos sair para um drinque. — E continuou seu caminho.

— Sair para um drinque? — Totalmente dúvida, girei o corpo à sua procura.

Ele estava curvado sobre a cadeira, pegando sobre ela uma caixa linda, na cor branca e tampa dourada.

— Sim, é exatamente isso. — Virou-se me entregando. — Aqui está sua roupa.

Havia muita autoridade na sua voz e aquilo me tirou completamente do sério, arqueei minha sobrancelha, indignada.

— Eu não vou a lugar algum com você. — Irredutível, dei-lhe as costas.

Caminhava em direção à cama quando seus braços me abraçaram, forte por trás, com caixa e tudo.

— Sinto informar, mas a senhorita não tem escolha! — sussurrou ao meu ouvido. Um sussurro que tocou o mais profundo do meu íntimo, e aliado ao

cheiro leve do perfume, incitou o meu corpo todo a desejá-lo, ardentemente. — É importante sermos vistos juntos como um casal de verdade. — Estremeci, sentindo seus lábios tocarem na minha orelha, e o calor do seu hálito incendiando a minha libido.

Entorpecida, deixei-me recuar um passo, e senti sua ereção tomando forma na minha bunda.

Ai, Jesus! O que eu faço com este homem?

— Por que você faz isso, Henry? — balbuciei, vergonhosamente em rendição.

— As regras devem ser minuciosas e extremamente detalhadas para o sucesso do plano. — Abriu a caixa. Tirando de dentro um vestido preto, a atirou sobre a cama. — Quero a minha futura noiva brilhando esta noite. — Apoiando o queixo sobre meu ombro, colocou o vestido à frente do meu corpo, e detalhe: se esfregando em mim. *Delicioso, admito.* — Quer saber? Estou confiante que o Ivan vai aparecer logo após o noivado.

— Assim evitamos o absurdo do casamento! — Inspirando longamente, fechei meus olhos aguardando sua resposta.

E senti o movimento do seu tórax, devido a sua respiração profunda,

— E você estará livre. — Me largou bruscamente e caminhou apressado em direção ao banheiro. — Enquanto eu tomo um banho, você se troca rápido. Estou faminto.

— Você é uma bipolar, Sacha! — cochichei para mim mesma.

Sou uma idiota declarada. O que estava pensando? Eu não passava de uma oportunidade para alcançar os seus objetivos.

Já que chegou até aqui, colabora! Pode ser a sua chance de sair do precipício escuro que convive há anos. E se não for, pelo menos você tentou!

Com o coração partido ao meio, fiz o que ele pediu.

Capítulo Vinte

HENRY

“Merda!”, praguejei entrando debaixo do chuveiro.

“Estará livre!”, minha resposta me irritou, a ponto de largá-la abruptamente e sair de perto.

Inclinei cabeça recebendo a água morna do chuveiro no rosto, analisando a natureza do sentimento que tomou meu peito. Me sentia indeciso, perdido...

Bloqueei aquela sensação inoportuna e peguei o sabonete, a medida em que ensaboava o corpo, minha excitação crescia, com aquela puta vontade de voltar ao quarto e tomá-la em meus braços.

“É carência de sexo, apenas isso!”, repetia mentalmente, enganando-me.

Oportunidades de boas trepadas houveram a todos os instantes, mas essa mulher me enfeitiçou. Perdi o interesse em outras mulheres.

Enxaguava meu pau duro, quase explodindo, corria a mão por toda extensão cheio de tesão, com meu cérebro projetando a imagem dele entre seus lábios vaginais minando deliciosamente, penetrando-a, estocando forte.

— CARALHO! — E de novo bloqueei o impulso de voltar àquele quarto e fodê-la até não conseguir mais. E o larguei de imediato, ao lembrar do monitoramento.

Sorte minha que a casa está monitorada, não posso misturar as coisas!

Rindo, mostrava o dedo do meio num gesto obsceno aos expectadores na direção da câmera, acima do batente da porta. Desliguei.

Eu e Sacha fomos instruídos, sempre que entrássemos no banheiro, a sinalizar com a mão mostrando que estava tudo bem e desligar por razões de privacidade, o mesmo procedimento deveria ser feito com a câmera escondida em nossas roupas. Com as cabeças cheias de Sacha, esqueci redondamente.

Retornei ao box e tirei a espuma do corpo, e logo saí do banho. Fugindo do social, escolhi uma roupa mais casual, porém, elegante: calça sarja cinza e uma camisa branca de mangas longas; arregacei as mangas destacando a pulseira do meu mano e o relógio cromado. Optei pelos primeiros botões da camisa abertos, assim dava um toque mais despojado. Posicionei a minúscula câmera na gola da camisa.

Pronto, deixei o closet.

Engoli em seco parando à porta. Meus olhos embebedados, captaram a admirável imagem. Ela não estava maravilhosa naquele vestido, estava muito mais... *Belíssima!* O corpo delineado, preenchendo cada espaço do vestido com detalhes vazados nos ombros, era de encher os olhos. O tom preto realçava a pele bronzeada, assim como os cabelos loiros, assentados sobre os ombros eretos, exatamente onde estava nu.

— Acha que ficou bom? — perguntou sem jeito à minha análise visual crítica.

Andava na direção dela encantado, necessitado de tocá-la, abraçá-la, e meu coração afoito no peito incitava. Não resisti.

— Elegante e charmosa! — Parando à sua frente, toquei sua face com as pontas dos dedos. Um gesto de carinho que nunca pratiquei com nenhuma outra mulher.

Um sorriso leve brotou em seus lábios vibrando.

— Vou só pegar a minha bolsa e já podemos ir — avisou baixinho. Tão linda!

Era impossível não olhar para ela caminhando pelo quarto. Assim que pegou uma pequena bolsa no tom prata, sobre a cama, disse:

— Podemos ir. — E quando se virou, voltei ao mundo real.

— Meu estômago grudou nas costelas, de tão vazio — falei por falar indo até ela e espalmei suas costas quentes. E a guiei até a porta. — Só para dar um toque! — Abri a porta dando espaço, ela saiu na frente. — Toda a casa está sendo monitorada, inclusive este quarto, aconselho a andar pelo ambiente vestida — concluí enciumado de outro homem colocar os olhos no corpo lindo dela.

E fechei a porta ao sair.

Pasma, seus lábios se abriram.

— Ah, meu Deus! Esqueci completamente deste detalhe.

Enquanto descíamos as escadas, um degrau atrás dela eu ria sozinho, recordando meu banho.

— Onde você vai me levar? — quis saber assim que entramos no carro.

— Um restaurante moderno, perto daqui. O legal é o clima de balada. Hoje é um dia especial porque todos da empresa, e alguns amigos, comemoram seus aniversários. A Roberta é uma delas. Assim, aproveito e convido a todos para o nosso noivado no sábado.

— Quem é Roberta? — perguntou ela de um jeito desconfiado e ciumento.

Não deixei barato.

Liguei o carro e virando o rosto, lancei um olhar malicioso.

— Geralmente o ciúme é destrutivo, bela — provoquei vendo seu rosto tomar um vermelhão.

— Ciúmes de você? — A frase saiu disfarçada num tom ríspido. — Até parece! — emendou revirando os olhos e ficou com o rosto na janela.

Fui tomado por uma onda de alegria com a sua demonstração clara de ciúmes. E rindo saí com o carro.

— Como vai explicar este amor repentino? — desconversou.

Caí na gargalhada.

— Dizer a verdade é uma maneira convincente! — Lancei um rápido olhar. Ela arqueou a cabeça envolvida numa dúvida sem precedente. Rindo me divertindo, voltei os olhos à avenida. — Vamos começar contando sobre o nosso esbarrão na calçada em Anápolis, aquela química corporal toda. O encontro no saguão do aeroporto, no avião, claro que excluindo o episódio que a senhorita me colocou para dormir. — Soltando uma alta risada, ela baixou a cabeça. — Não acho graça nenhuma.

— Foi hilário demais, dois brutamontes babando no banco. — Ria mais.

— Assumo que fui descuidado! Você me pegou de jeito. — Ela ria tirando uma da minha cara. — Voltando ao esquema: e nos encontramos no hotel. E depois de experimentar a minha forte pegada, você se apaixonou perdidamente por mim — provoquei e contraí o rosto, notando seus olhos cravados no meu perfil.

— É muito metido mesmo, não? — rosnou inconformada. — Para sua informação, eu não me apaixonei por você, ok? — bufou voltando a frente e sacudia a cabeça, incrédula.

— É apenas uma armação, amor! — lembrei-a com humor.

Ofegante e muda, seus olhos expressivos continuavam à frente.

— Veja se consegue agir naturalmente e passar credibilidade, tudo bem?

Ela deu de ombros e inspirando veio ao meu rosto.

— Acredita mesmo no sucesso desta operação? — Sua descrença estava toda ali, estampada em seu semblante preocupado. — A meu ver, este *esquema*, como diz, trilha o caminho da fantasia! — duvidou. — O Ivan nunca dará as caras; e outra, ele pode estar escondido em algum canto despovoado deste planeta, sem nenhuma comunicação.

Ria cético.

— Acostumado à vida de luxo, é pouco provável! — disse com confiança.

Ela agora ria levemente em discordância.

— Ainda assim, seria necessária uma cobertura ampla da imprensa a fim de chegar até ele.

— O outro aniversariante é o Raphael Turner, da banda Collins — anunciei.

Seus olhos cresceram dez vezes trilhando o medo.

— Está de brincadeira? — Seus lábios sensuais tremeram à questão. Assenti, meneando a cabeça com um leve sorriso entre os lábios comprimidos. — Ele é uma celebridade internacional seguido pelos paparazzi.

— Exatamente, por esta razão que o contratei hoje. E, se precisar, ainda temos um contrato para seu comparecimento no noivado e casamento — esclareci com ela ainda divergindo, movendo a cabeça de um lado ao outro. — Seremos vistos pelo mundo afora. Aliás, arranjamos uma imagem nossa dançando abraçadinhos na pista de dança do hotel, há dois anos.

— NÃO! — alterou o tom de voz levando as mãos à cabeça, desesperada. — Imagina o que ele fará se souber que foi traído naquele dia, e...

Peguei em sua mão e a levei aos lábios.

— Fica calma, estamos cercados por seguranças. Ele será abordado no primeiro passo que der em nossa direção. Falar que nos conhecemos há dois anos dará mais consistência nesta nossa união repentina, entende?

— Ai... Meu... Pai! — embrenhando os dedos pelos cabelos, soletrava chorosa.

Com as emoções nitidamente à flor da pele, jogou a cabeça sobre o encosto e nesta posição refletindo, ela respirava audivelmente.

Respeitava o seu tempo, quando me atentei a um detalhe.

— Tira uma dúvida aqui, Sacha! — Ela respirou fundo com os olhos à frente. Dei sequência: — Nosso encontro em frente à casa do mafioso e no aeroporto, considero dentro da normalidade. Porém, é intrigante nosso encontro no orfanato, você aparecer na minha casa e no hotel, então? Coincidências demais, não concorda?

— É importante destacar que ambos vivemos em prol do Ivan, então não! Eu não concordo! — Pendendo a cabeça, cobriu o rosto e permaneceu quieta.

— Os convites para a festa no hotel foram seletivos. Como ele chegou até você? Todos os detalhes são importantes, Sacha! Cite os nomes, por favor? — persisti.

Descobrimo o rosto, ela me encarou.

— Veio de uma vítima, como eu — desatou a falar sem ao menos respirar. — Ela sofreu horrores; e hoje, livre, ela vive tranquilamente. — Pausou para respirar. — Ela é inofensiva, eu juro por Deus!

— Enquanto o Ivan estiver à solta, ninguém estará livre das suas armações. Ele pode estar se organizando. — Movi os ombros. — Se já não estiver organizado — joguei a real. Ela persistiu negando, agitando a cabeça. — Ela é uma peça importante e seria importante estar presente em nosso enlace matrimonial.

— Deixe-a para lá, por favor... — implorou em completa infelicidade. — Ela é irrelevante ao Ivan, tem a minha palavra. Não comente nada com os agentes, esquece esta questão.

Ergui as sobrancelhas, devido a sua distração.

— Eles já ouviram você.

Ofegante e desesperada, sua mão veio sobre a minha no volante. Estremeci ao calor emitindo dela, e um frio congelante se apoderou em minha barriga.

— Por favor, peça a eles para ficarem longe dela, não a envolvam nesse projeto. Por favor, Henry! — Seu olhar expressivo e penetrante me hipnotizava, seu pedido voou em minha mente e fui tomado por uma indescritível sensação de carinho.

Precisei ser forte e resistir ao ímpeto de levar o braço por seu ombro e puxá-la de encontro a mim.

— Embora abrir mão de elementos relevantes, na altura do campeonato, seja um vacilo, eu vou conversar com o pessoal sobre este seu pedido de sigilo,

ok?

— Promete? — O farol fechou neste instante e aproveitei para olhar para ela. Aqueceu meu coração testemunhar seu encantador sorriso sossegado.

— Prometo — confirmei.

— Obrigada... — agradeceu num fio de voz.

— Agora, ainda falta elucidar nosso encontro no orfanato e você aparecendo na minha casa oferecendo seus serviços de fisioterapia — emendei a seguir.

Ela deu de ombros desentendida.

— Embora seja mesmo estranho, foi coincidência! — começou, e olhou para frente quando o farol abriu, permanecendo com os olhos lá. — Um pouco antes de você aparecer no orfanato, em companhia da Maria Cláudia, a mãe Aurora havia recebido a ligação de um diretor de um hospital famoso oferecendo a vaga. Não recordo agora o nome dele. — Sem desviar os olhos do trânsito, tomei a cabeça sobre o ombro direito, especulativo. Ela continuou: — Recebemos inúmeras visitas de empresários, médicos, etc., que contribuem financeiramente com o orfanato em datas especiais. Parece que ele assistiu a um atendimento meu no Dia das Crianças e gostou bastante.

A informação da Sacha me deixou com a pulga atrás da orelha. Eu recordava da conversa com o Guilherme na minha sala.

“Será que o Guilherme tem algum envolvimento?”, pensei já circulando pelas ruas arborizadas de um dos bairros mais completos de São Paulo. Ali se concentrava comércios de luxo, e excelentes opções gastronômicas e culturais.

— E você? Com tantos orfanatos, como e por que o Lar Amparo se tornou uma opção?

A questão dela veio no instante em que virei a esquina da rua onde situava o restaurante. O local em frente estava no maior alvoroço, indicando que todos já estavam a par da presença do Raphael Turner. Como previsto, a imprensa estava em peso no local, e no interior dele também. A arquitetura moderna, com toda a fachada em vidro escurecido, proporcionava avistar os flashes, lá dentro.

— Por aqui, senhor! — fui poupado de responder com o manobrista já conhecido meu. Reconhecendo meu veículo, acenava enquanto abria caminho em direção ao estacionamento ao lado do estabelecimento.

A ocasião não era propícia a falar do Anselmo. As recordações me deixavam emotivo e o momento era para demonstrar alegria. E nutrido de um sorriso escancarado, entramos no restaurante guiados pelo *maître*.

O restaurante, com música ao vivo e DJ, era refinado e acolhedor à luz de velas. A pista de dança, repleta de dançarinos, era o charme do lugar.

Percorri os olhos pelas mesas espalhadas, todas lotadas e então Roberta se levantou acenando para nós, com sua expressão nada amável e seus olhos pesquisando a Sacha.

Ela ainda usava o vestido estilo lápis, saia vermelha e a blusa sem manga de bolinhas brancas e fundo preto. O mesmo que ameaçou tirar hoje cedo na minha sala da empresa, me recusei sem um pinga de estímulo. A Sacha impregnou dentro da minha cabeça e não deixava meus pensamentos em paz.

— Como a frequentadora da casa do Ivan, a que você amassava em frente à sua casa, essa sua amiga também não parece muito feliz! — comentou Sacha ao meu ouvido, provocando claramente. — E por falar nisso, que fim deram na mulher depois que ela me reconheceu?

Passei meu braço ao redor da cintura sua fina, apertando-a contra meu corpo e inclinei a cabeça na curva do seu pescoço, ela arfou.

— O nome dela é Lidiane e está num lugar seguro, para não dar com a língua nos dentes. E por favor! — sussurrei. — Concentre-se em nós, apenas! — Circulei a ponta da língua levemente por sua orelha. Ela fechou os olhos evolvindo. — Meu amor... — acrescentei, usando meu melhor tom sedutor.

Desconcertada, ela se afastou.

Sem nenhuma outra palavra, nos aproximamos da mesa embaixo de milhares de cliques. Assim como no lado de fora, aqui dentro a imprensa fervia e toda a atenção estava em nossa mesa, com o Raphael sentado ao lado do Bernardo. A Danielle também estava presente, ocupando a cadeira do outro lado do Bernardo. Quase todos os funcionários de cargos elevados da minha empresa

estavam à mesa também.

— Parabéns aos noivos! — Como combinado, Raphael se levantou e veio nos recepcionar com abraços calorosos.

Os flashes bombaram conosco fazendo poses.

Logo Bernardo se aproximou; famoso, despertou também toda a atenção.

Todos queriam registrar o momento, inclusive os clientes, faziam um mar de luzes com os celulares em mãos. Danielle mostrou o dedo polegar num *joinha* acompanhando as redes sociais.

Pelo jeito, a notícia já se espalhava assustadoramente rápido.

— A gata é gostosa, não? — Bernardo cochichou ao meu ouvido. — Aproveita, meu amigo.

Grunhi o desaprovando.

— Respeito é bom! — Bati levemente em seu ombro.

Ele se divertia voltando ao seu lugar.

Após as apresentações, Roberta vexada puxou a cadeira ao seu lado.

— Sentem-se aqui — ofereceu.

Como não sou besta nem nada, via claramente a sua intenção de provocar a Sacha, então declinei.

— Obrigado, vamos nos sentar do outro lado — informei.

Então, com as mãos em suas costas, sentindo o calor irradiando da pele macia, a guiei contornando a mesa. Do outro lado havia duas cadeiras vazias, uma ao lado da outra.

Roberta não disfarçou sua fúria, seus olhos soltavam faíscas conectados em Sacha.

— Talvez isto não funcione — esboçou Sacha num tom contido, logo

quando nos sentamos.

Embrenhei a mão por entre seus cabelos, acariciando sua nuca.

— Vai correr tudo bem, relaxa! — cochichei ao seu ouvido, olhando por cima dos olhos para Roberta, a atacando com os dela.

Pensativa, como de costume, ela riu desacreditada, sem nenhuma confiança. A abracei pelo ombro e descia minhas mãos pelos braços, exercendo uma leve pressão, e subia devagar sentindo sua pele toda se arrepiar, igualmente a minha.

— Vou tentar! — resmungou soltando o ar.

Acariciando seu braço, muito excitado, sentia meu pau doer dentro da calça e olhei para ela, desejando sentir o sabor dos seus lábios, de tudo dela.

— Eu vou cuidar de você! — prometi prendendo seu olhar. Estava que não me aguentava, um tesão descomunal tomou meu corpo, e descendo os olhos aos seios, saltados e deliciosos, pressionava-a contra meu ombro.

Ela estava na mesma situação, tremia toda, a luz das velas iluminava seus cabelos dourados, os olhos azuis transbordavam de desejo. E quando seus dentes cravaram no lábio inferior, presumi como um convite. Curvei beijando seus lábios, sendo muito bem recebido.

Aquela troca de saliva estreitava nossos laços, e era bom... Desesperado por ela, acariciava o cabelo, passava a mãos pelas costas, louco! O som da música, das risadas ao redor, das conversas, foi se distanciando, tudo se apagou. Ali era um momento somente nosso.

— Vamos brindar a esta grande paixão! — despertamos com o comentário do Raphael.

Todos se levantaram.

Com exceção da Roberta, sua boca estava aberta, scandalizada. Ignorei, e haja fotos. Elas vinham de todos os lados.

Mas Sacha não ignorou. Estranha, como se estivesse fora do ninho, ela arrastou a cadeira e se levantou ao término do brinde.

— Com licença, vou a toalete. — Largando a bolsa sobre a cadeira, saiu desfilando pelo salão, e sumiu entre a multidão.

Contemplando-a se afastar com os olhos apertados, Roberta se levantou tomando o mesmo rumo. Me preparava para ir salvar a Sacha, mas o Damasceno começou uma conversa.

— Quando contaram que iria se casar eu não acreditei. — Damasceno era o gerente comercial. — Precisei vir aqui na comemoração e me certificar pessoalmente — brincou.

Todos da empresa riram, o esperado. Afinal, não costumava tomar decisões por impulso.

Ri, mas estava preocupado. Não tirava os olhos da direção por onde seguiram as duas. Retirei a carteira do bolso a colocando sobre a mesa, aliviando meu pau esmagado dentro das calças.

— Eu vou ao banheiro e já retorno — justifiquei e saí apressado.

Cheguei a tempo de pegar no braço da Roberta, e impedir que entrasse no banheiro feminino.

— Preciso falar com você, Roberta — falei a encostando na parede ao lado da porta.

Ela grunhiu, inconformada, puxando o braço e segurei mais apertado.

— Me larga que vou dar na cara daquela vaca. — Seu ciúme era tamanho, que seus lábios finos expeliam a saliva, cujo alvo era o meu rosto. Arqueei, desviando.

— Não vou permitir um show aqui no restaurante, depois a gente conversa direito.

— Por isso você me recusou hoje de manhã, não é mesmo?

— O motivo é porque estou com muitos problemas pendentes a serem resolvidos, e conto com a sua cooperação.

Jogando a cabeça levemente para trás, ela explodiu numa risada histérica.

— A vagabunda te laçou com uma gravidez indesejada, é isso? — ria achando graça daquela possibilidade. Ela perdeu a paciência de esperar por uma resposta. — Não seja idiota, Henry! — Erguendo as mãos, moldou meu rosto, pressionado com furor. — Gravidez não obriga ninguém a se casar. — Sua voz saiu abafada, os olhos marejaram.

— Preciso de sua colaboração. — Fechei meus dedos em seus pulsos. Olhando nos fundos dos seus olhos, cintilando pelas lágrimas. — Seja paciente que logo tudo voltará a ser como era antes — afirmei. — Não cause aqui no restaurante, por favor!

— Jura? — Num impulso, ela avançou um passo e inclinou a cabeça com a intenção de me beijar. Evitei seus lábios encostarem nos meus, segurando em seu queixo, mas não dela sentir minha ereção a ponto de bala pela Sacha. Suspirou. — Estou morrendo de saudades dele — sussurrou ofegante e descendo a mão, seus dedos se fecharam ao redor dele, sem me causar nenhum sentimento.

Segurei em sua mão e a afastei.

— Aqui não!

E então Sacha nos flagrou ali, ao sair pela porta.

Ela me olhava com mágoa e desprezo, enquanto eu a olhava em um tom de pedido de perdão.

— Não demore para resolver com ela, tudo bem? — humilhou Roberta, dirigindo um olhar enojado sobre a Sacha.

E então pegou o corredor em direção ao restaurante.

Respirando desapontada, Sacha seguiu pelo mesmo percurso.

— Não vai a lugar algum até eu explicar detalhadamente o ocorrido aqui. — Catei seu braço a trazendo de frente a mim.

Sentir seu hálito quente acariciando meus lábios levou-me ao ápice do desejo, e seu olhar arrogante sobre minha pessoa, ao topo do incômodo.

— N-não precisa gastar seu precioso tempo comigo. Nada do que aconteceu aqui me afeta. — Tentava manter a frieza na voz, no entanto, fracassou. O tom tremido e ressentido a denunciava. — Estou ciente a qual papel eu presto na sua vida.

Seu olhar me envolvia de um jeito tão intenso, assim como suas palavras, forçando uma indiferença, causaram um conflito generalizado dentro de mim. Havia uma necessidade imensa em entendê-la melhor. Num impulso vigoroso a trouxe para mais perto e engoli duro, com nossos peitos unidos. O movimento brusco espalhou seu perfume, infestando meus pulmões.

— Não faça isso comigo, por favor! — balbuciou ofegante, com seus olhos azuis vagueando pelo meu rosto, e estacionaram em meus lábios.

“Meu Deus, o que esta mulher faz comigo?”, pensei vivendo uma confusão interna, excitado. Só de olhar para ela, meu sangue literalmente esquentou. E não resisti.

Impaciente, levei minhas mãos ao seu rosto delicado e belo e a beijei com força, com urgência, num desespero que não cabia em mim, a empurrava contra a parede, prensando-a ali, gemendo, sentindo a dureza em seu ventre.

— Ahhh... — segurando meus pulsos, ela gemia, arqueando o quadril contra minha ereção, querendo mais contato. Abaixei o suficiente e o cavei sobre o vestido, arrancando gritos de desejo dela.

Não entendia esta junção de coração e tesão. Ele batia forte e quente dentro do meu peito, meu pau latejou, incontrolavelmente, dolorido. Podíamos ser pegos no flagrante, então, aflito por um instante a sós com ela, avancei os passos; entendendo minha intenção, ela recuou os mesmos. E entramos no banheiro com nossos lábios colados. Um comendo a língua do outro.

— Quero sentir você, Sacha! — sussurrei angustiado, mordendo o lábio inferior.

Todas as portas abertas indicavam que tínhamos a privacidade necessária. A impulsionei dentro de uma delas, mal fechei a porta e já agarrei sua bunda, esmagando-a contra mim. Beijamo-nos sôfregos, naquela pegada fantástica. — Você é muito gostosa, Sacha! Espera... — Tirei a minha câmera, em seguida a dela, enrolei bastante papel higiênico, e joguei no canto. Tarado, subi seu vestido

com pressa, infiltrando meus dedos pelo elástico da calcinha na bunda, e estremeci maluco encontrando tudo muito molhado. Ela oferecia tudo, empinando bem aquela bunda deliciosa. — Ela é perfeita para mim — rosnei bolinando gostoso, a sentindo tremer envolvida em meus braços.

— Ah... — enlaçando os braços no meu pescoço, ela gemeu entorpecida quando penetrei duramente o dedo nela, comprimindo seu corpo contra o meu. — Você é o meu maior pesadelo, Henry! — reclamou em voz contida, abafada de desejo. — Não sei como fazer para resistir a você — declarou me incentivando.

Louco, catei o tecido da calcinha e puxei, arrancando-a do seu corpo.

— Não é para resistir — disse recuando e desci rapidamente as alças do vestido, observando-o cair até a cintura. Secando aqueles seios fartos, empinados, fiquei insano de vontade de chupar; caí de boca em um, depois no outro, deslizando os dedos na sua excitação. Com os dedos embrenhados por entre meus cabelos ela suspirava profundo, cada vez mais molhada. — Estou viciado em você! — confessei, não teve jeito.

Latejando desesperado, abri o cóc e o zíper da calça o sacando para fora.

— Céus! — ela exclamou com os olhos transparentes de tesão e a respiração encurtada. E fechou os olhos por um segundo; e no outro, as pálpebras se abriram dificultosamente. E então ela balançou a cabeça no sentido negativo. — Não podemos. — Deu alguns passos fugindo de mim, e abaixava atrás da alça do vestido, mais do que rápido, agarrei em seus cabelos atrás da cabeça e ergui-a até nossos olhos se encontrarem.

— Agora eu lhe peço! — desejando-a ardentemente, eu murmurei quase sem fôlego, tamanho as batidas do meu coração. — Encarecidamente, não faça isso comigo — pedi com a outra mão me masturbando. Seus olhos pararam por um minuto nele ali, pulsando nitidamente. — Por favor! — roguei.

Ela relaxou o corpo me deixando guiar a sua cabeça, quando seus lábios quase o abocanharam, ouvimos vozes femininas entrando no banheiro.

Assustada, ela acertou sua postura colando as costas na parede.

— Calma! — articulei com os lábios sem emitir som.

Seu peito movia ultra-acelerado, enquanto seus olhos fixaram no meu pênis brilhando, de tão rígido, podia ver a pulsação nas veias dilatadas. E o meu peito estava na mesma sintonia, com meus olhos fazendo um tour pelo corpo repleto de curvas.

Eu a desejava a todo custo, e faria qualquer coisa para tê-la em meus braços.

Faminto, sedento, já orava mentalmente na esperança das invasoras darem no pé, queria foder bem forte com ela, como nunca fodi antes. E nada da mulherada sair.

Inesperadamente ela pegou minha mão, e um sorriso sapeca desprende de seus lábios enquanto levava-a para debaixo da sua saia.

— Eu quero sentir você me tocando — articulou sem som, direcionando minha mão em sua vagina, desejosa encharcada, e a outra sua mão passava pelo meu membro macio, ali suspenso, provocando fortes arrepios e fechou os olhos respirando profundo.

— Eu preciso de você! — baixinho, supliquei louco em tom rouco, todo arrepiado, tremendo escorregando na inundação quente. E a mão livre esfregava os bicos intumescidos com o indicador e polegar.

— Tem preservativo? — Compreendi o movimento dos seus lábios. Neguei de cabeça, lembrando da carteira esquecida sobre a mesa. — E agora?

— Eu confio em você — deixei escapar, receoso dela declinar.

No meu limite, e acho que do dela também, levei as mãos em sua bunda, a trazendo para o meu colo. Beijando minha boca com sofreguidão, ela abraçou meu pescoço entrelaçando suas pernas na minha cintura.

— Eu não confio em você — sussurrou comigo segurando no seu quadril e a ergui o suficiente para encaixar no canal, arroxado e quente, e empurrei de forma imprudente, forte, entrando duramente nela. — Ah... — gemeu mordendo meu lábio inferior, quase arrancando os fios dos meus cabelos na nuca. — Mas eu não quero parar agora — declarou empunhando o quadril para baixo, o sentindo entrando rasgando, a preenchendo com ansiedade.

— Tão quente... — rugi.

— Como é gostoso sentir você me invadindo, Henry! — Hoje ela resolveu se soltar, e eu estava amando esta nova Sacha, eu pretendia dar-lhe o melhor.

Quase comíamos a língua um do outro; quando escorei minhas costas na parede, seu corpo subia e descia escorregando no meu pau, proporcionando sensações maravilhosas e únicas, algo desconhecido para mim.

Suávamos, a nossa alta temperatura corporal, comigo estocando rigoroso, sem trégua. As portas bateram e o silêncio reinou.

— Mete mais forte, mais forte – ela implorava com seus gemidos em meus lábios, e agora altos.

Acelerei os movimentos, arrancando gritos prazerosos da mulher e me levando ao meu limite.

— Estou gamado em você, solta deste jeito. — Pressionava seu quadril para baixo, enterrando tudo, sua vagina o envolvia apertado, o estrangulando. Os espasmos indicavam um orgasmo muito próximo.

— E eu não sei como resistir a você... — Suspirou afastando dos meus lábios e retirou alguns fios de cabelos do meu rosto. — Ah... — eu mandava ver, sustentando seu olhar me encarando. Ficamos assim por alguns instantes. Senti algo tão profundo, gostoso, que não sabia definir. E sem nenhuma palavra, ela recomeçou um beijo, ainda mais selvagem, rebolando gostoso nele. Muito excitado, dava leves tapas na bunda firme; e movimentava forte e rápido quando ela estremeceu, se contraindo e me abraçando forte.

— Você é foda! — elogiou vindo beijar a curva do meu pescoço, mordendo o lóbulo da minha orelha, me levando ao limite.

— Eu quero gozar dentro de você. — Suspirei me segurando. Ofegando, ainda em total transe, ela movimentava a cabeça dizendo não. — Diga sim — insisti a apertando para baixo, enterrando o máximo dentro dela, prestes a estourar.

Ela agarrou meu pescoço com força grudando nossos peitos, nossos corações na mesma batida, na mesma temperatura, e claro, não deu outra:

descarreguei uma quantidade enorme de sêmen dentro dela, beijando seu queixo e pescoço.

Então afastei, perambulando em seu rosto exausto, pensativo. Chegando à conclusão de que de fato ela tocava no meu íntimo.

Quando a coloquei em pé no chão, ela mal conseguia respirar. Via tanta meiguice nela, levei meus dedos à testa e desci por sua face.

— Por que está me tocando assim? — a questão saiu junto a um suspiro fraco.

— Não sei! — A envolvendo em meus braços, tomei seus lábios num beijo calmo, molhado e nosso! Diferente de todos que já demos. E não estava com a mínima vontade de soltá-la.

Ela era, sem medo de me enganar, a mulher mais perfeita que já conheci na minha vida.

Capítulo Vinte e Um

SACHA

Meu coração se exaltava com todo seu carinho. Sua saliva estava com um novo sabor, e era divina. Mas estava ciente do meu lugar na vida dele, e não podia me enganar de jeito nenhum.

A preocupação deveria ser estar caminhando por este terreno minado, prestes a pisar em uma bomba e explodir. E agora mais do que nunca!

Não creio que autorizei ele gozar dentro! Um absurdo sem precedentes. Estremeci em choque.

Notando, ele soltou meus lábios e focou meus olhos, pensativo. E claro, amoleci, sendo atacada por fortes emoções.

Ruídos de portas seguidos de saltos batendo no piso desviaram a nossa atenção.

— Oi, pessoal! — A voz da Danielle preencheu o ambiente. Procurando fazer o menor barulho possível, Henry me desceu de seu colo. Com meus pés firmes no chão pendi a cabeça, repousando sobre o peito arfante megaperfumado. — Estou dando uma passadinha rápida para avisar que o Raphael está indo embora. Ah, não se esqueçam de recolocarem as câmeras, ok? — complementou sarcástica.

Erguendo minha cabeça, nos encaramos e rimos no silêncio, ouvindo os passos pelos pisos, se afastando.

Como duas crianças levadas, nos recompomos.

— Henry? — pronunciei em um tom aflito, espalmando seu tórax, o impedindo de abrir a porta.

Precisava de um contraceptivo urgente.

— Tranquelize-se! Filhos não estão nos meus planos — como se lesse meus pensamentos, ele antecipou trazendo a mão em forma de concha em meu rosto. Ergui as sobrancelhas com sua inesperada direta. — Chegando em casa, eu chamarei um médico amigo da família. — Abri um sorriso chocado, e não pelo que ele falou, afinal, a preocupação era a mesma que a minha, e sim, pelo jeito como falou. Uma indiferença de doer o coração. — Deixa olhar o movimento antes de sairmos — instruiu abrindo a porta. Colocou a cabeça para fora, averiguando se, de fato, estávamos sozinhos. — Vamos! — Entrelaçando seus dedos da mão nos meus, levou-me para fora.

Caminhávamos apressados e quietos pelo corredor e assim seguiu até alcançarmos o restaurante, preenchido com o som de música romântica, com muitos fotógrafos ainda presentes.

A tristeza se instalou em mim, me sentia péssima em pensar na minha posição na vida dele. Era duro e magoava ser alguém sem nenhuma importância. Passava até pela minha cabeça cair fora disso tudo, fugir deste sentimento que crescia assustadoramente, a cada dia mais. Mas do que adiantaria? Que vida eu teria? O Henry tinha razão. Lá fora não existia liberdade para mim, teria que viver me escondendo. O Ivan preso era esperança de uma liberdade ampla, e não só para mim. A todos. O melhor a fazer seria engolir a mágoa e colaborar. Ponto final!

— Desculpe te apressar, Henry! Não queria ir sem me despedir — Raphael, na sua simpatia, humildade e elegância gerando fortes atrações nas mulheres no ambiente, se levantou da cadeira já com os braços abertos, se propondo a abraçar Henry, que retribuiu como se fossem amigos íntimos.

— Valeu, Raphael! — Henry batia levemente nas costas dele. E flashes e mais flashes registravam o abraço.

Naquele instante, a ideia de deixar a Jussara e meu pai fora desta minha fase complicada caiu por terra. A esta altura nosso relacionamento devia ser o assunto do momento, em todos os veículos de comunicação.

Ferrou!

— Foi um grande prazer te conhecer, Sacha! — Fui a próxima a ser

abraçada.

E como o homem era perfumado!

Sentamos à mesa e interagimos com todos. Depois da saída do Raphael, a imprensa foi embora; contudo, o Henry manteve a distância. Todos em algum momento saíram da mesa para dançarem, eu não recebi um único convite. E nem sei por que estava abalada! Como ele disse a tal Roberta: “Prometo que logo tudo voltará ao normal!”.

Normal para ele, que não nutria nenhum sentimento por mim.

— Henry, peça aquele vinho maravilhoso ao garçom, por favor! — odiosamente pedante, a requenguela da Roberta fez questão de quase gritar do outro lado da mesa, fazendo questão em demonstrar o quanto o laço entre eles era estreito.

— É claro! — A voz rouca e atenciosa dele partiu meu coração ao meio.

Agora eu estava encrencada.

Vou precisar dançar como uma bailarina profissional a fim de arrancá-lo do meu peito.



Entramos no carro e ele ligou para médico, amigo da sua família, solicitando uma visita em sua casa. Porém, o médico não podia comparecer, e sugeriu passarmos em seu consultório. E, o nosso percurso foi alterado. Ele indicou a contracepção de emergência como alternativa.

— A possibilidade de uma gravidez não planejada não existe mais — comentou ao atarmos o cinto de segurança.

Não sabia definir meus sentimentos, eram contraditórios demais: sentia alívio, como também rejeição.

Enfim, pegamos o caminho de sua casa; durante todo o trajeto ele manteve

seu olhar na avenida, o perturbador silêncio alastrado dentro do carro parecia cheio de significado. Embora estivesse curiosa, não abri minha boca.

Com os braços cruzados sobre meu peito, eu avaliava todos os acontecimentos. Fechei meus olhos por alguns instantes, vasculhando outro caminho dentro de mim e o único encontrado foi o aterrador da crucificação.

Aceita que dói menos, Sacha!

O balanço do carro, o silêncio da noite e tudo se apagou. De repente sou submetida a uma brisa gélida batendo em meu rosto. Abri meus olhos constatando que estava em um beco escuro, e fui caminhando até que, ao longe, avistei a entrada do Lar Amparo; e por ele, entravam vários homens, muito bem armados. Foquei no último homem, o porte físico soava familiar e bastou um olhar mais atento no rosto dele para reconhecer o Ivan.

— NÃO! — berrei, e desatei a correr na direção do orfanato quando o Ivan abraçou a minha cintura, colando minhas costas em seu peito. A outra mão tapou minha boca fortemente, a ponto de evitar a passagem de ar aos meus pulmões. E esboçava aquela sua gargalhada demoníaca.

Sufocada sem poder gritar, eu sacudia a cabeça negativamente, enquanto as lágrimas rolavam em abundância pelo meu rosto.

— Sacha? — Ouvi a voz rouca e profunda ao longe quando a lua reinou no céu clareando o horizonte, e neste instante avistei a silhueta que sabia ser do Henry. — Sacha? — Abri meus olhos ao segundo chamado, me deparando com o rosto másculo. Com a porta do passageiro aberta, ele estava agachado ao meu lado e acariciava meu rosto. — Foi apenas um pesadelo — explicava com ternura.

— Estou com medo, Henry! — confessei derramando meu pranto.

— Calma, calma, eu estou aqui com você. Vem cá, meu bem. — Seus braços me envolveram num abraço forte e aconchegante, acariciando levemente meus cabelos nas costas.

Meu coração, acelerado de medo, errou a batida ao ouvi-lo me chamar de meu bem.

— Acho que não posso continuar com isso, não tenho estrutura.

Ele não falou nada, apenas me apertou mais em seus braços e beijou o topo da minha cabeça.

— Vamos entrar! — De um jeito cuidadoso, ele me pegou no colo.

Prendi a respiração, confusa com aquele gesto. Ele nunca usava o elevador, e desta vez utilizou. O corredor dos quartos estava vazio, então ele caminhou comigo até em frente à porta do quarto dele, se deteve ali em frente a ela olhando-me visivelmente triste.

— Se você disser agora que não quer entrar no meu quarto e pretende desistir do acordo, eu compreenderei, e liberarei você.

Fui pega de surpresa com sua gentileza, sem julgamento ele dava-me a oportunidade de decidir. Um gesto como este quebrava as pernas de qualquer um. Sem forças, ainda afetada emocionalmente e psicologicamente pelo sonho horrível, cedi.

— Talvez possamos confabular mais um tantinho — pronunciei num fio de voz.

O sorriso satisfeito mais lindo do mundo plantou em seu rosto, junto aos braços fortes me atarracando mais a ele.

— Abra a porta para a gente, vai! — sussurrou em meu ouvido.

Obedeci e regressei o braço ao redor do seu pescoço. E instintivamente acariciava seus cabelos.

Ele me colocou em pé ao lado da cama.

— Você se sente melhor? — perguntou, colocando as mechas caindo ao redor do meu rosto atrás das minhas orelhas. Assenti, ainda estranha com o sonho. — Ótimo! — Seus dedos hábeis tiravam a câmera da minha roupa, em seguida tirou a dele e as desligou. — Pendendo a cabeça até meu ouvido, cochichou: — Só um instante que vou desligar todas as câmeras instaladas aqui no quarto.

— Pronto! — Retornou com aquele olhar decidido.

— Desculpe a minha fraqueza — desatei a falar envergonhada. — Como você mesmo mencionou inúmeras vezes, só terei paz com o Ivan encarcerado. E está coberto de razão em querer a sua vida de antes de volta.

— Como chegou a esta conclusão, Sacha? — comprimindo o olhar intrigante, perguntou repousando suas mãos em meus ombros.

— Ouvi você dizer a Roberta. — Ele sacudia a cabeça no sentido de um *Não?* — Mas não é isso que gostaria?

— Não! — olhando-me intensamente, ele foi taxativo. Arfei com uma onda de questões em minha mente. — Gosto da sua companhia, gosto de olhar para você, gosto do seu cheiro. — Me abraçou muito forte, tanto que mal conseguia respirar. No entanto, estava tudo bem, estava amando aquele contato, suas palavras, tudo! — Nós lutamos por um bem comum, não é mesmo? — sussurrou em meu ouvido. Confirmei meneando a cabeça, e ele beijou a lateral dela carinhosamente. — Ambos seremos favorecidos com a prisão do Ivan, então por que não fazer destes momentos os mais prazerosos? — perguntou soprando meus cabelos.

— Eu topo — balbuciei.

— Então vem comigo, nós precisamos descansar. — Envolvendo seus dedos nos meus, ele me guiou até o lado da cama, fechei meus olhos enquanto ele me despia, e depois tirou sua roupa. Tirou o lençol e tão logo me acomodei, ele se deitou atrás de mim nos cobrindo. Então, passou um braço por baixo do meu corpo e o outro por cima, me abraçando forte contra seu corpo viril, quente e delicioso. Aquela posição de conchinha nos fazia próximos. — Nossos dias daqui por diante serão mais tensos — levantando um pouco o tronco, falou baixinho em meu ouvido.

Estremeci e por duas razões: medo do sonho significar uma premonição; e desejo por ele ali atrás, respirando forte no meu ouvido e esfregando seu volume avantajado e duríssimo na minha bunda. Fechei meus olhos, apreciando as batidas agitadas do seu coração às minhas costas.

Ele é um sonho!

— Talvez eu não tenha toda essa importância que vocês acreditam na vida do Ivan. — É o meu maior sonho.

— Já te falei sobre as informações de um dos comparsas presos, ele confirmou o apego emocional com a senhorita. — Senti ele roçar a ponta do nariz, carinhosamente, pela minha bochecha.

Meu coração ardeu com aquela onda de arrepio pelo meu corpo.

— E se for o contrário?

— Se for o contrário, não fará a menor diferença. Valeu muito a pena conhecer você. — Meu coração saltou à sua revelação.

Pois ele pareceu estar sendo extremamente sincero. Ou não?

De qualquer modo eu comecei a rir como uma boba e a tremer, com suas mãos envolvendo meus seios, e os apertando com vigor. Gemi baixo, com a sensação de ter sido ligada em uma tomada de alta tensão. Fiquei completamente atizada.

— Tem seios incrivelmente maravilhosos, Sacha — murmurou em meu ouvido, descendo as mãos e seus dedos se fecharam em minhas coxas, que atrevidas subiam, exercendo uma pressão prazerosa contra ele. — Suas pernas são sensacionais — o elogio cheio de luxúria me dava tanto tesão, que chegava a doer.

— Ah — resmunguei engolindo duro, sentindo minha vagina contrair inteira quando o seu grande dedo relou nela, toda encharcada e sem a calcinha, os fluidos escorriam pelas partes internas das coxas, com ele massageando meu clitóris.

— Tão gostosa — escorregou e penetrou em seguida.

Eu apenas gemia, rebolando em seu dedo, com ele apertando meu corpo contra o dele, experimentando aquela ereção divina tocando minhas coxas e esfregando. Maluco, beijando meu pescoço encaixou a cabeça robusta.

Parei de respirar.

O fervor estava imenso dentro de mim, mas ainda assim, seria mais prudente resistir a tudo àquilo.

— Sem preservativo não vai rolar desta vez — estipulei num fio de voz, e trêmula, e o agravante: sem a mínima convicção.

Respirando forte, afundou o rosto na curva do meu pescoço.

— Não há tempo de procurar um, Sacha! — suspirou trêmulo. — Estamos em um quase reality show. Observados dia e noite e eu preciso de você mais do que nunca — dizia em desespero, me deixando numa situação complicada, com meu corpo vibrando, incontrolavelmente, o desejando. — Está segura, eu prometo! — insistiu, na tentativa de me convencer. — Tomou a medicação, e você é a primeira a mulher que arrisquei transar sem camisinha.

“Que doce!”, pensei, suspirando com os olhos fechados.

— Como eu! Você é o único cara com quem transei sem proteção — disse apenas, omitindo sobre ele ter sido o meu segundo, e o último com quem transei. Deixei rolar, afinal aquele clima de romance era tudo de bom, e me permiti aproveitar ao máximo.

Desesperado, beijando e chupando o meu pescoço ele foi empurrando devagar, penetrando gostoso. Minha vagina se abria, o abraçando enquanto eu me contorcia, toda arrepiada.

— Isso é muito bom! — ele sussurrou baixinho no meu ouvido, naquele vai e vem lento e profundo, amassando meus seios sem machucar, esfregando meu clitóris.

Gostoso era pouco, sentindo seu corpo contra o meu, o seu rosto no meu pescoço, seus lábios chupando, mordiscando e beijando minha pele, eu fiquei excitada demais, com ele estocando maravilhosamente, estava amando o momento. Uma foda diferente das outras, havia muito carinho em meio a luxúria, eu sentia que sim.

Tão envolvida na relação, muito mais do que sexual com ele, meu corpo reagia no limite do prazer: começou a formigar, meu coração acelerar, meus olhos escureceram e uma explosão ocorreu no meio das minhas pernas. Um orgasmo violento e esmagador, sentia as paredes internas comprimirem seu

membro crescendo dentro de mim, o fazendo tremer ao extremo e afundar até o máximo.

— Ohhh! — rugiu, e logo senti sua ejaculação intensa.

Ofegantes, permanecemos engatados, e abraços.

— Caso você adormeça antes, boa noite! — ele cochichou no meu ouvido.

Virando meu rosto, ele abriu um sorriso exausto, porém, maravilhoso.

— Boa noite! — balbuciei encantada com seu rosto cansado. Ganhei um saboroso selinho nos lábios e voltou à posição.

Envolvida naqueles braços fortes, aos poucos, meu corpo cedia ao cansaço e logo adormeci.



Despertei com aquela sensação deliciosa de plenitude, rolando na cama, deitei de costas e abri meus braços encontrando os lençóis vazios ao meu lado. Tinha muito o que pensar, mas não queria. Foquei apenas nele, em nós, e foi quando olhei no relógio sobre o criado-mudo, já passava das dez da manhã.

— Droga! — Enrolada no lençol, tomei o rumo do banheiro e depois de um banho demorado, me vesti já pensando que acompanharia o senhor Adam à sua consulta médica. Me sentindo “A” mais desejada, escolhi um conjunto de lingerie muito sexy no tom azul-marinho, e me baseando nos raios solares entrando pela fresta da janela do closet, escolhi um vestido confortável de alça, o tecido era leve, na mesma cor da roupa íntima, porque dava um contraste legal aos dourados dos meus cabelos.

O movimento pela casa era apenas dos funcionários, segui à sala de jantar, apenas um lugar estava posto.

— Valentina? — a chamei assim que ela saiu pela porta da cozinha. — Onde eu encontro o senhor Adam?

— Estão todos à sua espera no escritório do senhor Henry — informou ela.

— Obrigada! — agradei e dei meia-volta.

— A senhorita não vai fazer seu desjejum? — indagou com preocupação.

— Depois.

Apressada, segui até o escritório, a porta estava entreaberta, dando o privilégio de avistar o Henry. *Lindo, lindo, lindo!* Vestia uma calça azul-marinho e camisa branca, sem gravata, ajustada no corpo e destacando os músculos do peitoral.

— Querida! — fui surpreendida àquele tom rouco e animado. Então ele veio me recepcionar à porta e, mais uma vez, fiquei surpresa, enrolando o braço na minha cintura, beijou minha face com uma ternura constrangedora. Pois todos nos olhavam.

— Por que não me acordou? — cobreí.

Ele sorriu tão bonitinho, varrendo os olhos pelo meu corpo.

— Dormia tão tranquila que fiquei com dó. — Deu-me mais um beijo e então entramos, e ele fechou a porta.

Toda a equipe estava espalhada pelo escritório. Danielle sentada na sala social com um laptop sobre o colo, de um lado estava o Leôncio, do outro o Herbert. Na poltrona à frente, o Bernardo fazia anotações em uma agenda. O Sr. Adam Stone perto da janela, com os olhos cravados sobre mim e o seu filho.

Cumprimentei a todos, quando Bernardo parou em meu rosto numa expressão insinuante. Henry me puxou pela cintura, me tirando da mira.

— Conseguiu o balanço de ontem? — Henry direcionou a pergunta a Danielle.

— Superou as nossas expectativas, o romance de vocês é notícia em todo o mundo.

— Yes! — Henry socou o ar em comemoração. — Logo a gente pega o

filho de uma mãe — finalizou sorrindo na maior confiança.

— Estamos empenhados — confirmou Bernardo.

— Então, enquanto vocês fazem um levantamento do sucesso da primeira operação, eu vou roubar a Sacha. — O senhor Adam se aproximou em sua cadeira e segurou em minha mão. — Podemos ir, querida?

— Claro!

— Antes, eu gostaria de trocar umas palavrinhas com a minha futura esposa, posso? — autoritário como costumava ser, Henry foi grudando na minha mão.

— Se não for algo demorado, eu autorizo — respondeu o senhor Adam, sarcástico.

Ele me arrastou para fora do escritório, em seguida escada acima. Corria comigo pelo corredor e alguns funcionários por ali riam com a traquinagem, e ao entrar no seu quarto, ele fechou a porta com os pés me tacando na parede, moldou meu rosto e me imprensando na superfície sólida, tomou meus lábios num beijo fervoroso.

— Você me deixa com muito tesão, Sacha! — sussurrou em meus lábios, e pendia a cabeça beijando meu pescoço, o colo e caindo de joelhos ergueu meu vestido desesperadamente, caindo de boca na minha calcinha encharcada. E suspirou. — Amo este seu cheiro.

Arqueou admirando quando apanhou o tecido e puxou, a rasgando em meu corpo, eu tremi na expectativa e arqueei o quadril quando senti seu dedo deslizando em meu ventre.

— Este corte é uma cesárea! — não perguntou, afirmou esfregando o dedo indicador por toda a cicatriz. — Ela não existia na noite do hotel.

Engoli duro e escorreguei para o lado, ajeitando o vestido no corpo.

— Você teve filhos nestes dois anos? — Seus olhos semicerraram especulativos.

— Se não sair neste instante vamos perder a consulta do seu pai — disfarcei.

Ele tombou a cabeça sobre o ombro, seus olhos corriam com total desconfiança pelo meu rosto.

— É do Ivan?

— Está dizendo um absurdo! — respondi, rindo à sua insistência e abri a porta.

Preparada para sair, ele segurou em meu braço.

— Ainda hoje a gente precisa conversar a respeito, tudo bem?

Assenti, tentando manter o autocontrole.

— À noite conversamos. — Então deixei o ambiente rapidinho.

Uma hora foi o tempo que levamos até a clínica, o senhor Adam, em sua expectativa, não percebeu o meu nervosismo.

Na clínica havia uma ampla recepção com poltronas confortáveis, posicionadas em fila no centro, e um balcão de atendimento à direita. Pegamos uma senha e logo fomos atendidos. Uma enfermeira solicitou para acompanhá-la, ela nos levou a um largo e longo corredor. Várias portas estavam abertas, dando-nos a visão de pacientes em tratamento.

Na sua avaliação, eu permaneci na sala de espera. Em determinado momento precisei ir ao banheiro e me lembrei que ao lado ficava o feminino.

Assim que cruzei a porta, a câmera se soltou da minha roupa e foi ao chão.

Droga! A recolhi, dei sinal e desliguei, por razões de privacidade, em seguida abri a bolsa de couro preta pendurada no meu ombro, e a joguei lá dentro.

— Ninguém merece ser observada e ouvida no banheiro.

Rindo, entrei para as minhas necessidades, e foi rápido.

Saindo no corredor, observei um homem saindo da última porta lateral e ficou ali, em pé de frente à janela. Seu olhar parecia perdido no horizonte, e eu perdida nele. Olhando-o de costas, aquele porte físico era muito familiar ao do meu pai.

Seria tão bom te encontrar, pai! Meu coração aqueceu de saudades, e foi neste entremeio que o homem, vestindo calça jeans e camisa mostarda se virou.

Incrédula, desabei em lágrimas levando as mãos à cabeça. Ele não parecia com o meu pai, ele era o meu querido pai.

— PAI? — Saí correndo pelo corredor.

— Sacha? — ele resmungou rindo, meio que desacreditado, e veio apressado ao meu encontro.

Me envolveu naqueles braços quentes e acolhedores. Sentia-me literalmente no paraíso.

— Pai — chorava em seu ombro, e ele no meu.

— Sacha, minha filha querida. — Suas mãos, mais ásperas, passeavam livremente por minhas costas. — Minha filhinha...

— Eu fui te procurar no seu serviço, mas eles disseram que o senhor tinha ido embora do Brasil, e...

— Natanael? — Paralisei ao ver sobre seu ombro a minha mãe, saindo pela mesma porta que ele saiu. — SACHA! — em pânico, ela quase gritou. Em seguida, seus olhos grandes e negros mudaram para meu pai, num pedido de socorro.

— Mamãe? — Largando meu pai, caminhava em sua direção.

— NÃO! — berrou ela dando com a mão, indicando que deveria parar onde estava. Ela veio a passos largos me encontrar. Não houve mudanças físicas nestes dois anos, ela continuava bela no seu corpo esguio e os cabelos sedosos. — Por que está aqui, Sacha? — E também não houve mudanças em suas atitudes para comigo.

Pela sua expressão, ela continuava me odiando.

— Eu vim acompanhar o Sr. Adam Stone numa consulta, o meu chefe.

— ADAM STONE? — notei a voz da minha mãe muito alterada.

— Sim, e vocês, o que fazem numa clínica de reabilitação de pacientes com lesão medular? — Pausei com milhões de suposições em minha mente. — Meu Deus!

Desviando dos dois, corria pelo corredor.

— SACHA, NÃO! — gritava minha mãe em total aflição, seguindo meus passos. — VOCÊ ESTÁ PROIBIDA DE ENTRAR NESTE QUARTO! — berrava chegando, seus braços esticados quase pegaram no meu braço, impedindo-me.

Quase! Ela não teve tempo.

Espalmando a porta, empurrei.

— Mônica! — murmurei tremendo, com meu coração disparado no peito. As lágrimas rolavam dos meus olhos como cachoeiras ao me deparar com a minha irmã naquela cama.

— Sacha! — Ela também chorava muito. Seus olhos negros brilhavam em contato com os meus.

— Por quê? — questionava chorando alto e em soluços. As minhas vontades eram tantas... magoada, destruída, tudo... eu queria xingar, queria brigar com o mundo. Mas eu estava feliz em ver minha irmã viva, respirando. Independente de tudo, o amor que sentia por ela, pela minha família, era incondicional, sempre foi. Deixei a minha vida de lado e vivi a dela, por ela. Se eu estava certa ou errada, não importava. Eu apenas seguia o meu coração. — Mônica? — Aproximei-me da cama muito ofegante, com meu batimento cardíaco, a nível de enfartar.

Havia mil perguntas a fazer, mas a emoção engoliu todas as minhas palavras, as lágrimas descontroladas corriam pelo meu rosto em abundância, de alegria.

— Vem cá! — Saudosa, não pensei duas vezes, curvei-me sobre ela, envolvendo seu corpo sem movimentos em meus braços. Um abraço forte, quente e único era o nosso.

Ambas chorávamos mais e mais.

Meus pais entraram no quarto, porém, ambos seguiram quietos e em prantos, assistindo a nossa cena. Era indescritível os sentimentos de ver minha irmã bem... Apertava seu corpo contra o meu a enchendo de beijos, muito aliviada.

— Por quê? Revoltada com a sua morte, eu cheguei a renegar Deus.

— Não foi escolha minha, eu juro — justificava em meu ouvido.

— Eu, como mãe, decidi! — minha mãe afirmou com segurança.

Sacudindo a cabeça, ria cética,

— Não tinha este direito, mãe! — cobrei revoltada. — Me fez sentir culpada por não ter estado no velório da minha irmã, e o papai? Não pensou nele nem por um segundo? Você é uma pessoa muito cruel, dona Adele!

— Não, filha! — Transtornada, ela veio segurar em minhas mãos. — O Ivan ligou ameaçando e vocês estavam fora. Não havia tempo para nada, além de salvar a sua irmã. — O dinheiro roubado do Ivan eu usei para forjar o enterro, e para os melhores tratamentos dela. Tenho fé de que ela vai conseguir uma qualidade de vida melhor — explicou-se sem nenhuma demonstração de arrependimento, ao contrário. O orgulho a definia. — E quando me ligou avisando que estava fugindo da casa do Ivan, colocou a minha vida em risco. Eu morta, sua irmã também morreria. Vim com ela para São Paulo e nos escondemos em um sítio, no fim do mundo.

Inspirando, soltei minha irmã. E endireitando o corpo, travei um olhar pensativo, ela continuou:

— Não me julgue, por favor, Sacha! — pediu olhando minhas lágrimas escorrerem pela minha bochecha. Passei meu braço secando as lágrimas. — Eu não podia deixar sua irmã totalmente indefesa cair nas garras daquele monstro do Ivan. Se eu não agisse assim, ela não teria uma chance.

Comprimi meus lábios e olhei para o meu pai.

— Até uns dias atrás, eu também acreditei que a minha filha estava enterrada — revelou ele, na mesma emoção.

Se pontuarmos as atitudes de cada um de nós, veremos que de alguma forma, todos nós erramos. Inclusive eu, sempre soube do paradeiro do meu pai e nunca o procurei. Não suportando todo aquele peso sobre as costas, meu pai buscou alívio se afastando. Minha mãe, por nenhum momento pensou nela; para salvar a Mônica, abriu mão até de mim. E eu não considero sua atitude como preferência, e sim, sobrevivência. Hoje, compreendia profundamente o que era um sentimento de uma mãe por um filho, na situação dela, eu também seria capaz de qualquer coisa.

Todos nós erramos e sofríamos com tudo àquilo.

— Não estou apta a fazer julgamentos. Porém, estou em condições de afirmar que todos nós fomos vítimas do Ivan. O tirano nos obrigou a pegar uma trilha radical em nossas vidas. — Virei o rosto encarando minha irmã. — O fato de você estar viva é uma alegria imensa. — Ela sorria emocionada.

— Eu me odeio, irmã. Ferrei com a vida de todos vocês.

— Mas eu não te odeio, Mônica. E não pense mais assim! O importante agora é focar no seu tratamento, e eu vou participar de cada minuto dele. Será maravilhoso testemunhar a sua evolução. — Meus pais se entreolharam, e estranhos, fitaram meu rosto. — Falta pouco para tudo acabar, a prisão do Ivan é questão tempo — comecei toda entusiasmada. — Estou passando por noiva do Henry Mantovani Stone, como uma isca para atrair aquele bandido...

— Está errada, Sacha — interveio minha mãe com determinação. Caminhando em minha direção, ela pegou em meu braço. — Nós vimos você na TV com o filho do homem que destruiu a organização do Ivan. Tem que parar com isso agora, querida! — Franzi a testa, perdida em seu raciocínio. — Não pode querer atrair o Ivan novamente à sua vida. Ele é um bandido poderoso, não o subestime. — Baixei meus olhos pensativa. — Não percebe que está cavando a própria cova?

— Eu concordo com a sua mãe, Sacha — abonou-a meu pai, se posicionando ao nosso lado. — Eu ia te procurar ainda esta semana para

aconselhá-la a sair deste jogo. Agora que estamos unidos, vamos desaparecer no mundo.

As engrenagens do meu cérebro me levaram até os braços do Henry, nossos momentos especiais e meu coração apaixonado se apertou, de um jeito tão intenso, que perdi o fôlego.

— Se decidir ir em frente com este plano, então estará escolhendo ficar longe da sua família — complementou minha mãe à minha reflexão silenciosa. Ergui a cabeça a encarando, perplexa. — Não podemos correr o risco, querida, você precisa escolher.

— Nem você pode se arriscar assim, Sacha — emendou Mônica. — Eu conheci o Ivan melhor do que ninguém, e asseguro: ele é um monstro. E mesmo que o plano dê certo, outros Ivans virão. Os herdeiros do crime costumam buscar vingança, a coisa é rotativa, não acaba nunca. E como será sua vida depois? Este Henry vai seguir com a vida dele e você ficará sozinha e desprotegida. — Ela sacudia a cabeça em prantos. — Chega dessa merda e vem com a gente, maninha. Eu preciso da oportunidade de ficar perto de você, tenho milhões de coisas para explicar, milhares de perdões, que uma vida toda seria insuficiente.

Estava com o meu coração dividido, mas ela estava com a razão. Eu representava apenas negócios ao Henry. Debrucei sobre ela e a abracei forte.

Não podia perder a chance de estar com a minha família! E não estava pensando somente em mim.

— Eu vou com vocês! — afirmei, endireitando o corpo. — Escolho a minha família.

— Maravilha! — Respirando aliviado, meu pai veio pegar na minha mão e na da Mônica. E minha mãe veio com seus braços abertos por trás, nos abraçando.

— Não acredito que a nossa família está unida novamente — ela chorava numa felicidade incontida. — Ainda bem que você escolheu a nós. Tenho muito ainda a explicar, minha filha. — Beijou a parte de trás da minha cabeça.

— Quando pretendem partir?

— Hoje à noite! — minha mãe foi decisiva.

— Vão abandonar o tratamento de reabilitação? — quis saber.

— Vou partir para um novo tratamento. Descobrimos um novo tratamento que está sendo estudado em uma clínica no exterior, já me cadastrei como voluntária dos experimentos — explicou Mônica, confiante. — Só estamos aguardando os trâmites legais das documentações.

— Então, saindo daqui, vou direto pegar meus documentos, e tudo que eu preciso. — Minha mente já arquitetava meus passos. Deixaria o senhor Adam na casa dele e na surdina, eu iria ao orfanato. Pois lá estava tudo o que necessitava nesta vida.

Minha mãe me deu o endereço onde eu poderia encontrá-los. E meu pai me acompanhou até o corredor.

— Tem uma panificadora na avenida de trás, que tal tomar um café com o seu pai? — sugeriu.

— Adoraria!

Com as mãos em minhas costas, guiou-me em direção a uma porta de metal e a abriu. Acessamos um pequeno hall e seguimos até uma porta, dando acesso a uma avenida. O movimento de veículos estava bem intenso. Em quinze minutos de prosa, ele confidenciou o seu sofrimento nestes últimos anos. Tentei especular para onde iríamos, ele não deixou vaziar esta informação, alegando precaução.

Então voltei à sala de espera. O senhor Adam estava ali, ele gesticulava, nitidamente nervoso com o celular no ouvido.

— Sacha! — exclamou com extrema preocupação. — Está tudo bem, ela está aqui — avisou a pessoa do outro lado da linha. Desligou e fitou-me curioso. — Onde você estava?

— N-o banheiro... — gaguejei.

— E sua câmera, querida?

Abri a boca sorrindo.

— Ah! — Abri a bolsa a pegando lá de dentro e a liguei. Já armando mentalmente meu plano de fuga. — Ela não está encaixando bem na roupa, e caiu a caminho do banheiro — menti. — Estava tão apertada que a joguei dentro da bolsa para colocar depois. Talvez eles precisem trocá-la por outra. — Propositalmente, a encaixei de mau jeito.

Ela ficou evidentemente dependurada.

— Estavam todos muito aflitos, minha querida — relatou pegando na minha mão, e na sua gentileza incrível, levou aos lábios e deu um beijo paterno. — O Henry já estava vindo para cá.

Henry, Henry! Naquele instante fui consumida pela dor.

Partir com a minha família era crucial, e meu coração doía se recusando em deixá-lo.

— Acho melhor tirar a câmera se não pode perdê-la — avisou ele olhando-a pendurada.

— Pessoal? — chamei olhando para aquela peça minúscula, entre meus dedos. — Por receio de perdê-la a guardarei na bolsa, acho que o tombo a danificou. — Pisquei, e quando a guardei, desativei o áudio.

O monitoramento intenso sobre mim e o Henry vinha das câmeras que usávamos em nossas roupas, nas espalhadas pela casa. E os agentes disfarçados que faziam nossa segurança pelas ruas. Levantando todo o esquema, o ideal seria sair da casa vestida com a roupa da funcionária Virginia. Suas roupas extravagantes, bem coloridas e a costumeira touca, seria o disfarce genial, ninguém perceberia. Sairia pelo portão de aço ao lado da edícula, quando apertasse o interfone, eu viraria o rosto, eles irão acreditar que é ela. Só precisava dar um jeito na câmera da edícula, e prender a moça.

Era só aguardar a troca do turno, e não demoraria a acontecer.

Como planejei, saí da casa com sucesso.

Como sempre, fui apoiada pela Madre, nem fez muitas perguntas. Dali, fomos direto ao endereço onde eu era aguardada pela minha família. Aproximadamente a cem quilômetros da clínica onde fora nosso reencontro. O

endereço nos levou a um sítio rodeado por uma densa e alta vegetação, como mencionou minha mãe: no fim do mundo, distante da civilização.

O táxi parou em frente a uma casa sem reboco, os tijolos aparentes.

Com um braço segurava o Gabriel, deitado com a cabecinha no meu ombro, dormindo; e com a outra mão, segurava firme na mãozinha da Isadora.

— Bate na porta, querida — pedi a Isadora. Antes, ela arqueou a cabeça, seus olhinhos franziram, confusos. — Pode bater — encorajei-a.

Minha mãe abriu a porta e arregalou os olhos espantados. Dali, era possível ver meu pai ao lado da cama onde estava a Mônica.

— Estamos prontos para partirmos com vocês. — Só Deus sabe o esforço que fazia para segurar a emoção.

— Enlouqueceu, Sacha?! — advertiu minha mãe naquela expressão confusa. — Não podemos levar crianças com a gente — exprimiu ela sem compreender os motivos pelo qual trouxe os dois. Mas a Mônica entendia. Seus olhos lacrimejavam sobre Isadora.

— Eles não são qualquer criança, mãe. — Ela inclinou a cabeça, ainda mais perdida. — São os seus netos.

Deitei minha cabeça sobre a do meu querido filho, sentindo a maciez dos cabelos castanho-claros.

— Este é o Gabriel, o meu filho! O motivo por eu ter fugido da casa do Ivan. — E depois baixei a cabeça sorrindo com ternura para a minha linda sobrinha. — E esta linda garotinha é a Isadora, a filhinha da Mônica.

— Meu Deus! — Mônica levou as mãos aos lábios, chorando convulsivamente, provocando choro em coro.

— Vai lá beijar a sua mãe, Isadora! — a encorajei.

Ainda perdida, ela entrou devagar e, quando chegou perto da cama, o meu pai a abraçou pela cintura, a erguendo para minha irmã doar todo aquele amor que explodia dela. A abraçava com tanta força, e era bonito de ver. Meu pai, na

mesma emoção, rindo e chorando ao mesmo tempo, deitou sua cabeça nas costas da Isadora, sobre os cabelos castanho-escuros, como seus olhos expressivos.

— Eu não estou entendendo nada, mas amando ser repentinamente, avó. — Ela abraçou a nós dois. E beijou a cabecinha do netinho. — Vocês duas têm muito o que explicar, mas só farão isso quando chegarmos ao nosso novo e seguro destino. Onde iremos recomeçar nossas vidas. — Arqueou admirada, com o Gabriel no seu sono profundo. — E vamos logo! — soltou subitamente. — Consegui contratar o serviço de uma van com um preço excelente. Caiu do céu! — Ergueu as duas mãos ao alto em sentido de agradecimento. — É melhor nos apressar, ela chega em vinte minutos.

— Tá bom.

E corremos para nos preparar para mais esta jornada.

Capítulo Vinte e Dois

HENRY

— Meu Deus! — exprimi atormentado.

A dor no peito não cedia nunca.

Sentado na cadeira em meu escritório, apoiei os cotovelos sobre a mesa, cruzei os dedos e repousando o queixo sobre elas, refletia sobre a questão “filho”.

— Filho?

Ela ter filho com outro homem soava mais torturante do que a possibilidade de ela ter omitido a informação. O que estava sentindo chegava a ser avassalador, e me consumia por inteiro, perdi completamente o domínio das minhas emoções, resultando em sequelas graves, um desconforto físico, incômodo, especialmente dores nos ombros.

Joguei as costas no assento, os movendo em busca de relaxamento, e nada.

— Que merda! — Irritado com o fracasso, espalmei os braços da cadeira e a empurrei.

A obsessão por esta mulher era de dar nos nervos!

— Mas que ela vai ter que explicar bem esta história. Ah, isso vai! — rosnei enquanto me levantava.

A janela foi o meu destino, o visual do Parque Ibirapuera, com sua grande e bela vegetação, costumava motivar a serenidade. Dali, eu podia observar alguns casais à beira do lago apreciando o pôr do sol tão belo, tão majestoso. Outros praticavam atividades físicas ao ar livre, e infelizmente, tamanha beleza natural

não fora suficiente para reduzir o meu nervosismo.

Absorto, adentrava os dedos por entre os cabelos, quando a porta da minha sala se abriu.

— Espero não estar atrapalhando. — A voz do Bernardo preencheu o ambiente.

Girei nos calcanhares.

Vestido bem no seu estilo playboy, humorado ele batia contingência.

— Entra aí, cara! — autorizei correndo a mão direita do queixo ao pescoço.

Franziu a testa, notando a minha angústia.

— Algo novo que eu ainda não saiba?

— Já tem o balanço da nossa aparição de ontem? — troquei a pauta.

— O resultado tem se mostrado melhor do que o esperado, a repercussão foi enorme. Viramos notícia internacional, meu amigo.

Com aquele sorriso animado, ele caminhou até a sala de estar se jogando sobre o sofá e franziu a testa.

— Estou sentindo cheiro de contratempos — insistiu, desenhando uma expressão de receio.

— Intrigado! — Segui até a sala, me acomodando no sofá de frente. — Hoje pela manhã, notei uma cicatriz de cesárea na Sacha.

Ele arqueou, surpreso à minha revelação.

— Se atentou a este ponto somente hoje pela manhã? — indagou cético.

Bem pertinente sua pergunta. Revivendo mentalmente os momentos íntimos com a Sacha, e com o desespero em tê-la em minha posse, este detalhe me escapou.

— Não vejo necessidade em aprofundar na minha intimidade.

Ele acenou de cabeça em concordância.

— Acha que o filho é do Ivan? — indagou vagando o olhar, pensativo. — Ela comentou algo sobre filho?

Movi a cabeça, dúbio.

— Não faço a menor ideia, cara! — Soltei o ar com força, extremamente esgotado. Ele sorria de lado, à minha consternação. — Tentei arrancar uma explicação, ela escorregou e saiu desembestada do quarto — o tom escapuliu raivoso.

Bernardo percebeu, e não perdeu a chance de pisotear.

— Hum... meu amigo! Isto está beirando a *paixonite*, e aguda — insinuou todo espirituoso, tirando uma da minha cara. — Também, até eu! Com as pegadas que tem dado nela...

— Cala a boca, otário! — proferi o cortando.

Levantei dali e regressei à minha cadeira.

— É brincadeira, Henry! — se retratou vindo em direção à mesa e se sentou na cadeira em frente. — E talvez ela não tenha contado porque tenha perdido a criança, sei lá... — Deu de ombros.

O encarando sem vê-lo, eu avaliava o assunto com cautela. Na realidade, analisava os sentimentos crescendo, gradativamente dentro de mim. Relutei o quanto pude, até ontem. O que houve entre nós no banheiro do bar estava longe de ter sido apenas uma trepada. Pela primeira vez na minha vida eu senti que fiz amor com uma mulher. E, em virtude de ter me deixado levar, abrir a guarda, aqui estava eu, nesta puta insegurança.

— Bem! — Espalmou a mesa. — Este assunto não é da minha conta. — Em seguida saiu da cadeira. — Já efetuei o pedido de uma nova câmera para Sacha, provavelmente a agência entregue hoje à noite. Posso usar o banheiro antes de sair?

— Fique à vontade!

Ele sumiu no corredor do banheiro, e o interfone tocou sobre minha mesa.

— Diga, Roberta! — soltei ríspido em prevenção. Desde que cheguei pela manhã, ela vinha me perturbando com os acontecimentos de ontem. Morta de ciúmes da Sacha.

— *Ligaram da recepção avisando sobre uma tal Jussara, ela se identificou como amiga da Sacha e quer falar com você com urgência.*

Na hora veio à minha mente a conversa com a Sacha a caminho do restaurante.

— Autorize a entrada dela, por favor! — repousei o fone no gancho, ultracurioso.

Cinco minutos foi o tempo para uma mulher bonita surgir à porta: os cabelos lisos e negros, quase na bunda, destacavam o vestido azul royal solto no corpo esbelto, os olhos negros se prenderam em meu rosto, de forma acusadora.

— Obrigado, Roberta! — Sem menção de que sairia, eu acenei com o indicador pedindo sua saída.

Bufando, ela acatou.

— Sente-se, por favor — ofereci, indicando com a mão a cadeira à minha frente.

— Eu não quero sentar, senhor Henry! Eu vim saber da minha amiga, Sacha. Ela desapareceu sem dar notícias, e ontem vi vocês na televisão anunciando um noivado estranho. — Ela sacudia a cabeça em evidente revolta. — Eu tenho plena convicção de que a minha amiga está sendo chantageada pelo senhor...

— Ei, ei... — Espalmei o ar, impedindo-a de continuar. — Vamos por partes. — Sem desviar os olhos dos meus, ela sugou ar em abundância para os pulmões. Vi faísca saindo deles. — Esta sua teoria é interessante.

— É uma constatação e não teoria, senhor! — Um sorriso sardônico desenhou em seus lábios. Juntei as sobrançelas, mantendo o silêncio aguardando para ver até onde ela iria. — Vou refrescar a sua memória. No dia do

acidente, eu estava em um dos táxis que o senhor colidiu, e também na delegacia. Honestamente! Vi a sua saída da delegacia sem assumir a responsabilidade, o conluio deu muito na cara.

— Realmente foi uma lástima toda aquela confusão — reprimi a vontade de delatar a Sacha, a motivadora do transtorno. — A senhorita está mal informada! Saí de lá às pressas devido ao compromisso no hotel. E paguei todos os prejuízos materiais. Mas tudo bem! — Jogando as costas na cadeira, cruzei meus braços na altura do peito. — Vou relevar sua acusação agressiva.

— O senhor não causou apenas prejuízo material, afetou o emocional de todos os envolvidos. Sabe quantas horas amargamos naquela delegacia, aguardando finalizar o boletim de ocorrência? — Destemida, ela não baixou a guarda, deixou a cadeira toda cheia de si e curvando-se, espalmou a minha mesa, em afronta. — E quando finalmente consegui chegar ao hotel, a Sacha havia desaparecido. Ela me ligou desesperada, porém, recusou-se a dizer o que de fato aconteceu. E com o pronunciamento de ontem, eu concluí que ela está em apuros.

— Conversamos sobre você ontem. — Saí da cadeira e ajeitando a gravata, contornei a mesa parando ao seu lado. Ela endireitou o corpo se postando de frente a mim. — Sobre o passado de vocês em Belo Horizonte, o quanto sofreram juntas em torno das ameaças do Ivan.

Ela balançou ao meu comentário.

— Eu preciso vê-la, imediatamente.

— E se eu te disser que não entrar em contato contigo foi opção dela, e por isso não irei atender ao seu pedido?

— Sendo assim, presumo que a Sacha é de fato sua refém.

— Não! Estamos apenas nos ajudando.

Ela torceu a boca, indecisa.

— Eu não acredito nisso!

— Jussara? — Saindo do corredor do banheiro, Bernardo deteve espantado

ao vê-la.

Um vermelho intenso tomou a face da moça.

Olhei desconfiado para ele.

— Vocês se conhecem?

— Você ouviu a nossa conversa? — vestida num evidente desespero, ela inquiriu ao Bernardo.

— O suficiente para ficar estupefato a esse seu passado inédito! — disse Bernardo caminhando em direção à mesa. — Belo Horizonte? — sarcástico, ele inspirou longamente. — O Marcelo está ciente, ou você escondeu até dele? — seu nervosismo se revelava, conforme ele explanava. — O que a meu ver é uma injustiça. Afinal, ele estendeu-lhe a mão quando você mais precisava.

— Por favor, deixe o Marcelo e todos fora disso! — implorou quase chorando.

Ponderando, ele acenou de cabeça.

— Por ser amigo e sócio do Henry, tenho conhecimento do que este tal Ivan é capaz. Considero muito os meus amigos, por esta razão eu nunca os envolverei em nada disso.

Ela sorriu aliviada.

— Assim eu fico mais tranquila.

— Porém, gostaria de saber mais do seu passado — se mostrou interessado.

— Qualquer dia deste eu conto a você. — Seu olhar veio ao meu. — Neste momento, eu preciso ver a Sacha.

— Vou levá-la até ela, e você vem com a gente, Bernardo. Assim vocês aproveitam e conversam pelo caminho.

Satisfeito, Bernardo piscou.

Bernardo era mesmo perito em investigação, ele sabia fazer as perguntas

precisas. Em algumas, a Jussara titubeou; outras, ela sacou; porém, a maioria ela cuspiu as informações necessárias. Contou desde a adolescência até sua gravidez do Fabiano, o sobrinho do Ivan, e a emboscada de que seu pai fora vítima.

— Se você é filha do ex-proprietário do hotel, deveria confiar mais na minha pessoa. Pois, no momento em que meu pai derrubou a quadrilha do Ivan, o seu foi inocentado.

Pelo espelho no para-brisa, a via no banco de trás. Ela baixou a cabeça por alguns instantes. Bernardo, sentado no banco ao meu lado, me olhou distraído.

— Não é uma pergunta difícil de responder, Jussara — emendou Bernardo.

Erguendo a cabeça, ela ainda persistiu com o olhar receoso.

— Vamos lá! Sua resposta é importante — encorajou-a Bernardo.

— Sendo franca! Eu não sei quem é você, o que mais presenciei neste mundo foram guerras entre as facções disputando poder.

Divaguei recordando da Sacha, esta era a mesma desconfiança.

— Quando conversar com a Sacha irá mudar de ideia — discursei convicto e arrepiado, lembrando do nosso momento delicioso embaixo do lençol.

Estacionei o carro na maior ansiedade e entramos pela porta social.

— Fique à vontade! — disse a Jussara.

Ela olhava ao redor da sala.

— Eu faço companhia a ela — ofereceu Bernardo.

Perambulei pela casa atrás da Sacha e só encontrei meu pai, em sessão na piscina com o Filipe.

— Pai? — Ele acenou todo sorridente, ao contrário do Filipe, seus olhos anuviados me olhavam com cara de poucos amigos. — Você viu a Sacha?

— Desde quando chegamos da clínica, ela não saiu do quarto.

— Vou espiar.

Ele deu um joia com o polegar, e eu retornei para o interior do salão de festa. Intrigado, cruzei todo o recinto até sair pela porta, e acessei a sala.

Sentado no sofá, Bernardo, astucioso, estava firme na função de extrair mais informações da Jussara.

Subi as escadas de dois em dois degraus e quase corri pelo corredor. Entrei em meu quarto e estranhei a ausência dela. O próximo destino foi ir ao quarto de hóspede, em frente às escadas, confiante de encontrá-la, e nada. Procurei em cada canto no andar superior, e então retornei à sala encafifado.

— Não estou encontrando a Sacha! — informei aos dois, sentados lado a lado. Jussara se levantou exprimindo um olhar, delator. — Acho que já sei como achá-la.

Segui para a sala de monitoramento e me deparei com o Agner saindo.

— Você viu se a Sacha saiu, depois de chegar com o meu pai?

— As únicas pessoas que saíram da casa foram os funcionários após a troca do turno — afirmou veementemente e pausou, refletindo. — A câmera da edícula do jardim não está funcionando, estava indo agora mesmo verificar.

— Eu vou com você.

Já se aproximando, ouvimos um choro baixinho vindo da edícula, ali era onde ficavam todas as ferramentas de jardim. Arrombamos e nos deparamos com a Virgínia, apenas de calcinha e sutiã, sentada no canto, e assustada ela chorava.

— Ah, graças a Deus! — Num segundo ela ficou em pé e cruzou os braços ao seu redor, escondendo sua seminudez.

Agner verificou um pedaço de tecido preto enrolado na câmera acima, do batente da porta.

— Quem te trancou aqui? — perguntei aflito.

— Estava saindo e encontrei a fisioterapeuta aqui no jardim — começou a dizer. — Ela começou elogiando as minhas roupas. Acreditei na sua admiração, tanto que a deixei experimentar, quando argumentou sua vontade de mudar de estilo. — Deu de ombros soluçando. — Aí a gente veio aqui para a edícula. A maluca vestiu minha roupa, e do nada saiu correndo e trancou a porta por fora.

— Esperta ela! Eu abri o portão achando que era você — pontuou Agner.

— Depois de fechar a porta, ela pediu para passar um recado ao senhor. — Fitei-a curioso. — Algo no sentido de perdão, de não poder compactuar com alguma coisa... Eu não entendi muito bem.

— Cuida dela, Agner! — solicitei, saindo às pressas dali.

Estava arrasado. E não se tratava mais da captura do Ivan, e sim, de nós dois, dos nossos momentos. Nunca havia me sentido tão mal na vida, uma sensação estranha tomava meu ser. Primeiro, a descoberta de que ela tinha um filho de outro; e agora, ela fugiu de mim.

— O orfanato — pronunciei andando apressado pelo salão, ansioso para pegar o carro e averiguar.

— E aí? — Chegando à sala fui interceptado pelo Bernardo.

Desassossegada, Jussara também se levantou, seus olhos observavam cada movimento meu.

— A Sacha zarpou — informei com urgência, a mesma com que caminhava em direção à porta. Apanhei a chave em cima do aparador. — Por livre e espontânea vontade — acrescentei e me retirei.

Meu coração se apertou à realidade.

— Como ela saiu sem ser vista? — seguindo meus passos, indagava Bernardo, incrédulo.

— Quando se convive dentro do mundo dos mafiosos, a pessoa tende a ser uma boa estrategista — expus.

— Preciso de mais detalhes — persistiu ele.

— Inteligentemente, ela armou um plano excepcional enganando toda a segurança. — Chegando à garagem noticiei, completamente desapontado. — Precisa rever tudo novamente.

Abri a porta, me jogando para dentro e liguei o carro. Soltando o ar fortemente, arqueei a cabeça o fitando.

— O Agner é a pessoa ideal para explicar, minuciosamente, estou indo ao orfanato e não posso perder tempo.

— Se o intuito foi fugir, sinceramente, eu duvido que ela tenha ido para o orfanato.

— Eu preciso tentar e não quero ninguém me seguindo — determinei, e foi pela Sacha.

Imaginava o quanto ela deveria estar exausta de tudo. Em razão disso, ela preferiu partir e viver uma vida tranquila.

— Não posso atender a este seu pedido. Desculpa, cara! — Bernardo contrapôs, irredutível. — O caso agora está na esfera federal.

— Então os contate, e me peça as coordenadas de onde eu posso encontrar a Sacha.

Ele contraiu o rosto, chateado.

— Já tomei esta providência, infelizmente ela não foi vista saindo da casa. A escolta é exclusiva para você e a Sacha.

— Como comentei há pouco, conviver com os mafiosos fez da Sacha uma especialista em fuga. Faça um favor, a escolta não vai incomodar, porém, peça para que sejam sutis. Ou melhor, não gostaria de notar a presença deles.

Compreensivo, ele bateu levemente no meu ombro.

— Te desejo boa sorte!

Engatei o carro para sair, quando Jussara despontou na porta da garagem. Abri o vidro.

— Ah, Bernardo! — meu chamado o tirou do seu instante de meditação. — Respeite a vontade da moça. — Acenei de cabeça na direção dela. — Não comente nada com os amigos, pois nem sempre as coisas funcionam como gostaríamos que funcionassem.

Ele sorriu, concordando.

Acelerei, derrapando os pneus, tamanha a minha pressa.



Tão logo cruzei a portaria do Lar Amparo observei, e não notei ninguém me seguindo.

Meu coração se contraía e acelerava à medida que me aprofundava na estrada de pedra. Vários postes de luzes iluminavam a paisagem e o caminho, inclusive destacavam os pinheiros margeando a estrada. O nervosismo acentuou ao estacionar em frente às instalações, muito bem iluminadas pelos refletores espalhados ao redor do gramado.

— Por favor, eu gostaria de falar com a madre Aurora! — fui direto ao ponto, assim que fui atendido por uma freira.

— Lamento não poder atender à sua solicitação, senhor! — colocou ela. — A madre Aurora já se recolheu, por esta razão ela não poderá atendê-lo. Retorne amanhã, por favor!

— E a Sacha Ortiz, também já se recolheu? — Surpresa, a freira arqueou. — Chame-a, por favor — persisti.

Ela meneou a cabeça levemente de um lado ao outro.

— Sinto informar, a Sacha não faz mais parte do quadro de funcionários do orfanato.

Impaciente, sorvi o ar longamente e expirei-o com calma, na tentativa de diminuir minha ansiedade.

— Por favor, senhora! — implorei. — Pelo menos, vá até a madre superiora e avise-a sobre a minha presença.

— Não podemos receber visitas à noite, volte amanhã! — persistia irredutível.

— Quem está aí, Luzia? — reconheci a voz se aproximando como sendo da Madre.

Ela ficou petrificada ao topar comigo, seus olhos cresceram dez vezes do tamanho normal.

— Estou tentando dizer ao senhor que não recebemos visitas à noite, e... — justificou e acabou sendo interrompida pela religiosa.

— Tudo bem, Luzia! Eu atendo o rapaz. — Cordialmente ela atravessou a porta e pediu para a freira fechá-la.

Hesitante, ela atendeu ao pedido.

— Por favor, chame a Sacha! — não era um pedido e sim, uma súplica.

Diferente do último tratamento quando estive aqui, ela sorriu compreensiva.

— A Sacha não se encontra nas dependências do orfanato. — Embora seu rosto transmitisse sinceridade, não me convenci.

— Eu posso entrar?

— Desculpa, mas não posso permitir a sua entrada neste horário.

Assenti, ansioso.

— Eu preciso apenas conversar com a Sacha. — Comprimindo os lábios, seus olhos entristecidos declinaram. — É muito importante, Madre.

— A Sacha desistiu do acordo com você, e eu a apoio. É perigoso demais...

— Eu não estou nem aí para o acordo. — Abanei a mão direita no ar. — Eu preciso vê-la com urgência. — Joguei a honestidade mais uma vez.

Tombando a cabeça sobre o ombro, seus lábios se abriram num sorriso estranho.

— Terá de praticar a paciência — começou pausadamente, focada em meus olhos. Notava infelicidade em abundância neles. — Pois a Sacha não voltará tão cedo. Talvez, nunca mais a veremos novamente. — A frase fora finalizada num tom de voz contido, e em lágrimas.

Ergui as sobrancelhas, perdido com as palavras *NUNCA MAIS!* Parecia uma eternidade.

Que porra é essa? Não sabia se me sentia desamparado, injustiçado, ou o quê? Tudo era muito novo para mim, completamente desconhecido. E doía pra caramba.

— O que aconteceu?

Ela coçou atrás da cabeça enquanto decidia sobre uma resposta, e então fitou-me com seriedade.

— A Sacha decidiu pela sua família. — Movi os ombros sem entender bulhufas. — Reencontrou sua mãe e o seu pai. E juntos, sumiram no mundo em busca de um recomeço.

Um nó bloqueou minha garganta, me impedindo de respirar com a maldita vontade de chorar. Comecei a interpretar o desconhecido. A Sacha era uma perda irreparável.

Engoli duro, contornando este problema.

— Ela deve ter deixado o contato — tentei.

Ela negou com a cabeça.

— Não, meu querido. E você não imagina o quanto dói ficar longe da minha menina — levando a mão à boca, ela chorou convulsivamente.

Comovido, a abrangi em meus braços.

— Calma! — requisitei aquilo que eu não tinha. Estava complicado

organizar as emoções em discrepância dentro de mim.

— Posso te pedir uma coisa, Henry? — Fui tomado por uma sensação de intimidade, com ela pronunciando o meu nome. Arredou pousando seus olhos nos meus. — Se os seus planos forem capturar o monstro do Ivan, então o faça sozinho. — Lágrimas saltavam, copiosamente de seus olhos. — Deixe a Sacha fora disso, ela já sofreu o suficiente, coitadinha!

Analisei aquele pedido tão lógico.

— Eu imploro, meu rapaz. — Sua mão veio ao meu rosto. — Siga a sua vida...

Refleti, vasculhando o rosto marcado pelo tempo.

— Este forte vínculo com a Sacha me assegura de que a senhora conheceu o filho dela. — Seu rosto contraiu pela preocupação. — Constatei com os meus próprios olhos a cicatriz de cesárea, portanto, não adianta mentir — adiantei, esperançoso de uma confirmação sair de seus lábios trêmulos.

Ao pensar nela em outros braços me subiu uma raiva imensa.

Logo a Madre trocou a expressão tensa por uma serena.

— Por duas razões, não espere resposta a esta pergunta! Primeira: não tenho a autorização, nem o direito de fornecer informação sobre a Sacha, ou de qualquer outra pessoa. Segunda: a vida da Sacha diz respeito somente a ela.

— Não sendo inconveniente, mas se não pode dar a informação, então permita a minha entrada. — Carecia confirmar a ausência da Sacha.

— Infelizmente, hoje não será possível — ela resistiu. — Se não acredita em mim, pode retornar amanhã durante o dia, nada impedirá a sua entrada.

Moveu os ombros com sinceridade.

— Se não pode me ajudar, então eu vou descobrir o paradeiro dela sozinho — afirmei.

Ela riu com carinho antes de dizer:

— Você não tem a mínima noção da beleza interna da Sacha.

A frase bombardeou o meu coração.

— Eu ainda não tive tempo de conhecê-la melhor — assenti. — Passe bem.

Dei-lhe as costas e tomei o rumo do carro. Girando a chave, saí em alta velocidade e peguei o telefone, procurando o número do Bernardo.

— *Ouvimos a sua conversa com a Madre* — delatou ao atender.

— Pois é!

— *Acreditou nela?* — perguntou curioso.

— Ainda tenho minhas dúvidas, pois ela não me deixou entrar.

— *Talvez a câmara não tenha dado defeito como relatou a Sacha. Ela pode muito bem ter a danificado, poupando seus pais.*

— Claro! — animei à esperança reacendendo. — Ela pode ter encontrado com seus pais na clínica, onde estive com o meu pai hoje pela manhã. Vocês estão em poder de todos os dados da Sacha, certo?

— *Sim.*

— Manda aqui no meu celular por mensagem, nomes completos dos pais dela, inclusive as fotos, eles podem ter registrado com outros nomes. E também o endereço da clínica. Vou direto pra lá.

— *Bem pensado, Henry!* — abonou ele. — *De qualquer forma, os agentes vão fazer ronda ao redor do orfanato, caso ela saia, será vista. E amanhã vão entrar.*

— Corretíssimo! Até mais.

Usando a educação, consegui convencer a funcionária a verificar nos registros os nomes: Natanael e Adele Ortiz. E como previa, não constava ninguém com estes nomes. Comentei sobre o monitoramento da clínica, na esperança de obter as imagens, e infelizmente os equipamentos não estavam

funcionando. Mas sugeriu para verificar na padaria, localizada na avenida de trás, onde pacientes e acompanhantes costumavam frequentar.

Dito e feito, as imagens sustentavam a informação da madre Aurora. Sacha passou alguns minutos conversando com seu pai, Natanael, e após se abraçarem, ela voltou ao hospital, e ele seguiu pela calçada até a esquina e a contornou. Ainda verifiquei na rua da entrada do hospital, havia dois comércios e nenhum deles eram monitorados.

Em retorno, relatava todos os detalhes ao Bernardo, já montando as coordenadas daqui por diante. E ficou acordado uma reunião de emergência em casa.

Tão logo cruzei o portão de casa, avistei os carros dos agentes estacionados, meu pai surgiu à porta.

— O Bernardo já me contou tudo! — enunciou ele assim que desci do carro.

— Perdemos o maior e melhor trunfo contra o Ivan — mencionei, com aquela sensação horrível de perda.

Parecia que havia acabado de enterrar alguém muito querido.

— Às vezes, as perdas vêm justamente para a gente reconhecer a realidade. — Seu olhar perspicaz repassava por meu rosto. Eu arqueei uma sobrancelha, procurando compreender o seu raciocínio. — Filho, filho! — Pegou na minha mão, comprimindo-a. — A isca foi jogada, o noivado e casamento, vocês são notícia no mundo inteiro. Agora é como uma boa pescaria, ter paciência e aguardar o peixe mordê-la, e todos estão de campana. Portanto, não existe mais a necessidade de manter a Sacha aqui.

Estava literalmente travado, não conseguia vê-la posicionada fora da minha vida, como meu pai colocava.

— O pessoal está no meu escritório? — mudei de assunto.

E no primeiro passo em direção à porta, ele segurou firme a minha mão.

— Por que não assume que está triste por ela. Eu notei como a olhava

diferente esta manhã.

A questão intensificou minha tensão.

— A Sacha tem, ou teve, um filho! — inconformado, soltei ríspido.

Ele arregalou os olhos com o susto.

— Como ficou sabendo?

— Ela tem uma cicatriz de cesárea.

— Você e ela se relacionaram intimamente naquela noite do hotel... —
Confuso, ele coçava atrás da cabeça.

— Desencana, eu usei preservativo.

— Será do Ivan? — Vi toda descrença estampada em sua feição.

— Eis a questão! — revoltado, expeli todo o ar de meus pulmões com certa brutalidade. — Quem sabe, um dia a gente descobre.

Nada confiante, porém, conformado, dei alguns tapas leves em seu ombro.

Entrei em casa a passos largos e decididos, conservando uma postura firme controlando as emoções. Fracassei com aquele arroxo no peito.

Todos estavam em volta da minha mesa, e sobre ela havia um mapa onde o dedo indicador do Bernardo corria, demonstrando os pontos estratégicos que deveriam ser cobertos.

Ele pausou a explanação e me olhou sério.

— Chegou em boa hora. Estamos reforçando a segurança, todos os funcionários da casa e empresa passarão a ser revistados minuciosamente, na entrada e na saída. — Mais agentes foram requisitados e assim, cobriremos um perímetro maior.

O gozado era minha mente divagando.

Após anos o Ivan deixou de ser prioridade. Enfim, terminou a reunião e

nada do que ele explicou entrou na minha cachola.

— Não desista de procurar a Sacha — pontuei ao Bernardo, antes dele sair do escritório.

— Uma nova operação foi montada — certificou-se ele de maneira eficiente. — Estamos mapeando toda a cidade, como também as saídas.

— Valeu! — agradei.

Depois de me despedir de todos, subi ao meu quarto.

Meus olhos vasculhavam o quarto, o projeto aliado ao conforto e funcionalidade, tinha agora um aspecto mal-acabado, e cada canto do ambiente faltava uma peça especial de decoração. Faltava a Sacha, ela em um todo completava todos estes vazios.

Meu corpo se arrepiou com a imagem nossa debaixo dos lençóis e um calor subiu, aquecendo meu coração.

— Que merda esse coração! CARALHO! — Fechei o punho direito esmurrando meu peito.

Você é um tremendo otário, Henry! Suando como um porco, arranquei toda a roupa e apenas de boxer branca, segui até o bar me servindo de uma generosa dose de uísque, me joguei na poltrona e concentrei apenas na captura do mafioso.



A merda se estendeu no dia seguinte, o agente confirmou a ausência da Sacha no orfanato. Sondávamos a amiga Jussara e o orfanato vinte e quatro horas por dia.

Ela desapareceu sem deixar vestígios.

Capítulo Vinte e Três

SACHA

Mais de duzentos quilômetros rodados, e a sessenta para chegar ao nosso destino, São Sebastião, no Litoral Norte de São Paulo, e pegar a balsa para Ilhabela, nós ainda estávamos dentro da van, parados no maior engarrafamento da história.

Mais de oito horas de viagem, viramos a noite e presenciamos o amanhecer, o sol já marcava forte presença. A causa fora um grave acidente alguns quilômetros à frente. Com a explosão de um veículo, bloqueou todo o caminho.

Para chegar até aqui e vencer o trânsito intenso, o motorista teve de pegar algumas rotas alternativas. De certa forma eu o aplaudi, as quebradas me garantiam de não ser encontrada.

“Não sonha, Sacha!”, repreendia-me em pensamento. *Já serviu aos propósitos do Henry.*

Droga!

Era exatamente assim! Duvidava muito que ele desperdiçaria seu tempo à minha procura. Ele prometeu a tal Roberta sobre sua vida voltar ao que era antes.

Tristemente, eu não estou incluída no antes.

Ali, no banco do meio, afagando os cabelos sedosos do Gabriel dormindo em meu colo, fechei os olhos à minha dura realidade, os comprimindo.

Como era complicado deixá-lo! Cada quilômetro rodado batia a saudade e a dor intensificava. Sem êxito de arrancá-lo da minha cabeça, demoraria a esquecer os momentos inesquecíveis que vivemos. Isso se um dia eu esquecesse.

Mas eu deveria, independente da sua participação na minha vida.

— Me tornar avô da noite para o dia, não deixa de ser uma experiência inusitada. — A voz do meu pai, sentado ao meu lado, rompeu minha meditação. Com a parte de trás da cabeça apoiada no encosto, eu virei o rosto topando com o sorriso paterno desenhado em seus lábios, e os olhos tão semelhantes aos meus, cintilando. Ah, como eu senti falta deste sorriso e olhar! — E muito boa. Tenho que admitir — complementou acariciando os pezinhos do meu bebê, lindo.

— Nada em minha vida foi planejado, pai! — Baixei meus olhos detendo-os em Gabriel, adormecido. Vestida numa emoção indescritível, inspirei densamente. — Mas estas duas crianças foram o maior e melhor presente que ganhei da vida. Girei o rosto para o fundão da van, a Mônica dormia profundamente em sua cadeira de rodas, o veículo era acessível, adaptado para ela. Ao lado dela, a minha mãe segurava forte sua mão imóvel, porém, os olhos umedecidos posicionados sobre a Isadora. Tão graciosa, minha sobrinha dormia com a cabeça sobre o colo da avó, ali, babando pela netinha. — Teria sido maravilhoso se eu tivesse tido a chance de ter compartilhado desta felicidade com vocês. Contudo, as circunstâncias não permitiram, não é mesmo? — esbocei num tom contido de voz.

Ele grunhiu soltando um riso extremamente infeliz.

— Nossa vida foi como uma tempestade daquelas! Chegou devastando tudo. E eu me deixei ser levado pela correnteza — grunhiu chorando. — Jamais vou me perdoar! Ao invés de ter ido embora, deveria ter ficado e apoiado você. Sou um covarde declarado!

Rindo, baixei minha cabeça por alguns instantes revivendo o passado.

— Agiu na época da forma como acreditou ser correto. — Movi os ombros e voltei aos seus olhos. — E eu escolhi ficar com a mamãe, lembra?

— Não gostaria que este tipo de assunto ocorresse na presença da Mônica — colocou minha mãe, com ar de preocupação.

— Por que não? — com os olhos fechados, Mônica rebateu. — Não é porque eu sou uma deficiente que vocês vão me eximir das minhas responsabilidades. Eu ferrei com a vida de vocês, e não sou digna de clemência.

— Filha! — advertiu minha mãe.

— Por favor, mãe! Sabe o quanto eu me odeio, e já falamos a respeito.

Minha mãe fechou os olhos.

— Eu só quero terminar essa viagem em paz. — Exausta, bufando, ela levou as mãos à cabeça e infiltrou os dedos pelos cabelos escuros. — Não adianta mais chorar pelo passado, não há mais como voltar atrás. — Descendo uma das mãos, começou a acariciar a cabeça da Isadora.

— Eu ter sobrevivido é um sinal, uma chance de me redimir — declamou com olhar brilhante de lágrimas sobre mim. — Eu só não sei como!

— A mamãe tem razão! — expressei pensativa. — O passado ficou no passado. Atente apenas no seu tratamento para ficar bem — estava sendo sincera. Eu amava demais minha família, porém, havia e muita mágoa impregnada no meu coração.

A tensão começava a ganhar todo o interior do transporte e meu pai amenizou mudando de assunto:

— Não vejo a hora de chegarmos à Praia do Bonete e conhecer todos os fatos, principalmente, saber quem são os pais destas crianças.

Ilhabela, considerada um pedacinho do paraíso com suas belezas naturais, fazia dela um destino muito procurado pelos turistas de todo o Brasil. Motivos pelos quais, minha mãe optou pela Praia do Bonete, no extremo sul da ilha, para nos acomodarmos, em um vilarejo aonde a energia elétrica e sinal de celular não chegavam. Aliás, estava megacuriosa para desbravar a praia deserta e tranquila, como ela narrou, o local ideal para se viver com discrição.

— Como eu comentei, pai, serão necessárias boas horas de diálogo para a longa história. Prometo abrir a minha vida em detalhes, colocar tudo sobre a mesa, tão logo estabelecermos. — Girei o rosto novamente, encontrando os olhos da Mônica, tão iguais os da minha mãe, encharcados. — Não se preocupe — articulei com os lábios, emitindo um pequeno som. — Inspirando, ela os fechou com aquele ar imenso de arrependimento.

Meu pai limpou a garganta, eu segurei sua mão.

— Obrigada pela paciência.

Contrariado, ele deu de ombros e neste instante o trânsito começou a fluir.

— Aleluia! — comemorou a minha mãe, aplaudindo.

— Se continuar andando nesta velocidade, levaremos apenas mais uma hora até São Sebastião — comentou Enrico, o motorista.

E concidentemente era o rapaz que encontrei na clínica do Filipe.

— Gente, quando eu poderia imaginar topiar com você novamente. Foi uma grande surpresa! — comentei.

Pelo espelho no para-brisa, notei o leve movimento da cabeça, concordando.

— Este mundo é pequeno, Sacha!

— E não é! Aliás, é impressionante como tem ocorrido coincidências comigo ultimamente! — exclamei vagueando. Meu cérebro rebobinava, me arremetendo em cada encontro com o Henry. Em alguns deles, superquestionáveis. — Você se recuperou bem e rápido da perna, não? — Lembrei que naquele dia ele caminhava com a ajuda de uma muleta.

— Graças a Deus! — suspirou aliviado. — A lesão fora ocasionada em uma partida de futebol com amigos, a famosa pelada. Nunca dispensei de bater uma bolinha. E numa dividida com o colega, torci o tornozelo, mas duas sessões de tratamento com os excelentes profissionais da clínica de fisioterapia e eu retornei as atividades normais.

— O Gabriel tem muita habilidade com a bola nos pés — acariciando seus cabelos, anunciei cheia de orgulho do meu filhote lindo. — Ele costuma dar um show.

Encantado em conhecer um pouco mais do neto, meu pai começou a rir e a chorar ao mesmo tempo.

— Não vejo a hora de chegarmos, vou aproveitar cada segundo com os meus netos — demonstrou sua vontade, enquanto deslizava as pontas dos dedos

na perninha do Gabriel, e olhava para trás sorrindo, vendo minha mãe curvando sobre Isadora e beijando a cabeça da menina com ternura.

— Somos dois! — complementou ela.

— Pelo que estou entendendo, vocês ficaram muito tempo afastados — raciocinou Enrico.

— Você não faz ideia do quanto! — Emocionei-me deixando algumas lágrimas escaparem. — Nos reencontramos na clínica daquele encarte que você estava lendo e acabou me dando um, lembra?

— Claramente! — respondeu rapidamente. — Puxa! Fico muito feliz por ter contribuído com esta união de vocês.

Levamos o tempo previsto do Enrico para chegar, e seguimos a sua recomendação, nos hospedamos em um pequeno hotel em São Sebastião, onde pegaríamos uma balsa para Ilhabela. Dormiríamos um pouco antes de seguir viagem. Estafado, Enrico preferiu descansar também e posteriormente, faria sua viagem em retorno.

São Sebastião localizava na microrregião de Caraguatatuba, não conhecia, entretanto, já ouvira vários elogios sobre ser uma das cidades mais badaladas do Litoral Norte.

O cansaço nos prendeu mais tempo do que o combinado na cama. A sorte foi encontrar a mesa do almoço ainda posta.

A fachada e as instalações simples do hotel eram o oposto da mesa. A decoração e a fartura de comida aguçavam o apetite. Era de encher os olhos, e a boca de água.

No pequeno ambiente havia cinco mesas, todas ocupadas por famílias. Aguardamos alguma delas desocupar.

— P-p-pãooo. — No colo do meu pai, Gabriel, vestindo uma jardineira em tom verde claro, combinando com seus olhos, estendia os bracinhos em direção à cesta de pães.

— O vovô vai pegar um pãozinho pra você. — Todo corujão, babando e o

apertando em seus braços, caminhou com o neto em direção à mesa.

— Espera eu, vovô! — gritou Isadora saindo desembestada.

Mônica se desmanchou em lágrimas quando ouviu a Isadora chamar meu pai de vovô. Grudada na filha, minha mãe curvou-se sobre a cadeira, a abraçando forte e beijando a face molhada.

— Oh, minha filhinha! — A abrangia forte e beijava a face molhada.

As lágrimas de emoção transbordavam em meus olhos, e também dos olhos do Enrico, posicionado ao meu lado.

A percepção de que jamais poderia julgar a minha mãe estava na cena entre as duas. Por amor, ela renunciou a tudo para salvar a minha irmã. Ela era como qualquer outra mãe, sempre disposta a tudo pelo seu filho. Só não podia dizer se concordava com os métodos utilizados por ela. Mas concordava que a vida era assim mesmo. No decorrer dela, algumas de nossas escolhas podiam ocasionar dores em corações alheios.

— Não vejo a hora dela me chamar de mãe — soluçava de uma maneira linda.

Minha mãe içou o corpo e com as mãos no quadril, a fitava com amor denso, quase palpável.

— Quando menos você esperar, ela a chamará — assegurei. — É só o tempo dela se acostumar com a nova fase.

Ela sorria alegre entre as lágrimas.

— Ela chama você de tia, por acaso falou de mim para ela? — Seus olhos vidrados, estavam ansiosos sobre a Isadora correndo atrás do Gabriel pelo refeitório.

Isadora e o Gabriel eram as únicas crianças, ali.

— Costumava dizer que um dia nos encontraríamos. — Ela sorriu querendo chorar. — GABRIEL? — Corri para pegar na mão do Gabriel, ele estava fuçando na mesa de um casal de idosos.

— Me desculpem! — Segurei na mãozinha dele.

— Imagina! Ele é um fofo — elogiou a senhora, pegando na mão dele.

Neste instante ele aquietou, a encarando.

— E arteiro. — O peguei no colo. E quem disse que ele ficou? Esperneou para ir ao chão e espoleta, saiu correndo em direção à porta de saída. — Com licença.

Desembestei atrás dele, em pânico dele trombar com um senhor japonês usando um lenço amarrado no pescoço e com um pequeno bastão pendurado, entrando lentamente no refeitório com a ajuda de uma bengala.

— Segura ele pra mim, Enrico — solicitei. Eles haviam acabado de ocupar a mesa.

Enrico, coitado até tentou, porém, não houve tempo.

Gabriel se enroscou nas pernas do senhor. Já sem equilíbrio, tombou de costas no chão e meu filho caiu sobre sua barriga.

— GABRIEL? — Apavorada o peguei no colo, enquanto Enrico, meu pai e alguns homens presentes no recinto o ajudavam a se levantar. — Ah, mil perdões! O senhor está bem?

Escancarando um sorriso, que não poderia chamar de dentes cariados, eram podres mesmo. Ele segurou entre os dedos o pequeno bastão pendurado, o pressionando no início do pescoço.

— Estou bem, minha jovem, não se preocupe. — O som saiu robótico causando comoção em todos, e a curiosidade das crianças. — Câncer de laringe — explicou.

— Não tem mesa disponível, sente-se aqui com a gente — convidou meu pai, o ajudando a se sentar.

O casal de idosos também vieram se juntar a nós. E confesso, foi uma hora muito agradável. O coitado do japonês limitado, se expressava pouco, no entanto, ria muito com as perguntas da Isadora sobre o bastão. Os três também

estavam indo à praia do Bonete. A interação das crianças com todos incitaram mais pessoas a se aproximarem, e assim, nesta animação toda terminamos nosso almoço e seguimos nosso rumo.

Às 15 horas estávamos fazendo a travessia.

No desembarque na Ilhabela, nos separamos das três pessoas que conhecemos no hotel, e combinamos de nos encontrarmos em Bonete, sob o berreiro do Gabriel. O sapeca se encantou com a voz robótica do japonês.

Só era possível chegar a praia de barco ou trilha, então minha mãe contratou um barco grande, de uma agência de turismo, com exclusividade para nos levar até lá. A caminho da tal agência, contemplávamos pela janela da van os barcos e navios no canal e toda beleza fascinante de Ilhabela.

Assistindo a dificuldade de locomoção da minha irmã, Enrico gentilmente se propôs a nos acompanhar. A agência indicou um estacionamento seguro, onde ele deixou a van. Não measurei o tempo levado até a praia de Bonete, ocupada demais admirando o mar afora, as praias, e as formações rochosas de nossa encosta, verdadeiramente um cenário deslumbrante!

A casa era simples, porém, charmosa. Mais afastada do vilarejo, era um lugar calmo de frente ao mar, com ondas agitadas.

— Aqui é melhor do que o parque de diversão. — Isadora suspirava toda ansiosa, focada no mar, e pegou na minha mão. — Tia Sacha, eu quero nadar! Eu posso nadar, por favor! Eu quero nadar, tia!

Todos ríamos de toda empolgação, eu analisava melhor.

— Vamos nos acomodar primeiro, querida, depois eu levo você, tudo bem?

— Ah! — resmungou ela, toda cabisbaixa.

— *Paiaaa* — Gabriel em seu dialeto próprio, puxava a mãozinha para se soltar, louco para correr em direção as ondas quebrando na areia.

— Será que o vovô coruja poderia levar seus netinhos para se divertir nas águas? — meu pai se mostrava mais ansioso do que as crianças.

— Eu ajudo com a Mônica e o senhor vai se divertir com seus netos, senhor Natanael — Enrico ofereceu gentilmente.

Meu pai suspirou numa alegria emocionante.

— Valeu, meu rapaz! — Meu pai repousou as mãos no ombro de Enrico e fitou-me com aquele ar pidonho. A Isadora já havia juntado as mãozinhas sobre os lábios, como se fizesse uma oração. — Filha? — murmurou apenas. — Estou só aguardando o seu aval.

Comecei a rir superfeliz, e não por mim. Na verdade, pelas crianças. Toda criança merecia crescer junto à sua família. Eu sofria por não proporcionar aos dois esta dádiva. E agora, assistindo toda à interação entre avô e netos era divino. Puxa! Sonhei todo esse tempo com este momento, pensando em como seria! E confesso, superou todas as minhas expectativas.

— São seus netos, pai! Seus filhos... Não há a necessidade de pedir para dar-lhes carinho. JAMAIS!

— Nesse caso, poderíamos todos curtir um pouco deste mar maravilhoso — sugeri Mônica olhando para o céu e suspirou com ele lá em cima. Os movimentos sutis de seus lábios indicavam que ela estava em oração com o Criador.

— Ai, que bom! Estava querendo muito ficar com meus netos — declarou minha mãe risonha, mas com os olhos marejados.

Todo aquele carinho com Gabriel e Isadora, por estarem entre família, família deles, causava um alívio enorme ao meu coração! Agora os meus sentimentos continuavam confusos.

— Vão indo, eu me encarrego de levar as malas até a casa — sugeri Enrico.

Sua disponibilidade à nossa família surpreendia a cada instante, e não somente a mim.

— Esse moço daria um bom genro — insinuou minha mãe, com seus olhos escuros sobre meu rosto.

Balancei a cabeça, incrédula e respondendo sua pergunta mentalmente:

Meu coração está tomado de Henry. Portanto, no momento não há espaço para ninguém mais.

Ajeitamo-nos na areia apreciando tanta beleza natural, um verdadeiro recanto de tranquilidade. O vovô babando, correndo pelas areias com os netinhos naquela alegria contagiante, arrancando risos de todos.

E quando o Enrico se prontificou a cuidar das crianças à beira do mar, chegou o momento da conversa oficial da família.

— Quando eu saí de casa, estava grávida do Anselmo — Mônica mal esperou todos se acomodarem ali, na areia e iniciou sua revelação.

Eu suspirei e baixei a cabeça, enquanto meu os pais a encararam, surpresos.

— Eu vislumbra um futuro brilhante, um filho atrapalharia na minha carreira. Seria rejeitada pelo Ivan sendo mãe, ainda mais de um filho que não era seu. — As emoções afloraram, as lágrimas agora saíam como cachoeiras, comovendo a todos. — Me instalei em São Roque até a Isadora nascer. E no hospital mesmo eu a doei. — Pausou em prantos.

— Como você pôde, Mônica? — Observando sua netinha alegre e saltitante sobre as ondas se quebrando na areia, meu pai chorava como criança.

— Meu Deus, filha! — Minha mãe segurou em sua mão imóvel, e descendo a cabeça, deixava toda aquela dor desabar em lágrimas.

Soluçando, eu não conseguia me expressar, comentar, criticar. Nada!

— Eu fiz tudo errado nesta vida — Mônica admitia. — Prejudiquei a vida de todos vocês. Inclusive, a sua, né, maninha? — soluçava. — Perdão, perdão. Eu merecia ter morrido...

— Não! — Fui tomada por um aperto forte no peito quando ela falou em morte. Saltei do chão e fui abraçá-la sobre a cadeira. Encostando nossas cabeças, chorávamos em total desabafo. — Nunca mais diga algo assim, por favor! — Apertei-a levemente. — Nós vamos recomeçar nossas vidas e nos perdoaremos, eu sei.

— Nos perdoaremos! — meu pai repetiu minhas palavras. — Que lindo isso, Sacha.

— Muita lindo mesmo! — abonou minha mãe e fitou-me temerosa. — Seria mesmo capaz de me perdoar, Sacha?

— Acredito que com o tempo, o amor vai sobrepor a dor. As crianças vão nos unir novamente.

— Deus queira! — torceu meu pai.

— Eu sinto muito, maninha!

— Não sinta tanto, Mônica. — Segurando seu rosto, eu beijava sua testa, sua face sentindo o gosto salgado de suas lágrimas. — Às vezes, as coisas não acontecem por acaso em nossas vidas. — Suspirei, contemplando o amor da minha vida. — Gabriel é uma prova disso. Ele é o sentido da minha vida.

— Concordo plenamente! — afiançou minha mãe, sorrindo na direção dos netos. — Você sabia da gravidez da sua irmã, Sacha? — indagou ela.

Assenti movendo a cabeça, e voltei a me sentar.

— Ouvindo atrás da porta do quarto da Mônica, presenciei a conversa dela com a Jussara e...

— A Jussara sabia? — interpelou minha mãe, inconformada.

— A Jussara era a minha melhor amiga, conhecia todos os meus passos — explicou Mônica.

— E uma amiga fiel — emendei. — Tenho contato com ela até hoje, e nunca ela sequer mencionou sobre o assunto. Eu também nunca contei que criei a Isadora.

Perplexo, meu pai sacudia a cabeça.

— Como você fez isso, minha filha?

— No dia em que a Mônica saiu de casa, eu a segui até a pensão onde ela se

hospedou.

— Você foi muito esperta, Sacha. — Sorriu Mônica, agradecida. — Agiu sutilmente, não percebi nada.

— Meu coração não permitiu ficar fora desse assunto. Jamais me perdoaria se perdesse o contato com alguém de nosso sangue, sendo que podia fazer alguma coisa para reverter esta trajetória. Acompanhei todos os procedimentos com a Isadora posteriormente à sua doação. Tão logo ela foi entregue ao convento, eu ofereci meus serviços gratuitos de fisioterapia em troca de hospedagem. E claro! Uma criança linda como era Isadora despertou muitos casais em busca de criança para adotarem. Para evitar perdê-la de vista, eu me identifiquei a madre Aurora, colocando-a a par de toda a história. Tinha planos de levá-la para casa, até a Mônica aprontar com o Ivan. — Olhei-a suspirando. Ela fechou os olhos, permitindo a emoção fluir. — E depois veio o acidente, as ameaças... o roubo da mamãe, meu noivado com o Ivan. — Minha mãe pegou na minha mão, na mesma emoção da Mônica. — Enfim, fiquei com medo do Ivan se vingar em cima da nossa Isadora. — Todos jogaram os olhares sobre as crianças. Enrico tinha muito jeito com elas, as gargalhadas chegavam até nós. — Então guardei segredo.

— Coitado do Anselmo, morreu sem saber que era pai — esboçou meu pai num fio de voz. Segurou minha mão e me arrastando para perto, passou o braço pelo meu ombro, colando ao dele e encostou sua cabeça na minha. — Você é uma pessoa iluminada, filha. — Fechei meus olhos, mas agora eu pensava no Henry.

Nem sei se fazia certo em esconder o Gabriel dele.

— Agora nos conte, quem é o pai do Gabrielzinho? — perguntou minha mãe.

Descrevia passo a passo sobre meus encontros com o Henry e parei em nossa noite no hotel.

— Não posso dizer que fui descuidada. O destino conspirou contra. — Todos me olharam sem entender. — O preservativo furou. Percebi no dia seguinte, quando o encontrei caído sobre o chão todo molhado abaixo. E não era água.

— Ele viu também?

Neguei meneando a cabeça.

— Quando levantei, o celular dele começou a vibrar e foi quando vi a mensagem do Ivan. Entrei em desespero. A princípio, eu acreditava que ele era um membro da organização criminosa. Então, catei o preservativo, joguei na bacia do banheiro e dei descarga.

Minha mãe começou a rir revivendo o passado.

— Aí fugiu da casa do Ivan?

— Claro, mãe! Minha barriga já despontava, eu nunca tive relações sexuais com o Ivan, ele mataria a mim e ao meu bebê. E, mais uma vez, a Madre me acolheu.

— Naquele dia que você ligou, avisando ter desistido de tudo, me deu uma raiva imensa de você. E, depois vi que foi o melhor. A Mônica era cuidada por uma enfermeira em uma pensão, não muito longe de casa. Então fugir significou uma oportunidade maravilhosa de passar mais tempo ao lado dela. E agradeço a Deus.

— Não sei se te perdoei — falou meu pai. — Me sentia a pior criatura deste mundo em não ter estado no velório da minha filha.

— Idem! — expus.

— Eu só posso pedir desculpas, tudo culpa minha — cortou-nos Mônica.

— Tia Sacha, tia Sacha! — gritava a Isadora, pulando. — Vem nadar com a gente. Vem, vovô.

— Vo... Vô — chamou também o Gabriel, tentando imitar a prima.

— Assim eu não aguento! — Todo babão, meu pai se levantou. — Gostei da ideia de recomeçar nossas vidas, Sacha! — Assenti, feliz com esta chance. — Plantaremos a semente e regaremos todos os dias, até ela crescer. E comeremos os deliciosos frutos juntos.

— Teremos muito trabalho pela frente, então — expressiu minha mãe animada.

— Estou dentro! — Ergui o dedo indicador direito e todos rimos.

Meu pai saiu correndo em direção ao mar.

Eu me sentei de um lado da cadeira e a minha mãe do outro, e cada uma segurava uma das mãos da Mônica. Ali, ficamos com nossos sorrisos estampados no rosto, admirando toda a alegria de avô e netos.

Com o argumento que precisava de umas férias, Enrico ficou conosco. Ele se apegou com as crianças, a minha mãe, e ficou tudo acertado de no dia seguinte ele me acompanhar por uma aventura com as crianças e meu pai. Conheceríamos praias paradisíacas, as trilhas, as cachoeiras e tantas outras atrações que a região oferecia.

Sofri muito nesta vida; revoltada, eu briguei com Deus e o mundo. Mas agora entendia perfeitamente as atitudes da minha mãe, ela não largava da Mônica um minuto sequer. A protegia com unhas e dentes de um jeito gostoso e bonito de se ver. E eu torcia para que minha jornada não me redirecionasse mais para longe da minha família. O que estava vivendo aqui e agora, com a minha família, era algo excepcionalmente magnífico.

A distância do Henry doía pacas, meu coração chorava, e não era pouco. O que era compreensível, ele fazia parte de mim. Fazia parte de um passado bom, que levaria comigo até o dia da minha morte.

Capítulo Vinte e Quatro

HENRY

Um mês depois...

A operação prosseguia em atividade constante, olhos por todos os lados, os agentes, policiais federais e toda a equipe do Bernardo, engajados e preparados para a ofensiva de capturar o foragido Ivan. Trinta dias se passaram, e não surgiu sequer uma pista, nada do Ivan, como também nada da Sacha.

Para dizer a verdade, o Ivan só vinha em minha mente quando alguém da equipe se dirigia a mim referindo-se à pessoa dele. Minha cabeça estava toda voltada para a Sacha. Não conseguia esquecê-la. A história de filho permanecia atravessado em minha garganta, e a porra que todas as mulheres perderam seus charmes. Não encontrava motivações para transar.

Com a Jussara, mantinha contatos diários, se não por telefone, ela batia em minha porta atrás de notícias. Ela jurava de pés juntos que nunca soube da Sacha grávida e mencionava a mesma curiosidade minha, em saber quem seria o pai.

— Entre, por favor! — autorizei quando alguém bateu à porta do meu escritório na empresa.

Disfarçando, peguei uma caneta e comecei a assinalar um contrato que tentei ler umas trezentas mil vezes, e por falta de cabeça, a leitura não evoluiu.

Meu pai entrou com sua cadeira e ao seu lado, o Filipe.

— Que tal dar mais vida a este ambiente? — comentou meu pai seguindo direto para a janela.

As cortinas fechadas eram uma forma de assegurar a concentração no

trabalho, o lindo visual do Parque do Ibirapuera dispersava minha atenção. Tão logo ela fora aberta, recebi um jato de luz no rosto e a nostalgia bateu com força. Levantei-me indo contemplar a vista, e coloquei as mãos nos bolsos da calça preta.

— Amanhã o senhor deseja a sessão de fisioterapia aqui na empresa, ou em sua casa? — Filipe perguntou.

Meu pai se afastou com a cadeira para combinar com ele, e eu continuei ali, com o olhar perdido no verde, no horizonte. Eu estava completamente perdido.

Meu pai preferiu em casa, e então ele se despediu e saiu.

— O Filipe é um excelente profissional, no entanto, não chega aos pés da Sacha — ria com ele jogando confetes. — Ela sim, tem mãos mágicas — disse propositalmente.

Aliás, era só o que sabia fazer, uma maneira de contribuir para que eu não me esquecesse da Sacha.

— É melhor se acostumar, talvez a Sacha nunca mais apareça.

Ele balançou a cabeça chateado.

— Fico triste por você, afinal de contas, noto a sua perturbação. Mas eu não a julgo! Vulnerável, eu agiria da mesma forma. Cataria meus entes queridos e fugiria a fim de protegê-los.

Virei o pescoço o encarando.

— Ela deixou algumas explicações no ar. — Inspirei e expirei, puto da vida. — Sabe muito bem que abomino assuntos inacabados — o situei.

Ele arregalou um olhar insinuante.

— Estas coisas tendem a ser relevantes apenas quando nos importamos. — Meu coração errou a batida à sua consideração. — Você pode negar o diabo a quatro, mas eu, como seu pai, digo e afirmo: você se apaixonou de verdade.

Com o psicológico abalado, retornei à mão no bolso e rumei até a minha

cadeira.

— Eu preciso terminar de conferir estes contratos. — Peguei a caneta e repassava os olhos, sem ver uma letra sequer à minha frente. — Se não se importar em me deixar sozinho.

Ele sorriu com carinho antes de dizer:

— Quando assumimos aquilo que nos torna frágeis, conseguimos traçar um caminho mais específico para seguir.

— A gente conversa à noite, em casa — determinei sem erguer a cabeça.

Tão logo ele saiu, pendei a cabeça e embrenhei os dedos pelos cabelos e novamente alguém bateu levemente à porta.

— ENTRA! — jogando a informalidade, expressei com rispidez pensando que seria a Roberta. Hoje, ela não me deu um tempo.

— Boa tarde, senhor Henry! — Carregando uma bandeja com café, Eva surgiu à porta com seu adorável sorriso. — Trouxe um cafezinho para o seu pai, mas ele recomendou trazer para o senhor, dizendo que está precisando mais do que ele.

Ri daquele velho sabido.

— Pode entrar, vou tomar um café. — Apoiei os cotovelos sobre a mesa e segurei meu queixo. — Quem sabe esta bebida, encorpada, não contribui para me despertar.

Observava cada movimento da simpática mulher. Pegando o bule, ela enchia a xícara com o café e me olhava por cima dos olhos.

— Eu sei onde ela está! — aguçou me entregando a xícara.

— O quê? — fiquei confuso com aquela frase súbita.

— Eu sei onde a menina Sacha está, senhor Henry. Não era o momento de dizer, mas tenho notado a sua infelicidade, e não posso suportar.

Meu coração enlouqueceu dentro do peito, mal respirava com a possibilidade de encontrá-la.

— Diga, por favor! — solicitei levando minha mão sobre a dela repousada à mesa.

— Antes vamos conversar! — assumindo um semblante estrategista, constituiu ela num tom pausado. O que me surpreendeu.

Era o oposto da senhorinha simpática e com ares maternos.

— Quem é você de verdade? — Desconfiei e me levantei de imediato, posicionando-me à sua frente.

— Calma! — Em defesa, ela ergueu as duas mãos na minha frente. — Compreendo que esteja com suspeitas, mas eu lhe garanto: estou do seu lado.

Respirei pensativo, e nem um pouco convencido.

— Se está do meu lado, quer dizer que não se importa de termos agentes aqui, testemunhando a sua explicação?

Ela ria com naturalidade, transmitindo confiança.

— Eu faço questão que chame a sua equipe.

Acionei o Bernardo, Herbert e o Leôncio, e optei por deixar o meu pai de fora.

Ela se sentou à minha frente na sala de estar, o Bernardo do seu lado, e os outros dois mantiveram-se parados em frente à porta.

Serenamente, ela narrou em detalhes: se apresentou como mãe do William, um dos membros presos na ofensiva no hotel. Ao mostrar a foto do filho, o reconheci como o cara dopado comigo no avião.

— Meu filho errou muito nesta vida, mas desde que conheceu a senhora Adele Ortiz, a mãe da Sacha — arqueei a cabeça. Ela deu sequência —, ele vem se empenhando a mudar de vida. Ele seguiu a Sacha a mando do mafioso e conheceu sua mãe. A história de vida delas o comoveu bastante, agiu por detrás

dos bastidores.

— Poderia explicar melhor este “atrás dos bastidores” — colocou Bernardo

— Claro que sim... Sem o conhecimento da menina Sacha, ele a ajudou na fuga da mansão. Disse que ela vivia uma tristeza sufocante; e como estava grávida, ele ficou com pena e desligou as câmeras e distraiu os capangas.

— Então ela tem filho com o Ivan? — amargurado, pensei em tom alto e a Eva respondeu:

— A vida íntima dela nós não sabemos, sinto muito.

— Pode continuar, por favor — interrompi o rumo da conversa.

— Enfim, o Ivan desconfiava do envolvimento do William na fuga da Sacha, e ameaçava a minha vida e a do meu sobrinho Enrico, caso suas suspeitas fossem confirmadas. Porém, não houve tempo dele investigar, devido à emboscada da polícia. No entanto, o perigo existia com o Ivan à solta. Precisávamos de uma efetiva liberdade, e por esta razão é que eu e o meu sobrinho, por detrás dos bastidores, entramos em campo a fim de ajudar na captura. Demos apoio de uma forma sutil, assim evitamos de sermos alvos certos.

— O Ivan continua suas atividades? — Bernardo questionou.

Ela deu de ombros.

— Embora não saibamos, acreditamos que sim. Este tipo de organização parece que nunca tem fim. — Deu de ombros. — Enfim, o nosso problema direto é o Ivan; então, no anonimato, nos empenhamos em unir você e seu pai com a Sacha. A Sacha era para o Ivan a sua maior conquista, e uma excelente isca para atrair o homem.

— Como exatamente atuou nestes encontros?

— Através de uma investigação minuciosa, descobrimos onde a Sacha estava morando, e frequentando em datas especiais de visitas, coincidentemente ficamos sabendo que o seu irmão esteve lá, atrás de adotar uma criança, inclusive estava em posse de um cartão do orfanato. Então, o Enrico visitou a

mãe do seu irmão falecido, se passando como amigo dele, e jogou a opção do cartão, na esperança dela achar o bendito. E ela achou. Inconscientes, vocês seguiram nossas pistas.

— Então sobre ela bater na porta da minha casa como fisioterapeuta não foi coincidência.

— Teve o meu empurrão. — Ela ria da sua performance. — Estava servindo café aqui naquele dia, você não lembra? — Agora quem ria era eu, recordando. E de fato ficou enrolando servindo o café durante nossa conversa. — Gravei o nome do hospital que o moço de gravata comentou como indicação.

— O Guilherme — a coloquei a par do nome dele.

Ela assentiu.

— Então liguei para o Enrico, ele arranhou um jeito de indicar a Sacha. Até o encontro com os pais dela, ele ajeitou mandando encarte sobre um tratamento na clínica onde sua irmã estava em tratamento. E ele os ajudou a fugir.

— Como assim? — Fiquei perplexo. — A irmã dela morreu há alguns anos.

Erguendo as sobrancelhas, ela negava movendo a cabeça.

— Está bem vivinha! — confirmou. — A mãe fraudou, na intenção de proteger a filha do maléfico Ivan. Inclusive, a dona Adele necessitava de uma van, Enrico se apresentou com o transporte ideal, cobrando um valor sedutor. Neste momento está na companhia de toda a família no Litoral Norte de São Paulo.

— Pode me dar o número do telefone deste Enrico? — roguei ansioso.

— Não vai servir de nada! — Ela moveu os ombros. — Eles estão numa praia deserta, sem energia e nem sinal de celular.

— Deve ser bem deserto mesmo — ironizou Leôncio, pegando seu celular tocando no bolso do paletó preto. — Com licença — disse logo após ver o número no visor. E ao ameaçar sair da sala, Bernardo o questionou.

— Não é um momento adequado para atender celular, Leôncio.

Ele acenou de cabeça e suspirou fundo.

— É da minha casa, eu preciso atender, desculpa. — E saiu.

Descontente, Bernardo grunhiu tenso.

— Precisamos da localização correta — atropelai o clima pesado, me levantei do sofá na maior inquietação e repousei a mão no ombro da Eva. — Pode fazer isso?

— Eu vou com vocês — avisou com firmeza.

Olhei para Bernardo, que assentiu permitindo.

— Muito bem, nos dê neste instante o endereço, por favor.

Foi o tempo para um banho, pegar algumas roupas, que costumavam ficar no armário da empresa, e seguimos viagem ao Litoral Norte de São Paulo.



O clima estava brando, o céu reluzindo ao brilho das estrelas e da lua cheia, proporcionando um espetáculo, pintando as águas do mar de prateado.

E nós ali, naquele barco alugado. Uma operação foi montada do lado da Ilhabela, vários agentes e policiais federais uniformizados faziam a cobertura. Eu, Bernardo, Leôncio, Herbert, Eva e mais três agentes ocupávamos a embarcação a caminho da Praia do Bonete, extremo sul de Ilhabela. No geral, levamos por volta de quatro horas e meia para chegarmos a este paraíso isolado, uma ilha larga e afastada de tudo.

Pelo caminho, combinamos que os três agentes fariam nossa segurança próximos ao barco. Eles usavam rádios e, caso ocorresse alguma divergência, todos os agentes estariam interligados, já que na ilha não havia sinais de celular.

— Leôncio, você está bem, cara? — Sempre muito atento, Bernardo secava o rosto do agente, assim que desembarcamos.

Um suor intenso descia de sua testa, rolando pelo rosto, pescoço e adentrando pela gola da camisa.

— Cara, eu devo estar doente! — Inspirou e expirou forte. — Pensa num calor insuportável.

— Será que existe menopausa masculina? — questionou Herbert, sarcástico.

Todos rimos.

— Idiota! — fazendo uma careta humorada, Leôncio retrucou.

— O calor por aqui está intenso mesmo! — afirmou Bernardo e seguimos caminhando logo atrás da Eva.

Algem tempo de caminhada e nós avistamos ao longe uma casa iluminada por um gerador, perdida na paisagem. Na praia à frente, rodeadas por lamparinas, como em um luau, algumas pessoas sentadas em cadeiras de praia, uma delas percebia nitidamente estar sentada sobre uma cadeira de rodas. Um homem alto e um parecendo velho, usando uma bengala, jogavam bola com um garotinho pequeno, enquanto uma menina maior corria atrás da redondinha.

— Mostra a eles o que você sabe fazer com a bola, Gabriel — tomado por um frio intenso na barriga, fechei meus olhos com aquele tom doce e alegre de voz.

Sacha! Ela se levantou da cadeira de praia, de longe notei que usava um vestido longo, claro e de alças. Os cabelos presos num coque frouxo no topo da cabeça. *Linda!* Mesmo de longe, notava sua fisionomia de felicidade e aquilo tocou em mim. *Ela não precisa da minha presença para sorrir.* Demonstrava ser a pessoa mais feliz deste mundo.

E sua empolgação aumentou com o garoto começando a driblar e espetacularmente considerando seu tamanho.

Todos aplaudiam.

— Este é o meu filhão! — ela gritou erguendo as mãos em direção ao céu, e aplaudia vigorosamente.

Era possível notar o movimento frenético sobre minha camiseta, tamanha a aceleração do meu coração, no seu próximo movimento: ela se jogou de joelhos em frente ao pequeno, o tomando nos braços.

Aquele abraço era único e majestoso!

— Eles vão se assustar com a nossa chegada — Eva, muito prudente, alertou.

— Tem razão — abanei. — Você vem comigo, e eles esperam bem aqui.

— Tem certeza? — confirmou Bernardo, incerto.

Arranquei a câmara da minha roupa e lhe entreguei.

— Não concordo com esta atitude, Henry — insatisfeito, contrapôs Herbert.

— Para estar escondida neste fim de mundo é porque deseja privacidade, e nós vamos respeitar, ok?

— Você quem manda, chefe! — pronunciou Bernardo, hesitante. — Neste instante, a câmara é irrelevante, temos a megaoperação em andamento. Todos que entram e saem desta ilha estão monitorados.

— Está cometendo um equívoco, Henry — interveio o Leôncio. — É mais apropriado se aproximar com segurança. Eu te acompanho — estabeleceu com veemência.

— Ficarão todos aqui e ponto final! — Peguei na mão da Eva. — Vamos! — E a arrastei em direção ao luau.

Capítulo Vinte e Cinco

SACHA

Trintas dias corridos, e meu coração insistia em bater no compasso do Henry.

Ele estava em tudo, em todos os lugares, aqui na essência do meu bebê. O envolvia mais em meus braços, e aquele aperto no peito se achegou com tudo, era sempre assim quando abraçava o Gabriel, ou seja, vinte e quatro horas por dia. Eu não me cansava de abraçar esta fofura.

— O garoto leva mesmo jeito com a bola — pressionando o bastão na garganta, a voz robótica do senhor Sakura soou impressionada.

Olhando-o, sorri orgulhosa do meu garotão.

— Desde pequenino que ele ama bola — declarei, achando engraçado ele erguendo o calção florido, maior do que ele.

Aliás, sua forma de se vestir era exótica, sempre usando roupas dez vezes o seu tamanho. Mas ele era uma boa pessoa; hospedado na pousada do vilarejo, ele vinha frequentemente brincar com as crianças.

— Assim que possível o levarei em algum clube, para ele participar de uma peneira — prometeu meu pai, afoito e suspirou encantado.

— Ele será aprovado, com absoluta certeza. — A voz robótica se misturou ao barulho das ondas quebrando na areia. Só não interrompeu minhas lembranças com o Henry, à flor da pele.

Nosso último momento no quarto da sua casa não saía da minha mente, suas palavras doces. Nossa noite de amor em conchinha.

Delícia!

Eu não gostaria de morrer com este segredo! Porém, não me sentia segura em revelar a existência do Gabriel. Seria uma catástrofe, ele lutaria pelo seu direito de ver o filho, dividiria o Gabriel comigo e eu não podia mais suportar a distância do meu filho.

Esquece, Sacha! Deixe tudo como está.

Impossível! De uns dias para cá avaliava tudo sob meu ponto de vista, e a minha consciência importunava, pontuando o quanto estava sendo injusta com o Henry. Era equivocada a minha decisão de privá-lo do seu direito de pai, e o direito do Gabriel de ser filho.

— Cala a boca seu velho, babão! — brincou minha mãe rindo toda animada. — O garoto ainda nem completou dois anos.

— *Mamm...* — Gabriel ficou entediado com o meu arroxio e forçou o corpo para trás, caindo sentado na areia.

— Seu sapequinha! — Segurei na mãozinha para levantar.

— SACHA? — Aquela voz, rouca e profunda, ao longe soando em meu ouvido, fluiu como uma música e predominou ao redor.

Girei meu rosto e quase enfartei ao vê-lo caminhando em minha direção, a pouca iluminação não impediu de admirá-lo. E como estava charmoso, naquela calça jeans num tom claro e camisa branca, com as mangas dobradas até os cotovelos. Os cabelos a brisa dava um jeito de deixá-los rebeldes, dando um toque ainda mais divino.

— Henry! — finalmente saí do transe e pronunciei alguma coisa.

Levantei-me rapidamente e pegando na mão do Gabriel o empurrei para trás de mim, na parte mais escura, escondendo seu rostinho.

Todos se posicionaram em alerta.

— Vem com o vovô. — Notando o quanto estava ressabiada, meu pai o pegou em seu colo, recuando alguns passos se distanciando.

— Entra com as crianças, rápido! — ordenei precavida.

— Ei, ei! Calma! — Henry ergueu as mãos. — Estou aqui em missão de paz, Sacha.

— Eu duvido muito — contradisse, com toda desconfiança deste mundo.

Pois o medo de ficar sem meu filho era enorme, assustador, na verdade.

— Isadora, vamos entrar! — chamou minha mãe num tom de urgência. Isadora resmungou desanimada. — Entra com a gente, senhor Sakura.

Enrico veio ao meu lado em apoio, e focava atento na escuridão. Logo atrás do Henry, uma silhueta feminina se aproximava.

Logo uma mulher surgiu.

— Tia Eva? — Enrico expressou alegremente e correu abraçá-la.

Oscilava olhar entre eles, muito aflita, arredia com os três.

— Por que você o trouxe aqui, tia? — cobrou Enrico ao sair do abraço.

Eu arregalei os olhos, irresoluta.

— Meu Deus, Enrico! — Balancei a cabeça, indignada. — Você nos enganou impecavelmente, parabéns! — arrasada, aplaudi ironicamente. — Com esta história de pessoa humana, estava armando para nós. É um infiltrado! Só não estou assimilando sua aproximação com eles, Henry.

— Sua interpretação é equivocada — defendeu-se Enrico, avançando um passo.

Assustadíssima, eu recuei.

Só era capaz de pensar na minha família no interior da casa.

— Não se aproxime! — exigi cruzando os braços ao redor do meu corpo.

— Eles são pessoas do bem, trabalham ao nosso lado, contra o Ivan — explicou Henry. Mudei o olhar para aquela senhora. Realmente sua expressão

estava mais para cara de vó, do que vilã. — Antes de concluir qualquer coisa, escute o que eles têm a dizer — aconselhou-me.

— Eu sou a mãe do William.

— Mãe? — Meu corpo inteiro congelou ao ouvir aquele nome.

Descruzei os braços e imperceptivelmente dei mais um passo para trás.

— Não é o que está pensando, querida — proferiu ela num tom confiante. Detive-me, curiosa para ouvi-la. — Como eu esclareci hoje para o senhor Henry, meu William errou em se aliar à máfia, e está arrependido, tudo o que deseja é recomeçar. E para que isto seja possível, o Ivan deve ser preso.

— Você falou, hoje? — Fiquei confusa e olhei para o Henry.

— Sim — afirmou ela calmamente.

— Somente hoje tomei ciência — confirmou Henry.

— Eu estava infiltrada como copeira na empresa do senhor Henry, a pedido do meu William. Conhecer a sua mãe, conversar com ela, mudou o meu filho para melhor. Ele se impressionou com a história de vocês.

— Espera, espera! — Passei as mãos pelo rosto, numa confusão de pensamentos. — Onde o William conheceu a minha mãe?

— No dia da festa do hotel! — Meu cérebro começou a rebobinar, as lembranças vagueavam dentro da minha mente e cheguei ao momento em que saía da casa da minha mãe naquele dia, ela de fato conversava intimamente com o William. — Ele estava ciente da boneca ocupando a cama no seu lugar. Apenas fez vistas grossas. Sua mãe foi muito persuasiva, na intenção de desvencilhá-lo do seu rastro. Ela ganhou o coração do meu filho, e o alinhou nesta vida. Inclusive, ele sabia que a menina estava grávida e a ajudou a fugir da mansão.

Meu coração descompassou, baixei meus olhos refletindo o passado, a câmara no lado do muro que pulei estava desligada.

— O problema é que o Ivan começou a suspeitar das facilitações, e não ameaçou somente meu filho, mas a todos nós da família — continuou ela. —

Unir você e o senhor Henry foi a alternativa encontrada de agir habilmente. O senhor Henry precisava de uma isca, Ivan era apaixonado por você, um chamariz perfeito. E com todo o aparato de segurança, nos aliamos sem que ninguém soubesse. A verdade é uma só, nenhum de nós teremos paz com o homem à solta.

— Os encontros de vocês não foram casuais, Sacha — revelou Enrico. — O encarte mesmo, foi uma forma de reencontrar a sua família.

— Inclusive, a vaga de fisioterapia foi arranjada por nós. Ouvi a conversa na sala do senhor Adam e o senhor Henry, e ajustamos tudo.

Rindo, eu olhava para os três, pasma.

— Todos aqui estão seguros, não se preocupe — afiançou Henry.

— Ah... — começou o Enrico, e o Henry o impediu estendendo a mão à sua frente.

— Depois. — A sua autoridade e as sombras de alguns homens se aproximando me deixaram em pânico. Comecei a chorar e a tremer.

— Por que você veio? O que você quer? — perguntei em total desespero, imaginando-o saindo daqui, arrastando meu filho com ele.

— Tranquilize-se. — Com apenas alguns passos largos ele chegou perto, não me dando a chance de reagir e fechou os dedos, grandes e com firmeza, em meus ombros. Inspirei com seu toque, causando um arrepio tremendo por todo meu corpo. — Não há a necessidade de todo este receio, Sacha. — As palavras sendo pronunciadas no seu tom rouco, e os olhos translúcidos examinando meu rosto, me guiava na trilha do fracasso.

— O meu trabalho já foi concluído! Não precisa mais da minha presença, a isca já foi lançada; e se for como vocês acreditam, em breve o Ivan dará as caras. E eu não pretendo estar presente quando isso acontecer. — Sorrindo levemente, me encarava profundamente, como se procurasse por minha alma.

— Não se trata do Ivan! — falou umedecendo os lábios grossos com a ponta da língua. O movimento seguiu a trilha enervante, a ânsia em experimentá-lo elevou a minha temperatura corporal. Era um erro dos grandes fraquejar e

permitir a emoção ditar as regras.

— Diga logo por que você veio, pelo amor de Deus!

— Eu não sei... — cedeu no tom baixo, subindo a mão lentamente, e tocou em meu pescoço. Meu coração ardeu, como todo o resto, ao seu polegar acariciando meu maxilar. Meus sentimentos por ele assaltavam a minha razão. Ela estava quieta, sem ação, e eu impotente, com meu coração batendo de saudades dele. — Por que não me ajuda a descobrir?

Balançada por sua voz rouca, segurando o choro, eu perambulava meus olhos pelo rosto másculo, exprimindo a mais casta sinceridade.

— Vai embora — tentando ser irredutível, segurei no seu pulso, o afastando do meu rosto. — Não me procure nunca mais — a solicitação era o oposto do que meu coração queria, que eu queria.

E ele notou, rapidamente moldou meu rosto entre suas mãos grandes, fortes e quentes, o levando para mais perto. Experimentando seu hálito em contato com minha pele, fechei os olhos tocada.

— Você quer mesmo que eu vá embora? — indagou encostando a ponta do seu nariz no meu.

Toda entorpecida, não havia condições de qualquer manifestação, a não ser sentir seu calor irradiando.

— Vem, tia! — inativa, ouvi a voz do Enrico distante, e depois os passos se afastando. — Eu já volto, tia Eva, vou dar um pulo no mercadinho para comprar um cigarro — ainda deu para ouvir o Enrico dizer.

— Me deixe em paz... — balbuciei, vendo a cabeça dele curvar e sua testa encostar na minha.

— Eu não posso. — Molhando seus lábios com a língua, corria seu polegar pelos meus lábios. — Eu não tenho vontade de me afastar de você. — Roçou seus lábios nos meus. — Nestes últimos dias, você povoou a minha mente — revelou, me dando um tesão absurdo, senti minha calcinha encharcada.

Engoli em seco, calculando uma distância maior da casa sendo abordada

pelo fantasma dele roubando meu filho, e o empurrei.

— É mentira! — Corri me afastando, e parei entre as cadeiras.

Determinado, ele correu atrás e abraçou minha cintura por trás, unindo nossos corpos.

— Não pode dizer isso! — inspirei longamente, fechando os olhos com ele falando, sussurrante entre meus cabelos.

— Esqueça que eu existo, por favor, Henry! — implorava num resquício de voz. Não sabia ser dura com ele, ainda mais sentindo seu coração batendo forte nas minhas costas. — Não vou mais servir aos seus propósitos.

— O único propósito hoje é você, Sacha — cochichou rouco. Uma das mãos juntava meus cabelos, os levando para o lado, abrindo espaço em meu pescoço e outra apertava a minha cintura. Estremecida, engoli duro, sentindo sua dureza, grossa e quente, vibrando na minha bunda.

— Você é um mentiroso. O seu único objetivo é capturar o Ivan. Só lhe peço, por favor, me exclua desta — resmunguei, toda mole com ele se esfregando e seus lábios mordendo minha nuca, de um jeito muito excitante. Seu perfume amadeirado e magnífico me deixou zonha.

— Eu juro! — segredou em minha pele e desceu beijando até meu pescoço. Não contive o gemido, sentindo sua barba na minha pele. — Foda-se o Ivan... — um fio de voz soou entre mais um beijo, enquanto descia as mãos pela minha perna, um palmo acima do joelho, ele me apertou com força contra ele. — Eu quero que ele se lasque! Nada e nem ninguém é mais importante do que você!

Suas mãos subiram por dentro do vestido, massageando fantasticamente minha pele, e sem pedir permissão levantou a parte de baixo da roupa, deixando minha bunda à mostra, cavou sua imensa ereção, a ponto de rasgar a calça dele.

Ouvindo sua respiração rápida, entrecortada, era inevitável parar por ali, odiando a minha fraqueza e envolvida demais com este homem, empinei bem, apertando o máximo contra ele, sentindo o pulsar violento em mim, o desejando com a força da minha alma.

Puxando a calcinha para o lado, ele tremeu me comprimindo ainda mais, ao

sentir o quanto estava excitada.

— Que saudade eu estava dela! — Deslizava os dedos firmemente pela minha, necessitadíssima vagina, e me dava chupadas e beijos, degustando, explorando cada pedacinho do meu pescoço, aliado a sussurros de palavras quentes, de arrepiar toda. — Eu preciso sentir você. — Penetrou o dedo duramente, arrancando gemidos altos meus. — Eu necessito, Sacha — insistiu, me fodendo desesperado.

Naquele momento de pura luxúria, meu juízo desaparecia e eu queria, e muito senti-lo dentro de mim. E girei de forma abrupta, catando seu rosto e o puxando para um beijo. E foi ele quem domou o instante, agarrado à minha bunda, forçava os dedos entre ela, me beijando perversamente gostoso, e excitante.

— Entra em mim, Henry! — supliquei.

Tremendo, ele afastou rapidamente e pegou na minha mão levando-a até seu pênis duro, pulsando magnificamente.

Não resisti, abri sua calça e abaixando apenas um pouco, o peguei entre meus dedos.

— Céus! — Morrendo de saudades, de vontade, gemia em seus lábios e os lambia movendo a mão, fazendo um vai e vem gostoso, sentindo as veias saltadas pulsarem. Ele ofegava. — Eu quero ele.

— É o que mais desejamos — revelou mordendo meus lábios, passou a ponta da língua no canto da minha boca e correu com ela até meu ouvido. — Parece um sonho que estamos aqui, juntos, Sacha! — rosnava com minha massagem dura, comprimindo a glândula, quase estourando.

Arredou, prendendo seus olhos cinzentos brilhando nos meus, tocava em meus seios. Estava arrepiada com ele apertando os bicos intumescidos e sensíveis.

— Para mim também é um sonho você aqui — revelei, observando seus olhos lacrimejarem.

Rindo apaixonante, ele juntou meus pulsos os prendendo em seu peito, no

movimento alucinado.

— Promete nunca mais fugir de mim, Sacha! — murmurou abafado. Entre lágrimas, eu disse sim movendo a cabeça, e fui surpreendida com as mãos grandes moldando meu rosto e guiando meus lábios aos dele. — Eu quero ouvir a confirmação com a sua voz — sussurrou em desespero.

— Prometo, prometo — respondi, sendo nutrida por todo aquele carinho. Uma mão desceu segurando firme minha cintura, a outra subiu à minha nuca. Prendendo-me completamente a ele, sua língua pressionou dentro da minha boca, num beijo abrasador.

Moldei seu rosto curtindo aquele beijo único, e temendo o resultado final de nossa história em relação ao Gabriel. De repente, ele poderia me odiar.

Solucei sem querer e, notando, ele afastou buscando meus olhos.

— Me dê o prazer de ter você dentro de mim, Henry — supliquei.

Mais que depressa, ele envolveu seus dedos nos meus, e a outra mão pegou uma das cadeiras e nos levou até o ponto onde não havia iluminação. Ali, em meio a escuridão, em total privacidade ele caiu sentado sobre a cadeira, enlouqueci com o olhar travado no seu mastro em posição de hastear a bandeira. Arrastando-me de frente, ele ergueu meu vestido.

— E o preservativo? — Ainda havia um resquício de juízo.

— Eu quero sentir pele com pele.

Titubeei preocupada.

— Você continua sendo a única mulher com quem transei sem proteção. Estou nas suas mãos — garantiu tão bonitinho que este meu coração apaixonado me impediu de raciocinar. — Vem logo, eu gozo fora. — Brutamente gostoso, ele me colocou sentada em seu colo. — Uhhh... — rugiu alto. — Gostoso! — Levantou um pouco meu quadril e afastando a calcinha para o lado, o encaixou penetrando violentamente.

O prazer de sentar naquele pau duríssimo era coisa de outro mundo. Já beirava a insanidade, cedendo tudo para ele, do jeito dele.

Enrolou meus cabelos em seu punho e guiou minha boca à sua, me devorando selvagememente, meus braços estavam fechados ao redor do seu pescoço, com meu corpo sendo sacudido com as violentadas e firmes estocadas.

O som dos nossos gemidos, se misturavam aos das ondas do no mar, com os farfalhar das folhas embaladas pelos ventos, o mesmo vento fresco que tocava nossos corpos em chamas.

— É muito gostoso foder você assim, duramente. — Segurando minha nuca quase engolia minha língua, alucinado fodia forte minha vagina, excitadíssima por ele. O prazer proporcionado, fazia dele o meu maior vício.

Já estava sem fôlego e quase lá, apoiei meus pés no chão subindo e descendo meu corpo, ajudando-o no movimento. Senti-o crescer e ficar arroxado em meu interior.

Henry grunhindo meu nome, acelerou desencadeando espasmos pelo meu corpo.

— Henry, eu vo... — Não adiantou tentar, as palavras não saíram devido ao tesão absurdo. Então contraí meu corpo, explodindo num orgasmo arrebatador.

— Caralho! — urrou tremendo e me apertando para baixo, ao sentir as paredes internas o comprimir. E enfiando o rosto na curva do meu pescoço, senti-o se derramando dentro de mim.

Gozando, ele retornou aos meus lábios, ali o beijo se tornou diferente, calmo, intenso. Parei de buscar suas características, pois ele tinha mil e um significados.

— *Mamama* — o choro do Gabriel pedindo por mim preencheu ao redor.

Desesperada, saí do colo dele arrumando meu vestido e cabelo enquanto ele também se vestia rapidamente.

— Calma, bebê! Estamos indo até a mamãe! — se aproximando com o neto no colo, meu pai conversava com ele no intuito de tranquilizá-lo.

Olhei para o Henry e ri fracamente, ele não. Permaneceu sério enquanto aguardamos a aproximação.

— Oh, meu amor! — Peguei o Gabriel em pranto do colo do meu pai. — A mamãe está aqui, não chora. — Alisei o rostinho molhado.

— Está tudo bem, Sacha? — meu pai perguntou oscilando seu olhar entre nós dois.

Os do Henry pararam pensativos sobre o rosto do Gabriel.

— Espera! — solicitou ele surpreso. — É o garotinho do orfanato — esboçou, rindo abobado. — O craque de bola. — Tombou a cabeça sobre o ombro, me fitando interrogativo. — Ele morava no orfanato com você?

Ele esticou a mão, mas recolheu com o Gabriel agarrando meu pescoço e escondendo o rostinho em meu ombro.

Confirmei movendo a cabeça de cima a baixo. Escondendo as mãos trêmulas dentro do bolso da calça, ele grunhiu desentendido.

Desviei o olhar para o meu pai. De imediato, ele compreendeu a necessidade de espaço. E girando, rumou o caminho da casa notando a necessidade de uma conversa particular.

— Ele é filho do Ivan? — perguntou imerso em receio.

A tensão tomou nitidamente seu rosto, transmitindo certo medo da minha resposta. Eu sentia medo em declarar a verdade.

— Não! — deixei sair, apertando o corpinho do Gabriel junto ao meu. — Entre mim e o Ivan não houve uma relação sexual. Antes de você, eu havia transado uma única vez, aos 18 anos.

Ele arqueou transtornado.

— Quando acordei de manhã no hotel, vi o rosto do Ivan no seu celular e o preservativo vazando no chão. — Um sorriso estranho plantou no canto de seus lábios, prossegui, evitando me acovardar: — Sim, estava furado e o desespero foi tão grande... — Rolando os olhos, parei com eles no céu estrelado, e solucei recordando-me daquele dia. — Ali, acreditava fielmente que você era mais um membro da máfia. Em medidas de segurança, joguei o preservativo no vaso do banheiro e dei descarga. — Ele permanecia sério, estático, só escutando. — Saí

de lá orando, orando... Mas aqui está o resultado das orações. — Beijei a cabeça do meu filho.

— Meu Deus! — Tirando as mãos do bolso, ele levou à cabeça, infiltrando os dedos por entre os cabelos, numa atitude nervosa, emocionada, sei lá. Ele estava esquisito.

— Minha barriga já dava sinais quando decidi fugir da mansão. O Ivan se vingaria da minha família, com certeza.

— Porra, mulher! — esboçou em um tom contido de voz e se aproximou, nos envolvendo em seus braços, apoiando o queixo sobre a minha cabeça. — Sofreu pra caralho! — Ele nos abraçava mais e mais forte. Sentia que estava chorando. — Meu filho? — murmurou num tom embargado pelas lágrimas, enquanto depositava vários beijos na cabeça do Gabriel.

— Sim... — confirmei com os olhos fechados, curtindo o abraço acolhedor. — Você deixou claro naquele dia no bar, sobre filho não estarem nos seus planos, mas ele é o nosso filhinho!

— Para! — advertiu, nos abrangendo mais em seus braços. — Foi da boca para fora. Estou que não me aguento de felicidade, Sacha! — Afastou-se olhando para o Gabriel, ele ria como se não estivesse acreditando. — Oi, garotão! — moldando a mão na parte de trás da cabeça do nosso filho, Henry conversou com ele. — Que tal jogar bola?

Apaixonado por bola, Gabriel logo ergueu a cabeça com um sorriso animado nos lábios.

— *Boia, boia.* — Apontava com o dedo indicador para o objeto de sua paixão ao lado de uma das cadeiras.

E quando o Henry lhe estendeu a mão, ele se jogou em seu colo.

Henry caminhava com o Gabriel o pressionando em seus braços. Lindo, ele chorava em meio ao sorriso. Abracei meu corpo, megafeliz.

E tão entretida naquela emoção, não notei meu pai se achegando.

— Seu filho é muito amado, Sacha! — disse contornando o braço na minha

cintura e deitou com a cabeça em meu ombro. — Este Henry parece ser um bom rapaz, e gosta de você.

O fitei, ele riu malicioso.

— Fiquei o tempo todo observando com receio de sair briga, e a única coisa que presenciei foi um bom e forte amasso de vocês.

Grunhi, rindo envergonhada.

— Desculpa, pai! — Encolhi meu corpo deitando a cabeça sobre a dele em meu ombro.

Ele riu, negando de cabeça.

— Não é para pedir desculpas, filha. — Colocou-se à minha frente, sua mão áspera acariciava minha face. — Merece toda a felicidade desta vida; e pelo que entendi, este rapaz faz parte dela.

Concordei.

— Ele é parte de mim.

— Sim, sim — sussurrou vindo aplicar um beijo terno em minha face. — Minha filha guerreira. — Seus olhos fixaram nos meus. — Carregou uma pesada carga sozinha. Uma tremenda injustiça que fizeram com você, Sacha.

— Dizer que foi fácil, estaria mentindo. No entanto, colhi maravilhosos frutos — confirmei observando meus dois amados batendo bola na areia.

O Henry se deliciava na companhia do Gabriel e acenou me chamando.

Eu não podia ficar de fora desta alegria.

— Acho que vou jogar bola com eles.

— Vai sim, minha querida! A gente precisa viver e registrar momentos como estes.

Saí voando, ansiosa pela companhia dos dois.

O belo cenário rendia momentos inesquecíveis: natureza, praia, eu e o Henry ríamos como dois bobocas com as gracinhas do nosso filho.

Capítulo Vinte e Seis

HENRY

Desde a primeira vez que eu a tive em meus braços, no dia do primeiro esbarrão, algo estranho tomou meu ser. Mulheres de montões já passaram pelo meu crivo, porém, nenhuma delas tocou tão fundo. Com a Sacha sentia meu sangue ferver nas veias.

Em ebulição, subia ao meu coração, e ele estava viciado nesta temperatura, desde então, passou a aticar o meu cérebro a recordar dos momentos surreais. Inconformado com esta reação toda, eu relutei muito, lutei contra este sentimento aflorando, de maneira intensa, dentro do meu ser o tempo todo. Lá no fundo, a minha alma estava ciente de que se travava de uma guerra invencível.

Com ela, as emoções não eram fragmentadas, não havia remendos, era uma linha constante, e forte.

— Chuta a bola aqui para a mamãe, Gabriel — no seu sorriso amplo e contagiante, Sacha pediu a nosso filho.

Na maior habilidade, ajeitou a bola no pezinho.

MEU FILHO! Paralisado, observando mãe e filho disputando a bola, meu coração ardia dentro do peito. Em minha vida corrida, agitada, nunca planejei ter um amor, e ser pai de alguém, então! E, de repente, recebi uma oportunidade como esta. Sentia-me o máximo sendo “pai”, era como ter a terra e o céu dentro de mim. Uma potente e indescritível emoção, que trazia junto a euforia.

— Vai ficar aí apenas olhando? — desafiou Sacha.

— Veeemmm! — Gabriel largou a bola e no seu caminhar fofo, veio me buscar. Seus dedinhos pegaram na minha mão e me levou para perto da sua mãe.

— Está feliz? — indagou singela.

Pesquisando meu rosto com cautela e receio, notei uma tristeza começando a absorver seus olhos expressivos.

— Muito. — Enrolei o braço em sua cintura a puxando, violentamente contra meu corpo, afundando o rosto na curva do seu pescoço. — Recebi de você o melhor, maior e mais valioso presente. — Beije seu ouvido, sentindo-a tremer em meus braços.

— *Boia, boia!* — Gabriel agarrou minha perna e puxava. Meu braço se desprende da Sacha.

Rindo, curvei-me o pegando em meu colo e dando muitos beijos naquele rostinho macio, e meu. E arqueei a cabeça buscando seu olhar.

— Fala papai, Gabriel! — pedi ansioso.

— *Paaap.* — Meu coração se derreteu, literalmente. Rindo como um bobão, esmaguei-o em meus braços.

Com as mãos sobre os lábios, Sacha sorria, abundantemente contente.

— Tia Sacha, eu também quero jogar bola — A voz de uma garotinha se aproximava. Apartamos o abraço a aguardando.

— O nome dela é Isadora — mencionou Sacha e girou o rosto me olhando, enquanto os meus olhos persistiam no rosto daquela menina tão familiar.

— É a garotinha que eu e a Maria Cláudia pretendíamos adotar. — Surpreso, rolei os olhos rindo.

— Isaaa... — Gabriel pegou na mão dela e os dois se afastaram. Um jogava a bola para o outro.

Encarei a Sacha, que demorou alguns instantes para me doar a sua atenção.

— Por que ela te chama de tia?

— Porque eu sou a tia dela, ela é filha da Mônica.

— Filha do Ivan?

— Não, não! — Sua expressão se fechou em repulsa, enquanto balançava a cabeça em negativa. — Minha irmã teve um relacionamento anteriormente, e ao romper o noivado, ela já estava grávida.

— Sério? — questionei, pelejando entender. — E abandonou a filha contigo no orfanato?

Seus olhos encheram de lágrimas, comovido, passei o braço em seu ombro o colando ao meu, e então ela narrou como tudo aconteceu.

— Puxa! — exclamei irresoluto ao caráter apresentado da sua irmã. — Largar a filha no hospital após o nascimento foi uma atitude cruel, não concorda?

Ela deu de ombros antes de se pronunciar:

— Todos nós cometemos muitos erros ao longo de nossas vidas. Aliás, viver é uma grande aventura e requer habilidade.

A preendi com firmeza contra meu corpo, embora envolto de um enorme julgamento sobre a tal Mônica, perpetuei no silêncio.

— Criar a Isadora no orfanato foi um grande desafio, Henry! — Ela riu apaixonada. — Fiz tudo o que estava ao meu alcance para ela não perder a referência de família. Com algumas economias guardadas da época da minha loja, e uma forcinha da Madre, custeamos seus estudos. A Isadora é a única criança que estuda em escola particular. Por isso, o salário oferecido pelo seu pai se tornou tão atraente. Veio na hora certa, minha conta corrente estava secando. E valeu a pena toda dedicação, mesmo porque, adquiri vasta experiência com crianças, ajudando muito com a criação do Gabriel.

Vergou a cabeça abraçando meu pescoço, seus olhos cintilavam em contato com os meus.

— Não quer entrar para conhecer a minha família? — sugeriu acanhada.

Pendi a cabeça comprimindo meus lábios em sua testa.

— Desejo conhecer tudo o que diz respeito a você, Sacha Ortiz, mãe do meu filho — murmurei contra sua pele, sentindo-a estremecer. — Estou aqui imaginando a reação do meu pai quando ele conhecer o neto.

Inesperadamente, ela recuou saindo meus braços, com seus olhos tomados de uma forte tensão.

— Eu sinto muito, mas não pretendo retornar à sua casa. Vou partir com a minha família, enquanto o Ivan representar perigo, nós nos manteremos longe.

— Faz muito bem em temer o Ivan, minha bela Sacha!

A sensação de ouvir o tom de voz demoníaco, em deboche, soou angustiante em preocupação com as crianças e a Sacha. Ambos olhamos na direção dele, quase que mecanicamente juntos. Petrificados, nos deparamos com aquele japonês, agora sem bengala e corpo bem ereto. Olhando-o de perto, o homem era extremamente bizarro, as duas mãos empunhavam armas, uma mirava a minha cabeça e a outra, na da Sacha. Corri os olhos ao redor à procura dos agentes, e nada; o silêncio só era importunado pelas ondas se quebrando na areia, até que Gabriel começou a chorar.

— Sentiu a minha falta, noivinha? — Ivan riu diabolicamente, assustando a todos enquanto retirava a capa dos dentes podres revelando dentes saudáveis, e muito brancos; em seguida, retirou a máscara. Ele estava completamente diferente, mais jovem, o nariz mais afinado, o queixo mais encurtado, e olhos mais puxados.

— Nos enganou direitinho, acreditei de verdade em um senhor Sakura gentil — Sacha pronunciou, oscilando os olhos pelas crianças.

— Pega logo este garoto chorão e vamos entrar todo mundo— Sacha correu para pegar Gabriel no colo ao tom ameaçador.

— Oh, meu amor! A mamãe está aqui, não chora. — Ela alisou o rosto molhado.

E eu peguei a Isadora no colo em seguida, e sob a mira dos revólveres, caminhamos em direção à casa.

Merda! Onde será que se meteram os agentes?

Meu coração saltou no peito ao chegar à porta da sala de pouca mobília e objetos coloridos alegrando o ambiente. A variação de cores não mudava o cenário de morte.

Com cada mão segurando uma arma estava o Leôncio, em pé ao lado da cadeira da Mônica em prantos. Presumi comparando-a a Sacha fisicamente, embora os cabelos e olhos fossem escuros, a semelhança era gritante entre as duas. Uma das armas de Leôncio fincava o cano na bochecha da moça, e a outra apontava para os pais da Sacha e a Eva, atrás da cadeira.

— Coloca a bastardinha — Ivan apontava o cano da sua arma para Isadora em meu colo —, no colo da filha da puta, ali. — Mudou para a Mônica. — Vai com este garoto idiota para trás da cadeira, Sacha. — Acomodando Isadora no colo da mãe, disse baixinho:

— Fica tranquila, tá? — fungando, compreendendo o perigo do momento, ela não se manifestou.

Estático, perambulava os olhos pelo ambiente, procurando alguma alternativa de fuga, ou para agir.

— Vai para trás da cadeira você também, doutorzinho de araque — ordenou —, antes que eu estoure os seus miolos. — E engatilhou.

Desesperada de a arma disparar, Sacha lançou-me um olhar choroso.

— Fique calmo! — Acenei com a mão.

— Eu estava calmo até você e a Sacha ordinária me aporriñarem com aquela notícia de casamento. Você nunca vai se casar com a minha Sacha! — rosnou pressionando o cano na fronte da Mônica, acionando o gatilho.

— MÃE! — gritou a moça.

Isadora não resistiu ao desespero e armou um berreiro junto com o Gabriel.

— Eu que tenho que morrer, Ivan. — A mãe da Sacha batia efusivamente sobre o peito. — Não minha filha.

— Esta vagabunda nem era para estar viva. E se quer saber, eu vou matar a

família inteira — ameaçou acionando o gatilho da outra arma.

— Sangue frio, cara! — tentava de todas as maneiras. Precisava fazer alguma coisa. — Podemos tentar um acordo financeiro bom para você. E prometo cuidar para sair daqui, sem ser importunado.

— Eu não vim fazer acordo do caralho nenhum! Estou aqui para deixar registrado que ninguém neste mundo pode me afrontar, como esta família fez. — Mirou o cano da arma no rosto de cada um, e parou no do Gabriel.

— E este bastardo é filho de quem, sua piranha? — indagou amargamente a Sacha.

— *Mamammm...* — Inconsolável, Gabriel irritou o tirano.

— Cale a boca dele, senão vou estourar os miolos dele primeiro!

— Filho, filho, filho — Sacha o espremia nos braços, o acalmando. — Para de chorar, por favor... — Eu, angustiado, alisava a cabecinha dele, no entanto, sem desviar os olhos do Ivan.

— Se cometer a atrocidade que propõe, nunca sairá desta ilha vivo. Está cercado, a polícia está toda lá fora — avisei, sendo hostilizado.

Uma risada sinistra explodiu de seus lábios medonhos.

— Diga a este doutor imbecil como está lá fora, Leôncio. — Riu se vangloriando.

— Todos imobilizados! — garantiu Leôncio, quase chorando.

— O que é isso, Leôncio?

— Me perdoa, Henry! — O homem comprimiu os lábios, com as lágrimas evidentes nos olhos. — Têm bandidos na minha casa, com a minha família. Um pouco antes de sairmos da sua sala, eles ligaram no meu celular.

— Chega desta baboseira! — zombou Ivan e enfiou o cano dentro do ouvido da Mônica.

— Eu não vou permitir — finalmente o Leôncio se manifestou. Mudou a mira para a cabeça do Ivan. — Mais um movimento e eu atiro.

— Qual é, cara? — Ivan riu sarcástico. — Se eu não der sinal de vida, meus homens irão jogar seu filho da janela do seu prédio.

— Céus! — Sacha começou a chorar atrás de mim.

— Preciso de você calma, querida — virando o rosto, cochichei.

— Tá... — A voz abafada ativou meu senso de proteção. Queria muito virar e abraçar a todos, mas não podia dar um passo.

E Leôncio, na maior coragem foi de peito aberto para cima do Ivan, e um estalo ocorreu na sala, pois a bala subiu atingindo e atravessando o telhado.

Ambos com os dedos no gatilho travavam uma luta no chão. Por um segundo analisei a possibilidade de arrancar um revólver da mão do Ivan, e logo desisti, com o risco indicando ser elevado. E outra que não sabia quantos homens do Ivan estavam lá fora.

— Vamos nos dispersar, um grupo para cada lado e tentar pedir ajuda.

Eu saí correndo em direção à praia com a Isadora no colo e a Sacha com o Gabriel; a mãe da Sacha se embrenhou no mato com a Mônica; e seu pai, em companhia da Eva, pegaram outro rumo.

Passando pelas cadeiras, ouvimos barulhos de tiros vindo da casa.

— Meu Deus! — gritou Sacha.

— Continue, querida! — pegando na sua mão, a incentivei a correr.

— PAROU, PAROU, PAROU! — gritou Ivan vindo no nosso encalço. — Ok, já que são tão burros... — Ouvimos um barulho de metal. Prudentes, paramos; e, ao nos virarmos, o monstro que estava a uns dez metros de nós, subiu a mão direita, agarrada firmemente a uma granada, envolvendo-a por inteira e a alavanca percursora. — Ninguém gosta de ver criancinhas explodindo no ar, não é mesmo? — chantageou.

Desesperado, lancei um rápido olhar para Sacha atada ao Gabriel, e a Isadora em meu colo, meu coração disparou, constatando o quanto estávamos expostos. Lentamente desci a Isadora no chão, Sacha já pegou na mão dela indo os três para trás de mim.

— Por favor! — implorei, erguendo as duas mãos no ar.

Ivan riu maléfico, se aproximando cada vez mais.

— Agora é por favor? — zombou. — Acha mesmo que deixaria barato a traição de todos vocês. Não! — Movimentou a cabeça rapidamente, de um lado ao outro. — Você e o papai foderam com a minha vida, tudo por causa do irmãozinho otário. Você, em dose dupla, quando resolveu comer a minha mulher. — A mão asquerosa, segurando o artefato explosivo, apontou em meu rosto. E grunhiu furioso, direcionando o olhar flamejante a Sacha e as crianças. Arrastei meu corpo na direção dos olhos do mafioso tirando sua visão, e recuando mais um passo, grudei minhas costas nos três. — Como eu me enganei com você, Sacha! Imaginei que seria mais sensata do que a vadia da sua irmã, Mônica. Aliás, a vaca da sua mãe fugiu com ela, mas tudo bem. Depois eu cuido das duas.

O movimento do braço indicava que lançaria a granada em nossa direção.

— Por favor, IVAN! Agir pelo impulso pode ser devastador, cara!

— Impulso? — O crápula soltou uma risada sinistra. O Gabriel não entendia a situação, porém, sentia o clima pesado, novamente ele começou a chorar, convulsivamente, despertando o olhar odioso do Ivan. “Pensa, Henry, pensa”, mentalmente procurava uma alternativa eficaz, qualquer vacilo e tudo voaria aos ares. — Foram dois anos consecutivamente planejando esta vingança — continuou ele. — E hoje é o dia ideal do extermínio, não vai sobrar ninguém. Especialmente, os traíras: a mãe, o sobrinho e depois o William; eu já desconfiava da sua traição.

O suor de nervoso expelia pelos meus poros, eu só pensava nas crianças.

CARALHO, CADÊ MEUS HOMENS?

— Poupe as crianças, por favor! — sugeri.

— Ficou louco? — contrapôs Ivan. — A limpeza será geral. Normalmente, dou cabo de todos os homens que comeram as mulheres às quais me apeguei. Aquele Anselmo idiota foi o primeiro da emboscada.

Inspirei, com o coração apertado no peito, com a revelação do escroto.

— Você tirou a vida do meu irmão por ciúmes? — Ri, incrédulo, inconformado.

Ele balançou o corpo rindo, tirando uma da minha cara. *Que ódio!* Se não fosse pelas crianças e a Sacha, eu pulava em cima dele, iria para o inferno, mas o levaria junto comigo.

— O Anselmo é o seu irmão? — nas pontas dos pés, Sacha resmungou ofegante ao meu ouvido. A distância não permitia o Ivan nos ouvir.

Meu coração agitou no peito, comigo associando as coisas. Claro, a Mônica, irmã da Sacha, foi a noiva do meu irmão, então a Isadora era a minha sobrinha. *Isso aumenta a minha responsabilidade.*

— Depois, amor! — arqueando a cabeça imperceptivelmente, eu articulei emitindo um som mínimo, querendo ouvir tudo o que o bandido tinha a falar.

— Sim, e vou tirar a sua, por duas razões: primeira, por derrubar a minha empresa; e segundo, por acreditar que este garoto chorão é seu filho com a Sacha. — Jogou um olhar demoníaco sobre meu ombro, onde deveria estar vendo a ponta da cabeça da Sacha. — Vacilei como um bobo acreditando em você, Sacha! Transar somente depois do casamento! — ironizou entre os dentes. — E por tantos desaforos, todos vão para o saco. Seu pai, eu cuido depois do seu velório.

Refletindo o que fazer, avistei Enrico na parte escura. Acenando com a mão segurando algo, pedia para nos afastar. Engoli duro, tentando assimilar sua pretensão.

— O que este louco do Enrico está tramando? — Sacha também o percebeu, e indagou sutilmente ao meu ouvido.

Não respondi, ocupado analisando, calculando a nossa distância até o Ivan, e concluí a necessidade em recuarmos, e neste instante o Enrico avançou mais

um pouco, proporcionando ver a arma em sua mão, direcionada as costas do Ivan. Ferido, ele não lançaria o artefato, porém, seus dedos afrouxariam, teríamos de quatro a cinco segundos até a explosão.

— Se prepara que vamos correr com as crianças, Sacha — encostei a cabeça na testa dela, e resmunguei quase sem movimentar os lábios, tomando o máximo de cuidado para o Ivan não notar.

— Entendo a sua posição, Ivan! — ganhava tempo. — No entanto, é um vacilo não ouvir a minha generosa proposta. Bem interessante para você, sendo um brilhante empresário.

— É perigoso! — Sacha balbuciou com voz trêmula.

— Não estamos em uma reunião de negócios, otário! — Ele ria se divertindo.

— O Enrico vai atirar nele, é a nossa única chance, querida! — voltei a falar com urgência com a Sacha. Ela moveu sutilmente sua cabeça. — O Ivan está disposto a tudo.

— Ai! — ela rezingou no primeiro momento e no segundo, se encorajou. — Seja o que Deus quiser!

— Minha oferta está na casa de milhões, Ivan — estendi a conversa, aguardando o momento ideal de agir.

Balançado, ele inclinou a cabeça sobre o ombro. Enquanto analisava a minha proposta, voltei à Sacha com o Enrico chegando mais perto.

— Eu vou me virar, pegar a Isadora no colo e você cuida do Gabriel direitinho, tá?

—Tá, tá — respondeu chorando.

O Enrico engatilhou e atirou. A bala acertou a parte de trás do joelho do Ivan, e ele caiu sentado no chão, os dedos continuavam comprimindo a alavanca percursora da granada.

— CORRAM! — gritou Enrico.

Num piscar de olhos me virei catando a Isadora no colo, Sacha já estava com o Gabriel no dela e saímos disparados.

— FILHOS DA PUTA! — praguejou Ivan em tom agoniante pela dor. — Estão correndo em vão, hoje a morte de todos vocês é certa.

— SE LEVANTAR, EU ATIRO NA SUA CABEÇA! — ouvimos o Enrico gritar.

Sacha se desesperou.

— Não pare, querida, precisamos atingir uma distância segura.

— FODA-SE! — berrou Ivan com todo seu ódio, e então dois estalos de tiros ecoaram ao redor.

— Se protejam! — gritou Enrico, em seguida.

Já estávamos a uma boa distância quando olhei para trás. Vi o vulto de alguém correndo e alguns segundos resultaram em uma grande explosão, o clarão expelia fragmentos no ar. Em precaução, abracei Sacha com o Gabriel, e nós quatro caímos sobre uma densa vegetação, e permanecemos ali por alguns instantes com nossas cabeças abaixadas.

— Enrico? — Sacha o chamava, em prantos. — Meu Deus, que tragédia!

Abraçava-os mais forte e beijava sua cabeça em apoio.

— Eu o vi correndo, espero que esteja bem — torcia esperançoso em seus cabelos.

E permanecemos ali por mais algum tempo.

— SACHA, GABRIEL, ISADORA, ONDE ESTÃO VOCÊS? — A voz do pai da Sacha preencheu nosso vazio.

— Vem, amor! — Me levantei e os ergui em seguida, e saímos de dentro da mata.

— Filha! — Ele veio desabando ao nos ver.

Aconchegou a filha e os netos ao mesmo tempo em seus braços, e chorava como uma criança.

— Graças a Deus vocês estão bem! — chorava de alívio, arrancando as minhas lágrimas.

— Agora acabou, pai, acabou. — Sacha o apertava, se desmanchando em lágrimas.

— Sacha, filha! — Agora era a sua mãe, empurrando a cadeira de rodas.

— Isadora, Isadora? — Mônica gritava o nome da filha.

Eu me afastei, dando espaço para o abraço da família, que sofreu tanto!

Assistir o abraço da Isadora na mãe era uma carga emocional do caramba. Ficou complicado segurar as lágrimas.

Minha sobrinha, filha do meu mano querido! Ergui o rosto ao céu. Oh, mano! Seria tão bom se você estivesse aqui com a gente! Eu prometo, vou cuidar da sua filha como se fosse minha. Eu juro!

— Graças a Deus que tudo acabou bem, agora podemos viver nossas vidas como pessoas normais. — O desabafo da Sacha, nos braços dos seus entes queridos, chamou minha atenção.

Eu queria tanto abraçá-la, mas não queria atrapalhar toda aquela alegria, alívio, amor.

— O Enrico arriscou a vida dele para nos salvar. — A mãe da Sacha chorava de soluçar.

— Você o viu, ele está bem, mãe? — quis saber a Sacha, com as mãos juntas sobre os lábios, orando por uma resposta positiva.

— Bem ele não está, foi muito ferido pelos estilhaços, mas está vivo. Diferente do Ivan, seu corpo foi mutilado.

— Ah, graças a Deus Enrico está vivo! — Sacha riu aliviada. — Ele foi maravilhoso.

Paramédicos e muitos policiais chegaram naquele instante, fazendo um cerco pela ilha. Os socorristas cuidavam do Enrico, em estado grave, e o Leôncio ferido com um tiro no ombro esquerdo e outro na perna.

— MEU SOBRINHO! — agora foi a vez da Eva gritar em prantos.

— Estamos cuidando, senhora! — Um dos homens fardados segurava seu braço, para não se aproximar, evitando atrapalhar os procedimentos de atendimento.

Cheguei perto da Sacha e beijei sua testa, e do meu filhão.

— Eu já volto. — Segui para consolar a Eva.

— O Enrico está muito machucado, senhor Henry. — Passeava com as mãos em suas costas consolando-a, com ela derramando suas lágrimas sobre minha camisa. — Ele precisa sobreviver, planejamos nos mudarmos para um paraíso tranquilo quando o William sair em liberdade.

— Ele é um rapaz forte, e Deus o recompensará por sua atitude nobre de salvar o próximo.

Ela arqueou a cabeça, conectando seus olhos encharcados nos meus.

— É verdade! Ele sempre foi um bom garoto.

— Tudo em ordem com você, Henry? — Bernardo chegou apavorado, esfregando o pulso esquerdo.

— Agora sim — respondi reparando no pulso machucado.

— O filho da puta teve a ajuda do Leôncio, por isso fomos amarrados. Ele alvejou um dos agentes na embarcação, mas está bem. Sorte que o Enrico foi atrás de cigarros, por fim ele conseguiu escapar e acionou a polícia de um orelhão. Estou engasgado até agora com a traição dele — comentou ríspido.

— Se pendurassem meu filho na janela de um prédio, eu faria o mesmo. — Ele acenou de cabeça, ponderando.

— Faz sentido sim.

— Preciso ver o Leôncio — disse observando o movimento de pessoas ao redor.

— Está no interior da casa, os paramédicos estão dando atendimento. Vamos até lá.

Consciente e em lágrimas, Leôncio conversava com o profissional da saúde enquanto eles realizavam os procedimentos médicos, ali mesmo.

— Meu filho, Bernardo? Como está meu filho? — perguntava desesperado quando nos viu entrando pela porta.

— Fica tranquilo, Leôncio! A polícia já prendeu os meliantes na sua casa, e a sua família está bem.

Sorrindo, ele suspirou aliviado.

— Desculpa, Henry — expressou num tom embargado.

— Compreendo as suas atitudes, e agradeço em ter nos ajudado.

— O cretino do Ivan levou a melhor, quando caiu de costas no chão ele atirou em mim. E saiu atrás de vocês. Eu me arrastava para fora, preocupado, e o Enrico chegou na hora e pegou a arma.

— Com licença — solicitou um dos socorristas ao retirarmos.

— Averiguaram se o Ivan realmente agiu sozinho aqui em Bonete? Porque em São Paulo já sabemos que tem homens ao seu comando — perguntei ao deixarmos a casa.

— Estamos fazendo o levantamento. Mas já temos confirmações de que o Ivan estava morando no nordeste do Brasil. A repercussão do casamento entre você e a Sacha o atraiu. Disfarçado de japonês, ele veio à ilha no mês passado com a família.

— Estava na espreita me aguardando para fazer o serviço completo — citei furioso. — Ele matou o Anselmo porque ele e a Mônica tiveram um filho.

— A coisa foi bem pessoal, cara! — Bateu no meu ombro. — Agora é tocar

a vida e seguir em frente.

E saiu se juntando à polícia com seu trabalho de interrogatórios, eu voltei à família unida, ainda todos abraçados.

— A Sacha acabou de me contar que você é irmão do Anselmo. — Mal cheguei perto e Mônica começou a falar.

— E você é a noiva que arrasou o coração dele — não me contive.

Ela fechou os olhos, inspirando densamente e então, voltou aos meus olhos.

— Nunca irei me perdoar por isso, o Anselmo era a melhor pessoa deste mundo.

Pena que você está enxergando as qualidades dele tardiamente.

— Meu irmão era único, não merecia passar pelo que passou. — As lágrimas em meu rosto denunciaram minha emoção à flor da pele.

— Não fica assim. — Os braços delicados e quentes da Sacha, a minha Sacha, me apertaram, meu coração disparou com sua face pressionando meu peito. — Não deixe o ressentimento prosperar dentro de você, por favor — murmurou, correndo os dedos pelos meus braços.

Assenti, moldando seu rosto entre minhas mãos.

— Eu vou superar. — Puxei-a selando seus lábios, sentindo o sabor salgado de nossas lágrimas.

E segui até em frente à cadeira da Mônica e me abaixei à sua frente a encarando.

— O Anselmo amava você; e com tudo o que aconteceu, e a obsessão dele em adotar uma menina mais velha, estou certo de que ele sabia da Isadora.

Seus olhos inundados direcionaram à filha, dormindo no colo do avô, e os meus sobre o Gabriel dormindo no colo da avó.

— Se eu pudesse voltar ao passado, eu faria tudo diferente — declarou com

humildade.

Ergui-me, levando a mão em forma de concha em sua face.

— Não tem como voltar atrás. No entanto, pode aproveitar a chance que está tendo e dar o seu melhor para agradecer as pessoas que tanto fizeram por você.

Vaguei os olhos para toda a família, seus olhos seguiram a direção dos meus.

— Eu juro para vocês que farei tudo diferente daqui para a frente. Vocês terão orgulho de mim. Eu juro.

— Oh, querida! — Sua mãe veio entregar o Gabriel em meu colo. — Obrigada por tudo, Henry — agradeceu.

Meneei a cabeça, e ela foi abraçar a filha.

— Eu também preciso agradecer. — Agora foi a vez do pai da Sacha.

— Acho que esta parte podemos deixar para depois. — Enrolei meu braço na cintura da Sacha. — As crianças precisam de conforto, então sugiro que todos venham comigo para a minha casa.

— Eu concordo! — Sacha se manifestou.

Virei o rosto beijando sua testa.

Com todos agregando a ideia, solicitei ao Bernardo que providenciasse o transporte mais rápido até minha casa.

Capítulo Vinte e Sete

SACHA

Enquanto embarcavam minha irmã no helicóptero da polícia, eu refletia sobre a minha vida. Honestamente? Estava estranhando todo aquele cuidado e carinho do Henry. Compreensível, considerando a pauleira que havia sido a minha vida. Mas sabia que me acostumaria bem rápido, isso se ele não batesse as asas e voasse para longe de mim.

Fechei meus olhos conformada àquela possibilidade. Nada o impedia de assumir a paternidade e quanto a mim? Me colocaria de escanteio.

Ele se sentou ao meu lado, o Gabriel dormia em nosso colo: a cabeça sobre o colo dele e os pés sobre o meu.

Com o olhar fixo à frente, notava sua curiosidade pelo canto do meu olho, afagando os cabelos loiros e sedosos do nosso filho, ele retinha o olhar no meu perfil.

Queria ter o poder de ler mentes e descobrir seus pensamentos? Suspirando, acabei rindo, considerando minha preocupação uma bobagem.

O importante era o aqui e o agora. Os momentos juntos!

O quanto iria durar tornou-se irrisório para uma pessoa como eu, que aprendeu a viver um dia por vez. Sempre sem nenhuma expectativa.

Durante todo o percurso de helicóptero fora silencioso, com as crianças dormindo profundamente. E progrediu até entrarmos na van, em São Paulo. Todos nós estávamos muito abalados com a tragédia. Principalmente a minha família! Nós nos apaixonamos pela pessoa do Enrico. Um ser humano incrível.

Tão logo a van estacionou à frente da casa do Henry, meu coração

disparado emergiu a garganta. Engoli duramente, esforçando-o a descer pro seu lugar. Estava um deus nos acuda obter controle físico e emocional, tanto que aguardei todos desembarcarem. Então, chegou a minha vez.

Após pegar o Gabriel no colo, Henry estendeu sua mão me ajudando a descer.

O vento fresco da noite, de céu estrelado, não refrescou meu corpo pegando fogo, com um único e exclusivo responsável: o nervosismo à flor da pele.

— Suas mãos estão suando! — atestou estranhando.

— Está batendo um desassossego de pensar na reação do seu pai.

— Também estou apreensivo com o coração do velho. É bem provável dele enfartar — pronunciei sério, afligindo a todos o olhando tensos. Rindo descontraído, continuou: — Só um coração porreta de forte é capaz de aguentar as tempestades de emoções em saber dos seus dois lindos e maravilhosos netos.

Puxou-me para um beijo, enquanto todos respiravam aliviados.

O sensor de presença acendeu as luzes da sala ao cruzarmos a porta. A casa silenciosa indicava que todos dormiam.

— Vocês se importam de aguardarem aqui na sala, enquanto eu subo com a Sacha e as crianças? Acredito que, deitado na cama, ele suporte mais as emoções.

— Boa sorte! — desejou minha mãe mediante um sorriso confiante nos lábios e repassava os olhos grandes e expressivos ao redor, fazendo o reconhecimento do local.

Nossos olhos eram grandes e expressivos, no entanto, o tom da Mônica e da minha mãe eram de um castanho-escuro, como os cabelos. O tom azul eu herdei do meu pai.

Henry bateu à porta o preparando.

— Pai?

— Henry, filho! — Logo as luzes no interior se acenderam.

O Gabriel, no colo do pai, acordou; e estranhando o ambiente, arregalou os olhos olhando em cada canto.

Posicionando-me em sua frente, eu segurei firme na mãozinha da Isadora e entramos.

O senhor Adam só tinha olhos para as crianças à medida que foi se arrastando devagar sobre o colchão, se sentando.

— Tenho milhões de novidades...

— Quem são estas crianças? — o senhor Adam o interrompeu.

— Já que está sentado, posso te dar a notícia.

Sua testa franziu e seus olhos interrogativos buscaram os meus.

— Que suspense é esse, gente?

Comprimi os lábios segurando o nervoso.

— Este garotão aqui — Henry suspendeu um pouco o braço — é o Gabriel.
— Pressionou os lábios grossos e saborosos na bochecha do filho. E levou a mão livre ao ombro da Isadora. — E esta mocinha linda é a Isadora.

Ele riu, sem entender.

— São os seus netos, pai! — Ele começou a rir e não parava mais. — As suas suspeitas se confirmaram, o Gabriel é o meu filho com a Sacha. — A crise de risos intensificou e vieram as lágrimas também. — E a Isadora é a filha do Anselmo, com a irmã da Sacha.

Ria e chorava derrubando a todos.

— Não quero saber de nenhuma outra novidade agora, eu iria até aí se pudesse, então, piedosamente traga logo os meus netos aqui — pediu com os braços abertos.



Pulei sobre a cama com as crianças ainda acanhadas, recebendo o abraço forte e caloroso do meu pai, chorando. Na mesma emoção, Sacha continuou ereta em pé do lado da cama, catei a mão dela e a trouxe junto de nós. Com a sua presença, as crianças se soltaram. Meu pai começou uma guerra de travesseiro comigo, incitando os netos, e deu certo, de repente desencadeou uma guerra daquelas.

Uma tempestade de carinho e emoções era o que ocorria naquela cama, nos abraçávamos mantendo as crianças no centro, unindo o calor de nossos corpos. Os dois riam animados, sentindo todo aquele amor, puro e belo.

— Eu não quero detalhes agora, minha filha — dispensou meu pai. — Eu só quero viver este momento. — Tocava a ponta dos seus dedos na face da Sacha. — Meu coração garantia o tempo todo sobre você ser uma pessoa especial. Obrigado por trazer tanto às nossas vidas.



— Eu ainda considero pouco — interveio Henry, se ajeitando na cama com um olhar misterioso e pegou minha mão. — Será necessário muito mais tempo para construir tudo o que tenho em mente.

— E o que você tem em mente?

— Construir um lar, repleto de filhos, com alguém que amo muito.

Eu não sabia se ria ou chorava.

— Adorei esta ideia, filho! — com um olhar ansioso sobre mim, e segurando cada criança em um braço, aclamou o senhor Adam.

— Quem seria esta sortuda?

— Você, Sacha Ortiz! — Pegou minha mão a levando sobre o peito. Senti as batidas do seu coração na palma. — Amo a senhorita, aceitaria se casar comigo?

Aquele pedido humilde, e franco, tocou a minha alma.

— É claro que sim! — Curvei-me o abraçando apertado.

— Então vamos comemorar a esta grande conquista — o senhor Adam interrompeu nossas emoções explodindo por nossos poros, apanhou os travesseiros.

E assim recomeçamos a guerra de travesseiros.

Uma felicidade plena, um momento inesquecível que ficará para sempre em minhas memórias.



Henry contou todo o episódio da ilha ao pai, só que ele sequer tomou conhecimento. Estava tão alheio e rapidamente ligou para a dona Maria Cláudia, requisitando sua presença imediata. E envolto da felicidade transparente, rapidamente sugeriu descermos.

Entramos todos juntos no elevador. O Gabriel sentado no braço direito da cadeira e a Isadora caminhando do lado esquerdo, sendo guiada pelo braço do avô em sua cintura. Ambos encantados com o elevador.

O senhor Adam se reteve à porta ao abrir, o par de olhos verdes lacrimejavam, concentrados no rosto da Mônica. Colando os lábios um sobre o outro, ele sorriu e desviou aos meus pais, muito receptivo e atencioso, abraçou a todos.

Sua próxima atitude foi entregar o Gabriel ao colo do Henry, e meu pai pegou a Isadora. Então, lentamente se dirigiu à cadeira da Mônica, parando em frente a ela. Por um instante pesquisou silenciosamente o rosto da minha irmã, e avançou ao seu lado, colando os braços das cadeiras e fincou um intenso contato visual.

— Então você foi o grande amor do meu filho Anselmo? — sussurrou sem esconder sua comoção, as lágrimas rolavam pela face lisa. Estendeu a mão até próximo ao rosto dela. — Me permite? — Mônica disse sim meneando a cabeça. E seus dedos tocaram, com muito cuidado, a pele dela, e dedilhava montando uma expressão incrédula. — É incrível! — Riu ofegante. — Sua presença aqui deixa minha vida diferente, emenda meu coração, que foi cortado ao meio com a partida do meu menino.

Seu gesto para com a minha irmã, e suas palavras, se estenderam em cada um dos presentes. Henry, com o braço sobre meu ombro apertou-me a ele. Estava duro conter as lágrimas!

— Desculpa! — ela balbuciou em lamentos.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, querida! — Curvou o corpo ao lado e a abraçou forte. — A vida é o que é — sussurrou em seu ouvido. — O que nos resta agora é fazer tudo melhor, transformar os nossos dias nos melhores de todos os tempos. Você me entende? — Mônica movimentou a cabeça em seu ombro. E aquele abraço se tornou mais arroxado. — Abraçar você é como ter o meu filho em meus braços, supera a dor da perda e, por esta razão, me dá uma vontade enorme de nunca mais soltá-la.

— Acho que vou preparar um chá para todos. — Valentina, que surgiu na sala, chorou ao assistir a cena emocionante.

— Não se esqueça do chocolate das crianças, Valentina! — avisou o senhor Adam largando Mônica. Finalmente! — Iremos aguardar lá na piscina.

As crianças gritavam eufóricas.

— Gostaram da ideia, né, seus danadinhos? — dizia se achegando perto do Henry, e estendeu os braços. — Vem com o vovô. — Mais que depressa Gabriel se jogou.

— Eu também quero! — enciumada, Isadora disse chorosa. Afinal, andar na cadeira elétrica não deixava de ser uma grande aventura aos garotos.

Henry empurrava a cadeira com os três na maior algazarra.



A madrugada luminosa de lua cheia prateava tudo ao redor, criando uma atmosfera de paz, uma que jamais achei que teria. As estrelas se aliavam a toda beleza, até o clima quente soava agradável, o toque do vento era suave, a vegetação não se movia, na verdade, o vento não chegava a ser uma brisa. Era empolgante a inquietude das crianças com a piscina enorme.

— Será que a gente pode nadar? — Isadora sempre foi a mais ousada.

Gabriel já se jogava para fora da cadeira do avô. O senhor Adam lançou seu olhar matreiro a mim, depois a minha irmã. Ambas acabamos rindo com carinho.

— O clima está agradável, a temperatura da água é quente, portanto, eu não vejo problema — opinou Mônica.

O senhor Adam suspirou alegremente.

— Vamos nadar, garotada! — Foi a maior gritaria.

Com a ajuda de alguns funcionários, Henry posicionou o pai na cadeira do elevador de piscina. Ali, ele se deliciava com as crianças entre os abraços, com guerras de água e risos em tonelada.

— Teria que viver cem anos, e mesmo assim, não seria tempo suficiente para reparar todos os meus erros — comentou Mônica, suspirando com os olhos na piscina. Aliás, a algazarra dentro da água era a atração predileta de todos por ali. E girou um pouco a cabeça em busca dos meus olhos. Sentada na espreguiçadeira ao lado do Henry, abri um sorriso terno, o melhor que pude. Ela era a minha irmã querida, e eu nunca deixei de amá-la, apesar de tudo. — Graças a Deus existiu você perante o meu egoísmo. Sabe se lá onde estaria a Isadora agora. — Fechou os olhos se martirizando.

— O seu sacrifício garantiu a união completa de nossa família — expos meu pai.

Ele estava sentado na cadeira ao lado da espreguiçadeira.

Os olhos da minha mãe recaíram sobre mim, em total agradecimento.

— Levar a Isadora para casa esteve em meus planos, mas, infelizmente, não saiu como planejei. Jamais arriscaria a vida da minha sobrinha. E assim a vida seguiu.

Meu pai me estendeu sua mão, e eu segurei forte.

— Você tem o contato da Jussara? Queria muito vê-la — expos a Mônica num tom de voz saudosos.

— Ela tem ligado frequentemente atrás de notícias suas, amor — Henry, que ouvia quieto a conversa da família, se pronunciou colando sua cabeça na minha.

— Ela deve estar apavorada, coitada.

— Mantive o contato contigo, e nem assim comentou sobre a gravidez da Mônica — dizia minha mãe. — Estou impressionada pelo quanto a Jussara é uma amiga fiel.

— Ela não faz ideia que tenho o Gabriel, e estou com a Isadora.

— Com certeza amanhã ficará a par — interveio o Henry. — Daqui a pouco o ocorrido na ilha será notícia no mundo todo.

— ONDE ESTÃO TODOS, PELO AMOR DE DEUS?! — reconheci a voz exasperada da dona Maria Cláudia, vindo do interior do salão.

Ela parou à varanda, e ali permaneceu estática, observando o movimento.

— Aguardávamos ansiosos por você, Maria Cláudia. — Henry se levantou na intenção de recepcioná-la, e foi impedido de se aproximar, com o grito do seu pai.

— Paradinho aí, filho! — Acenou com a mão lá da piscina. — Eu serei o precursor da notícia maravilhosa.

— Tudo bem! — Erguendo as mãos, Henry espalmou o ar. Levantei-me passando o braço ao seu redor.

— Você me liga em plena madrugada e me assusta com a urgência. E chego aqui e o encontro nesta farra na piscina com a garotada. E quem são essas crianças, fala logo?

E então parou os olhos na Mônica.

— V-você — gaguejou, seu rosto ficou um branco total. — Eu não a conheci pessoalmente, mas vi uma foto sua, é a Mônica do Anselmo, que morava em Belo Horizonte, não é? — Minha irmã não teve tempo de resposta, porque seus olhos mudaram para a piscina, focando em Isadora. — É a garotinha que pretendíamos adotar, Henry?

— Ela própria — Henry confirmou, deixando a mulher ainda mais perplexa.

O senhor Adam interpelou todo entusiasmado.

— Se cheguem aqui com o vovô, crianças.

— VOVÔ? — ela repetiu, plantando uma expressão de evidente confusão.

— Sim, minha querida! — o pai de Henry afirmou abraçando os netos, um em cada braço. E o que estava a Isadora o elevou alguns centímetros à frente, a destacando. — E esta aqui é Isadora, minha neta, filha da Mônica. — Rindo ofegante, ela franziu a testa, desconfiando do rumo daquela prosa. — Sua neta, a filha do Anselmo.

— Ah, meu Deus! — Quase o ponto de infartar, ela levou as duas mãos à boca.

— É uma longa história — interpelou Henry, na mesma sintonia dela.

— O que eu faço agora? — Ela começou a andar de um lado ao outro, perturbada.

— Vamos sair da piscina e dar um abraço gostoso na vovó, Isadora?

— Não precisa sair não, eu vou até aí. — Ela desatou a correr e saltou para dentro da piscina com roupa, bolsa e tudo.

— Que louca! — Henry, emocionado, acenava com a mão.

Realmente a cena era única, a vovó coruja enchia o rosto da Isadora de beijos e a abraçava tão forte.

— Maria Cláudia? — Ela ergueu a cabeça olhando abobada. — Eu demorei para decidir, mas nunca é tarde.

Ela deu de ombros.

— Você quer se casar comigo?

Ela começou a rir e o abraçou.

— Seu velho bobo. — Os dois se beijaram com amor e carinho.

Todos aplaudiram.

— Sacha, o que você acha de nos casarmos no mesmo dia?

Surpresos, os três pares de olhos recaíram sobre mim.

Inspirei fortemente, e fui à sua frente, moldando seu rosto em minhas mãos.

— Jura que tudo isso não é um sonho? — sussurrei.

Pendendo a cabeça, seus lábios roçaram em minha testa.

— Não pode mais duvidar de mim, Sacha! — citou em minha pele, despejando o calor do seu hálito.

— Desculpa! — arqueei, necessitada de seus olhos. — É que eu não estou acostumada com as coisas todas certinhas, sabe?

— Sua boba! — Me apertou em seus braços e sacudiu meu corpo.

Realmente, precisava daquela sacudida.

— Vamos sim, vamos nos casar no mesmo dia do seu pai e dona Maria Cláudia.

— Perfeito! — dizendo isto, seus lábios engoliram o meu no beijo mais calmo e apaixonado deste mundo. E ainda embaixo de aplausos e gritaria das crianças da minha vida.

Agora, das nossas vidas.

Capítulo Vinte e Oito

HENRY

Eu e o meu velho estávamos acostumados a uma rotina de vida silenciosa e, de repente, tudo mudou! Composta por uma família imensa, ficou barulhenta à beça.

Sorria apaixonado e agradecido contemplando Gabriel, sentado na mesa do escritório da minha empresa, aliás o garoto não me largava de jeito nenhum, se não me via, chorava.

O garoto era sapeca, viu? Deixei uma pilha de folha sulfite à disposição dele, tudo para entreter o danadinho. Ele riscou o papel, comeu... Pintou todo o rostinho de caneta, pintou o sete, na verdade.

— Ah, seu arteiro! — Peguei-o no colo, enchendo a bochecha, toda riscada, de beijos. — Sua mãe vai ficar uma fera quando te ver assim.

— *Paia* — ele pedia rindo todo derretido.

Admirando-o, eu ria das suas palavras.

— Para de ser preguiçoso e fala certo, filho. Repete o que o papai vai falar: *Para, papai!*

Ele ria com os dentes trincados.

— Para, papai! — insisti.

— *P-pala*, papai.

— Seu fofo! — Orgulhoso em abundância, o cingi nos braços, quase achatando-o.

— Estou com uma extravagante inveja deste abraço. — Meu coração saltou no peito ao tom de voz meigo e doce.

Envolvendo mais o Gabriel em meus braços, girei nos calcanhares. Linda e gostosa, dentro de uma calça jeans clara, e uma blusa estampada de mangas bufantes, Sacha entrava pela porta, carregada de sacolas.

Incentivar ela a ir às compras, em companhia da Jussara, fora proposital a fim de distraí-la. Ela andava cabisbaixa estes dias, o motivo eram as crianças do orfanato, agora convivendo ao lado desta fantástica mulher, eu a entendia bem. Seu coração e sua vida estavam completamente ligados aos internos.

Alugamos um sítio em uma cidade próxima, aqui da Capital, para a celebração e festa do nosso casamento, a Madre confirmou presença, porém, por motivos de segurança, não autorizou a saída das crianças.

— Deixe-me te ajudar. — Colocando o Gabriel em pé no chão, segui para pegar algumas sacolas. — Pelo jeito, você comprou a loja inteira — brinquei.

— Alguém pode me dar uma forcinha? — Jussara, vestindo um lindo macacão preto, combinando com os cabelos lisos na cintura, entrou logo atrás com uma quantidade maior de sacolas.

— Compraram sim, a loja toda. — Rindo, larguei as sacolas da Sacha sobre o sofá, e corri para acudir a coitada da Jussara.

— Exagerei, amor! — cruzando os braços ao redor do meu pescoço confessou Sacha, constrangida.

— E quem é que resiste a tantos modelos de roupas infantis? — emendou Jussara.

Não tomei conhecimento do comentário, só tinha olhos para aqueles lábios grossos e sensuais que eu amava. Beijei-a com vontade, e ainda deu uma leve apertadinha contra o tarado, já armando dentro das calças.

Somos loucos por esta mulher!

— Se comporta, amor — ficando nas pontas dos pés, advertiu ao meu ouvido, acarretando um arrepio terrivelmente excitante pelo meu corpo, e minha

situação se agravou com seus dentes cravando no meu lábio inferior, e puxou. Meu pau latejou, dolorido pra cacete!

— Arranja um minuto, amor? — a pergunta foi no tom mais baixo possível. Entretanto, a Jussara ouviu.

— Será que poderiam respeitar e parar de safadeza? — ralhou ela usando um tom irônico, porém, sua expressão era bem-humorada.

— Sua amiga é bem legal! — reclamei frustrado.

— Brincadeira. — Aproveitando o Gabriel entretido abrindo algumas sacolas com brinquedos, ela se aproximou se colocando em nossa frente. — Não deixem de aproveitarem cada momento. E essa minha amiga merece o melhor. — Espalmou o rosto de Sacha, em seguida o meu. — E você é o melhor. Obrigada por resolver as nossas vidas.

— Resolvi a minha também. — Puxei a Sacha, colando seu quadril em minha perna. — Como eu poderia imaginar que no caminho da vingança encontraria um amor de verdade. Um destino tão glorioso.

— E eu trilhava em busca da liberdade e acabei na prisão dos seus braços — emendou Sacha, sorrindo lindamente.

Arqueei a cabeça com olhar desafiador.

— Carece de um advogado para tentar sair dela.

— Jamais! — Passou os dedos sobre meus lábios, carinho recebido com os olhos fechados. — Estou feliz com a prisão perpétua.

— Te amo, Sacha!

Seus braços cruzaram novamente ao redor do meu pescoço e sem se importar com a presença da Jussara, sussurrou em meus lábios:

— Eu te amo algumas toneladas a mais...

— Hum, já vi que estou sobrando aqui, com licença — tão logo terminou a frase, Jussara virou-se.

Segurei em seu braço.

— Engana-se! Você e sua filha são bem-vindas na nossa família.

Inclinando a cabeça levemente ao lado, seus lábios se afastaram num sorriso grato.

— É tão bom ouvir isso! — Suspirou emocionada.

Sacha abraçou forte a amiga.

— Eu não enxergo você fora da minha vida, Ju — cochichou no ouvido dela.

— Eu também não — admitiu. — Estamos juntas nos momentos bons e também nos difíceis.

— E por ser parte da família, eu e meu pai temos uma informação de extrema importância a passar para você. — Seus olhos semicerraram no semblante curioso.

— Aconteceu alguma coisa? — inquireu preocupada.

— Vamos subir à sala do meu pai.

Assim que peguei Gabriel no colo, o Bernardo abriu a porta da minha sala, e com ele estava a Danielle.

Como no casamento de mentira, ela ficou responsável pela organização real.

— Desculpa entrar assim, a sua secretária não estava na sala — explicou Bernardo.

Divaguei estranhando, bem, nem tanto! Após saber da oficialização do meu casamento, Roberta vinha me evitando.

— Você tem passagem livre na minha vida, cara! — Repousei a mão no seu ombro.

Gabriel começou a chorar, e jogar o corpo onde estava os brinquedos.

— Cara, a empresa está com cara de creche — percorrendo os olhos ao redor, Bernardo observou sarcástico. — Acabei de descer da sala do seu pai, a Maria Cláudia está brincando de bonecas com a Isadora e a Yasmim. E seu pai babando, todo coruja, recebendo as massagens do Filipe, nas costas.

— Hoje a vida do meu velho se resume nos netos — explanei, viajando nas palavras do Bernardo.

Bateu uma ideia fantástica. Ansioso e com o coração acalorado, vaguei estruturando todo o projeto em minha mente.

Seria uma surpresa e tanto!

— Está tudo bem, querido? — Notando minha distância, Sacha trouxe suas mãos delicadas, quentes e macias sobre minha barba e puxou meu rosto, dando um beijo delicioso. — Algo preocupa você? — sussurrou em meus lábios, acariciando os pelos do meu rosto com as pontas dos dedos.

Senti um arrepio a sua carícia, pressentindo o perigo da ereção aparecer na calça, fechei meus dedos em seu pulso a afastando, e pisquei.

Rindo, ela entendeu.

— Vamos lá, Jussara! — Os olhos dela cintilaram e a respiração ficou nitidamente acelerada.

— Não tem como adiantar o assunto?

— Infelizmente, não!

— Gente, quanto suspense! — Jussara, com os olhos arregalados, exclamou levando a mão ao peito. — O que será?

— Já vai saber, vamos. — Mantive a seriedade na voz e no semblante, a preocupando ainda mais.

— Antes de subir, deixa eu te mostrar uma foto — disse Bernardo retirando-a do bolso da camisa e me entregou. De imediato, reconheci a caçadora de dotes, a que se esfregou em mim no dia da festa do hotel.

Não esbocei nenhum comentário, com os olhos da Sacha estreitando, nitidamente irados na imagem da bela mulher, e as mãozinhas do Gabriel pelejando para pegar a foto da minha mão.

— Esta gata é a maior batedora de carteiras de Belo Horizonte, e foi presa, ela confessou ter roubado a sua carteira.

Arquejei, fazendo cara de desentendido revivendo o momento dela escorregando com as mãos no meu quadril. *Putá que pariu, como a mulher é hábil!*

— Sério? Cara, não consigo lembrar o momento que topei com ela.

Os olhos estreitos da Sacha subiram aos meus e suas mãos grudaram nas golas da minha camisa, e me puxou à sua frente.

Gabriel riu, acreditando ser uma brincadeira.

— É um bom momento para pedir perdão — firmou entredentes, simulando uma cara severa.

— Mil perdões, amor! — Inclinei a cabeça tomando seus lábios num beijo gostoso, nosso. Um beijo sereno, finalizado com um sorriso lindo nos lábios dela. E o próximo a ganhar um beijo na bochecha foi meu filhão, nos olhando sério. — Agora podemos subir? — Ela meneou a cabeça afirmativamente.

— Bernardo, eu vou indo para a agência. Ainda restam alguns detalhes para definir sobre a decoração do sítio — avisou Danielle.

— Me aguarde alguns minutos, por favor, Danielle. Eu tenho algumas opiniões interessantes sobre a decoração.

Ela deu de ombros acatando e voltou a se sentar na sala de estar.

A cadeira da Roberta estava vazia, e sobre a mesa, estava a sua carta de demissão.

Durante todo o percurso até a sala do meu pai no andar superior, podia ouvir a respiração audível da Jussara.

As cortinas abertas, revelavam um cenário muito superior do desenhado verbalmente pelo Bernardo, o ambiente banhado pela luz do sol além de agradável, completava o ambiente de alegria, caloroso. O senhor Adam deitado numa maca, suspirava com os olhos no trio, lidando com as bonecas enquanto o Filipe fazia seu trabalho.

— Mamãe, mamãe. — Yasmim foi a primeira nos ver e correndo, saltou nos braços da Jussara. — A Isadora me deu uma porção de bonecas — dizia ela alegremente.

— Você agradeceu sua amiguinha? — o nervosismo estava evidente no tom de voz.

— Ela agradeceu sim, tia Jussara! — antecipou a Isadora se levantando e veio ao lado da amiguinha.

— Então, acabou a brincadeira? — Maria Cláudia, abandonada ali no chão com as bonecas, simulava cara de choro.

— Claro que não! Eu também quero brincar — avisou meu pai. — Terminamos os exercícios, Filipe?

— Sim — respondeu já recolhendo seus equipamentos de trabalho. — O senhor está liberado para entrar na rodinha das bonecas — brincou em tom de malícia.

E todos rimos. Ajudei a acomodá-lo na cadeira.

— Jussara, querida! Você poderia pegar uma cadeira e vir se sentar à minha frente, por favor?

Jussara olhou apavorada para a Sacha, e ganhou apenas uma piscada de apoio, afinal, nem a Sacha sabia do que se tratava o assunto. Coloquei o Gabriel junto com as meninas e Maria Cláudia. E voltei, parando ao lado da Sacha ali, em pé ao lado da amiga, com a mão no ombro dela.

— Bem, vou ser o mais claro e rápido possível, pois ainda tenho de brincar de bonecas — expressou com humor, mas nem assim diminuiu a tensão instaurada.

— Estou com medo. — Sorrindo, meu pai segurou na mão tremendo da Jussara, e olhando em seus olhos, revelou: — Tomei a decisão complicada de devolver o hotel a sua família. — Inalando muito ar aos pulmões, de susto, seu rosto empalideceu.

— D-devolver o hotel de Belo Horizonte? — As palavras saíram completamente entrecortadas.

— Exatamente! — confirmou meu pai e arrancou lágrimas de seus olhos.

— Por quê? — indagou chorando.

— Ele já serviu aos meus propósitos. A requisição foi exclusivamente no intuito de pegar o assassino do meu filho.

— Isso é incrível! — Juntou as mãos e levou aos lábios, em forma de oração. — O que o senhor quis dizer com decisão difícil?

— Verbalmente o negócio com o Guilherme já está fechado. Seu último trabalho para a minha empresa ficou como crédito, ou seja, ele está contando com a compra deste empreendimento. E acabou de ligar avisando que estará vindo hoje, aqui na empresa, para discutirmos os pormenores do contrato. — Moveu os ombros. — Vou desfazer o negócio, e talvez isso balance a amizade entre vocês.

Girando o rosto, encarou a Sacha por alguns instantes, senti a comunicação visual entre as duas e retrocedeu ao meu pai.

— Ele não precisa saber disto por enquanto.

— Fica a seu critério, Jussara — tranquilizou-a beijando sua mão.

— Obrigada, senhor Adam, obrigada!

Ela se levantou abraçando a Sacha.

— Estou muito feliz por você, amiga — demonstrou Sacha.

Jussara arqueou a cabeça fitando a Sacha.

— E eu orgulhosa de você.

— Seu passado segue em segredo com o pessoal de Alphaville, né? — saindo do abraço Sacha questionou.

— Jussara conta com um aliado de peso, ajustei uma história convincente pra galera. — Estufando o peito, orgulhoso, Bernardo se colocou ao lado da Jussara, enrolou o braço na cintura dela a fitando com intensidade. — Não é mesmo, Ju?

Com a antena ligada, ergui as sobrancelhas. *Muito suspeito a intimidade como ele se referiu a ela.*

Ela corou de imediato, ampliando minhas desconfianças.

— Verdade, e agradeço pela força. — Curvou pressionando os lábios na bochecha dele, que piscou para mim. *Safado!* — Estamos nos ajudando, ele mantém meu passado em segredo, e eu respeito o sigilo de sua verdadeira atividade.

Agora ele piscou para ela.

— Vem cá. — Sacha a puxou de volta àquele abraço de amizade, um abraço de libertação da dor sufocada. Um abraço de alívio, recomeço.

O celular tocando dentro do bolso do paletó desviou minha observação naquele abraço de amigas. Era um número desconhecido.

Aceitei a ligação e levei o aparelho ao ouvido.

— Alô!

— *Oi, Henry!* — Engoli duro, ouvindo a voz contida da Lidiane.

Após o ocorrido em frente à minha casa, o Bernardo a hospedou em um *resort all inclusive* do nordeste brasileiro, um local paradisíaco, a tirando de cena e também por medidas de segurança, para garantir a sua integridade física. Conforme Bernardo informou, ela permanecia por lá.

Saí da sala para conversar com ela.

— Lidiane! — citei apenas o nome, organizando o discurso considerando o seu tom magoadado.

— *É, sou eu!* — Ouvi seu fungado. — *O Ivan agora é assunto encerrado, né?*

— Enterrado! — afirmei veemente. — Agora todos estamos livres e cada um de nós podemos viver nossas vidas em paz. Inclusive você, Lidiane.

O silêncio se arrastou até ela voltar a falar:

— *Cada um de nós!* — repetiu minhas palavras e soluçou. — *Presumo que esteja me considerando fora da sua vida.*

Chateado em vê-la triste, fechei meus olhos pensando na resposta.

— Tem um mundo inteiro aí fora para explorar, Lidiane! E vou te ajudar financeiramente. Sou muito grato pela sua ajuda.

— *Bem, não era exatamente a palavra gratidão que gostaria de ouvir, mas...*

— Eu tenho um filho, o Gabriel, e vou me casar com a mãe dele — falei de pronto, evitando alimentar as suas esperanças.

Ela riu desenhada.

— *Estou sabendo! Como a vida é engraçada, no momento em que desliguei a câmara daquele muro, abri o portal para você e a ex do Ivan se conhecerem...*

— O nome dela é Sacha, e ela nunca foi ex do Ivan.

— *Eu sei, foi apenas uma maneira de me expressar! Já estou a par de tudo. Mas tudo bem! Parabéns pelo seu filho. Vou aproveitar o recurso financeiro que me ofereceu e pegar a estrada da vida.*

— Pode contar sempre com a minha amizade. — A Sacha saiu pela porta ao término da minha frase.

— *Obrigada.* — Ela desligou.

— Quem era? — indagou fitando meus olhos com curiosidade.

— A Lidianne.

Ela torceu a boca, ressabiada.

— Algum problema com ela?

— Está com ciúmes, amor? — Levei meu braço ao redor de sua cintura, a trazendo contra meu corpo e beijei seu pescoço.

— Preciso cuidar do que é meu! — respondeu arqueando a cabeça e liberando aquele pescocinho, que amava.

— Faz bem, faz bem — sussurrei em sua pele beijando e lambendo, explorando cada canto.



Vestida de noiva, meus olhos apreciavam a paisagem transcorrer rápido na janela da limusine. Me sentia dentro de um sonho, um daqueles improváveis, e confesso: sentia medo terrível de acordar para outra realidade. O senhor Adam e dona Maria Cláudia se casaram apenas no civil, há dois dias.

E o temor intensificou ao notar o caminho, era o orfanato.

— Pai? — Levei minha mão sobre a dele, repousada em seu colo.

— Você está bem, filha? — perguntou ele sorrindo pelo canto da boca.

— O senhor sabe os motivos por estarmos indo para o orfanato?

— Relaxa, minha querida! — Curvando-se beijou minha face, a esta altura, pegando fogo. Sentia o sangue subir e se concentrar nela, devido ao nervosismo intenso.

O encarei percebendo o sorriso repleto de suspense.

— O Henry planejou uma grande surpresa para você, apenas curta, tá?

Assenti àquela frase, ela teve o poder de acalantar o meu coração, que já havia entrado num processo de angústia. Respirei fundo oxigenando meu cérebro, os músculos também relaxavam.

— Ele me enganou direitinho! — Sorrindo nervosa, porém, encantada trouxe meu buquê redondo, todo em flores naturais, e cheirei extasiada. O perfume das flores serviu como calmante a ansiedade aflorada.

O buquê era lindo, e combinava com o meu vestido de noiva, um pouco desigual do tradicional branco. Por insistência da Isadora, acabei optando por um vestido similar ao da sua boneca. Cor-de-rosa, tomara que caia e bem rodado. Os cabelos presos num coque frouxo completaram o visual.

— Todos nós, na verdade — confidenciou meu pai na maior cara de pau. — Não estava sofrendo porque as crianças do orfanato não estariam presentes no seu casamento? Nos unimos por uma nobre causa.

— Pai? — rindo com o coração apertado lá dentro de tão emocionada, bati levemente em sua mão sobre o colo. Sorrateiro, ele apenas piscou. — Vocês montaram um complô para detonar o meu emocional, isso sim.

Curvando-o me abraçou forte.

— Só pensamos na sua felicidade, querida — sussurrou ao pé de meu ouvido.

Afastei rapidamente com as lágrimas querendo estragar a minha maquiagem.

— Como ele conseguiu convencer a Madre a realizar nosso casamento lá, pai? — indaguei, batendo os dedos sob os olhos secando as lágrimas.

— Bem, ela colocou algumas restrições e seu argumento fez muito sentido: muito pé no chão e sensata ao extremo, exigiu algo bem íntimo e simples, assim não transmitiria uma imagem equivocada aos internos. Contudo, ficou acordado com a equipe do cerimonial uma decoração simples, porém, requintada.

Voltei à janela pensativa, torcia para os responsáveis pela decoração ter aderido as exigências da Madre. Além de uma fervorosa religiosa, ela era uma pessoa iluminada, eu lhe devia a minha vida.

— Você está bem, filha? — interrogou meu pai segurando minha mão.

— Pensando se o pessoal atendeu aos requisitos da Madre.

— A rigorosa da sua mãe ficou encarregada da inspeção, portanto, não há a necessidade de se preocupar com isso, querida — dando um aperto leve na minha mão ele tentou me acalmar. — Concentre-se apenas no seu dia.

Assenti concordando com ele.

— Nós julgamos tanto a mamãe, não é mesmo?

Ele fechou os olhos inalando profundamente e prendeu o ar nos pulmões, confuso.

— Pois é! — expirou com força. — Julgamos alguém por amar demais. Do modo dela, preferiu transmitir a imagem de víbora, malvada a abandonar a filha amada. — Virou o rosto encarando-me e sorriu fraco, segurando para não chorar. — Espero um dia perdoar sua mãe, pela forma como agiu com você. — Moveu os ombros, aborrecido. — De qualquer forma a mulher foi corajosa, humana. Nunca teria a capacidade e força dela, sabia?

O abracei forte.

— Vamos dar tempo ao tempo, pai! Pois, somente ele será capaz de cicatrizar nossas feridas. — Suas mãos paternas zanzavam por minhas costas, dando uma sensação gostosa. — E também temos de considerar que agindo sozinha sem apoio para garantir a vida da nossa Mônica, ela sofreu mais do que todos nós.

— É, pode ser! — Ele ainda não estava convencido. — Como disse: Deixemos o tempo agir em nossas vidas e agora chega de chororô. — Apartou no instante em que a limusine parou em frente à entrada toda decorada com flores.

Aí não houve como não me emocionar ao cenário surreal. Um painel

enorme com a foto de corpo inteiro do Henry, sorrindo e apontando o dedo indicador à frente com a seguinte mensagem: “*Estava te esperando, amor!*”, completava o cenário estonteante.

O braço do meu pai veio sobre meu ombro, e pressionava contra o dele.

— Procure não chorar, as fotos sairão mais bonitas com você maquiada.

— Vou tentar.

Entramos, o motorista estacionou em frente às instalações. A fachada estava deslumbrante decorada com flores naturais.

— Vai lá e arrasa nos braços do seu amor, filha. — Seus dedos corriam sob meus olhos, secando a umidade deixada pelas lágrimas. — Você merece toda a felicidade deste mundo.

— Obrigada, pai.

Dois seguranças usando ternos pretos e camisas brancas faziam a segurança em frente à grande porta. Tão logo nos posicionamos em frente, a música instrumental iniciou, avisando a minha entrada.

Passei meu braço pelo do meu pai.

— Preparada?

— Completamente.

Inspirei ao primeiro passo, adentramos no salão e sorri em aprovação reparando na simplicidade. No salão havia mesas postas para o almoço e decorações singelas. Havia também uma pequena pista de dança.

— Amei! — confessei ao meu pai.

Seguimos pelo corredor, de pétalas salmão até atingir a varanda, proporcionando a visão de fora. Na área de lazer, logo no fim do corredor todo forrado de pétalas, como as do salão, um lustre preso na árvore marcava o altar. Meu coração, apaixonado, disparou com o encontro dos nossos olhos marejados.

Ele estava ali, ao lado do altar, o meu deus mediterrâneo com os cabelos penteados para trás, tão elegante, lindo, maravilhoso dentro de um terno cinza claro ajustado, camisa branca e gravata listrada.

— Eu te amo — articulou com os lábios.

— Eu te amo — articulei em retorno, me segurando para não desmanchar em lágrimas.

— Vem logo, amor! — articulou com os lábios e movendo os dedos, me chamando.

Assenti sorrindo com os lábios comprimidos, segurando o choro. E prosseguimos, caminhando sobre a passarela de pétalas, os convidados todos em pé acompanhavam minha entrada, sem causar nervosismo, pois o olhar fixo do quase meu marido me sustentava em pé.

Buscava sorrir com naturalidade aos convidados nas laterais do altar, notei na primeira fileira a minha mãe, com vestido azul royal lindíssimo, e sentia falta da Mônica ao lado dela, aliás, ela não ficava um segundo sequer afastada da minha irmã. Ao seu lado estava vazio aguardando o meu pai. Isadora vestida de cor-de-rosa entraria com as alianças, e ocupava a outra fileira; ao seu lado, a madre Aurora segurando o Gabriel de terno chumbo, como todos os homens. E nas fileiras seguintes estavam: todas as crianças e as freiras do orfanato, notei a Yasmim bem enturmada entre elas, a mãe do Henry, uma mulher elegante e discreta. Ela veio sozinha e se hospedou em um hotel próximo à casa do Henry, e iria embora logo após a cerimônia. Muito simpática, cumprimentou a todos e chorou quando abraçou o neto e o filho. Os agentes mais próximos também marcavam presença, até Leôncio veio, usando uma muleta. Jussara não abandonou o preto, e estava linda. Guilherme e seu pai estiloso, também estavam presentes e acompanham a Jussara na mesma fileira. Só faltava mesmo a Eva, visitando o Enrico com frequência no hospital acabamos bem próximas. Embora seu quadro seja estável, ele ficaria mais algum tempo hospitalizado.

Henry veio pelo corredor, em passos lentos, me encontrar.

— Não consegui ficar parado esperando — murmurou carinhosamente.

Meu pai beijou minha bochecha e pegando em minha mão, a entregou ao Henry. Ele a segurou tão forte, que nem sabia como descrever o que sentia.

Estava recebendo na minha vida uma pessoa preciosa.

— Gostou da surpresa, amor?

— Amei, amei! — Sem resistir, peguei as laterais do seu rosto másculo, e meu, entre minhas mãos trazendo seus lábios para junto dos meus, o beijando com todo o meu amor. — Você é o máximo — sussurrei neles e fomos interrompidos pelo berreiro do Gabriel, pedindo a gente.

— *Mamamãe*, papai! — Rindo, caminhamos juntos até o altar.

O Henry não permitiu deixar o filho chorando, e o pegou no colo. E permaneceu conosco durante toda a cerimônia. Não parou um minuto sequer, queria mexer no altar, resmungava, cantava.

O Gabriel era um espoletinha alegre e barulhento.

Meu coração palpitou forte à música suave ao fundo, indicando que o tão esperado momento chegara, a troca das alianças. O rosto do Henry girou e seus lábios se abriram num sorriso intenso. Respirei fundo me preparando, e virei esperando ver a Isadora entrando com as alianças, quase tive um treco ao ver minha irmã em sua cadeira, ela usava um vestido no mesmo tom do meu. Sobre seu colo, estava a caixinha dourada apoiando o par de alianças. Minha mãe posicionada atrás dela.

— Mônica! — balbuciei seu nome explodindo em lágrimas. Não havia como lutar contra a emoção.

Henry me segurou pela cintura, percebendo o quanto minhas pernas tremiam.

— Sua irmã fez questão de entrar com as alianças, amor — sussurrou em meu ouvido.

— *Mamamãe*. — Até o Gabriel notava meu estado e esticando o bracinho, passava os dedinhos sobre minha face.

— Ah, meu querido. — Peguei-o do colo do Henry e o apertei tanto, o fazendo resmungar. — Desculpa, amorzinho. — Beijava sem parar sua face corada.

Todos os presentes se envolveram em meu anseio. Meu pai chorava alto, detonando o emocional de todos.

— Irmã! — disse ela estendendo a mão com a caixinha dourada. — Eu precisava vir aqui e dizer para todo mundo o quanto eu sou uma droga de pessoa.

— Não! — eu discordei movendo a cabeça de um lado ao outro.

— Sim, eu sou! — insistiu ela. — Eu só feri você, quando estava em posse da minha saúde. E sabe por quê? Pura inveja. Na sua humildade, naturalidade brilhava encantando todo mundo, e isso me incomodava muito. Eu tentei ofuscar tanto brilho. Agora aqui na minha limitação, eu agradeço a Deus por ter fracassado. Você é uma estrela, rainha, alguém iluminada, a heroína em nossas vidas.

— Sabe, maninha! — comecei suspirando. — Eu ouvi de tudo nesta vida, tantos julgamentos: alguns criticaram minhas ações, outros elogiaram, enfim... Opiniões e opiniões, cada um tem a sua. Pra mim o que sempre importou foi a minha paz interior. — Com a mão livre, espalmava meu peito com todo meu orgulho. — É o amor que sinto pela minha família!

Entreguei o Gabriel no colo do meu amor e soluçando fui até ela. Curvei e a tomei em meus braços.

— Infelizmente, pedir perdão não vai consertar os meus erros, foram tantos, né? — cochichou em meu ouvido.

— Nem tanto assim — arredei, dando um beijo em sua testa.

— Eu prometo fazer o que estiver ao meu alcance para conquistar a sua confiança.

— Você tem toda a minha confiança, maninha! E outra: o nosso amor supera qualquer erro.

Ela soluçou.

— Obrigada, obrigada por existir na minha vida — repetia em prantos.

— Eu também agradeço a sua existência, amor. — Henry me puxou contra

seu corpo.

Minha mãe manobrou a cadeira, a estacionando em frente à madre Aurora.

— Agradeço do fundo do meu coração o carinho que disponibilizou a minha filha.

— Oh, minha querida, não precisa agradecer. — Se levantando, a Madre curvou sobre a cadeira a abraçando forte.

— Podemos dar sequência? — o padre interveio.

E voltamos à cerimônia. E ao final todos seguimos ao salão, e a Madre chegou perto.

— Vamos passear, Gabriel. — Deu o braço.

— Não! — Dando as costas, ele agarrou o pescoço do pai.

— Eu tentei — disse a Madre sorrindo.

Nem as crianças correndo por ali o animavam.

— Estou desconfiado que o casalzinho não terá lua de mel. — O senhor Adam foi o próximo a tentar. — Que tal passear aqui na cadeira do vovô? — Espalmava o braço da cadeira e nada.

O Gabriel não demonstrava nenhum interesse de sair colo do pai, tampouco o Henry demonstrava. Ria todo orgulhoso do apego.

— Daqui a pouco ele dorme, paciência! — instruiu Henry, e ele estava certo.

Exausto, logo o Gabriel adormeceu, o Henry o entregou no colo do senhor Adam e nós seguimos à pista de dança.

Espalmando minhas costas bem na curva da bunda, ele me esmagava contra seu pau, divino de duro, louca de desejo acariciava sua nuca, correndo os dedos levemente por toda ela, o notando arrepiado.

— Está sentindo meu tesão, amor? — sem conter seu desejo, rosnou

juntando meus pulsos levando-os entre nossos peitos, os prendendo entre nós e se esfregava disfarçadamente.

— Hummmm... — gemi entredentes, arqueando o quadril exigindo mais contato, minha vagina já palpitava dolorida. Fechei meus olhos com seus lábios mordiscando meu pescoço. — Você é muito gostoso.

Naquele seu jeito bruto, quase na marra, ele tomou meus lábios com fúria, o melhor beijo de todos, e molhava mais e mais minha calcinha com a sua língua gulosa, degustando com prazer.

— Me provocar aqui é covardia, Henry! — balbuciei arfando. A minha rendição o deixou maluco, sentia o pulsar da sua dureza em meu ventre. — Ah! — o gemido ecoou audível. Perdi totalmente o controle do volume da minha voz, como do meu corpo, já me escorava nele.

Buscando silêncio, seus lábios engoliram os meus.

— Eu te quero! — sussurrou em seus lábios.

— Você é tarado, gostoso... — entorpecida o tom saiu um tantinho elevado.

Mais uma vez ele me calou com sua boca experiente, fodendo literalmente, a minha e descendo as mãos por meus braços, rosnava sentindo todos os pelos do meu corpo arrepiarem com seus toques.

— Por que não terminamos nossa festa em casa, amor? — sugeriu. — Aproveitar que o Gabriel está dormindo, se ele acordar vamos ter de engolir nosso tesão.

Soltou meus lábios, mas não descolou nossos peitos, ambos num movimento frenético devido à respiração acelerada, um respirando o ar do outro, nos olhando fixamente.

— Estava pensando justamente nisso. — Peguei na sua mão e o puxei salão afora, sem olharmos de lado.

Ouvíamos os risinhos dos convidados.

Uma hora cravada foi o tempo que levamos até em casa, as mãos bobas a

todo vapor.

Henry me carregou escada acima até nosso quarto, sem desgrudar nossos lábios desceu meu corpo, tão logo meus pés apoiaram no chão sua mão quente deslizava minha barriga, massageando sobre o vestido, excitado ao extremo seu beijo se tornava mais exigente. Chegando ao joelho, regressou apertando minha perna com vontade, arrancando meus suspiros mais profundos.

— Ah... — gritei mordendo o canto do seu lábio inferior, com ele apalpando minha vagina sobre a calcinha encharcada.

— Eu careço mergulhar neste maremoto. — Suspirou afastando o elástico, deslizando duro e penetrando forte e fundo com os dedos. Eu amava seus ataques agressivos. Delirava gemendo, me contorcendo na sua mão. — Gosta da força bruta!

— Você não imagina o quanto! — minhas palavras o motivaram a segurar meus pulsos com força, e me empurrava até que minha bunda encostou na borda da mesa. — Seu gostoso! — Mergulhei as mãos para trás, segurando firme sua bunda, apertando-a contra mim.

Ele enlouqueceu completamente, agarrou a minha cintura tomando meus lábios em outro beijo selvagem, desesperado, e me apertava contra a mesa, incendiando ainda mais o meu corpo excitado. Quase comia minha boca.

Nossas temperaturas elevadas causaram um suor repentino, deixando os bicos dos meus seios entumecidos sensíveis, roçando na roupa.

— Amor, os bicos dos meus seios estão doloridos raspando no vestido.

— Hum... tadinha da minha esposa!

Insano, ele levou as mãos por baixo do meu vestido e rasgou minha calcinha no corpo, a jogando longe. Pegando firme minhas nádegas me esmagou contra ele, esfregando, e abaixando um pouco cavando no meu núcleo quente o desejando em desespero. E então impulsionou-me para seu colo; instintivamente cruzei os braços ao redor do seu pescoço e as pernas ao redor do seu quadril, ouvindo seu rugido comigo remexendo sobre o pau, atijando. Gemendo delicioso contra meus lábios, me colocou sentada na beirada da mesa.

— Eu vou aliviar sua dor, amor. — Despiu-me e ficou com aquele olhar de gula sobre meu corpo.

— Nossa! Nem acredito que estes belos seios me pertencem! — Faminto, debruçou-se sobre meu corpo abocanhando um deles. — Muito saborosos — dizia neles. Desesperada por ele, mergulhei as mãos em seus braços, fincando as unhas na sua pele, deixando claro o desejo que ele me proporcionava.

Ocupado demais chupando gostoso o bico duro, me torturou com mordidinhas doloridas, lambidas, e esfregando forte sua dureza em minha vagina ardente, derretendo de vontade.

— Que tesão da porra! — declarou com meu seio na boca, me fazendo tremer. — Delicioso.

Eu gemi passeando minhas mãos pelas costas arrepiada, e atarraquei sua bunda, moendo-a contra mim.

— Eu quero você, urgente! A dor latejante está em um nível insuportável.

— Eu também, por favor! — implorei num fio de voz, o trazendo de volta aos meus lábios.

O beijo se tornou feroz enquanto ele baixava a calça, liberando o pau pulsando.

Ainda aos beijos, ele começou a passar o membro no meio dos meus lábios vaginais.

— Por favor! — pedi manhosa.

Ele me presenteou o encaixando com muito prazer. Retive a respiração, mordendo o lábio inferior com ele entrando lento, rasgando, abrindo caminho, e aprofundando tudo.

— Este seu aperto é muito bom, amor! — urrou com ele todo enterrado dentro de mim.

— E tudo para você, Henry — murmurei ofegando com ele dando estocadas mais longas e fortes. E diminui a velocidade. Apoiou os cotovelos ao

redor da minha cabeça e embrenhou seus dedos nos meus cabelos, me fitando com intensidade; e eu embaixo dele ora me contorcia, ora arqueava o quadril. Eu degustava o movimento sincronizado. Um tesão extraordinário.

— Depois da nossa noite no hotel, soube que meu coração seria apenas seu — declarei com lágrimas nos olhos, reparando os dele lacrimejarem também.

Ele arfou acelerando as bombadas, e colocando tudo; encostou sua testa à minha começando a se movimentar, agora as estocadas eram lentas.

— O meu coração também é seu. — Ofegante, juntou nossos lábios num beijo molhado e reflexivo. — Agradeço a Deus, por trazer você para mim — sussurrou antes de morder meu lábio inferior e arriou o tronco; e quando ia me virar, porque ele gostava de degustar tudo de mim, ouvimos a choradeira do Gabriel.

— Ai, caramba! — Apanhei seus cabelos o trazendo de volta e tomando meus lábios. — Não para. — Ele passou a estocar mais profundo, forte e rápido. Eu gemia baixo, arqueando o quadril, sentindo as paredes internas estrangular seu membro inchando. Os espasmos se achegavam e os choros e os passos subindo as escadas também.

— Ahhhh... Ahhhh! Eu vou gozar, eu vou gozar... — avisei num fio de voz em seus lábios o levando ao ápice.

— Então vem comigo, amor.... — gritou abafado, inalando todo o ar que conseguiu para seus pulmões e, enterrando fundo, senti os jatos inundando tudo, lá dentro.

Juntos tivemos um orgasmo incomparável. Assim eram todos eles.

Cansado, ele deitou a cabeça em meu peito.

— Você é magnífica! — elogiou, e em seguida veio a gritaria.

— Papai!

— Meu Deus, Henry!

Desesperada, o empurrei quase o derrubando de cima de mim.

Em questão de minutos estávamos vestidos, porém, esquecemos dos cabelos bagunçados ao abrir a porta; e o pior, toda a família estava ali, em frente à porta. Um momento meio esquisito com aqueles risinhos maliciosos.

— PAPAI! — Em soluços no colo do meu pai, Gabriel se jogava implorando pelo colo do Henry.

— Papai está aqui, filhão! — Beijava com muito orgulho o rostinho todo molhado.

— Bem — se pronunciou o senhor Adam, já entrando com a sua cadeira. — Já que o Gabriel acordou no maior berreiro, quando não achou os pais dele, resolvemos encerrar a festa aqui com vocês.

— O champanhe está aqui — pronunciou minha mãe sorrateira e apontando para o colo da Mônica, que ria toda animada. E entraram em seguida.

— Eu não queria fazer parte deste plano — toda sem graça, explicou Maria Cláudia entrando de mãos dadas com a Isadora, toda alegre em seu vestido de dama de honra.

— Eu também falei que era uma loucura, amiga! — A próxima foi a Jussara, até o Guilherme e seu pai estiloso vieram, e se desculparam também.

— Sério mesmo que pretendem terminar a festa aqui no quarto? — perguntou Henry rindo, incrédulo.

O senhor Adam bateu palmas e inacreditavelmente, toda a equipe que servia no salão entravam no quarto com bebidas e comida.

Eu e o Henry nos abraçamos e ríamos em gargalhadas.

— Respondida a sua pergunta, meu filho.

— Você é uma figura, pai! — Henry sorria com carinho.

— Quem comanda tudo a partir de hoje são os meus netos. O Gabriel queria os pais dele e aqui estamos todos por ele.

— E assim será daqui por diante, todos juntos — prometeu Henry,

curvando e me beijou. — Depois eu fodo você do jeito que merece, esposa. —
Pisquei.

— Vou cobrar! — Mordiscava seus lábios quando o champanhe foi aberto.

Todos foram servidos.

— VIVA OS NOIVOS! — gritaram em coro.

Biografia

ELISETE DUARTE

ELISETE DUARTE nasceu em 1 de novembro de 1967, na cidade de Osasco (SP), hoje vive em Barueri com seu marido e seu filho.

Descobriu seu dom da escrita em 1998 quando começou a sofrer com a Síndrome do Pânico. Na mesma época, teve um sonho com um senhor de óculos que lhe entregou um caderno de brochura e um lápis já desgastado e pediu a ela que escrevesse muito, porque assim aliviaria a dor de sua alma. Daí em diante não parou mais.

Publicou *Talvez um dia, Além dos Olhos, Eternamente Eu, Príncipe Imortal, Meu vizinho, minha perdição, Conexão imortal, Um dom perigoso, De repente, você!*, entre outros.

REDES SOCIAIS:

Site:

www.eliseteduarte.com.br

Instagram:

[@autora.eliseteduarte](https://www.instagram.com/autora.eliseteduarte)

Fanpage:

[Elisete Duarte](#)

Grupo no Facebook:

[Romances Elisete Duarte](#)

Wattpad:

[Elisete Duarte](#)



Não deixe de conferir meus outros trabalhos. Livros físicos disponíveis para venda na loja do meu site: www.eliseteduarte.com.br.

Série *De Repente Você*, Série *Eternamente Eu*, *Ceo Indomável*, *Devorador de Corações*, *Um Sonho a Dois*, Série *Encontros* (*Encontro com o Acaso* e *Só mais uma Noite*), *Alguns minutos com você* e outros...

À venda em e-book também na Amazon:

[Encontro com o acaso](#)

[Só mais uma noite](#)

[De repente, você!](#)

[De repente, você! Um sonho quase impossível](#)

[Devorador de corações - Parte 1](#)

[Devorador de corações - Parte 2](#)

[Um sonho a dois](#)

[Alguns minutos com você](#)

[Eternamente eu](#)

[Eternamente eu: a morte era só o começo](#)

[Ceo indomável](#)

[Te amando no silêncio](#)

Playlist de

Ceo
PARTE DE MIM

You Say - Lauren Daigle

Just A Fool - Christina Aguilera & Blake Shelton

A Broken Wing LIVE - Martina McBride

Wrong Again - Martina McBride

Would you love me anyway - Katrina Elam

Where Would You Be - Martina McBride

Open Season - Josef Salvat

Because You Loved Me - Celine Dion

Cut Me - Chris Medina

Naked - James Arthur

Table of Contents

<u>Capa</u>
<u>Folha de Rosto</u>
<u>Créditos</u>
<u>Agradecimentos</u>
<u>Prólogo</u>
<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>
<u>Capítulo 24</u>
<u>Capítulo 25</u>
<u>Capítulo 26</u>
<u>Capítulo 27</u>
<u>Capítulo 28</u>
<u>Biografia</u>
<u>Obras</u>

[Playlist](#)